

uma moral Mon st er?

Fazendo sentido de o Deus do Antigo Testamento

Paul Copan



É Deus

uma moral Monstro?

MAKIMG SENTIDO DO DEUS DO ANTIGO TESTAMENTO

Paul Copan

Goda é MoralMonster?

MAKING SENSE DO
OLD TESTAMENTO GOD

Paul Copan

BakerBcx) ks
uma 别 曲 kwi *afFubUshIng* GftMJp
Grand Rapids

© 2011 por Paul Copan

Publicado por Baker Books
uma divisão do Baker Publishing Group
PO Box 6287, Grand Rapids, MI 49516-6287
www.bakerbooks.com

Edição de e-book criada em 2010

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio - por exemplo, eletrônico, fotocópia, gravação - sem a permissão prévia por escrito do editor. A única exceção são breves citações em resenhas impressas.

ISBN 978-1-4412-1454-6

Os dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso estão arquivados na Biblioteca do Congresso, Washington, DC.

Salvo indicação em contrário, as Escrituras foram retiradas da New American Standard Bible®, Copyright © 1960, 1962, 1963, 1968, 1971, 1972, 1973, 1975, 1977, 1995 pela The Lockman Foundation. Usado com permissão.

As escrituras marcadas como ESV foram retiradas da Bíblia Sagrada, Versão Padrão em Inglês, copyright © 2001 da Crossway Bibles, uma divisão da Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

As escrituras marcadas com NET foram retiradas dos direitos autorais da NET BIBLE® © 2003 da Biblical Studies Press, LLC www.netbible.com. Todos os direitos reservados.

Escritura marcada NIV é retirada da Bíblia Sagrada, New International Version®, NIV®. Copyright © 1973, 1978, 1984 por Biblica, Inc. ™ Usado com permissão de Zondervan. Todos os direitos reservados no mundo inteiro.www.zondervan.com

As escrituras marcadas com NRSV são retiradas da Nova Versão Padrão Revisada da Bíblia, copyright 1989, Divisão de Educação Cristã do Conselho Nacional das Igrejas de Cristo nos Estados Unidos da América. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Para meu bom filho, Peter,
cheio de bom humor e conversa atenciosa, uma fonte de ricas bênçãos do Senhor - para mim e muitos outros

Conteúdo

Introdução

Parte 1 Neo-ateísmo

1 Quem são os novos ateus?

2 O Novo Ateus e o Deus do Velho Testamento

Parte 2 Deus: Mestre gracioso ou monstro moral?

3 Grande apetite por louvor e sacrifícios? Arrogância ou humildade divina?

4 Fúria monumental e ciúme semelhante a um rei? Entendendo a AliançaFazendo deus

5 Abuso infantil e intimidação? Os caminhos de Deus e a amarração de Isaac

Parte 3 A vida no antigo Oriente Próximo e em Israel

6 A sabedoria atemporal de Deus? Etapas incrementais para corações endurecidos

7 A esquisitice onipresente da Bíblia? Alimentos Kosher. Leis Kooky? (EU)

8 A esquisitice onipresente da Bíblia? Alimentos Kosher. Leis Kooky? (II)

9 Barbáries. Leis cruas e outros crimes imaginários? Punições e Outras duras realidades em perspectiva

10 Misógino? Mulheres em Israel

11 Preço da Noiva? Poligamia. Concubinato e outras questões semelhantes

12 Mandado para tráfico de seres humanos como equipamento agrícola? (I): Escravidão em Israel

13 Mandado para tráfico de seres humanos como equipamento agrícola? (II): Desafiador Textos sobre escravidão

14 Mandado para tráfico de seres humanos como equipamento agrícola? (III): Escravidão em o Novo Testamento

15 Massacre indiscriminado e limpeza étnica? A Matança do Cananeus (I)

16 Massacre indiscriminado e limpeza étnica? A Matança do Cananeus (II)

17 Massacre indiscriminado e limpeza étnica? A Matança do Cananeus (III)

18 A raíz de todo o mal? A religião causa violência?

Parte 4 Afiando o foco moral

19 Moralidade sem um Deus legislador? A Divina Fundação da Bondade 209

20 Nós fomos além desse Deus (não fomos?): Jesus como o Cumpridor do Antigo Testamento

Discussão / questões de estudo

Notas

Introdução

Enfrentar a ética do Antigo Testamento é um desafio. Além de muito território a ser coberto, o antigo Oriente Próximo parece tão estranho e até sobrenatural! Precisamos de uma boa discussão de fundo para ajudar a entender melhor este mundo e certos textos do Antigo Testamento.

A ética do Antigo Testamento é um tópico quente e cria todos os tipos de reações - desde perplexidade e confusão até raiva e manifestações de hostilidade. Senti a necessidade de um livro acessível e menos extenso sobre esse assunto. Embora eu tenha escrito esporadicamente sobre a ética do Antigo Testamento em vários livros e artigos, eu queria não apenas expandir esses temas, mas também adicionar uma boa quantidade de material novo. Nesse caso, estou matando dois coelhos com uma cajadada só - não apenas abordando um assunto difícil, mas também usando o movimento do Novo Ateísmo como um trampolim para a discussão.

Como este livro deve ser de nível razoavelmente popular,1 Comecei com o objetivo de manter as notas finais ao mínimo, mas sem sucesso. Dada a natureza deste tópico, eu não queria parecer fazer afirmações sem alguma justificativa acadêmica! Ao longo dessas linhas, deixe-me acrescentar que minha pesquisa segue cuidadosamente estudiosos de renome nos estudos do Antigo Testamento. Um bom número deles assume uma visão elevada da autoridade das Escrituras, enquanto outros não. A perspectiva deste livro representa um amplo acordo geral sobre as principais questões que abordo. O mundo e a literatura do Antigo Testamento têm sua parcela de obscuridade e mistério. Portanto, embora eu possa citar o estudioso X e o estudioso Y sobre este ou aquele ponto em meu livro, um estudioso igualmente respeitável Z pode discutir com eles (e comigo!). Não quero ser desviado detalhando todos os motivos, prós e contras, tomadas por todos os lados em relação aos vários tópicos de ética do Antigo Testamento que discuto. Meu ponto principal é o seguinte: estou baseando meu trabalho em estudos criteriosos e confiáveis que oferecem explicações e ângulos plausíveis e sóbrios que apresentam resoluções e respostas úteis para as intrigantes questões éticas do Antigo Testamento.

Outra questão importante é a relevância do Antigo Testamento no mundo de hoje. Mencionarei em vários pontos como o Antigo Testamento se aplica (ou não se aplica) aos cristãos, embora não possa entrar em muitos detalhes. Ao contrário do Israel nacional, o povo de Deus - o novo e verdadeiro

Israel - é uma igreja interétnica com cidadania celestial. Essa cidadania celestial deve ser de boa qualidade terrena, entretanto. Os discípulos de Cristo devem viver os valores do reino de Deus, sendo sal e luz e praticantes do bem. A fé cristã tem implicações neste mundo. Se não, não é cristão; em vez disso, é um gnosticismo imparcial que ignora a cultura e, em última análise, nega a realidade.

O povo de Deus não é mais o Israel étnico nacional, cuja pátria é o Oriente Médio. Como o Novo Testamento deixa claro, a comunidade cristã interétnica é a verdadeira circuncisão em Cristo, cuja cidadania é celestial e que tem uma nova relação com a lei mosaica. A lei é parte de nossa herança e autocompreensão, mesmo que grande parte dela não se aplique diretamente ao povo de Deus.

outros mostraram habilmente como o Velho Testamento deve impactar os cristãos: Christopher Wright, William Webb, John Goldingay, Gordon Wenham, Richard Hess e outros. portanto, ao longo do livro, indico aos leitores seus escritos e percepções.

Espero e oro para que este livro atenda a uma necessidade vital da comunidade cristã, que muitas vezes fica perplexa e às vezes imobilizada por esses difíceis textos do Antigo Testamento. A fim de facilitar o “processo de digestão” deste material, incluí no final do livro um guia de estudo para discussão em pequenos grupos em aulas de escola de domingo para adultos, grupos de estudo da Bíblia e grupos de campus universitários.

Gostaria de agradecer a Richard Hess, Richard Davidson, Tremper Longman, Jerome Walsh, Daniel Hays e John Goldingay em particular por seus comentários. Sou grato por sua demonstração de notável caridade cristã ao responder - às vezes extensamente - a e-mails que escrevi no último ano ou mais.2 Agradeço a Barna Magyarosi por me fornecer uma cópia de sua dissertação sobre a "guerra santa". Agradeço também ao meu colega Nathan Lane, que fez comentários úteis sobre o manuscrito.

Sou grato ao meu editor Bob Hosack, da Baker, por sua amizade ao longo dos anos. Agradeço também à editora do projeto Wendy Wetzel por seu trabalho e gentileza em trabalhar com todas as minhas atualizações e correções não programadas. Como sempre, muito obrigado à minha esposa e filhos maravilhosamente encorajadores e solidários; eles trazem imensa alegria.

PARTE 1

Neo-ateísmo

Quem são os novos ateus?

Em fevereiro de 2007, fui um dos vários palestrantes plenários no Fórum Greer-Heard, uma conferência anual realizada em Nova Orleans. Este ano o tema foi “O Futuro do Ateísmo”.1 Um orador destacado do lado cristão ortodoxo foi o teólogo britânico Alister McGrath. O outro orador nada ortodoxo foi Daniel Dennett, o evolucionista naturalista e filósofo da mente da Universidade Tufts.

Esta foi a primeira oportunidade que tive de conhecer um dos “Novos Ateus”. Minha esposa e eu gostávamos de conversar com Dan durante as refeições e, como o quarto dele ficava bem em frente ao nosso, interagíamos durante nossas idas e vindas no fim de semana. Dan é um conversador espirituoso e envolvente, com uma atitude agradável de festejar. Seu rosto de Papai Noel e sua barba apenas contribuem para o convívio.

Como um “novo ateu”, Dan é um dos vários que negam a Deus que estão escrevendo best-sellers atualmente. Alguns o chamam de um dos “quatro cavaleiros” - junto com Richard Dawkins, Sam Harris e Christopher Hitchens - do apocalipse neo-ateísta. O que há de tão novo nesse Novo Ateísmo? O ateísmo não existe desde os tempos antigos? sim. Por exemplo, o promotor do prazer Epicuro (341-270 aC) e seu admirador posterior Lucrécio (94-54 aC) eram materialistas; isto é, eles acreditavam que a matéria é tudo o que existe. Se as divindades existem, elas são irrelevantes. E quando você morrer, é isso - pronto e pronto.

Na história mais recente, tivemos ateus "mais novos" em toda a paisagem filosófica moderna e contemporânea - de Karl Marx, Friedrich Nietzsche, Jean-Paul Sartre e Bertrand Russell a Thomas Nagel, John Searle, Keith Parsons, Graham Oppy e William Rowe. O ateísmo certamente está vivo e forte. Como veremos, os novos ateus adicionam, digamos, “tempero” à discussão sobre Deus.

A nova face do ateísmo

Aos olhos de muitos, a fé cristã tem um problema de imagem. Muitas pessoas sem igreja se

voltaram para o “cristianismo” - embora não necessariamente para Jesus. Eles não gostam de religião politizada na América, junto com o que eles vêem como ampla arrogância cristã, hipocrisia, julgamento e desligamento do mundo real.2 As percepções dos estranhos à igreja obviamente não são totalmente precisas, mas muitas vezes podem fornecer um corretivo esclarecedor para ajudar os cristãos professos a se alinharem adequadamente com Jesus, seu Mestre.

Devido em grande parte aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 ao Pentágono e às Torres Gêmeas, os novos ateus capitalizaram o mal feito “em nome da religião” para marcar todas as coisas religiosas com o mesmo pincel. (É claro que “religião” é notoriamente difícil de definir, mas os novos ateus não gostam de fazer distinções diferenciadas aqui.) Os neo-ateus estão cavalgando a crista dessa nova onda, capitalizando sobre o status cada vez mais “pós-cristão” do Ocidente. Essa maré atual de oposição encorajada à fé cristã coloca o cristianismo na mesma categoria do islamismo radical. Neo-ateus são a nova face pública e popular do ateísmo - um tópico que não parece mais limitado aos acadêmicos da torre de marfim.

Não que os novos ateus tenham convencido a todos. De acordo com o eminente sociólogo Rodney Stark,3 os Novos Ateus estão causando grande sucesso na mídia e tiveram vários bestsellers em seu crédito. Muitos interpretaram isso como um sinal de que multidões de americanos estão prontas para renunciar a Deus publicamente. Mas, para a maioria das pessoas, dizer que não têm religião significa apenas que não têm igreja - não que sejam irreligiosas. O número de ateus na América na história recente permaneceu bastante consistente. De acordo com as pesquisas do Gallup, 4% dos americanos eram ateus em 2007 - a mesma porcentagem de 1944! Os rumores da morte de Deus têm sido muito exagerados. E quando olhamos para o mundo não ocidental, as pessoas estão se tornando cristãs em número recorde. A fé cristã é o movimento que mais cresce, frequentemente acompanhado por sinais e maravilhas, como o historiador da Penn State Philip Jenkins habilmente documentou.4

Seja de ateus ou teístas, estamos vendo algo como um consenso geral sobre os argumentos dos Neo-ateus. Em primeiro lugar, apesar de toda a ênfase na racionalidade científica, eles se expressam não apenas com paixão, mas com raiva. Rodney Stark os descreve como "ateus raivosos e extremamente desagradáveis". O pensador cristão Michael Novak, autor do livro instigante No One Sees God, comenta sobre os escritos dos neo-ateus que há “uma estranha atitude defensiva em todos esses livros - como se eles fossem um sinal não de vitória, mas de desespero. ”5

Dennett tende a ser mais comedido em suas críticas à religião. Ele acha que o júri ainda não decidiu se os benefícios da religião superam seus déficits - ao contrário de outros novos ateus, que insistem que a religião, sem exceção, é totalmente perigosa. Mas, mesmo assim,

ele nem sempre enfrenta a oposição de maneira justa por meio de citações seletivas.6 E ele deu o nome de “brilhantes” aos de mente ateísta - com uma implicação não tão lisonjeira para os teístas!

Os novos ateus estão certos em apontar que manifestações de ignorância, imoralidade e hipocrisia caracterizam crentes religiosos professos de todos os matizes. Em Mateus 7: 15-23, o próprio Jesus alertou sobre falsos profetas moralmente falidos; eles usam roupas de cordeiro para cobrir seu interior de lobo. Eles praticam atos piedosos externamente, mas, em última análise, são julgados como “malfeitores” (NVI). Isso é trágico, embora antecipado por Jesus e muitos autores do Novo Testamento. E, é claro, a pessoa com discernimento reconhecerá que Jesus não deve ser culpado pelos abusos de seus seguidores professos.

Em segundo lugar, os argumentos dos Neo-ateus contra a existência de Deus são surpreendentemente frágeis, muitas vezes parecendo-se muito mais com o ateu simplista de aldeia do que com o acadêmico credenciado.. Os Neo-ateus muitas vezes são profundamente ignorantes sobre o que criticam e normalmente recebem as maiores risadas e aplausos dos desafiados filosófica e teologicamente. É verdade que eles utilizam efetivamente uma combinação de emoção e retórica verbal, mas não são conhecidos por transportar logicamente os pensamentos do início ao fim. Seus argumentos contra a existência de Deus não são intelectualmente rigorosos - embora eles queiram dar essa impressão. Sim, eles vão levantar algumas questões importantes sobre, por exemplo, o problema do mal, mas, novamente, seus argumentos são uma colagem de farpas retóricas que realmente não formam um argumento coerente. Eu observei que, embora esses homens tenham experiência em certos campos (biologia e teoria da evolução no caso de Dawkins e Dennett), eles acabam sendo bastante decepcionantes quando argumentam contra a existência de Deus ou a doutrina cristã. E uma verificação rápida da documentação de Dawkins revela muito mais tempo gasto no Google do que na Biblioteca Bodleian da Universidade de Oxford.7

O jornalista vencedor do Prêmio Pulitzer, Chris Hedges, é autor de I Don't Believe in Atheists e certamente não é amigo de cristãos conservadores. Ele castiga Sam Harris por seu “ataque fácil a uma forma de crença religiosa que todos odiamos” e “sua simplicidade infantil e ignorância dos assuntos mundiais”. O cristão pode, com razão, juntar-se a Hedges e à repulsa dos novos ateus pelo “chauvinismo. intolerância. antiintelectualismo e hipocrisia dos fundamentalistas religiosos ”, sem comprar em seus argumentos.8 Rodney Stark coloca desta forma: “Esperar aprender qualquer coisa sobre problemas teológicos importantes com Richard Dawkins ou Daniel Dennett é como esperar aprender sobre a história medieval de alguém que leu apenas Robin Hood.”9

sim. é fácil atacar uma caricatura com emocionalismo e slogans simplistas. Assim, com os novos ateus “indo para o vilarejo” atrás de nós. isso torna difícil ter uma conversa decente. O que me surpreendeu é que tantos foram intelectualmente enganados por tal argumentação

falaciosa e retórica tempestuosa.

Não aceite isso de mim. O filósofo da ciência ateu Michael Ruse diz que os argumentos de Dawkins são tão ruins que ele tem vergonha de se chamar de ateu.10 Terry Eagleton, um professor de literatura inglesa e teoria cultural, critica severamente “Ditchkins” - seu nome composto para Dawkins e Hitchens. Ele os considera extravagantes e deturpadores da fé cristã: “eles invariavelmente vêm com caricaturas vulgares de fé religiosa que fariam um estudante de teologia do primeiro ano estremecer. Quanto mais eles detestam a religião, mais mal informadas tendem a ser suas críticas. "11

Em um livro que co-editei com o colega filósofo William Lane Craig, ele escreveu um ensaio intitulado "Delírio de Dawkins", que responde ao livro de Dawkins, O delírio de Deus. Craig faz o possível para reunir o argumento de Dawkins contra a existência de Deus, que é realmente "embaraçosamente fraco . ” No final de seu ensaio, Craig escreve:

> Vários anos atrás, meu colega ateu Quentin Smith sem cerimônia coroou o argumento de Stephen Hawking contra Deus em Uma Breve História do Tempo como "o pior argumento ateísta da história do pensamento ocidental".12 Com o advento de Deus, um delírio, acho que chegou a hora de liberar Hawking dessa pesada coroa e reconhecer a ascensão de Richard Dawkins ao trono.13

*Terceiro, os novos ateus não estão dispostos a confessar as atrocidades cometidas em nome do ateísmo por Stalin, Pol Pot ou Mao Zedong, mas esperam que os cristãos admitam todos os atos bárbaros realizados em nome de Jesus.*Em um debate, Dennett se recusou a conectar a brutalidade e desumanidade de Stalin com seu ateísmo radical. Na verdade, ele afirmava que Stalin era uma espécie de figura “religiosa”!14 Em setembro de 2009, participei de um debate entre Hitchens e Dinesh D'Souza em Orlando. Hitchens se recusou a admitir que Stalin matou "em nome do ateísmo". De alguma forma, Stalin, que uma vez frequentou um seminário ortodoxo russo, mas depois veio a repudiar de forma convincente o cristianismo, ainda era "religioso", afinal. No entanto, Hitchens insistiu que um resíduo religioso ainda permaneceu com ele. Portanto, o ateísmo não era o culpado. Ainda em outro debate, Hitchens foi pressionado a fazer a confissão aparentemente rara: “É preciso dizer que alguns de meus antepassados descrentes aproveitaram a oportunidade para se comportar da mesma maneira [como pessoas religiosas imorais], claro”.15

Eu acho que a razão pela qual é difícil, senão impossível, para esses novos ateus reconhecerem a imoralidade em nome do ateísmo é porque eles perderiam muito o fôlego ao criticar a religião. Se parássemos para perguntar: "Será que Jesus aprovaria a Inquisição ou a perseguição aos judeus?" a pergunta responde a si mesma. Como uma contrailustração, que tal o assassino em série e canibal Jeffrey Dahmer? Dahmer raciocinou: “Se tudo acontece naturalisticamente, qual é a necessidade de um Deus? Não posso definir minhas próprias regras? Quem é meu dono? Eu sou dono de mim mesmo. "16 Ele se perguntou, se Deus não existe e todos nós simplesmente viemos "do lodo", então "qual é o sentido de tentar modificar

seu comportamento para mantê-lo dentro de limites aceitáveis?"!!

O reverso da moeda é a recusa dos novos ateus (ou grande relutância) em reconhecer a profunda e bem documentada influência da fé cristã no mundo. Essa lista de contribuições inclui a preservação da literatura, o avanço da educação, o lançamento das bases da ciência moderna, o cultivo da arte e da música, a promoção dos direitos humanos e o fornecimento de melhores condições de trabalho para as pessoas e a abolição da escravidão. Essas contribuições são reconhecidas por ateus e teístas. Para os novos ateus, a religião envenena tudo e o ateísmo não envenena nada!

Voltaremos a isso mais tarde. Mas por enquanto estou apenas registrando minha reclamação.

Uma área não endereçada

Apesar da forte resposta intelectual ao Novo Ateísmo, uma área que não foi abordada é a da ética do Antigo Testamento. De certa forma, este tópico provavelmente é o que mais merece nossa atenção e esclarecimento. Os novos ateus geralmente levantam questões sobre as estranhas e severas leis do Antigo Testamento, um Deus de ciúme e raiva, escravidão e a matança dos cananeus - e isso é apenas o começo da lista. Não apenas isso, mas eles geralmente são tão simplistas e desinformados aqui quanto em seus ataques gerais à religião.

Como já escrevi alguma coisa nessa área, queria usar as críticas dos novos ateus como um trampolim para esclarecer e resolver mal-entendidos e deturpações. Não é uma área fácil de cobrir, já que o antigo Oriente Próximo é um mundo que muitas vezes parece tão bizarro para nós. À medida que exploramos algumas das principais críticas à ética do Antigo Testamento (não podemos cobrir todas aqui), esperamos obter uma nova apreciação do que está acontecendo no Antigo Testamento, especialmente quando o compararmos com outros antigos Culturas orientais.

Leitura Adicional

Copan, Paul e William Lane Craig. Contendendo com os críticos do cristianismo: respondendo a novos ateus e outros objetores. Nashville: B & H Academic, 2009.

Ganssle, Greg. Um Deus Razoável: Engajando a Nova Face do Ateísmo. Waco: Baylor University Press, 2009.

McGrath, Alister. The Dawkins Delusion. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2007.

Meister, Chad e William Lane Craig, eds. Deus é grande, Deus é bom: por que acreditar em Deus é razoável e responsável. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009.

Os Novos Ateus
e o Deus do Antigo Testamento

No momento em que escrevo este livro, os neo-ateus não são tão vanguardistas quanto antes. Eles são tão 2006! Mesmo assim, eles desenterram a sujeira de muitos desafios éticos perenes do Antigo Testamento, e os crentes na Bíblia não devem enfiá-los sob seus tapetes sagrados. Como pessoas do Livro, os cristãos devem refletir honestamente sobre esses assuntos. Infelizmente, a maioria dos pastores e líderes cristãos relutam em abordar esses assuntos, e os resultados são bastante previsíveis. Quando cristãos desinformados são desafiados sobre esses textos, eles podem ficar abalados em sua fé.

O antigo herege Marcião rejeitou o aparentemente cruel Criador e Deus dos israelitas por um Deus de amor do Novo Testamento - um Pai celestial. Da mesma forma, os novos ateus não ficam muito impressionados com Yahweh - um dos nomes hebraicos para Deus no Antigo Testamento.1 O título do livro de Christopher Hitchens expressa isso: Deus não é grande. Isso contrasta com o chamado dos muçulmanos, Allahu akbar, "Deus é grande (er)". Richard Dawkins chama Deus de "monstro moral". Conforme lemos os Novos Ateus, podemos compilar um catálogo e tanto de alegadas ofensas. Vamos começar com Dawkins e avançar na lista.

Dawkins considera que o mandamento de Deus a Abraão para sacrificar Isaque (ver Gênesis 22) é "vergonhoso" e equivalente a "abuso infantil e intimidação". Além disso, esse Deus irrompe em uma "fúria monumental sempre que seu povo escolhido flertava com um deus rival", parecendo "nada mais do que ciúme sexual da pior espécie". Adicione a isso a matança dos cananeus - uma "limpeza étnica" em que "massacres sanguinários" foram realizados com "prazer xenófobo". A destruição de Jericó por Josué é "moralmente indistinguível da invasão da Polônia por Hitler ou dos massacres de curdos e árabes de Saddam Hussein". Este é apenas um exemplo de por que a religião é, como diz o documentário de Dawkins da BBC de 2006, “a raiz de todo o mal”.2

Para piorar a situação, Dawkins aponta a “esquisitice onipresente da Bíblia”. Muitos

personagens bíblicos se envolveram em atos moralmente horríveis. Aqui está uma amostra:

- Um bêbado Lot foi seduzido por suas filhas recentemente viúvas, que por fim tiveram seus filhos (Gênesis 19: 31-36).
- Abraão repetiu o desempenho de mentir sobre sua esposa (Gênesis 12: 18-19; 20: 1-13).
- Jefté fez um voto tolo que resultou no sacrifício de sua filha como uma oferta queimada (Juízes 11).
- Davi estuprou Bate-Seba pelo poder e se envolveu em traição assassina contra seu marido, Urias - um dos leais "homens poderosos" de Davi (2 Sam. 11; 23:39).3

Podemos adicionar mais à lista. A descrição mais notável de Yahweh por Dawkins é esta:

> O Deus do Antigo Testamento é indiscutivelmente o personagem mais desagradável de toda a ficção: ciumento e orgulhoso dele; um maníaco por controle mesquinho, injusto e implacável; um limpador étnico vingativo e sanguinário; um valentão misógino, homofóbico, racista, infanticida, genocida, filicida, pestilento, megalomaníaco, sadomasoquista, caprichosamente malévolo.4

Depois, há Dan Dennett. Ele declara que o "Jeová do Velho Testamento" é simplesmente um super-homem que "podia tomar partido nas batalhas e ser ciumento e irado". Acontece que ele é mais misericordioso e amoroso no Novo Testamento. Dennett acrescenta: "Parte do que torna Jeová um participante tão fascinante nas histórias do Velho Testamento é Seu orgulho e ciúme de rei, e Seu grande apetite por louvor e sacrifícios. Mas nós nos movemos além deste Deus (não é?). " Ele agradece ao "céu" que aqueles que pensam blasfêmia ou adultério merecem a pena capital são uma "minoria cada vez menor".5

Christopher Hitchens (que, no momento em que este livro está sendo escrito, está lutando contra o câncer de esôfago e por quem muitos de nós estamos orando) expressa queixas semelhantes. O capítulo 7 de Deus não é grande é intitulado "Apocalipse: O pesadelo do Antigo Testamento", observando as "leis inalteráveis" de Deus. Os esquecidos cananeus foram "impiedosamente expulsos de suas casas para dar lugar aos ingratos e rebeldes filhos de Israel". Além disso, o Antigo Testamento contém "um mandado para o tráfico de seres humanos, para limpeza étnica, para a escravidão, para o preço da noiva e para o massacre indiscriminado, mas não estamos vinculados por nada disso porque foi criado por humanos rudes e incultos animais. " E os Dez Mandamentos são "prova de que a religião é feita pelo homem". Por um lado, você não precisa que Deus lhe diga que o assassinato é errado; esta informação está disponível para todos os humanos.6

Sam Harris também intervém. Sua Carta a uma nação cristã se propõe deliberadamente "a demolir as pretensões intelectuais e morais do cristianismo em suas formas mais comprometidas". Se a Bíblia for verdadeira, então devemos apedrejar pessoas até a morte por

heresia, adultério, homossexualidade, adoração de imagens de escultura e "outros crimes imaginários". Na verdade, matar idólatras em nosso meio (ver Deuteronômio 13: 6-15) reflete a "sabedoria atemporal de Deus".7

Em O Fim da Fé, Harris, referindo-se a Deuteronômio 13: 6-11, insiste que o crente bíblico consistente deve apedrejar seu filho ou filha se ela voltar de uma aula de ioga como devota de Krishna. Harris ironiza que um dos "barbarismos" do Velho Testamento - espantar crianças por heresia - "saiu de moda em nosso país. "8

Harris lembra aos crentes na Bíblia que, uma vez que reconhecermos que os escravos são seres humanos igualmente capazes de sofrimento e felicidade, entenderemos que é "patentemente mau possuí-los e tratá-los como equipamento agrícola".

Algumas páginas depois, Harris afirma que podemos ser bons sem Deus. Não precisamos de Deus ou de uma Bíblia para nos dizer o que é certo e o que é errado. Podemos conhecer verdades morais objetivas sem "a existência de um Deus legislador", e podemos julgar Hitler como moralmente repreensível "sem referência às Escrituras".9 Harris chama isso de "o mito do caos moral secular" - que a moralidade desmoronará se as pessoas não tiverem uma Bíblia ou se acontecerem de não acreditarem em Deus.

Acumulamos uma grande lista de acusações provenientes dos Novos Ateus:

- "Genocídio" cananeu
- a ligação de Isaac
- uma divindade egocêntrica e ciumenta
- etnocentrismo / racismo
- escravidão
- preço da noiva
- mulheres como inferiores aos homens
- leis severas em Israel
- a lei mosaica como perfeita e permanente para todas as nações
- a irrelevância de Deus para a moralidade

Não quero dar a impressão de que todas essas questões são facilmente resolvidas. O famoso estudioso cristão do Antigo Testamento, Christopher Wright, escreveu uma exploração direta e honesta de certas dificuldades do Antigo Testamento, especialmente a questão dos cananeus, em O Deus que não entendo.*10* Ainda existirão lacunas em nossa compreensão desses textos? Algumas de nossas perguntas permanecerão sem resposta? Sim e amém. Mas acredito que com paciência, caridade e humildade podemos navegar nessas águas com maior habilidade, chegando a respostas muito mais satisfatórias do que os novos

ateus permitem.

Um grande problema para qualquer intérprete é este: estamos lidando com um texto do Antigo Testamento que é remoto tanto no tempo quanto na cultura. Em muitos casos, os novos ateus não são tão pacientes em suas tentativas de compreender um texto complexo, contextos históricos e o cânone bíblico mais amplo. No entanto, é isso que precisamos fazer e o que este livro tenta fazer em um nível popular.

Em cada capítulo, vou pegar emprestado as frases desses Neo-ateus para enquadrar a discussão. Felizmente, podemos ver essas questões éticas do Antigo Testamento em seu contexto adequado. Ao fazer isso, obteremos uma compreensão mais firme sobre o que realmente são as questões éticas do Antigo Testamento e como devemos avaliá-las.

Leitura Adicional

Novak, Michael. Ninguém Vê a Deus. Nova York: Doubleday, 2007.

Wright, Christopher JH O Deus que eu não entendo: Reflexões sobre difíceis questões de fé. Grand Rapids: Zondervan, 2008.

PARTE 2

Deus: Gracioso Mestre ou Monstro Moral?

Grande apetite por louvor e sacrifícios?

Arrogância ou humildade divina?

A humildade é uma virtude mal compreendida. O cantor country Mac Davis cantou com ousadia que era difícil ser humilde, pois ele era perfeito em todos os sentidos. Cresci ouvindo versos como "Humilde - e orgulhoso disso!" ou "Você leu meu livro, Humildade e como eu consegui isso?" Detectamos imediatamente algo errado com esta imagem. Ainda assim, os novos ateus se perguntam como Deus - que é tão, bem, centrado em Deus - também não pode ser acusado de narcisismo e vaidade. De acordo com Richard Dawkins, Deus está obcecado por "sua própria superioridade sobre os deuses rivais".1 O Deus da Bíblia parece buscar atenção e desejar louvor - uma característica nada lisonjeira. Ele quer "fazer um nome para si mesmo" (2 Sam. 7:23). Ele liberta seu povo do Egito "por causa do seu nome" (Salmo 106: 8).

Então, Deus tem uma auto-preocupação doentia? Nossos amigos ateus têm razão? Não neste. Olhando mais de perto, Deus revela ser um Ser humilde, que se entrega e se concentra nos outros.

Definindo Nossos Termos

Em uma ocasião, Winston Churchill descreveu uma pessoa em particular desta forma: "Ele é um homem humilde - e por um bom motivo!" Aparentemente, aquele homem tinha suas limitações e precisava mantê-las em mente.

Antes de abordar a maioria dos tópicos, é bom limpar o baralho e primeiro definir nossos termos. O que realmente queremos dizer com "orgulho" e "humildade"? Orgulho, sabemos, é uma visão inflacionada de nós mesmos - uma campanha de

propaganda enganosa que nos promove porque suspeitamos que os outros não aceitarão quem realmente somos.2 Orgulho é na verdade uma mentira sobre nossa própria identidade ou realizações. Ter orgulho é viver em um mundo repleto de falsidades sobre nós mesmos, recebendo o crédito onde o crédito não é devido.

Sim, de certo modo, podemos "ter orgulho" ou ser gratificados por nosso trabalho; Paulo fez isso como apóstolo (2 Coríntios 10:17). Paulo tinha orgulho do progresso dos primeiros cristãos em sua fé e no uso adequado das habilidades dadas por Deus (2 Coríntios 7:14; 9: 3-4). Nesses casos, Paulo reconheceu que Deus é o grande capacitador. O crente dependente de Deus pode "gloriar-se no Senhor" (2 Coríntios 10:17) e na cruz de Cristo (Gal. 6:14). Não se trata de um tipo de autossuficiência do tipo "puxe-se para cima por suas próprias botas"; isso seria uma falha ou recusa em reconhecer nosso devido lugar perante Deus à luz de sua graça.

O que é então humildade? Isso envolve ter uma avaliação realista de nós mesmos - nossos pontos fracos e fortes. O plágio (um grande problema no mundo acadêmico hoje em dia) é uma tentativa de levar o crédito pelo trabalho de outra pessoa. Os plagiadores criam uma impressão fora de sintonia com a realidade. Mas pense sobre isso: para Yo-Yo Ma alegar que ele "realmente não consegue tocar violoncelo tão bem" ou para Landon Donovan dizer que "não consegue realmente jogar futebol" seria igualmente fora de sintonia com a realidade—uma falsa humildade. (Além do mais, esses tipos de declarações são geralmente uma tentativa de chamar a atenção dos fundos!) A verdadeira humildade não nega habilidades, mas reconhece Deus como a fonte desses dons, pelos quais não podemos levar o crédito. O que temos que não recebemos (1 Cor. 4: 7)? Ser humilde é saber nosso lugar adequado diante de Deus - com todas as nossas forças e fraquezas.

Bem, então, Deus está orgulhoso? Não, ele tem uma visão realista de si mesmo, não falsa ou exagerada. Deus, por definição, é o maior ser concebível, o que o torna digno de adoração. Na verdade, nossa palavra adoração é uma espécie de contração da palavra em inglês antigo weorthscipe - ou "worth-ship". Portanto, se um ser todo-poderoso, mas desprezivelmente mau, exigisse nossa adoração, não deveríamos dar a ele. Ele não seria digno de adoração.

Deus não leva mais crédito do que merece. Por exemplo, ele não afirma fazer as escolhas que os humanos moralmente responsáveis devem fazer, nem assume o crédito por ser o autor do mal em nome da "soberania" (que alguns cristãos tendem a atribuir a ele quando louvam a Deus para coisas más). Não, Deus não "tem mais alta consideração de si mesmo do que deveria" (Rom. 12: 3). Em vez disso, ele pensa com bastante precisão sobre si mesmo.

Imagem de Deus - orgulho divino ou presente gracioso?

A acusação de Daniel Dennett de que Deus é apenas um super-homem que tem um apetite por louvor parece ser justificada pela ideia de que Deus fez os humanos à sua imagem (Gênesis 1: 26-27). Deus é como um vaidoso fabricante de brinquedos que cria bonecos que

se parecem com ele. Não é o ato de Deus de criar humanos à sua imagem apenas mais um sinal de sua vaidade?

Na verdade, ser feito à imagem de Deus e receber a salvação (entrada na família de Deus) são expressões da bondade de Deus, não da arrogância divina. Quando Deus criou os seres humanos, ele os equipou de maneira única para duas funções, como sugerem os primeiros capítulos de Gênesis. O primeiro é nosso papel real: Deus nos concedeu para participar do governo da criação com ele. O segundo é o nosso papel sacerdotal de nos relacionar ("caminhar com") Deus e orientar nossas vidas em torno dele. Ser feito à imagem de Deus como reis-sacerdotes traz consigo a capacidade de se relacionar com Deus, de pensar racionalmente, de tomar decisões morais, de expressar criatividade e (com Deus) de cuidar e aproveitar sabiamente a criação. Isso é privilégio, não escravidão!

O fato de termos sido feitos à imagem de Deus é simplesmente Deus "espalhando a riqueza". A rica bondade de Deus transborda para sua criação, que vive, se move e tem seu ser nele. Embora Deus tenha criado livremente e sem constrangimento, Deus está explodindo de alegria e amor para compartilhar sua bondade com suas criaturas. Ele permite que nós, seus portadores de imagens, compartilhemos (de forma muito limitada) suas características. Deus nos permite participar da vida da comunidade divina, a Trindade - uma vida que o enche de grande alegria e prazer (ver 2 Pedro 1: 4). Deus nos concede o grande elogio de nos dar uma posição privilegiada e capacidades importantes - que refletem a própria natureza maravilhosa de Deus.

A Biologia da Devoção Religiosa?

O inventor Thomas Edison disse que os humanos são "incuravelmente religiosos". A história certamente confirma isso. Mas por que os humanos foram tão inclinados à religião ao longo dos milênios e civilizações? Os neo-ateus Dawkins e Dennett interpretam o fenômeno da seguinte maneira: teologia é biologia. Para Dawkins, Deus é uma "ilusão"; para Dennett, os crentes religiosos estão sob uma espécie de "feitiço" que precisa ser quebrado. Como os computadores, diz Dawkins, temos uma notável predisposição para fazer (e acreditar) no que nos dizem. então, mentes jovens cheias de mingau são suscetíveis a infecções mentais ou vírus ("memes"). Pregadores carismáticos e outros adultos vomitam seu esgoto supersticioso, e as gerações posteriores se agarram a ele e, por fim, criam igrejas e escolas religiosas. Mesmo que não haja um "gene de Deus,3

Alguns concluem, portanto, que Deus não existe, mas é simplesmente o produto de processos biológicos previsíveis. Um grande problema com esta afirmação: é um non sequitur gritante. Isso simplesmente não significa que, se os humanos forem de alguma forma programados para serem religiosos, Deus não existe. Isso é o que chamamos de "falácia genética" - provar ou refutar a verdade de uma visão baseada em sua origem. Nesse

caso, a existência de Deus é uma questão separada da fonte das crenças religiosas. Precisamos separar a biologia da crença da racionalidade da crença.

Há mais a dizer aqui. Poderíamos virar o argumento de cabeça para baixo: se Deus existe e nos projetou para nos conectarmos com ele, então estamos realmente funcionando adequadamente quando somos direcionados para a fé em Deus. Podemos concordar que os processos naturais / físicos contribuem parcialmente para o compromisso com Deus. Nesse caso, o argumento básico de Dawkins e Dennett poderia realmente apoiar a ideia de que os crentes religiosos estão funcionando decentemente e em ordem.

Além disso, também ficamos nos perguntando por que as pessoas pensariam em deuses e espíritos em primeiro lugar. Por que os humanos sacrificariam voluntariamente suas vidas por algum reino intangível? Talvez seja porque o domínio físico não contém a fonte de coerência, ordem, moralidade, significado e orientação para a vida. Os humanos, embora corporificados, são seres morais e espirituais; eles são capazes de se elevar acima do físico e do biológico para refletir sobre isso e sobre sua condição. Isso pode resultar na busca por um Deus que transcenda o mundo.4

As tentativas desses novos ateus de explicar a teologia como uma ficção útil ou, pior, uma ilusão prejudicial não conseguem nos dizer por que o impulso religioso está tão profundamente arraigado. Se Deus existe, entretanto, temos uma excelente razão para explicar por que o fervor religioso deveria existir.

Adoração: Entrando em Contato com a Realidade

Durante sua "fase cristã", o cantor Bob Dylan lançou a música "Gotta Serve Somebody". “Pode ser o diabo ou pode ser o Senhor”, ele cantou, “mas você vai ter que servir a alguém”.5 Jesus nos diz que a adoração é dirigida a Deus ou a um substituto de Deus criado por nós (isto é, um ídolo). No Sermão da Montanha, ele afirma que não podemos servir a dois senhores ao mesmo tempo; não podemos amar a Deus e às riquezas (Mt 6:24). Em Romanos 6, Paulo afirma que seremos escravos da obediência ou da desobediência (v. 16).

> Como vimos, somos criaturas naturalmente religiosas. O Eclesiastes reconhece que Deus colocou a eternidade em nossos corações (3:11). Somos projetados para adorar e servir. Agora, se Deus realmente existe, então a adoração acaba sendo criaturas morais e espirituais que entram em contato com a realidade. Assim como a humildade genuína está enraizada na realidade, o mesmo ocorre com a adoração. Por que Deus insiste em que o adoremos? Pelo mesmo motivo que os pais dizem aos filhos pequenos para ficarem longe do fogo ou dos carros em alta velocidade. Deus não quer que o homem se desligue da realidade última, o que acaba apenas nos prejudicando.

O chamado de Deus para nossa adoração não é uma manifestação de orgulho - de uma visão falsa e exagerada de si mesmo. O chamado à adoração significa inclusão na vida de

Deus. A adoração expressa a consciência do lugar apropriado de Deus - e, portanto, nosso - na ordem das coisas, e também nos transforma naquilo que fomos designados para ser. No final, Deus deseja ser conhecido como Deus, o que só é apropriado e o bem supremo para as criaturas. Por outro lado, para os humanos desejar a fama universal e eterna seria uma idolatria que nega a realidade.6

Procurando elogios?

Ficamos bastante enojados quando uma pessoa está constantemente procurando elogios, não é? Por que então Deus faz isso? Por que todo esse louvor buscando?

Na verdade, na Bíblia, Deus não é aquele que nos ordena a louvá-lo. Normalmente, os semelhantes estão espontaneamente convocando uns aos outros para fazer isso - para reconhecer a grandeza e o valor de Deus. O louvor flui naturalmente - e completa - o desfrute de Deus pela criatura. Deus é autossuficiente e contente em si mesmo. Ele não precisa de humanos frágeis para algum tipo de impulso de ego. Como o Salmo 50:12 nos lembra: "Se eu [Deus] tivesse fome, não to diria, porque Meu é o mundo e tudo o que ele contém."

CS Lewis tinha seus próprios conceitos errados sobre essa noção de elogio e escreveu sobre a lição que aprendeu:

> Mas o fato mais óbvio sobre o louvor - seja de Deus ou qualquer coisa - estranhamente me escapou. Pensei nisso em termos de elogio, aprovação ou homenagem. Eu nunca havia percebido que todo prazer transborda espontaneamente em elogio. . . . O mundo ressoa com elogios - amantes elogiando suas amantes, leitores seu poeta favorito, caminhantes elogiando o campo, jogadores elogiando seu jogo. . . . Acho que temos prazer em elogiar o que gostamos, porque o elogio não apenas expressa, mas completa a alegria; é designada consumação.7

Lewis percebeu que o louvor vem de fazer o que não se pode deixar de fazer - dar expressão ao que consideramos extremamente valioso: "É bom cantar louvores ao nosso Deus". Por quê? "Pois é agradável e o louvor convém" (Salmo 147: 1).

Outro ponto relacionado: quando nós, criaturas, realmente mostramos amor a Deus, não é por causa de um desejo grosseiro de recompensas ou para evitar o castigo. O puro prazer da presença de Deus - o maior bem dos humanos - e sua aprovação por nós são recompensa suficiente. Mais uma vez, Lewis ofereceu uma imagem encantadora:

> O dinheiro não é a recompensa natural do amor; é por isso que chamamos um homem de mercenário se ele se casa com uma mulher por causa do dinheiro dela. Mas o casamento é a recompensa adequada para um amante verdadeiro, e ele não é mercenário por desejá-lo. . . . Aqueles que alcançaram a vida eterna na visão de Deus sabem muito bem que não é um mero suborno, mas a própria consumação de seu discipulado terreno.8

O Deus Humilde e Abnegado

Muitos cristãos têm a falsa impressão de que algo semelhante à humildade divina aparece

ocasionalmente na Bíblia - por exemplo, na encarnação de Cristo - mas essa humildade não é uma qualidade divina duradoura. Após uma inspeção mais detalhada, Deus - sim, mesmo no Antigo Testamento - é caracteristicamente humilde. O “altíssimo e exaltado” habita “com os contritos e humildes de espírito” (Isaías 57:15). O Salmo 113: 5-6 afirma um Deus que se inclina para olhar para nós. Na interação de Deus com Israel, vemos uma resistência paciente centrada no outro, apesar da rebelião, resmungo e idolatria de Israel.

O Novo Testamento apenas expande este tema da humildade divina; não o inventa. Lá, a humildade de Deus se torna mais evidente de três maneiras.

*Primeiro, Deus é triuno.*Três pessoas divinas distintas compartilham uma unidade eterna e inquebrável de um ser. (Como uma analogia, pense no cão mitológico de três cabeças Cérbero - três centros de consciência tendo uma natureza canina, mas em um cão.) Deus é inerentemente amoroso e autodoador nos relacionamentos da família divina, a Trindade. Nessa divina interconexão (e interior) de reciprocidade, abertura e reciprocidade, não há competição individualista entre os membros da família, mas apenas alegria, amor abnegado e transparência. Em vez de ser um eu isolado ou um ego solitário, Deus é supremamente relacional em sua natureza doada e orientada para o outro.

*Em segundo lugar, Deus se torna humano.*Outra evidência da humildade divina é a encarnação de Cristo. Deus se torna judeu na pessoa de Jesus de Nazaré! Porque os humanos são feitos à imagem de Deus, não é uma contradição Deus se tornar humano; afinal, o que nos torna humanos é derivado da natureza de Deus em primeiro lugar.

Portanto, o Cristo encarnado se descreve como "manso e humilde de coração" - isso exatamente no mesmo contexto de sua declaração de (1) conhecer, relacionar-se e revelar o Pai de maneira única e (2) ser aquele que dá o descanso cansado por suas almas (Mt 11: 27-29). Grandeza e humildade não se contradizem. De fato, a grandeza de Deus se manifesta em sua vontade de nos servir: “Eu estou entre vocês como aquele que serve” (Lc 22,27). Jesus não vem para ser servido, mas para “servir” e “dar a sua vida em resgate por muitos” (Marcos 10:45).

*Terceiro, Deus toma nosso lugar na cruz.*Um amigo muçulmano, Abdul, certa vez expressou suas dificuldades para que Deus se tornasse humano e morresse na cruz. “É uma humilhação!” ele exclamou. Para o muçulmano, Deus é totalmente transcendente e distante de nós. No entanto, Filipenses 2 mostra maravilhosamente as profundezas a que Deus está disposto a ir para nossa salvação: Deus o Filho se humilha (se esvazia), tornando-se um escravo (doulos) que morre totalmente nu, para que todos vejam ─ em grande vergonha e humilhação (vv . 6—8). A crucificação de Jesus é uma imagem de humildade e grandeza. A humilhação de Deus acaba sendo sua própria marca de distinção e momento de glória! Jesus, que vivia fielmente a história de Israel como Deus pretendia, estava na verdade suportando a maldição do exílio e da alienação para que a nova comunidade de Deus pudesse receber a

bênção.

O Evangelho de João se refere a Jesus sendo “levantado” na cruz (12,32; cf. 3: 14-15; 8:28). Isso é literal e figurativo. Ser levantado é tanto o ato físico de ser levantado na cruz quanto a referência figurativa à exaltação e honra de Deus, incluindo a atração das nações para a salvação (João 12:32). O momento da morte humilhante de Cristo é precisamente quando ele é “glorificado” (João 12: 23-24; 13: 31-32). O grande momento de glória de Deus está na experiência da maior humilhação e vergonha - quando ele assume a forma de um escravo e sofre a morte na cruz por nós.

É assim que Deus está disposto a ir para nossa salvação! Este ato de serviço divino aos humanos é absolutamente único na antiguidade. Não é à toa que o falecido estudioso alemão do Novo Testamento Martin Hengel escreveu: “A discrepância entre a morte vergonhosa de um criminoso do Estado judeu e a confissão que retrata este homem executado como a figura divina preexistente que se torna homem e se humilha até a morte de um escravo é , até onde posso ver, sem analogia no mundo antigo. "9

Certa vez, um muçulmano me expressou sua descrença e até mesmo desprezo pela idéia de cristãos usando cruzes: “Como podem os cristãos usar com orgulho o instrumento de tortura e humilhação? Se seu irmão fosse morto em uma cadeira elétrica, você usaria uma cadeira elétrica em volta do pescoço? " Eu respondi que depende: “Se meu irmão fosse Jesus de Nazaré e sua morte em uma cadeira elétrica trouxe minha salvação e foi o meio pelo qual o mal foi derrotado e a criação renovada, então ele teria transformado um símbolo de vergonha e punição em algo glorioso. "

Um teólogo explica da seguinte maneira: “É verdadeiramente divino ser humilde assim como ser exaltado”.10 Os novos ateus assumem erroneamente que Deus deve ser uma divindade igualitária - que ele é exatamente como nós (veja Salmos 50:21).11 Podemos deixar de lado a falsa acusação de que Deus é um divino e pomposo fanfarrão que busca ter seu ego acariciado pela lisonja humana. Esse é o argumento dos ateus da aldeia, não daqueles que examinaram seriamente as Escrituras.

Leitura Adicional

Bauckham, Richard. Jesus e o Deus de Israel: Deus crucificado e outros estudos sobre a cristologia do Novo Testamento. Grand Rapids: Eerdmans, 2008.

Lewis, CS "The Weight of Glory." Em O Peso da Glória e Outros Endereços. Nova York: Macmillan, 1965.

Monumental trapaceiro e ciúme semelhante ao de um rei?

Compreendendo o Deus que faz alianças

Lembre-se da depreciação de Deus por Richard Dawkins, afirmando que ele começa a ter "uma fúria monumental sempre que seu povo escolhido flertava com um deus rival".1 O ícone da TV popular Oprah Winfrey disse que ela se afastou da fé cristã quando ouviu um pregador afirmar que Deus é ciumento. Bill Maher, da fama (ou infâmia) Religulous, disse praticamente a mesma coisa - que ter ciúmes por ter outros deuses diante de você simplesmente não é "moral". Os novos ateus também consideram Yahweh impaciente, ciumento e facilmente provocado - uma divindade mesquinha e insegura.

Bom ciúme e mau ciúme

Como eu disse no capítulo anterior, é importante definir nossos termos. O ciúme pode ser uma coisa boa ou ruim. É ruim proteger os mesquinhos; é bom guardar ferozmente o precioso. Se o ciúme está enraizado no egocentrismo, é claramente o tipo errado de ciúme. Um ciúme que surge da preocupação com o bem-estar de outra pessoa, entretanto, é apropriado. Sim, o ciúme pode ser um vício (Gl 5:20 - "inimizades, contendas, ciúmes, explosões de raiva"). No entanto, também pode ser uma virtude, um "ciúme piedoso", como disse Paulo: "Pois estou com ciúme de vocês com ciúme piedoso; porque te desposei com um só marido, para que a Cristo te apresente como virgem pura "(2 Cor. 11: 2). Paulo estava preocupado com o bem-estar dos coríntios. Seu ciúme não surgiu de orgulho ferido ou preocupação consigo mesmo.

Em toda a Bíblia, vemos um Deus que é um amante preocupado. Ele fica cheio de angústia e consternação quando seu povo da aliança persegue os não-deuses. No livro profético de Oséias, Deus - o marido amoroso - fica sufocado quando sua esposa, Israel, continuamente o trai: “Meu coração se contrai dentro de mim, todas as minhas compaixões estão acesas” (Oséias 11: 8).

Quando o ciúme pode ser uma coisa boa? No caso de Deus, é quando estamos remexendo nas pilhas de lixo da vida e evitando a maior fonte de satisfação. Isso me lembra uma história em quadrinhos que vi certa vez de um cachorro que bebia em um vaso sanitário. Com água pingando de seu focinho, Fido levanta os olhos para nos dizer: “Não existe nada melhor do que isso!”

Em vez de desfrutar de água potável, procuramos substitutos estagnados e de sabor desagradável que inevitavelmente nos falham. Deus se lamenta sobre Israel: “Porque o meu povo fez duas maldades: Me abandonaram, a fonte das águas vivas, para cavar para si cisternas, cisternas rotas que não retêm as águas” (Jr 2:13).

A analogia do casamento

Um amigo meu que trabalhou no ministério cristão na Europa por muitos anos me contou sobre um casal cristão que ele conheceu. De alguma forma, o assunto do adultério surgiu na conversa. A aparentemente despretensiosa esposa holandesa disse que se o marido alguma vez a traísse, "Eu vou atirar nele!" Ele sabia que ela não estava brincando.

Uma esposa que não fica com ciúme e raiva quando outra mulher está flertando com seu marido não é realmente tão comprometida com o relacionamento conjugal. Um casamento sem potencial para ciúme quando um intruso ameaça não é exatamente um casamento. Indignação, dor, angústia - essas são as respostas adequadas a uma violação tão profunda. Deus não é uma entidade abstrata ou princípio impessoal, como Dawkins parece pensar que deveria ser. Ele é um Deus envolvente e relacional que se apega aos humanos. Ele deseja ser seu Pai amoroso e o governante sábio de suas vidas. No caso de Israel, o amor de Deus é o de um marido apaixonado. Deveríamos nos surpreender com o fato de o Criador do universo se conectar tão profundamente aos seres humanos que se abrisse para a tristeza e a angústia em face da traição e rejeição humanas.

Deus se abriu para repetidas rejeições de seu povo. Ele estava continuamente exasperado e ofendido por seu povo: “Como fui ferido pelos seus corações adúlteros, que se desviaram de mim, e pelos seus olhos, que se prostituíram após os seus ídolos” (Ezequiel 6: 9). Deus suportou muitos desafios, apesar da sua preocupação amorosa com o seu povo: “Estendi as minhas mãos o dia todo a um povo rebelde, que anda por caminhos que não são bons, seguindo os seus próprios pensamentos, um povo que continuamente me provoca a Meu

rosto ”(Isaías 65: 2-3).

O adultério espiritual não é uma questão mesquinha, como Dawkins parece pensar. Observe a perspectiva de Deus sobre a infidelidade de Israel em Ezequiel 16 e 23. Os cenários descritos não são exatamente adequados para audiências classificadas como G! No capítulo 16, a linguagem íntima e conjugal é usada para o "casamento" de Deus com seu povo no Monte Sinai - o "tempo para o amor". Deus fez uma aliança com Israel para que "você se tornasse meu". Deus providenciou abundantemente para Israel, mas ela desprezou esse privilégio. Em vez de confiar em Deus, ela se aliou a outras nações, confiando em seu poderio militar e ídolos estrangeiros, em vez de em Deus. “Mas você confiou na sua beleza e bancou a meretriz por causa da sua fama”; “Estende as pernas a cada passante para multiplicar a sua prostituição” (vv. 15, 25). Esta linguagem gráfica expressa a profunda traição em Israel '

Não devemos nos surpreender que Deus quisesse destruir Israel após a traição do bezerro de ouro: “Deixa-me, para que a minha ira arda contra eles e eu os destrua; e farei de ti [Moisés] uma grande nação ”(Êxodo 32:10). Isso aconteceu logo depois de Israel ter feito “votos” de se ligar a Yahweh no Sinai: “Tudo o que o Senhor falou faremos e seremos obedientes” (Êxodo 24: 7; cf. v. 3). A idolatria de Israel era como um marido encontrando sua esposa na cama com outro homem - em sua lua de mel! A razão pela qual Deus tem ciúme é porque ele se liga ao seu povo em uma espécie de intimidade conjugal. Portanto, adorar ídolos e outros deuses é rejeitar quem ele é, assim como o adultério é rejeitar o cônjuge no casamento.2

Quando a palavra ciumento descreve Deus nas Escrituras, é no contexto de idolatria e falsa adoração.3 Quando escolhemos buscas deste mundo em vez de nosso relacionamento com Deus, nos envolvemos em adultério espiritual (Tiago 4: 4; cf. 2 Coríntios 11: 2), que provoca o ciúme justo de Deus. Infelizmente, muitos críticos de Yahweh que não gostam da noção de ciúme divino - especialmente os novos ateus - simplesmente não entendem por que a idolatria é um problema tão grande. Afinal, qual é o problema de trazer um pedaço de carne para uma estátua, certo? Como já foi dito, a ignorância pode ser uma bênção, mas não é uma virtude!

A idolatria é - e sempre foi - um empreendimento muito sedutor que pode tirar o melhor de qualquer um de nós. A idolatria no antigo Oriente Próximo envolvia a manipulação da realidade (“os deuses”) por meio de certos rituais e sacrifícios para obter mais filhos, colheitas e gado. Cantar para um ídolo colocaria as pessoas em contato imediato com a própria essência de um deus. E quem quer viajar para a Jerusalém de Yahweh três vezes por ano, quando você pode convenientemente ir ao santuário de um deus pessoal ou familiar (como Dagom ou Baal) em um bosque próximo ou colina alta (Deuteronômio 12: 2; 1 Reis 14: 22-24)? A idolatria no antigo Oriente Próximo também apelava para o lado sensual e

indulgente. Em vez de autocontenção na adoração de Yahweh, pode-se ficar bêbado em festas de ídolos e também praticar sexo ritual, glutonaria e adultério, tudo em nome da "religião". Além disso, a idolatria no antigo Oriente Próximo não obrigava ninguém a melhorar o comportamento ético. Contanto que você mantivesse seu ídolo “alimentado”, você não teria que mudar seu estilo de vida. Compare isso com o comportamento moral exigido pelo povo de Yahweh: "todas as palavras que o Senhor falou, faremos!" (Êxodo 24: 3).4

Portanto, chamar Israel de mero “flerte” nesses cenários idólatras reflete a total falta de consciência de Dawkins. Poderíamos talvez perguntar a Dawkins: “Quão forte deve ser o compromisso de um cônjuge com o casamento? Com que seriedade se deve tratar o adultério no casamento? ” De qualquer maneira que ele respondesse, sem dúvida seria revelador.

Vulnerabilidade Divina

Ao longo de todo o Antigo Testamento, Deus não apenas se preocupa apaixonadamente por Israel, mas também freqüentemente sente dor por sua rebelião e anseio por reconciliação. Deus é um marido ferido que continuamente tenta atrair seu povo de volta à harmonia com ele. Isaías 5 retrata Deus como o dono de uma vinha que se ocupou com a tarefa de “plantar” seu povo Israel - “a videira mais escolhida” - em uma colina fértil, cavando ao redor dela, removendo suas pedras. Apesar da expectativa legítima de que Israel produza “bons” frutos depois de tudo o que ele fez, Deus está exasperado com a produção “inútil” de Israel: “O que mais havia para fazer pela Minha vinha que eu não fiz nela?” (5: 4). Jeremias similarmente escreve sobre o plantio de Israel por Deus como uma “videira escolhida” e “semente fiel”, mas Israel rejeita a Deus (Jr 2:21). O mesmo tema de Deus ' A legítima expectativa de arrependimento e justiça de Israel é encontrada em Sofonias 3: 7: “Eu disse: 'Certamente me revereis, aceitai a instrução.' Portanto, a sua habitação não será cortada de acordo com tudo o que determinei a respeito dela. Mas eles estavam ansiosos para corromper todos os seus

atos."

O salmista articula algo semelhante: “Eu, o Senhor, sou o teu Deus, que te fiz subir da terra do Egito; abra bem a boca e eu a encherei. Mas o meu povo não ouviu a minha voz, e Israel não me obedeceu "(81: 10-11). A contínua falta de fé de Israel exaspera a Deus. Em Amós 4: 6-11, Deus tenta chamar a atenção de seu povo enviando pragas, fome, seca e assim por diante. Mas, apesar de cada tentativa divina, a mesma linha é pronunciada: “Ainda assim, não voltastes para Mim”.

Da mesma forma em Isaías 66: 4, Deus diz: “Chamei, mas ninguém respondeu; Eu falei,

mas eles não ouviram. E eles fizeram o que era mau aos meus olhos e escolheram aquilo em que não me agradava. ”Novamente, em Ezequiel 18:23, 31-32, Deus pergunta:“ Tenho prazer na morte do ímpio? você vai morrer, ó casa de Israel? Pois eu não tenho prazer na morte de quem morre ... Portanto, arrependa-se e viva. " Este tema de vulnerabilidade divina5 corre por todo o Antigo Testamento, onde Deus é apresentado como um amante ferido que reluta em fazer julgamento.

O ciúme implica vulnerabilidade e a capacidade de sentir dor - não a mesquinhez de uma divindade faminta por poder e obcecada em dominar as pessoas. Surpreendentemente, o desapontado Marido de Israel só requer seu arrependimento para restaurar o relacionamento.6

Uma raiva que se preocupa

A maioria dos americanos está familiarizada com a pintura Cabeça de Cristo, de Warner Sallman. Essa imagem é comumente encontrada nas paredes das casas de repouso ou em cartões memoriais distribuídos em casas funerárias. O retrato de Sallman é o de um Jesus "manso e suave" facilmente caricaturado. Embora talvez retratando sua acessibilidade e bondade para com as crianças, essas imagens podem muitas vezes nos deixar com uma impressão sentimental e enviesada de Jesus. Não, o verdadeiro Jesus não era apenas um amigo de pecadores e acolhedora de crianças; ele também era um radical, um polêmico, um personagem convincente e até assustador. Ele é o Leão da tribo de Judá (Ap 5: 5). A Cabeça de Cristo está muito longe de o Jesus que limpa o templo, acalma a tempestade, que evoca respostas às vezes perturbadas, às vezes aterrorizadas: "Quem é este, para que até o vento e o mar lhe obedecem?" (Marcos 4:41).7

Falando da purificação do templo, vemos uma raiva genuína e justificada quando Jesus expulsa os cambistas do templo (Marcos 11; João 2). Eles haviam transformado uma casa de adoração para gentios tementes a Deus em um lugar de barulho, lucro comercial e orgulho nacionalista. Em nossa era de pseudotolerante "verdade-para-você-mas-não-para-mim", poderíamos usar uma raiva consideravelmente mais justa - contra as injustiças do mundo, a ganância, as tiranias, as mentiras, a trapaça. . . e nossos próprios corações orgulhosos e racionalizadores. E os vários vendedores ambulantes e exploradores religiosos de nossos dias podem ser expulsos da esfera de influência pública.

Se não formos tocados diretamente por nenhum dos muitos sofrimentos, tristezas e opressões do mundo, nossa resposta pode ser indiferente e apática, e o surto de raiva de uma pessoa nos deixará muito desconfortáveis. No entanto, a raiva costuma ser a primeira indicação de que nos importamos. A tragédia é que não estamos com raiva, não estamos chocados o suficiente.

A raiva não é necessariamente errada (Ef 4:26) - na verdade, às vezes é virtuosa. A pessoa que nunca se zanga é moralmente deficiente. A pessoa que demora a ficar com raiva é virtuosa. Ele é mais capaz de acalmar disputas ou ouvir bem (Pv 15:18; 16:32; 19:11; cf. Tiago 1:19), mas ele também se opõe à injustiça e à tirania. Da mesma forma, Deus é freqüentemente descrito como sendo “lento para se irar” (por exemplo, Êxodo 34: 6). Tal como acontece com o ciúme, o mesmo ocorre com a raiva: a raiva é egocêntrica ou centrada nos outros? Reflete profundo egoísmo ou preocupação com os outros? Olhando mais de perto, a raiva de Deus não reflete um egocentrismo.

O ciúme e a raiva de Deus surgem do amor e da preocupação, não do orgulho ferido ou da imaturidade. Os novos ateus resistem à noção das prerrogativas legítimas de Deus sobre os humanos. A ideia de julgamento divino, raiva ou ciúme de alguma forma os deixa desconfortáveis. Mas, como o Aslam de Nárnia, Yahweh, embora gracioso e compassivo, não é para brincadeiras. Deus fica com ciúmes ou zangado precisamente porque se importa.

Ciúme Divino para Proteger e Beneficiar Humanos

Aqueles que afirmam que o ciúme de Deus é mesquinho e constrangedor podem comparar Deus a um marido que não deixa sua esposa nem mesmo falar com outro homem. Uma analogia mais apropriada, entretanto, é o marido que está preocupado com o fato de sua esposa estar sendo emocionalmente atraída por outro homem. Ele deseja proteger a preciosidade da intimidade conjugal, que atende aos melhores interesses de sua esposa e de seu casamento.

Críticos como os novos ateus tendem a criar uma falsa dicotomia entre o governo da graça de Deus e o bem-estar humano, como se fossem opostos.8 O Breve Catecismo de Westminster (1647) começa com esta pergunta: "Qual é o objetivo principal do homem?" A famosa resposta é: “glorificar a Deus e desfrutá-Lo para sempre”. Para muitos no Ocidente (incluindo cristãos professos), o objetivo principal de muitos indivíduos é "promover meus interesses e me divertir para sempre". Ou se Deus existe, então a resposta do Catecismo é subconscientemente revisada para isto: "O objetivo principal de Deus é me deixar o mais confortável e sem dor possível."

O filósofo Thomas Nagel admitiu que não quer que Deus exista. Ele reconhece que nos círculos acadêmicos hoje existe um “problema de autoridade cósmica”.9 Se pessoas como Nagel não querem que haja um Deus (ou querem um deus que lhes permita fazer exatamente o que desejam), então estamos de volta ao problema de negar a realidade a fim de seguir nossos próprios objetivos. Mas, obviamente, o papel final de Deus não é promover meus próprios (ou humanos) interesses e liberdade. A existência de Deus não é mera abstração ou tópico de poltrona. A existência de Deus vivo e reivindicação sobre nossas vidas significa que algo tem que mudar!

Por outro lado, o relacionamento de Deus conosco não é um arranjo de comandante-comandante (semelhante à noção de "policial divino no céu"). Nesse tipo de relacionamento, a vontade de Deus meramente coage, anulando as escolhas dos agentes humanos. Em vez disso, Deus busca a intimidade interpessoal conosco no contexto de fazer alianças. Os críticos costumam pintar o quadro de duas alternativas falsas: coerção soberana ou autonomia humana total. No entanto, se virmos a atividade de Deus e a natureza humana mais harmoniosa do que em conflito, uma nova perspectiva desponta para nós. Quando as intenções de Deus para nós são realizadas e quando estamos alertas aos limites divinamente dados construídos em nossa natureza e no mundo ao nosso redor, nós, seres humanos, florescemos - isto é, desfrutamos de relacionamentos amorosos e de confiança com Deus e uns com os outros porque nós ' estamos vivendo o plano de design.

O ciúme de Deus não é caprichoso ou mesquinho. Deus zela por nossos melhores interesses. Seus mandamentos são dados "para o seu bem" (Deuteronômio 10:13; cf. 8:16; 30: 9). Na verdade, só nos prejudicamos quando vivemos para nós mesmos e criamos nossos próprios substitutos de Deus idólatras. Portanto, o fato de Deus bloquear a possibilidade de conhecê-lo seria, na verdade, nos privar do maior bem possível. O autor e pastor Tim Keller ilustra como isso funciona para os pós-modernos:

> Em vez de dizer a eles que estão pecando porque estão dormindo com suas namoradas ou namorados, eu digo a eles que eles estão pecando porque estão olhando para seus romances para dar sentido às suas vidas, para justificá-los e salvá-los, para dar-lhes o que deveriam ser procurando de Deus. Essa idolatria leva à ansiedade, obsessão, inveja e ressentimento. Descobri que, quando você descreve suas vidas em termos de idolatria, as pessoas pós-modernas não oferecem muita resistência. Então Cristo e sua salvação podem ser apresentados não (neste ponto) tanto como sua única esperança de perdão, mas como sua única esperança de liberdade.10

Quando aplicamos isso ao ciúme de Deus, podemos dizer que ele não é despertado apenas para proteger um relacionamento. Deus procura proteger suas criaturas de danos profundos a si mesmo. Podemos nos prejudicar profundamente correndo atrás de deuses feitos à nossa imagem. O ciúme de Deus está centrado no outro. Como vimos com a humildade de Deus, o ciúme divino reage à negação humana de que Deus é Deus, à falsa ideia de que um relacionamento com ele não é realmente necessário para o bem-estar humano final (João 10:10).

Deus é o bom Criador e Doador de vida. Ele deseja que suas criaturas vivam a vida como deveria ser. Quando uma pessoa age negando a vida (por exemplo, envolvendo-se em adultério, pornografia ou quebra de promessa - ou simplesmente suprimindo a verdade sobre Deus), o ciúme de Deus vem à tona para que a pessoa possa abandonar seus objetivos de busca pela morte e retornar ao uma vida abundante encontrada em uma vida abandonada a Deus.

O ciúme divino deve ser visto como a vontade de Deus o melhor para suas criaturas. C. s. A perspectiva perspicaz de Lewis coloca o ciúme divino e a idolatria humana em uma

perspectiva adequada:

> Se considerarmos as promessas descaradas de recompensa e a natureza impressionante das recompensas prometidas nos Evangelhos, parece que Nosso Senhor encontra nossos desejos, não muito fortes, mas muito fracos. Somos criaturas indiferentes, brincando com bebida, sexo e ambição quando a alegria infinita nos é oferecida, como uma criança ignorante que quer continuar fazendo tortas de lama em uma favela porque não consegue imaginar o que significa a oferta de um feriado no mar. Ficamos facilmente satisfeitos.11

Leitura Adicional

Copan, Paul. Loving Wisdom: Christian Philosophy of Religion. st. Louis: Chalice Press, 2007. ver esp. parte 1, "Deus".

Kirkpatrick, Frank G. Uma Ontologia Moral para uma Ética Teísta: Reunindo as Nações em Amor e Justiça. Burlington, VT: Ashgate, 2004.

Lane, Nathan C. O Deus Compassivo, mas Punidor. Eugene, OR: Wipf & stock, 2010.

Lewis, C. s. “O Peso da Glória.” Em O Peso da Glória e Outros Endereços. Nova York: HarperOne, 2001.

Phillips, JB Seu Deus é muito pequeno. Nova York: Touchstone, 1997.

Stuart, Douglas K. Exodus. New American Commentary 2. Nashville: B & H Publishing, 2008.

Abuso infantil e intimidação?

Wigys de Deus e a amarração de Isaac

> Agora aconteceu. . . que Deus testou Abraão e disse-lhe: "Abraão!" E ele disse: "Aqui estou." Ele disse: “Pega agora o teu filho, o teu único filho, a quem amas, Isaque, e vai para a terra de Moriá e oferece-o ali como holocausto numa das montanhas das quais te contarei”. Abraão se levantou de manhã cedo e selou seu jumento, e levou consigo dois de seus jovens e Isaque, seu filho; e ele, partindo lenha para o holocausto, levantou-se e foi ao lugar que Deus lhe havia falado.
>
> No terceiro dia, Abraão ergueu os olhos e viu o lugar à distância. Abraão disse aos seus rapazes: “Ficai aqui com o jumento, e eu e o rapaz iremos ali; e nós vamos adorar e voltar para você. ” Abraão pegou a lenha do holocausto e colocou-a sobre seu filho Isaque, e ele pegou o fogo e a faca. Então os dois caminharam juntos. Isaac falou com Abraão, seu pai, e disse: "Meu pai!" E ele disse: "Aqui estou, meu filho." E ele disse: "Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?" Abraão disse: "Deus proverá para Si mesmo o cordeiro para o holocausto, meu filho." Então os dois caminharam juntos.
>
> Então eles chegaram ao lugar que Deus lhe havia falado; e Abraão construiu o altar ali e arrumou a lenha, e amarrou seu filho Isaac e o deitou sobre o altar, em cima da lenha. Abraão estendeu a mão e pegou a faca para matar seu filho. Mas o anjo do Senhor o chamou do céu e disse: "Abraão, Abraão!" E ele disse: "Aqui estou." Ele disse: “Não estenda a mão contra o rapaz, e não faça nada com ele; pois agora sei que você teme a Deus, visto que não negou a mim seu filho, seu único filho ”. Então

Abraão ergueu os olhos e olhou, e eis atrás dele um carneiro preso na moita pelos chifres; e Abraão foi, tomou o carneiro e o ofereceu em holocausto no lugar de seu filho. Abraão chamou o nome desse lugar O Senhor Providenciará. (Gênesis 22: 1-14)

Ocasionalmente, lemos no jornal ou ouvimos no noticiário da noite sobre certas pessoas iludidas que assassinaram alguém. Sua justificativa? “Deus me disse para fazer isso!” Já ouvi alguns usarem essa frase para justificar o divórcio de um cônjuge a fim de se casar com seu assistente pessoal no trabalho. O nome de Deus é arrastado para circunstâncias ou ações que são totalmente contrárias ao seu bom caráter. Ele

certamente não quer o crédito nesses casos.

Então, o que fazemos com a surpreendente ordem de Deus a Abraão em Gênesis 22: 2: “Toma agora o teu filho, o teu único filho, a quem amas. . . e oferecer a ele. . . como holocausto ”? Como discutiremos mais adiante neste livro, a lei de Moisés condenava o sacrifício de crianças. Na verdade, essa foi uma das práticas horríveis pelas quais Deus julgou os cananeus. Então, não parece que os mandamentos de Deus são caprichosos e caprichosos em Gênesis 22? Por que Deus não pode ordenar o assassinato tanto quanto proibi-lo? Afinal, parece que ele está fazendo exatamente isso com Abraão. Isso é o que um estudioso da Bíblia chama de “um teste monstruoso”.1

O autor do best-seller Bart Ehrman (um agnóstico) comenta sobre a Aqedah, ou “vinculação”, de Isaac: “A ideia de que o sofrimento vem como um teste de Deus simplesmente para ver se seus seguidores obedecerão” é ilustrada talvez “mais claramente e mais horrivelmente "na oferta de Isaque.2 Alguns estudiosos afirmam que Abraão falhou no teste por estar disposto a sacrificar seu filho; outros se perguntam como esse ato pode servir como um teste de santidade. Abraão deve ser amado ou odiado pelo que fez?

O filósofo cristão dinamarquês S0ren Kierkegaard tinha muito a dizer sobre esta porção das Escrituras. Abraão tinha o “direito” de ser um grande homem e, portanto, de fazer o que fez, mas “quando outro faz o mesmo, é pecado, um pecado hediondo”.3 Kierkegaard disse que a ordem de Deus a Abraão suspendeu as obrigações éticas típicas. Deus parece usar sua autoridade para violar os padrões morais básicos. Deus parece ser uma espécie de relativista.

Se olharmos para o quadro geral, talvez possamos colocar algumas dessas questões preocupantes no contexto adequado. Só então devemos olhar para os detalhes em Gênesis 22.

O contexto mais amplo

O tema do Pentateuco: a fé de Abraão e a descrença de Moisés

Os estudiosos da Bíblia apontaram que o tema da fé mantém o Pentateuco

(Gênesis-Deuteronômio) unido em suas costuras.4 Os dois principais jogadores são Abraão e Moisés. Abraão é o exemplo positivo de fé, enquanto Moisés é o exemplo negativo. Abraão teve fé sem a lei de Moisés, que foi dada no Monte Sinai. Apesar de sua hesitação, ele confiou na promessa de Deus e, portanto, foi declarado justo por Deus (Gênesis 15: 6). Em contraste, Moisés realmente falhou em sua fé - embora vivesse sob a lei dada no Sinai. Sim, ele jogou um
papel crucial na história de Israel, mas vemos uma falha crítica de fé em Moisés.

Não é coincidência que quando "tenha fé / acredite" é mencionado no Pentateuco, é usado positivamente antes da promulgação da lei no Sinai em Êxodo 20 (Gênesis 15: 6; Êxodo 4: 5; 14:31; 19 : 9). No entanto, essas palavras são usadas negativamente ("não acreditou") depois do Sinai (Números 14:11; 20:12; cf. Deuteronômio 1:32; 9:23). O Pentateuco é em grande parte um contraste entre Abraão e Moisés. Embora a fé de Abraão tenha vacilado às vezes, ela continuou a crescer.

É significativo que Abraão confiou em Deus - e foi declarado justo - antes que a lei de Moisés viesse. Mesmo sem a lei, Abraão manteve a intenção ou o propósito da lei porque ele viveu pela fé: "Abraão me obedeceu e guardou o meu encargo, os meus mandamentos, os meus estatutos e as minhas leis" (Gênesis 26: 5). Observe as palavras usadas: estes são termos da lei pós-Sinai usados em Deuteronômio ("obedeceu", "cobrou", "mandamentos", "estatutos", "leis"), mas eles se aplicam a Abraão antes que a lei fosse dada. O objetivo é mostrar como Abraão essencialmente guardou a lei e agradou a Deus porque viveu pela fé (Gênesis 15: 6).

Essa conexão não foi perdida por Paulo no Novo Testamento (Rom. 4; Gal. 3-4). Ao reler as Escrituras à luz de seu encontro com Cristo, ele descobriu que Abraão viveu pela fé e foi declarado justo por Deus. Isso é Gênesis 15. Em Gênesis 17 veio a aliança da circuncisão e, mais de quatrocentos anos depois, a lei foi dada no Sinai. Em outras palavras, Abraão não precisava da circuncisão ou da lei para estar bem com Deus.

Por outro lado, Moisés tinha a lei, mas falhou em sua fé; isso o impediu de entrar na terra do outro lado do Jordão. Ele é o contraste negativo com Abraão. Embora Moisés tivesse a lei, ele morreu no deserto por causa de sua falta de fé e de Arão em Cades (Números 20). Moisés não foi impedido de entrar na Terra Prometida só porque atingiu uma rocha. Ele já havia batido em pedras antes! O texto hebraico deixa claro que tanto Moisés quanto Arão demonstraram incredulidade em sua exasperação. Eles não estavam confiando em Deus. Moisés (junto com Aarão, aparentemente) gritou de frustração: "Ouçam agora, rebeldes; devemos tirar água para você desta rocha? " (Números 20:10). Salmo 106: 32-33 reforça o tema da descrença de Moisés. A rebelião do povo levou Moisés a falar precipitadamente (não a agir precipitadamente): "Palavras precipitadas vieram de Moisés ' lábios "(NIV). Portanto, por causa da incredulidade de Moisés e Aarão, Deus repreendeu a ambos: "Porque vós

[Moisés e Aarão; o pronome está no plural] não creram em mim, para me tratarem como santo ”diante de Israel,“ não introduzirás esta assembléia na terra que eu lhes dei ”(Números 20:12; cf. verso 24). Mais tarde, em Deuteronômio 32:51, lemos novamente que em Meribá, em Cades, Moisés “quebrou a fé” em Deus. Como resultado dessa falta de fé, Moisés não pôde entrar na Terra Prometida. lemos novamente que em Meribá, em Cades, Moisés “quebrou a fé” em Deus. Como resultado dessa falta de fé, Moisés não pôde entrar na Terra Prometida. lemos novamente que em Meribá, em Cades, Moisés “quebrou a fé” em Deus. Como resultado dessa falta de fé, Moisés não pôde entrar na Terra Prometida.

Deus usou Abraão como uma imagem de confiança - sem o benefício da lei. Abraão serve de ilustração através dos tempos de como o povo de Deus deveria viver. Moisés acabou sendo um exemplo negativo - e um lembrete sério para judeus de mentalidade legalista - de que ter a lei e guardá-la escrupulosamente são inadequados para estar certo com Deus. Em vez disso, devemos abordá-lo com confiança, dependendo de sua graça e suficiência, em vez de confiar em nossa própria suficiência.

Esse importante tema da profunda confiança de Abraão na promessa e na fidelidade de Deus ajudou a moldar a autocompreensão e a identidade de Israel. Portanto, não é surpreendente ouvir as palavras de Moisés a Israel no Sinai: “Não tenha medo; porque Deus veio para testar [o verbo hebraico é nasah] você, e para que o temor [yir'ah] dele permaneça com você, para que você não peque ”(Êxodo 20:20). Esses dois verbos-chave remetem a Gênesis 22. Abraão foi testado por Deus (Gênesis 22: 1) e por meio dessa provação demonstrou seu temor de Deus (v. 12). A obediência de Abraão tem como objetivo servir de modelo para Israel e inspirar a obediência de Israel e solidificar seu relacionamento com (“temor de”) Deus.5

Na verdade, pode-se argumentar que todo o Pentateuco fala do sucesso da fé em Abraão e do fracasso da fé em Moisés (apesar de ter a lei de Deus). Portanto, concentrar-se apenas no único mandamento de Deus de oferecer Isaque perde o quadro geral.

O Contexto do Chamado de Abraão

Vamos agora dar uma olhada em como Deus começa a lidar com Abraão à luz de seu plano abrangente para Israel. Se o fizermos, teremos uma compreensão mais firme do que está acontecendo com Abraão e Isaque. Caso contrário, provavelmente distorceremos a história em Gênesis 22.

A primeira vez que Deus disse a Abr (ah) para "ir" (literalmente, "ir" [lek-leka]) foi quando ele deixou sua casa em Ur dos caldeus (babilônios) para ir "para a terra ['el -'erets] que eu vou mostrar a você "(Gênesis 12: 1). Esse notável ato de confiança foi baseado nesta promessa - que Deus faria por meio dele e de seus descendentes uma grande nação (12: 2-3). em Gênesis 22: 2, Deus ordenou a Abraão mais uma vez “ir”, usando a mesma construção

(literalmente, indo ir [lek-leka]) seguida pela familiaridade de “uma das montanhas da qual eu vou lhe contar. “Na verdade, ele deve ir para a terra ('el-ha'arets:“ região ”) de Moriah. Desta vez, Isaac, o filho da promessa da aliança, está envolvido. Abraham não poderia ter perdido a conexão que estava sendo feita. Sinos estão disparando na mente de Abraham.

No capítulo 12, Deus prometeu que tornaria os descendentes de Abraão tão numerosos quanto as estrelas. Depois da obediência de Abraão aqui, Deus confirma sua promessa de que fará sua descendência tão numerosa quanto as estrelas e a areia da praia (22:17). Gênesis faz uma conexão entre o chamado de Abraão (Gênesis 12) e sua obediência subsequente (Gênesis 22). A firmeza da fé de Abraão, o pai de Israel, estava sendo testada, e esse momento moldaria o pensamento e a identidade das gerações subsequentes de israelitas.6 Como escreveu um estudioso da Bíblia: “Qualquer israelita que ouvisse essa história entenderia que sua raça devia sua existência à misericórdia de Deus e sua prosperidade à obediência de seu ancestral”.!

Abraão havia deixado sua casa em Ur e desistido de seu passado por causa da promessa de Deus. Agora, ele estava sendo questionado se ele confiaria em Deus ao aparentemente renunciar a seu futuro também. Tudo o que Abraão sempre esperou estava ligado a este filho da promessa.8

O contexto mais próximo: Hagar e Ismael

Aqui chegamos ao contexto narrativo mais imediato - a saber, o que aconteceu com o primeiro filho de Abraão, Ismael, e sua mãe, Agar. A história de Ismael acaba sendo o campo de teste preliminar que informa a experiência posterior de Abraão.9 Não vamos esquecer que Ismael nasceu de Agar, a serva de Sara. Sara, com Abraão, presumiu que o fato de ela ter um filho biológico da promessa na velhice não daria certo (16: 1-4). Então Sara, imaginando que a maternidade substituta deve ser a maneira que Deus queria para cumprir sua promessa, disse a Abraão para tomar Hagar como sua substituta — como uma "esposa" de segunda ordem (v. 3). Isso, no entanto, acabou por ser uma plano mal concebido — um conceito errado! (Falaremos sobre esse versículo mais tarde em um capítulo futuro.)

Quando Hagar concebeu e começou a desprezar sua amante, Sara, isso causou muita tensão, e Sara a afastou. Mesmo assim, Deus encontrou Agar em seu desespero no deserto e disse-lhe para voltar a viver com Sara e Abraão. Lá, Hagar deu à luz o primeiro filho de Abraão. À medida que Ismael crescia, Abraão, sem dúvida, tornou-se bastante apegado ao filho.

Deus, entretanto, tinha planos diferentes. Ele garantiu a Abraão e Sarah que queria que o filho da promessa viesse de ambos os corpos, não apenas de Abraão. Por meio do cumprimento milagroso de Deus de sua promessa, Isaac nasceu. Mas na festa realizada quando Isaque foi desmamado, Ismael, agora um adolescente, zombou de Isaque (21: 9). Foi

doloroso o suficiente para Sarah ter sua serva Agar - em vez de ela - dar à luz o primeiro filho de Abraão. Mas para Ishmael então desprezar o próprio filho biológico de Sarah era demais para aguentar. Sarah queria mandar embora não apenas Ismael, mas também sua mãe, Hagar. Isso criou um dilema para Abraão (21:11). mandá-los embora acalmaria sarah, mas mandar Agar e Ismael para o deserto significava enfrentar circunstâncias adversas e riscos - possivelmente até a morte.

Mas Deus acalmou os temores de Abraão, assegurando-lhe que Ismael não morreria (21: 12-13). Na verdade, Yahweh já havia dito a ele: "Eu farei dele uma grande nação" (17:20). A própria Agar foi informada de que Deus "multiplicaria grandemente" seus descendentes (16:10). assim, Abraão poderia, com confiança, mandar Ismael embora com Hagar e confiá-los aos cuidados de Deus.

Então chegamos ao mandamento de Deus a Abraão para sacrificar Isaque. Abraão enfrentou um desafio difícil em relação a Ismael e estava ciente da promessa que Deus havia feito a respeito de Ismael. Embora Abraão tenha enviado Ismael para o deserto, Deus prometeu que ele viveria e se tornaria uma grande nação. Sem a promessa de Deus, Abraão estaria errado ao enviar Agar e Ismael para uma morte quase certa. assim, apesar da raiva de Sara com Hagar e Ismael, Deus garantiu a Abraão que ele proveria para Ismael e que Abraão não precisava se preocupar se estava agindo errado. Deus cuidaria de Ismael (e Agar) e cumpriria suas promessas a eles. então Abraão "levantou-se de madrugada" (21:14) - assim como faria com Isaque (22: 3) - e mandou os dois embora.

No fundo não estava apenas a garantia de Deus a respeito de Ismael. Deus também providenciou um filho milagroso para Abraão - um filho que viera do próprio corpo de Sara - "seu único filho" (Gênesis 22: 2). Este tão esperado filho da promessa também se tornaria uma grande nação. Ishmael foi um teste preliminar; Isaac traria um teste ainda maior. Abraão sabia que Deus cumpriria sua promessa a respeito de Isaque, mas não sabia o que Deus faria no final. Tudo o que ele podia fazer era confiar nas promessas de Deus e obedecer. de alguma forma, Deus teve que passar! A obediência de Abraão, vemos agora, foi realizada no contexto de sua consciência da libertação anterior de Ismael por Deus e do ato de Deus de providenciar o filho milagroso da promessa por meio de Sarah.

O Texto de Gênesis 22

Depois de examinar o texto bíblico ao redor, podemos nos aprofundar em Gênesis 22. Esse texto contém pistas adicionais - algumas delas sutis - para nos ajudar a entender melhor o que acontece nessa narrativa poderosa e desconcertante. Porque Abraão já conhecia o caráter fiel - e até terno - de Deus e suas promessas, ele estava confiante de que Deus de alguma forma cumpriria sua promessa a ele, independentemente de como isso fosse resolvido.

Quatro coisas sobre o caráter de Deus surgem à medida que trabalhamos em Gênesis 22. Primeiro, somos imediatamente informados do fato de que Deus está testando Abraão (v. 1). Deus não pretende que Isaque seja sacrificado. Não, Abraham ainda não está ciente do que o leitor sabe - a saber, que isso é apenas um teste.

Em segundo lugar, mesmo a dura ordem de Abraão é amortecida pela ternura de Deus. A diretriz de Deus é incomum: "Por favor, leve seu filho" - ou, como outro estudioso traduz: "Aceite, eu imploro, seu único filho".10 Deus é notavelmente gentil ao dar uma ordem difícil. Este tipo de comando divino (como um apelo) é raro. O comentarista do Velho Testamento Gordon Wenham vê aqui uma "dica de que o Senhor aprecia o preço do que está pedindo".!! Deus entende a magnitude desta difícil tarefa. Na verdade, um comentarista afirma que Deus não está exigindo aqui; portanto, se Abraão não pudesse ver os propósitos mais amplos de Deus e não pudesse fazer isso, ele não "incorreria em qualquer culpa" em recusar os apelos de Deus.12

Uma terceira indicação do bom caráter de Deus destaca sua fidelidade. Deus lembrou a Abraão de "seu filho, seu único filho, a quem você ama, Isaque" (v. 2). O reconhecimento da aliança de Deus é evidente: a promessa divina a Abraão não pode ser cumprida sem Isaque. Abraão está lutando para manter duas coisas em mente: seu profundo amor por Isaque é bom e correto, e as circunstâncias do nascimento de Isaque mostraram claramente que Deus estava cumprindo sua promessa de aliança a Abraão. Embora essa seja a coisa mais terrível e terrível que Abraão teria que fazer, ele está tentando aceitar como Deus cumpriria sua promessa por meio de Isaque.

Um quarto lembrete do caráter fiel de Deus é que Deus está enviando Abraão a uma montanha na região de Moriá - derivada da palavra hebraica ra'ah, "prover, ver, mostrar". Como observamos anteriormente, o lugar "que eu te direi" está ligado ao chamado inicial de Deus a Abrão para "ir" para "a terra que eu te mostrarei" (12: 1, ênfase adicionada). Abraão também estava ciente da provisão de Deus para Agar e Ismael quando eles fugiram. Hagar disse (usando a mesma palavra hebraica ra'ah): "Tu és um Deus que vê" (16:13). Portanto, na própria palavra Moriah ("provisão"), temos uma sugestão de salvação e libertação. Wenham observa proveitosamente: "A salvação é, portanto, prometida no próprio decreto que soa como aniquilação".13

Em todas essas maneiras, vemos a ternura fiel de Deus amortecendo a surpreendente aspereza do mandamento de Deus. É como se Deus dissesse a Abraão: "Estou testando sua obediência e fidelidade. Você não entende, mas à luz de tudo que fiz e disse a você, confie em mim. Nem mesmo a morte pode anular a promessa que fiz. "

O próprio Deus disse a Abraão que não seria Agar quem daria à luz o filho da promessa — embora Abraão (com Sara) pensasse que seria uma boa ideia: "Oh, que Ismael viva antes de Ti!" (Gênesis 17:18). Deus respondeu: "Não, mas Sara, sua esposa, vai lhe dar um filho. . . e

estabelecerei o meu pacto com ele, como pacto eterno com os seus descendentes depois dele ”(17:19). Deus garantiu a Abraão que Isaque, não Ismael, era o filho prometido.

Portanto, não podemos separar a promessa de Deus em Gênesis 12 e 17 do mandamento gentil de Deus em Gênesis 22. Abraão tinha confiança de que mesmo que o filho da promessa morresse, Deus de alguma forma cumpriria seus propósitos por meio daquele mesmo filho. Abraão acreditava que Deus poderia até mesmo ressuscitar Isaque dos mortos. É por isso que Abraão disse a seus servos antes de ir para o Monte Moriá com Isaque: “Vamos adorar e depois voltar para vocês” (Gênesis 22: 5 NVI, ênfase adicionada). Não é de admirar que o autor de Hebreus tenha observado que, visto que Abraão “recebeu as promessas”, ele “considerou que Deus é poderoso para ressuscitar também dentre os mortos” (11:17, 19). De alguma forma, Deus cumpriria suas promessas. Abraão tinha certeza disso ─ e elogiou por isso. Afinal, Abraão afirmou com segurança alguns capítulos anteriores: "Não deve o Juiz de toda a terra agir com justiça?" (Gen.

Abraão sabia que o caráter fiel de Deus significava que Deus não quebraria suas promessas. Não só é “impossível que Deus minta” (Hebreus 6:18; cf. Tito 1: 2), mas depois de prometer fazer de Abraão uma grande nação e trazer seus descendentes para a Terra Prometida, o próprio Deus “passou entre os pedaços ”de animais em uma exibição dramática de pirotecnia (Gênesis 15:17 NVI). De acordo com alguns estudiosos, esse gesto intrigante de “cortar” um pacto indica uma auto-maldição: Que eu seja como este animal cortado se não cumprir minha promessa (ver Jer. 34:18). Seja o que for que uma auto-maldição divina possa significar, ela mostra como Deus era supremamente dedicado a guardar sua aliança (por exemplo, Jr 33: 19-26).

Reflexões filosóficas sobre o mandamento de Deus a Abraão

Se Abraão recebeu a ordem de tirar uma vida inocente, devemos revisar o sexto mandamento, “Não matarás”? Ficamos com a pergunta: “Será que tirar uma vida de inocente alguma vez seria moralmente permitido?"14

Considere as seguintes declarações:

1. A ordem de Deus para fazer X obriga a pessoa Y a fazer X.
2. É errado matar seres humanos inocentes.
3. Deus ordenou a Abraão que tirasse uma vida inocente.

Podemos manter todas essas três afirmações com consistência? Podemos aceitar a declaração 1 - que devemos fazer o que um bom Deus ordena. (Afinal, os mandamentos de Deus estão enraizados em sua boa natureza e propósitos.) Por outro lado, a afirmação 2

normalmente é válida, mas devemos considerar o contexto específico para ver se sempre é válido - independentemente do mandamento de Deus. Será que, sob certas condições, tirar uma vida inocente pode ser moralmente justificado?

Considere o caso específico de uma gravidez ectópica: o óvulo humano fertilizado permanece e cresce na trompa de Falópio da mulher. Se o embrião continuar a crescer sem intervenção, a mãe certamente morrerá. Os eticistas geralmente concordam que, neste caso trágico, é moralmente permissível tirar uma vida humana inocente. A razão dada é um argumento de autodefesa - para proteger a vida da mãe. Sem intervenção, ambos morrerão.

Agora veja os ataques terroristas de 11 de setembro. Quando quatro aviões foram sequestrados, colocando em risco muito mais vidas do que os passageiros inocentes, o presidente deu ordens para abater os aviões, que de repente se transformaram em armas. Novamente, embora trágico, tal ordem foi justificada em uma tentativa de impedir a morte de muito mais pessoas inocentes.

Esses casos excepcionais permitem tirar vidas humanas inocentes. Todas as coisas sendo iguais, tais ações seriam moralmente permissíveis. Mas vamos explorar mais.

E se o mundo dos humanos fosse diferente da forma como o encontramos? O filósofo John Hare fornece esse experimento de pensamento.

O que aconteceria se Deus reorganizasse o mundo para que ele tivesse características diferentes e, portanto, maneiras diferentes de aplicar os princípios morais? Diga que Deus quis que aos dezoito anos os humanos matassem uns aos outros, mas que Deus os traria imediatamente de volta à vida e com saúde robusta. Nesse caso, matar pessoas nessa idade não seria grande coisa - ou grande coisa.15 Sim, neste mundo, pessoas mortas permanecem mortas (estamos deixando de lado a intervenção sobrenatural, é claro!). Essa é uma das razões pelas quais matar pessoas inocentes no mundo real é errado.

Vamos mudar para o cenário histórico único de Gênesis 22. Vimos que o contexto narrativo de Gênesis revela repetidas certezas e confirmações divinas de que Isaque era o filho da promessa e instrumento de bênçãos para as nações. Abraão realmente sabia que Isaque viveria até a idade adulta e teria descendência em cumprimento à promessa de Deus; então, se necessário, Deus traria Isaque de volta dos mortos: “nós voltaremos”, Abraão prometeu a seus servos. Portanto, se Abraão sabia que Deus cumpriria sua promessa da aliança, então Abraão tirar uma vida humana inocente neste caso — de acordo com o mandamento de Deus — era moralmente permissível.

Lembre-se de que nosso entendimento ético é parcialmente moldado por certos fatos sobre o mundo. Se vivêssemos em um mundo em que bater na cabeça das pessoas ajudasse a melhorar sua saúde em vez de causar danos e dor, essas ações seriam incentivadas. Sim, no mundo real, bater na cabeça das pessoas costuma causar danos. No entanto, esta ilustração mostra que o comando “Não bata na cabeça das pessoas” depende de certos dados no mundo.

Se certos fatos sobre o mundo fossem diferentes, o comando não seria obrigatório para nós.

E daí se os fatos sobre o mundo incluem um Deus bom que se revela especificamente e pode emitir ordens extraordinárias em contextos específicos e únicos e com razões moralmente suficientes? Mesmo que o crítico acredite que a história de Abraão não seja historicamente confiável, isso é irrelevante para nossos propósitos. O argumento do crítico parte do pressuposto de que esse evento ocorreu de acordo com o texto. A tarefa do crítico, então, é mostrar por que Abraão, dado o que sabia, não deveria obedecer à ordem de Deus. Afinal, Abraão sabia o resultado: tirar a vida de Isaque significaria apenas que Deus o ressuscitaria para que a promessa da aliança de Deus fosse cumprida. Sim, sem o comando de Deus, que pressupõe as promessas da aliança, Abraão estaria matando seu filho, mas não é isso que temos aqui.

Vimos que a afirmação 2 ─ tirar uma vida humana inocente é moralmente errado ─ tem seu próprio conjunto de exceções (por exemplo, gravidez ectópica). Deixando de lado essas exceções, o crítico assume erroneamente que essa afirmação é absolutamente correta, embora ignore ou rejeite certas verdades sobre a realidade. Ele ignora um ser sobrenatural que é capaz de trazer pessoas de volta dos mortos. Ele rejeita o fato de que Deus age na história, faz promessas, as cumpre e tem razões moralmente suficientes para fazer o que faz. A afirmação 2 se aplica a um mundo no qual pessoas mortas não voltam à vida após serem mortas. Portanto, a ordem de Deus não era imoral ou contraditória.

A Perspectiva do Novo Testamento sobre Abraão e Isaque

Jesus como o segundo Isaac

Comentando sobre Gênesis 22, Bart Ehrman observa: “O Deus que havia prometido [Abraão] um filho agora quer que ele destrua aquele filho; o Deus que ordena que seu povo não mate agora ordenou ao pai dos judeus que sacrificasse seu próprio filho. "16 No entanto, assim como Caifás, o sumo sacerdote, falou melhor do que sabia sobre Jesus (João 11: 47-52), então Ehrman está falando melhor do que sabe, sem abraçar as implicações teológicas. Vamos recuar um pouco, porém, para colocar as coisas em perspectiva.

Em seu livro O Deus Crucificado, o teólogo alemão Jurgen Moltmann cita o escritor judeu Elie Wiesel, que escreveu poderosamente em seu livro Noite sobre suas próprias experiências horríveis em Auschwitz, o infame campo de concentração nazista. Wiesel relata um evento que é particularmente comovente:

> A SS enforcou dois homens judeus e um jovem na frente de todo o acampamento. Os homens morreram rapidamente, mas os estertores da morte do jovem duraram meia hora. “Onde está Deus? Onde ele está?" alguém perguntou atrás de mim. Como o jovem ainda estava preso em tormento depois de muito tempo, ouvi o homem chamar novamente: "Onde está Deus agora?" E ouvi uma voz dentro de mim responder: “Onde ele está? Ele está aqui. Ele está pendurado na forca. ”

Qual é a resposta profunda de Moltmann à avaliação de Wiesel? "Qualquer outra resposta seria blasfêmia." O cristão se fortalece e se consola com o fato de que Deus sofre conosco e até mesmo entra em nosso sofrimento - principalmente na pessoa de Jesus de Nazaré na vergonhosa e humilhante cruz. Na verdade, um Deus que não sofre “faria de Deus um demônio”. Um Deus indiferente também condenaria os seres humanos à indiferença.17

A história de Abraão e seu “único filho” Isaque realmente prenuncia a oferta de Deus Pai o sacrifício redentor do “segundo Isaque” - seu “único Filho” (João 3:16 NET). Em vez de isso ser imposto ao Filho - divino “abuso infantil”, como Richard Dawkins chama - o Pai não se opõe ao Filho. Cristo voluntariamente deu sua vida e depois a retomou (João 10:15, 17- 18). Deus enviou seu Filho ao mundo (João 3:17) para carregar a maldição e alienação de Israel e da humanidade na cruz. No entanto, o próprio Deus o Filho veio ao mundo (João 9:39) para salvá-lo. Com três Vontades do Pai, do Filho e do Espírito unidas como uma, o Deus Triúno deu a si mesmo para resgatar e redimir a humanidade: “Deus estava em Cristo reconciliando Consigo o mundo” (2 Coríntios 5:19).

A obediência inquestionável, embora difícil, de Abraão ao Deus da aliança não apenas ajudou a moldar e confirmar a identidade de Israel em Abraão, mas também forneceu um contexto para a compreensão do imenso amor abnegado de Deus na dádiva de seu Filho. Quando a dedicação de Abraão ao mandamento de Deus foi confirmada, Deus disse: “Agora sei que temes a Deus, visto que não negaste a mim teu filho, teu único filho” (Gênesis 22:12).18 Voltando ao sacrifício de Abraão de Isaque, Paulo usa esta história para lembrar aos crentes da dedicação suprema de Deus a eles: "Aquele que não poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele gratuitamente todas as coisas? ”(Rom. 8:32). O sacrifício de Isaque por Abraão antecipou o auto-sacrifício de Deus em Cristo. Abraão demonstrou sua fidelidade a Deus, e o sacrifício de Deus demonstrou sua fidelidade a nós.19 O tipo de exigência que Deus fez de Abraão foi algo que o Deus Triúno estava disposto a realizar por si mesmo. Tão profundo é o amor de Deus por nós (Rom. 8: 31-32) que o falecido teólogo escocês Thomas Torrance estava disposto a ir mais longe e dizer que “Deus nos ama mais do que a si mesmo”.20

A crucificação foi um abuso infantil divino?

Dawkins, como vimos, considera a ordem para Abraão sacrificar seu filho Isaac como equivalente a "abuso infantil e bullying". Nós respondemos a essa acusação, mas devemos ir mais longe: a crucificação foi um exemplo de abuso infantil divino ? A crucificação justifica a violência ou talvez a passividade diante da injustiça?

Vimos que a acusação de “abuso” não leva em consideração todo o escopo das evidências bíblicas - como se a crucificação fosse forçada ao Filho. Considere 1 Pedro 2: 21-25:

> Para isso foste chamado, porque Cristo sofreu por ti, deixando-te um exemplo, que deves seguir os seus passos. “Ele não cometeu nenhum pecado, e nenhum engano foi encontrado em sua boca.” Quando eles lançaram seus insultos contra ele, ele não retaliou; quando ele sofreu, ele não fez ameaças. Em vez disso, ele se confiou àquele que julga com justiça. ele mesmo carregou nossos pecados em seu corpo na árvore, para que pudéssemos morrer para os pecados e viver para a justiça; por suas feridas vocês foram curados. Pois vocês eram como ovelhas que se extraviam, mas agora vocês retornaram ao pastor e supervisor de suas almas. (NIV)

Não temos nenhuma vítima passiva aqui. A morte de Jesus na cruz era parte do plano predeterminado do Deus Triúno - Pai, Filho e Espírito. Cada um sofreu nesta obra de reconciliação. Na fraqueza, Jesus realmente venceu o pecado e os poderes das trevas (João 12:31; Colossenses 2:15).

De acordo com o Evangelho de João, como vimos, o momento de Jesus ser “elevado” ou “glorificado” chega na hora da grande humilhação de Deus. Em vez de pensar na crucificação como a ausência de Deus — com o céu escuro e o grito de abandono (“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”) — este é realmente o momento em que a presença de Deus é mais evidente.

Deus se mostra na crucificação em meio a uma escuridão palpável, um terremoto e o rompimento da cortina do templo em duas. (Compare este evento com o céu escuro, o trovão e a voz de Deus no Monte Sinai.) O grande momento de Deus na história chega quando tudo parece perdido, quando Deus parece derrotado. A glória de Deus é revelada na auto-humilhação de Deus. Não, a crucificação não foi um ato de abuso infantil divino. Foi o evento marcante da história em que Deus se entregou por amor à humanidade.

Leitura Adicional

Crenshaw, James L. Um redemoinho de tormento. Minneapolis: Fortress, 1984. Ver esp. indivíduo. 1

Kierkegaard, S0ren. Medo e tremor. Várias edições.

Moberly, RWL A Bíblia, Teologia e Fé: Um Estudo de Abraão e Jesus. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

Sailhamer, John H. O Pentateuco como narrativa. Grand Rapids: Zondervan, 1992. Ver esp. pp. 33-79.

———. *O significado do Pentateuco.* Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009.

Wenham. Gordon J. Genesis 16-50. Comentário Bíblico Word 2. Dallas: Word, 1994.

PARTE 3

Vida no Antigo Oriente Próximo e em Israel

A sabedoria atemporal de Deus?

Etapas incrementais para corações endurecidos

Alguém postou uma "Carta Aberta à Dra. Laura" na internet.[1] A Dra. Laura Schlessinger, é claro, é a autora judia e (até recentemente) apresentadora de um programa de entrevistas no rádio que oferece conselhos práticos sobre relacionamentos, criação de filhos e dilemas éticos com base nos princípios do Antigo Testamento. Aqui está parte dessa carta, que está saturada de sarcasmo:

> Prezada Dra. Laura:
>
> Obrigado por fazer tanto para educar as pessoas sobre a Lei de Deus. Aprendi muito com seu programa e tento compartilhar esse conhecimento com o máximo de pessoas que posso. Quando alguém tenta defender o estilo de vida homossexual, por exemplo, eu simplesmente os lembro que Levítico 18:22 afirma claramente que isso é uma abominação. Fim do debate.
>
> Eu preciso de alguns conselhos seus, no entanto, sobre algumas das leis específicas e como segui-las:
>
> - Eu gostaria de vender minha filha como escrava, conforme sancionado em Êxodo 21: 7. Nos dias de hoje, qual você acha que seria um preço justo por ela?
> - Tenho um vizinho que insiste em trabalhar no sábado. Êxodo 35: 2 afirma claramente que ele deveria ser condenado à morte. Sou moralmente obrigado a matá-lo eu mesma?
> - Um amigo meu acha que, embora comer moluscos seja uma abominação (Lev. 11:10), é uma abominação menor do que a homossexualidade. Eu não concordo. Você pode resolver isso?
> - Levítico 21:20 afirma que não posso me aproximar do altar de Deus se tiver algum defeito de vista. Tenho que admitir que uso óculos de leitura. Minha visão tem que ser 20/20, ou há algum espaço de manobra aqui?
> - A maioria dos meus amigos do sexo masculino corta o cabelo, incluindo o cabelo em volta das têmporas, embora isso seja expressamente proibido em Levítico 19:27. Como eles deveriam morrer?
> - Sei de Levítico 11: 6-8 que tocar na pele de um porco morto me torna impuro, mas ainda posso jogar futebol se usar luvas?
> - Meu tio tem uma fazenda. Ele viola Levítico 19:19 ao plantar duas safras diferentes no mesmo campo, assim como sua esposa ao usar roupas feitas de dois tipos diferentes de linha (mistura de algodão / poliéster).
>
> Eu sei que você estudou extensivamente essas coisas; portanto, estou confiante de que você pode ajudar. Obrigado

novamente por nos lembrar que a palavra de Deus é eterna e imutável.

ASeu discípulo devotado e fã apaixonado.

O rabino do século XII Moses ben Maimon (Maimonides) contou 613 leis distintas (365 proibições, 248 ordens positivas) no Pentateuco. Fale sobre o que fazer e o que não fazer! Não é nenhum segredo que os ocidentais acham muitos desses comandos - e o antigo mundo do Oriente Médio em geral - desconcertantes. Eles parecem estar a milhões de quilômetros de nós - todos os regulamentos sobre leis alimentares e doenças de pele, sem mencionar as proibições de cortar as pontas da barba, usar tatuagens ou cozinhar cabrito no leite materno. Os preceitos, princípios e punições desconcertantes de Israel parecem estranhos, arbitrários e severos.

Quando os novos ateus se referem à "esquisitice onipresente" da Bíblia, isso pode ser simplesmente uma reação automática de esnobismo cultural ou aversão emocional. Também pode refletir falta de paciência para entender verdadeiramente um mundo diferente do nosso. CS Lewis adverte contra o esnobismo cronológico - a "aceitação acrítica do clima intelectual comum a nossa época e a suposição de que tudo o que ficou desatualizado está desacreditado nessa contagem".2

Como você responderia aos desafios da carta aberta? Nossa discussão na parte 3 examinará as leis que podem nos parecer aleatórias, bizarras e severas. Embora o mundo do Antigo Testamento seja em muitos aspectos um mundo estranho para nós, modernos, para sermos justos, devemos pelo menos tentar entendê-lo melhor.

Depois de algumas reflexões introdutórias para enquadrar a discussão, veremos questões relacionadas à limpeza e ao tratamento de mulheres e escravos, concluindo nossa discussão com a guerra israelita. Esperançosamente, essa discussão longa, mas de nível popular, ajudará a colocar as leis de Israel e as suposições do antigo Oriente Próximo na perspectiva adequada.

A Lei de Moisés: Inferior e Provisória

No Domingo de Ramos de 1865, o brilhante general confederado Robert E. Lee se rendeu ao tenaz e corajoso general do norte Ulysses S. Grant - às vezes chamado de Grant de "rendição incondicional". Este dia no Tribunal de Appomattox foi o fim decisivo para uma guerra custosa. Bem mais de seiscentos mil homens foram mortos na Guerra Civil - 2% da população dos Estados Unidos - e três milhões lutaram nela.

Apesar da vitória do Norte, da Proclamação de Emancipação que a precedeu (1º de janeiro de 1863) e da tentativa de Reconstrução do Sul, muitos brancos não mudaram de opinião em relação aos negros. Como nação, descobrimos que as proclamações e as legislações dos direitos civis podem ser leis, mas essas legalidades não erradicam o preconceito racial das

mentes humanas. Foi necessário muito tempo para fazer avanços significativos na busca por justiça racial.

Vamos mudar de assunto. Imagine uma nação ocidental ou representantes do Ocidente que acham melhor exportar democracia para, digamos, a Arábia Saudita. Pense nos obstáculos a superar! Seria necessária uma mudança radical de mentalidade, e simplesmente mudar as leis não alteraria o pensamento na Arábia Saudita. Na verdade, você provavelmente poderia imaginar uma oposição cultural em grande escala a tais mudanças.

Quando viajamos de volta ao longo dos milênios até o antigo Oriente Próximo, entramos em um mundo que é estranho para nós em muitos aspectos. A vida no antigo Oriente Próximo não seria apenas estranha para nós - com todas as suas formas e suposições estranhas. Também veríamos uma cultura cujas estruturas sociais foram gravemente danificadas pela queda. Dentro deste contexto, Deus levantou uma nação da aliança e deu ao povo leis pelas quais viver; ele ajudou a criar uma cultura para eles. Ao fazer isso, ele adaptou seus ideais a um povo cujas atitudes e ações foram influenciadas por estruturas profundamente imperfeitas. Como veremos com respeito à servidão, punições e outras estruturas, uma série de regulamentos e estatutos em Israel revela um Deus que acomoda. No entanto, ao contrário das caricaturas comuns dos Neo-ateus, essas leis não eram o ideal divino permanente para todas as pessoas em todos os lugares. Deus informou a seu povo que uma nova aliança duradoura seria necessária (Jr 31; Ez 36). Como o próprio Antigo Testamento admite, a lei mosaica era inferior e voltada para o futuro.

Isso significa que os ideais de Deus aparecem apenas no Novo Testamento? Não, os ideais são estabelecidos desde o início (Gn 1-2). O Antigo Testamento deixa claro que todos os humanos são portadores da imagem de Deus; eles têm dignidade, valor e responsabilidade moral. E o ideal de Deus para o casamento é uma união monogâmica de uma só carne entre marido e mulher. Além disso, certas proibições na lei de Moisés contra roubo, adultério, assassinato e idolatria têm relevância duradoura. No entanto, quando olhamos para os tratos de Deus com os humanos caídos no antigo Oriente Próximo, esses ideais foram ignorados e até mesmo profundamente distorcidos. Portanto, Deus estava trabalhando para restaurar ou mover-se em direção a esse ideal.

Sabemos que muitos produtos no mercado têm uma obsolescência planejada embutida. Eles são projetados para o curto prazo; eles não se destinam a ser duradouros e permanentes. O mesmo vale para a lei de Moisés: ela nunca teve a intenção de ser duradoura. Ansiava por uma nova aliança (Jr 31; Ez 36). Não é que a lei mosaica fosse ruim e, portanto, precisava ser substituída. A lei era boa (Rom. 7:12), mas era uma medida temporária que estava aquém do ideal; precisava ser substituído e preenchido.

Embora uma parte necessária do plano de desenvolvimento de Deus, a legislação do Sinai não era a palavra final de Deus. Como afirma o erudito bíblico NT Wright, "A Torá [lei de

Moisés no Sinai] é dada por um período específico de tempo, e então posta de lado ─ não porque fosse uma coisa ruim agora felizmente abolida, mas porque era uma coisa cujo propósito agora foi cumprido. "3 Esta é a mensagem do livro de Hebreus do Novo Testamento: a velha lei mosaica e outras instituições e figuras do Antigo Testamento como Moisés e Josué estavam prefigurando "sombras" que dariam lugar à "substância" e completude. Ou, como Paulo disse em Gálatas 3:24, a lei era um "tutor" para Israel preparar o caminho para Cristo.

Passos incrementais em direção ao ideal

Como então Deus tratou as estruturas patriarcais, a primogenitura (direitos do primogênito), a poligamia, a guerra, a servidão / escravidão e uma série de outros arranjos sociais decaídos que eram permitidos por causa da dureza dos corações humanos? Ele conheceu Israel no meio do caminho. Como Jesus declarou em Mateus 19: 8: "Por causa da dureza de seu coração, Moisés permitiu que você se divorciasse de suas mulheres; mas desde o início não foi assim. "Poderíamos aplicar esta passagem a muitas estruturas problemáticas dentro do contexto do antigo Oriente Próximo:" Por causa de sua dureza de coração, Moisés permitiu a servidão e patriarcado e guerra e assim por diante, mas desde o início não tem sido assim. " Eles não eram ideais e universais.

Depois que Deus convidou todos os israelitas - homens e mulheres, jovens e velhos - para serem uma nação de sacerdotes para Deus, ele lhes deu um código de aliança simples (Êxodo 20: 2223: 19). Seguindo os passos dessa legislação, Israel se rebelou contra Deus no incidente do bezerro de ouro (Êxodo 32). Os sumos sacerdotes também teriam sua própria rebelião participando de adoração idólatra e desviante (Lv 10). Como resultado de Israel se afastar de Deus, ele deu-lhes leis mais severas (Jer. 7; cf. Gal. 3:19). No Novo Testamento, Paulo assume que Deus tem suportado estruturas sociais inferiores e menos do que ideais e desobediência humana:

- Atos 17:30: Anteriormente, Deus "negligenciou os tempos de ignorância" e "agora declara aos homens que todas as pessoas em toda parte deveriam se arrepender".
- Romanos 3:25: Deus agora "demonstra [d] Sua justiça" em Cristo, embora "na paciência de Deus tenha passado os pecados anteriormente cometidos".

Como os dois lados da mesma moeda, temos a dureza humana e a paciência divina. Deus suportou muitos aspectos da queda humana e se ajustou de acordo. (Mais sobre isso abaixo.)

Portanto, a reação de Christopher Hitchens às leis mosaicas ("não somos obrigados por nada disso porque foi criado por animais humanos rudes e incultos") na verdade nos aponta

na direção certa de duas maneiras. Primeiro, a lei mosaica era temporária e, como um todo, não é universal e obrigatória para todos os humanos ou todas as culturas. Em segundo lugar, os tempos mosaicos eram de fato “rudes” e “incultos” de muitas maneiras. Portanto, a legislação do Sinai traz uma série de melhorias morais sem reformar completamente as antigas estruturas sociais e suposições do Oriente Próximo. Deus “trabalha com” Israel ao encontrá-lo. Ele encontra seu povo onde eles estão, enquanto procura mostrar-lhes um ideal mais elevado no contexto da vida no antigo Oriente Próximo. Como disse um escritor: “Se os seres humanos devem ser tratados como seres humanos reais que possuem o poder de escolha, então a 'melhor maneira' deve vir gradualmente. Do contrário, eles exercerão sua liberdade de escolha e se afastarão do que não entendem. "4

Dadas certas suposições fixas no antigo Oriente Próximo, Deus não impôs uma legislação para a qual Israel não estava pronto. Ele se moveu gradativamente. Conforme afirmado repetidamente no Antigo Testamento e reforçado no Novo Testamento, a lei de Moisés estava longe de ser ideal. Sendo o Deus prático que ele é, Yahweh (o título do Antigo Testamento para o Deus que faz a aliança) encontrou seu povo onde eles estavam, mas ele não queria deixá-los lá. Deus não baniu todas as estruturas sociais decaídas, imperfeitas e arraigadas quando Israel não estava pronto para lidar com os ideais. Levando em consideração o real, Deus codificou leis mais viáveis, embora dirigisse seu povo ao aperfeiçoamento moral. Ele condescendeu dando a Israel um ponto de partida, apontando-os para um caminho melhor.

À medida que avançamos nas Escrituras, testemunhamos um avanço moral - ou, de muitas maneiras, um movimento em direção à restauração dos ideais de Gênesis. Na verdade, as leis de Israel revelam melhorias morais dramáticas em relação às práticas de outros povos do antigo Oriente Próximo. O ato de Deus de incrementar a “humanização” das antigas estruturas do Oriente Próximo para Israel significou diminuição da aspereza e um status elevado de servos devedores, mesmo que certos costumes negativos não tenham sido totalmente eliminados.5

Então, quando lemos em Josué 10: 22-27 que Josué matou cinco reis cananeus e pendurou seus corpos em árvores o dia todo, não temos que explicar ou justificar tal prática. Essas ações refletem uma condição menos refinada moralmente. No entanto, esse tipo de texto nos lembra que, no desdobramento de seus propósitos, Deus pode usar heróis como Josué dentro de seu contexto e desenvolver seus propósitos redentores apesar deles. E, como veremos mais tarde, os relatos de guerra em Josué são, na verdade, bastante inofensivos em comparação com a barbárie de outros relatos do antigo Oriente Próximo.

Portanto, em vez de olhar para as Escrituras a partir de uma crítica pós-Iluminismo (que, como veremos mais tarde, está enraizada na influência cristã na cultura ocidental), podemos observar que as próprias Escrituras reconhecem a inferioridade de certos padrões do Antigo

Testamento. O Antigo Testamento oferece a Israel vários recursos para orientá-los quanto ao que é moralmente ideal. A legislação de Deus é dada a uma cultura moralmente menos madura que absorveu as atitudes moralmente inferiores e práticas pecaminosas do antigo Oriente Próximo.

Observe também que os padrões e rituais comuns de adoração do antigo Oriente Próximo - sacrifícios, sacerdócio, montanhas / lugares sagrados, festivais, ritos de purificação, circuncisão - são encontrados na lei de Moisés. Por exemplo, encontramos na lei hitita uma ovelha sendo substituída por um homem.6 Em sua providência, Deus se apropriou de certos símbolos e rituais familiares a Israel e os infundiu com um novo significado e significado à luz de sua salvação, atos históricos e sua relação de aliança com Israel.7 Esta "redenção" de antigos rituais e padrões e sua incorporação na própria história de Israel refletem anseios humanos comuns de se conectar com "o sagrado" ou "o transcendente" ou de encontrar graça e perdão. Na redenção histórica de Deus de Israel e, mais tarde, com a vinda de Cristo, o Cordeiro de Deus, esses tipos de rituais e símbolos foram cumpridos na história e colocados na perspectiva adequada.

Em vez de encobrir algumas das atitudes e práticas morais inferiores que encontramos no Antigo Testamento, devemos reconhecê-las livremente. Podemos apontar que eles estão aquém dos ideais de Gênesis 1-2 e afirmar com nossos críticos que não temos que defender tais práticas para todas as sociedades. Também podemos mostrar que qualquer uma das práticas questionáveis que encontramos no Antigo Testamento tem um testemunho contrário também no Antigo Testamento.8

O Movimento Redentor da Escritura

As leis do Antigo Testamento exibem um movimento redentor dentro das Escrituras. É fácil ficar preso neste ou naquele versículo isolado - o tempo todo deixando de ver o espírito redentor subjacente e o movimento da Escritura que se desdobra e progride. Por exemplo, o livro de William Webb Slaves, Women, and Homosexuals: descompacta esta perspectiva de "movimento redentor" encontrada nas Escrituras. O contraste é a interpretação estática que rigidamente "estaciona" em certos textos sem considerar o movimento mais amplo das Escrituras.

Algumas pessoas podem perguntar: "Isso é algum tipo de ideia relativística - que certas leis eram certas para o Israel do Antigo Testamento, mas agora há outro padrão certo para nós?" De forma alguma! Tenha em mente os seguintes pensamentos que já mencionamos :

- Os ideais finais de Deus em relação à igualdade e dignidade humana, bem como ao padrão de criação do casamento, surgiram logo no início (Gênesis 1-2).
- O antigo Oriente Próximo mostra um desvio desses ideais na sociedade decaída estruturas e dureza humana.

- Passos incrementais são dados ao Israel do Antigo Testamento que tolera certas deficiências morais, mas encoraja Israel a se esforçar mais alto.

Portanto, o Antigo Testamento não está afirmando o relativismo - isso era verdade no Antigo Testamento, mas não no Novo Testamento. Os ideais de Deus já existiam na criação, mas Deus se acomodou à dureza humana e às estruturas sociais decaídas. Meio pão é melhor do que nada - algo que consideramos natural no processo de troca de idéias no Ocidente. Em outras palavras, a ideia de que você pode progredir em direção ao ideal, mesmo que não consiga chegar lá de uma vez, está muito longe do relativismo. Em vez disso, seus olhos ainda estão fixados no ideal e você está se movendo gradativamente em direção a ele, mas os aspectos práticos da vida "no terreno" tornam difícil implementar o ideal de uma vez. Da mesma forma, as leis do Sinai estavam se movendo no direção certa, mesmo que certos contratempos permanecessem.

À medida que progredimos nas Escrituras, vemos com clareza crescente como as mulheres e servos (escravos) são afirmados como seres humanos com dignidade e valor. Vamos pegar escravos, por exemplo:10

- Cultura original do antigo Oriente Próximo: O tratamento geral dos escravos poderia ser muito brutal e humilhante, e os escravos normalmente ficavam à mercê de seus senhores; escravos fugitivos deviam ser devolvidos aos senhores sob pena de morte.
- Melhoria do Antigo Testamento na cultura do antigo Oriente Próximo: Embora várias leis de servo / escravo ainda sejam problemáticas, o Antigo Testamento apresenta um movimento redentor em direção a uma ética final: havia punições limitadas em contraste com outras culturas do antigo Oriente Próximo; havia uma atitude mais humanizada em relação aos servos / escravos; e escravos estrangeiros em fuga receberam refúgio em Israel.
- Melhoria do Novo Testamento em relação ao Antigo Testamento: Escravos (no Império Romano) foram incorporados ao corpo de Cristo sem distinção de senhores (Gl 3:28); os senhores deviam mostrar preocupação por seus escravos; os escravos eram encorajados a ganhar liberdade (1 Cor. 7: 20-22). Observe, porém, que o Império Romano institucionalizou a escravidão — em contraste com a servidão contratada humanizada do Antigo Testamento. Portanto, os escritores do Novo Testamento tiveram que lidar com um novo cenário, que era um grande retrocesso moral.
- Ideal final: Inclui a realização genuína dos ideais da criação em Gênesis 1: 26-27, em que os portadores da imagem de Deus vivem e trabalham juntos harmoniosamente e são tratados de maneira justa e graciosa; eles são vistos como pessoas plenas e iguais; e a humanidade genuína é restaurada em Cristo, o segundo Adão / o novo homem.

Embora esse movimento redentor opere para mulheres e servos / escravos nas Escrituras, o mesmo não pode ser dito para a atividade homossexual. Esta ação é constantemente vista de forma negativa - um afastamento do plano de criação de Deus. Embora eu entre em muitos detalhes em outro lugar sobre o tema da homossexualidade,11 deixe-me abordá-lo brevemente nesta discussão sobre o movimento redentor. Em vez de revelar alguma progressão nas atitudes em relação à atividade homossexual, as Escrituras do início ao fim são uniformemente negativas em sua avaliação. O comportamento homossexual, embora bastante comum no antigo Oriente Próximo e no mundo greco-romano, era simplesmente "estranho ao ethos judaico e cristão".12

Lembre-se de que atos homossexuais — não simplesmente inclinações / tendências jud foram julgados como imorais pelos autores bíblicos. Não existe nenhum movimento redentor para promover os atos homossexuais em direção ao aumento da aceitabilidade moral.

Alguns afirmam que as proibições contra atos homossexuais eram "apenas culturais" ou simplesmente "no mesmo nível" que as leis kosher ou de roupas dadas a Israel para separá-lo de seus vizinhos pagãos. Isso é muito rápido. Na verdade, a lei mosaica também proíbe adultério, bestialidade, assassinato e roubo. Certamente isso vai muito além

as medidas temporárias de comer camarão ou porco.

Como então esse movimento redentor se mostra nas Escrituras? Como ilustração, considere a progressão desde a permissão de Moisés de um certificado de divórcio em Deuteronômio 24: 1-4 até a discussão de Jesus sobre isso em Mateus 19. Jesus reconheceu a permissão - não a ordem - do divórcio em Deuteronômio 24 devido à dureza humana. Ainda assim, Jesus não simplesmente "estacionou" nesta passagem do Antigo Testamento e a interpretou rigidamente, como seus oponentes religiosos faziam. Ele considerou o componente redentor desta legislação. A certidão de divórcio era para proteger a esposa; uma mulher divorciada vulnerável normalmente tinha que se casar novamente para escapar da pobreza e da vergonha, ficando sob o abrigo de um marido. Esta lei levou em consideração o bem-estar da esposa para que ela não

Muitos líderes religiosos dos dias de Jesus tinham uma interpretação afetada dessa passagem, tornando difícil para eles ver que Moisés não estava comandando uma ética absoluta. Eles não podiam ver além da letra da lei para o espírito do texto. Este conflito de interpretações é semelhante ao de Marcos 2: 23-28: Jesus olhou para o espírito da legislação do sábado, informando seus críticos que "o sábado foi feito para as pessoas, não as pessoas para o sábado" (v. 27 NET)

Jesus instrutivamente apontou que a dureza humana estava por trás dessa legislação sobre o divórcio (Mt 19: 8). Afinal, Deus odeia o divórcio (Mal. 2:16); isso certamente não é o ideal. Em vez disso, Deus deseja que o marido e a esposa se apeguem um ao outro em amor e

compromisso por toda a vida (Gênesis 2:24). Mesmo assim, os líderes religiosos dos dias de Jesus abordaram o Antigo Testamento de maneira tão legalista que perderam o espírito por trás da legislação mosaica.

Ao longo deste livro, repetiremos a mensagem: a aliança de Israel no Antigo Testamento não era um ideal universal e nunca teve a intenção de ser assim. A aliança mosaica antecipou uma aliança melhor. Portanto, quando Sam Harris insiste que crentes bíblicos consistentes devem apedrejar seus filhos por acreditarem em idéias heréticas, ele está realmente atrasado! À medida que passamos do Antigo Testamento para o Novo Testamento, de Israel nacional para um Israel interétnico (a igreja), vemos uma mudança de uma aliança projetada para uma nação - com suas próprias leis civis e sistema judicial - para um novo arranjo para o povo de Deus espalhados por todas as nações do mundo e cuja cidadania é celestial. No Antigo Testamento, a pena de morte podia ser aplicada por adultério, por exemplo. No entanto, quando chegamos ao Novo Testamento, o povo de Deus - não mais nacional, entidade cívica - devem lidar de maneira muito diferente com o adultério. O cristão professo que se recusa a interromper seu comportamento adúltero depois de advertência apropriada e preocupação amorosa é disciplinado pela excomunhão (esperançosamente temporária) (1 Coríntios 5: 1-5). O cristão pode concordar que embora o adultério possa ser tolerado legalmente pelo estado (não prendemos as pessoas por isso), ele não deveria ser tolerado na igreja. O objetivo de toda disciplina de remoção (esperançosamente temporária) é a restauração da comunhão - para que “seu espírito seja salvo” (v. 5). O cristão pode concordar que, embora o adultério possa ser tolerado legalmente pelo estado (não prendemos as pessoas por isso), ele não deveria ser tolerado na igreja. O objetivo de toda disciplina de remoção (esperançosamente temporária) é a restauração da comunhão - para que “seu espírito seja salvo” (v. 5). O cristão pode concordar que, embora o adultério possa ser tolerado legalmente pelo estado (não prendemos as pessoas por isso), ele não deveria ser tolerado na igreja. O objetivo de toda disciplina de remoção (esperançosamente temporária) é a restauração à comunhão - para que “seu espírito seja salvo” (v. 5).

Portanto, ao examinarmos muitas dessas leis mosaicas, devemos apreciá-las em seu contexto histórico, como uma provisão temporária e graciosa de Deus. No entanto, devemos também olhar para o espírito e movimento subjacentes ao longo da história da salvação.

História de Israel: diferentes estágios, diferentes demandas

A história de Israel envolve vários estágios ou contextos.[13]

Estágio # 1: Clã ancestral errante (mishpachah): Gênesis 10: 31-32
Etapa 2: Povo / nação teocrática ('am, goy): Gênesis 12: 2; Êxodo 1: 9; 3: 7; Juízes 2:20
Estágio # 3: Monarquia, estado institucional ou reino (mamlakah, malkut): 1 Samuel

24:20; 1 Crônicas 28: 5
Etapa 4: Remanescente aflito (she'erit): Jeremias 42: 4; Ezequiel 5:10
Etapa 5: Comunidade pós-exílica / assembléia da promessa (qahal): Esdras 2:64; Neemias 13: 1

Com esses contextos diferentes, vêm as demandas éticas diferentes. Cada nova situação exige respostas éticas ou obrigações diferentes que lhes correspondem. Não fique com a ideia errada, entretanto. Não é como se essa visão defendesse a "ética da situação" - que em algumas situações, digamos, o adultério é errado, mas em outras situações pode ser "a coisa amorosa a se fazer".

Em vez disso, o Antigo Testamento nos fornece muitas percepções morais permanentes de cada um desses estágios. Portanto, durante o estágio de clã errante, ganhamos percepções duradouras sobre os compromissos de amor e preocupação mútuos, bem como a importância da reconciliação para superar o conflito. Os patriarcas confiaram em um Deus que faz alianças; Deus clamava por plena confiança ao guiá-los em circunstâncias difíceis e imprevisíveis. E durante o estágio teocrático de Israel, uma visão duradoura é a necessidade de reconhecer que todas as bênçãos e prosperidade vêm das mãos de Deus - que não são um direito, mas um dom da graça. O próprio

A resposta é gratidão e viver uma vida santa de acordo com o chamado de Israel.

Novamente, o que estamos enfatizando está longe de ser relativismo moral; só que junto com essas mudanças históricas surgiram diferentes desafios éticos. Durante o estágio de clã errante, por exemplo, Abraão e os outros patriarcas tiveram apenas envolvimentos políticos acidentais ou excepcionais. E mesmo quando Abraão teve que resgatar Ló após um ataque (Gên. 14), ele se recusou a lucrar com benfeitores políticos. Por meio de um vínculo de aliança, Yahweh era o protetor e fornecedor dos patriarcas vulneráveis.

Depois disso, Israel teve que esperar 430 anos e se submeter à escravidão no Egito até que a bolsa dos pecados dos amorreus se enchesse a ponto de estourar (Gênesis 15:16). Deus certamente não agiu precipitadamente contra os cananeus! Deus libertou Israel da escravidão, proporcionando um lugar para ela viver e fazendo dela uma entidade política, uma nação que faz história. Uma teocracia foi então formada com seu próprio ambiente religioso, social e político.

Para adquirir terras para viver como uma teocracia e, eventualmente, preparar o caminho para a vinda de um Messias-Redentor, a guerra (como uma forma de julgamento do pecado totalmente amadurecido) estava envolvida. Deus usou Israel para neutralizar as fortalezas militares cananeus e expulsar um povo moral e espiritualmente corrupto - além da redenção. Os cananeus haviam caído abaixo da esperança de retorno moral, embora Deus não rejeitasse

aqueles que reconheceram a justiça de Deus e seu poder em libertar Israel do Egito (como Raabe e sua família). Esse assentamento da terra era uma situação bem diferente do estágio de clã errante e exigia uma resposta diferente.

Mais tarde, quando muitos do povo de Deus foram exilados na Babilônia, eles foram obrigados a lidar com essa situação de maneira diferente do que no estágio teocrático anterior. Eles deveriam construir jardins, estabelecer-se, ter filhos e orar pelo bem-estar da Babilônia - o próprio inimigo que os havia desalojado ao levá-los ao exílio (Jr 29: 4-7). As obrigações e o relacionamento de Israel com as nações gentílicas dificilmente permaneceram fixos ou estáticos.

A falácia do “devo”

Christopher Hitchens menciona “os filhos ingratos e rebeldes de Israel”.14 Na verdade, o Velho Testamento está cheio de personagens profundamente falhos e humanos demais. O crítico se pergunta: "Que tipo de modelo é Abraão (que mente sobre Sara), ou Moisés (que mata um egípcio), ou Davi (que estupra Bate-Seba pelo poder e depois faz com que seu marido, Urias, seja morto)?" O crítico tem razão: não é assim que as coisas deveriam ser feitas. Mas os autores bíblicos freqüentemente não comentam sobre tais ações porque (pelo menos em parte) eles presumem que não precisam. Em outras palavras, isso não significa dever; a maneira como os personagens bíblicos agem não é necessariamente um endosso de seu comportamento.

Aqui está uma pergunta que devemos ter o cuidado de fazer: Que tipo de exemplo eles são ─ moralmente excelentes, maus / imorais ou algo entre os dois? Na verdade, 1 Coríntios 10 se refere aos "ingratos e rebeldes" filhos de Israel que são cheios de teimosia e traição. Eles acabam servindo como exemplos negativos vívidos e devemos evitar imitá-los. Podemos rejeitar a noção de que "se for a Bíblia, deve ter o selo de aprovação de Deus. "

Veja o rei Davi. Ele é mais como uma figura nas tragédias gregas - um herói com falhas profundas, um saco moral misturado. David é muito parecido com você e eu. Ele ilustra os altos e baixos do sucesso e do fracasso moral. O estudioso do Antigo Testamento John Barton explica desta forma: “A história de Davi lida com a raiva, a luxúria, a ambição e a deslealdade humanas sem nunca comentar explicitamente sobre essas coisas, mas contando sua história de uma forma que o leitor seja obrigado a olhá-las o rosto e reconhecer sua afinidade com os personagens em que são exemplificados. "15

Os escritores bíblicos freqüentemente desconstroem sutilmente personagens importantes como Gideão e Salomão, que são caracterizados por liderança falha e compromisso espiritual.16 Em uma inspeção mais próxima, o status de herói concedido a Abraão, Moisés e Davi no Antigo Testamento (e ecoado no Novo Testamento) está enraizado não em sua perfeição moral, mas em sua dedicação intransigente à causa de Yahweh e sua forte

confiança no promessas de Deus em vez de cair na idolatria de muitos de seus contemporâneos.

Além disso, muitos dos regulamentos de Israel são casos casuísticos — de jurisprudência. Ou seja, que regras devem ser estabelecidas se tal e tal cenário se apresentar? Esses cenários não estão necessariamente sendo endossados ou aplaudidos como bons ou ideais. Por exemplo, se alguém roubar os bens de outra pessoa ou se alguém quiser se divorciar, certas ações devem ser tomadas nessas circunstâncias inferiores. Roubar não é uma coisa boa, nem o divórcio!

Ao contrário dos códigos de leis abstraídos do antigo Oriente Próximo, a lei mosaica é cercada por longas narrativas que muitas vezes ilustram a vida ética de Israel. Seja por fracasso, sucesso ou algo intermediário, os personagens e eventos bíblicos muitas vezes colocam carne e ossos em mandamentos éticos. Sim, o prólogo e epílogo do Código de Hammurabi está cheio de exaltação própria e promessas éticas, mas é bastante a-histórico. Na verdade, ao comparar o Antigo Testamento com outras visões de mundo do antigo Oriente Próximo - incluindo princípios, história, aliança, ética e teologia - quaisquer diferenças superficiais desaparecem. Como John Oswalt argumentou recentemente, o Velho Testamento apresenta uma perspectiva religiosa totalmente única que se diferencia de suas contrapartes do antigo Oriente Próximo.17

Em outra nota, Hammurabi afirma meramente falar pela divindade Shamash; os hititas afirmavam que o deus sol estabeleceu as leis da terra. Moisés, por outro lado, não é o legislador em nome de Deus. Em vez disso, a lei retrata um Deus pessoalmente interativo que fala inteiramente na primeira pessoa:18 “Se tu o afligires [a viúva ou o órfão] de alguma forma, e se ele clamar a mim, certamente ouvirei o seu clamor; e minha ira se acenderá "(Êxodo 22: 23-24); novamente:" Não contaminarás a terra em que vives, no meio da qual eu habito "(Números 35:34). A ação histórica de Deus de libertar o Israel escravizado do Egito torna-se um modelo de como Israel deve viver - por exemplo, como tratar os alienígenas e os desfavorecidos em seu meio.

Isso significa que os humanos não podem usar seu julgamento para criar novas leis? De jeito nenhum! Moisés seguiu o conselho de seu sogro de criar um sistema de audiência judicial para que ele não trabalhasse demais (Êxodo 18); Davi estabeleceu um estatuto sobre dar uma parte justa para aqueles que lutaram e para aqueles que guardavam suas bagagens (1 Sam. 30: 22-25).

Claro, devemos lembrar que só porque o texto bíblico afirma historicidade e envolvimento divino, isso ainda não prova nada. No entanto, como o egiptólogo Kenneth Kitchen e outros argumentaram, com o passar do tempo, as alegações históricas antes duvidosas do Antigo Testamento - se o custo de escravos no antigo Oriente Próximo, camelos em listas de gado durante a época de Abraão, a realeza de Davi, as minas de Salomão, a metalurgia dos filisteus

ou a existência dos hititas - acabam por estar ancorados na história do antigo Oriente Próximo.19 O Antigo Testamento retrata um Deus preocupado o suficiente para entrar e agir na história, e esses eventos e interações reais devem moldar e inspirar o caráter e as ações do povo de Deus.

Estas são algumas questões importantes que nos ajudarão ao abordarmos a lei de Moisés - um presente gracioso temporariamente dado ao Israel nacional que uniu os ideais de Deus e as realidades da vida do antigo Oriente Próximo e da dureza humana. Algumas das leis problemáticas, severas e aparentemente arbitrárias do Velho Testamento - embora inferiores e menos do que moralmente ideais - são muitas vezes uma melhoria em

o que vemos no resto do antigo Oriente Próximo. Deus teve que se contentar com menos do que o melhor com o Israel nacional; no entanto, ele ainda desejava aprimoramento moral e obediência espiritual, apesar das estruturas sociais decaídas e da rebelião humana.

Muito no Antigo Testamento nos lembra visivelmente da graça abundante de Deus, apesar do pecado humano e das estruturas sociais danificadas pela queda. Vemos regularmente Deus trabalhar em e por meio de seres humanos pecaminosos - por mais ineficiente que pareça! - para realizar seus objetivos abrangentes.

Leitura Adicional

Copan, Paul. “As leis do Antigo Testamento são más?" Em Deus é grande, Deus é bom: *Por que acreditar em Deus é razoável e responsável*, editado por Chad Meister e William Lane Craig. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009.

Goldingay, John. Diversidade teológica e a autoridade do Antigo Testamento. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

Gundry, Stanley N. e Gary T. Meadors, eds. Quatro visões de ir além da Bíblia para a teologia. Grand Rapids: Zondervan, 2009.

Hoffmeier, James K. A Arqueologia da Bíblia. Grand Rapids: Kregel / Lion, 2008.

Webb, William J. Slaves, Women, and Homosexuals: Exploring the Hermeneutics of Cultural Analysis. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001.

Wenham, Gordon J. História como Torá: Lendo a narrativa do Antigo Testamento com ética. Grand Rapids: Baker Academic, 2004.

Wright, Christopher JH Ética do Velho Testamento para o Povo de Deus. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004.

A esquisitice onipresente da Bíblia?

Alimentos Kosher, Koo 炒 Eaws?(1)

Imagine um triângulo com as seguintes categorias: Deus no canto superior com o povo de Deus e a terra de Israel nos cantos inferiores. A lei dada a Israel por Moisés enfatizou esses três ângulos intimamente conectados - o teológico, o social e o econômico. Esses temas interligados fundamentaram a aliança de Deus com Israel no Monte Sinai. A terra (o econômico) é um presente de Deus (o teológico) ao seu povo da aliança (o social). Portanto, quando um vizinho, digamos, move pedras de fronteira para ampliar seu próprio território, isso tem um impacto social, afetando a subsistência de seu vizinho. Este ato de roubo de um vizinho não é apenas uma violação da sociedade; é uma violação contra Deus também. Ou considere como o adultério coloca uma família em convulsão, sem mencionar que causa uma ruptura no tecido social de Israel. Foi uma ofensa a Deus também. Então, quando o único Deus faz uma aliança com seu povo (no Sinai) pouco antes de fornecer uma terra para eles, ele está tentando remodelar seu povo em uma nação muito diferente de seus vizinhos.

Com relação à sociedade israelita, pesquisas sociológicas revelam que, no início, a identidade de Israel era classificada por tribos, clãs e famílias (famílias extensas). Resumindo, Israel tinha uma estrutura tribal e de parentesco. Aspectos econômicos, jurídicos, religiosos e até militares da vida foram orientados em torno dessa formação social. Em contraste, os cananeus tinham uma espécie de sistema feudal com uma elite poderosa no topo e os camponeses na base.

Em relação à terra, muitas famílias extensas eram proprietários de terras. Essas unidades familiares tinham considerável liberdade social; A sociedade israelita era “socialmente descentralizada e não hierárquica” até a época de Salomão em diante.

Em contraste, os reis cananeus eram donos de todas as terras. Os camponeses tinham que

trabalhar a terra como arrendatários e pagar impostos.1 Novamente, temos melhorias dramáticas na lei israelita em contraste com os cananeus.

No Sinai, o Criador se vinculou a Israel em uma aliança de amor, a lei mosaica, que se estende de Êxodo 20 a Números 10 e é recapitulada em Deuteronômio (a "segunda lei") para a próxima geração de israelitas prestes a entrar em Canaã. neste pacto existem leis aparentemente estranhas e arbitrárias do Antigo Testamento.O ateu Bertrand Russell questionou a ordem de não cozinhar cabrito no leite de sua mãe (Êxodo 23:19; 34:26; Deuteronômio 14:21); essa exigência parece arbitrária aos nossos ouvidos, afirmou ele, porque estava enraizada em algum ritual antigo.2 Como Russell, quando lemos ordens sobre leis de vestuário, leis de plantio, leis de alimentos, leis que proíbem tatuagens ou estragar os cantos da barba, podemos nos perguntar: “Por que diabos. . . ? Qual é o ponto? "Além de seu propósito para a nação de Israel no Antigo Testamento, de que servem eles para nós hoje? Eles têm alguma relevância para nós? Mesmo que os cristãos não estejam sob a aliança mosaica", mas sob a graça "(Rom. . 6:14), que relação a aliança mosaica tem com aqueles de nós que vivemos na era da nova aliança iniciada por Cristo?

Tenha em mente esta afirmação que é digna de total aceitação: a lei de Moisés não é eterna e imutável. Apesar do que os novos ateus presumem, os próprios sábios e videntes do Velho Testamento anunciaram que a lei de Moisés era intencionalmente temporária. Sim, vemos Deus dizendo coisas como “não acrescentarás nem tirarás a palavra que te ordeno” (Deuteronômio 4: 2), mas mesmo aqui está no contexto de adoração sem imagens (vv. 15-18).3 Também vemos adaptação dentro da própria lei, como as filhas de Zelophehad solicitando uma legislação atualizada para resolver sua questão de herança (Números 27: 1-11). Além disso, os santos do Antigo Testamento aguardavam uma nova aliança (Jr 31; Ez 36). Dentro da própria lei, somos informados de que viria um tempo em que Deus circuncidaria o coração de seu povo (Deuteronômio 30: 1-6). Portanto, não pensemos que estamos falando sobre a aplicação universal de todas as leis do Antigo Testamento para os tempos pós-Antigo Testamento.

História de Israel, atividade de Deus

O jornalista britânico do século XIX William Ewer escreveu: “Que estranho da parte de Deus escolher os judeus.” Bem, a graça é uma coisa incrível - e de certa forma estranha. Por que Deus escolheu a nação de Israel e não outra? porque possuía algum direito ou havia ganhado o favor de Deus para ser escolhido. Israel devia sua própria existência à atividade salvadora de Deus na história. O status de Israel como uma teocracia (sob o "governo de Deus") era um privilégio - e uma responsabilidade - enraizado em a graça de Deus.

A lei de Moisés não se manteve por si mesma como um mero código de lei antigo. É único

por estar entrelaçado em uma narrativa histórica dinâmica de uma atividade de Deus que faz alianças por meio de Israel desde o início: “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da escravidão. Não terás outros deuses diante de mim ”(Êxodo 20: 2-3). O ato de libertação graciosa de Deus - junto com sua interação com os seres humanos na história - estabelece o contexto para a entrega da lei mosaica por Deus. Na verdade, os eventos da história de Israel muitas vezes ilustram e esclarecem questões levantadas na lei mosaica.

Portanto, interpretaremos mal essas questões mosaicas se pensarmos que as obrigações de Israel consistiam apenas em comer alimentos kosher, permanecer ritualmente limpo, mantendo-se longe de cadáveres e carcaças, e ir ao inspetor-sacerdote de saúde para examinar doenças de pele, crostas e mofo. . Por um lado, Deus desejava que Israel o amasse e se apegasse a ele (Deuteronômio 6: 5; 10:20), o que não é exatamente redutível a guardar leis! Além disso, as ações de Deus na história moldaram a identidade de seu povo como povo da aliança de Deus; a libertação do Egito, por sua vez, deveria moldar a motivação interna da nação com base na gratidão. Por exemplo, porque Deus graciosamente resgatou seu povo do Egito, Israel deveria se lembrar de tratar com compaixão os estranhos e menos afortunados em seu meio.

Todos nós conhecemos pais que acham que seus filhos não podem fazer nada de errado. É frustrante quando você está tentando treinar essas crianças nos esportes ou ensiná-las em uma sala de aula. Alguns críticos inventam essa mesma acusação contra Deus - que ele está tratando Israel com um favoritismo cego. Não tão! Na verdade, Deus prometeu a Israel que ela iria - e recebeu - os mesmos julgamentos que Deus trouxe sobre as nações moralmente corruptas que a cercavam (Deuteronômio 28: 15-68; Josué 23: 14-16). Deus regularmente lembrava a Israel que não era sua justiça, mas sim a graça de Deus que trouxe sua posição escolhida (Deuteronômio 9: 4-5); em resposta, eles deveriam tratar os pobres e vulneráveis com compaixão e ser uma bênção para as nações vizinhas.

Essa imagem expressa o que um estudioso chama de ideal graça-gratidão: “Isso é o que Deus fez por você. Portanto, por gratidão, você deve fazer o mesmo pelos outros. "4 O próprio contexto da lei era a graça. Não ter “outros deuses” (junto com os outros nove mandamentos) é precedido pelo lembrete de que Deus libertou Israel da escravidão (Êxodo 20: 2). Ser o povo graciosamente escolhido de Deus significava a obrigação de Israel de viver sabiamente diante das nações (Deuteronômio 4: 6-7).

Alguns filósofos ateus se opuseram à ideia de um “povo escolhido” this que isso, por si só, é inerentemente imoral. Louise Antony pergunta: “Que parte do 'povo escolhido' você não entende?”5 Na verdade, ela não entendeu muito bem! Deus não apenas ameaça Israel com os mesmos julgamentos que traz a outras nações, mas também lembra a Israel que ele está trabalhando nas nações do mundo: “Não sois vós como filhos da Etiópia para mim, ó filhos de Israel? . . . Não fiz eu subir Israel da terra do Egito, e os filisteus de Caftor e os arameus de

Quir? ” (Amós 9: 7). Quando encontramos Melquisedeque, Abimeleque, Jó, Raabe, Rute e outros não israelitas no Antigo Testamento, somos lembrados das palavras de Paulo ─ que um Deus salvador e redentor não está longe de cada um de nós (Atos 17:27), seja antes ou depois de Cristo. E a escolha de Israel por Deus não foi um fim em si mesmo, mas um meio de abençoar todas as nações.

“Uma nação sob Deus”

A ideia do Manifest Destiny moldou grande parte da vida americana, embora o termo tenha entrado em uso na década de 1840 para validar a expansão dos Estados Unidos no Texas, México e Oregon. No início da história da América, muitos protestantes que vieram para a América acreditavam que estavam estendendo a Reforma; A mão especial de bênção de Deus estava sobre eles enquanto esperavam realizar o sonho pós-milenar: trazer o reino de Deus à terra. O governador da Colônia da Baía de Massachusetts, John Winthrop (1588-1649), viu a colônia da Nova Inglaterra como "uma cidade sobre uma colina" com "os olhos de todas as pessoas ... sobre nós".6 O problema aqui era que a visão dos primeiros colonos estava turva; eles não distinguiram entre igreja e estado. Eles presumiram que eram o novo povo de Deus embarcando em um novo êxodo - uma missão no deserto - para fazer a teocracia da maneira certa.

Hoje, muitos cristãos americanos parecem misturar igreja e estado. Eles acreditam que a comunidade de crentes genuínos na América é o povo de Deus - tanto no céu quanto na terra. Mas a nação da América não é o povo de Deus; não vivemos em uma teocracia. Quanto mais cedo os cristãos perceberem isso, mais cedo

a igreja pode ter um impacto mais profundo como sal e luz na sociedade.

As coisas eram diferentes no Monte Sinai. Uma verdadeira teocracia estava sendo criada, a única que existiria. Igreja e estado estavam unidos.7 Alguns leitores podem estar pensando: “Mas os muçulmanos também têm suas teocracias!” Não vou perder tempo aqui para argumentar a favor da autoridade única do Velho Testamento como revelação especial de Deus a Israel, em oposição a, digamos, o Alcorão.8 Estou apenas tentando ajudar a entender melhor as dificuldades encontradas no Velho Testamento.

Sob a aliança mosaica, o Israel nacional existia de maneira única como uma teocracia, e mesmo esse arranjo não pretendia ser ideal e permanente. Este ambiente ajudaria a preparar o contexto cultural e teológico para a revelação de Deus de Jesus de Nazaré “quando vier a plenitude dos tempos” (Gl 4: 4). O ministério, morte e ressurreição de Jesus e o dom do Espírito levariam à criação de uma nova comunidade interétnica - o verdadeiro Israel como o novo sacerdócio real e nação santa (1 Pedro 2: 9). A teocracia do Antigo Testamento deu lugar a uma nova comunidade de aliança de cada nação e língua - a igreja (ver Mt 8: 11-12;

21:43). A queda de Jerusalém em 70 DC marcou o fim dessa transição, sinalizando o fim do Israel nacional / étnico como povo de Deus.9

Novamente, o Israel do Antigo Testamento foi a única teocracia genuína que existiu, e foi temporário. Além disso, o Israel nacional foi estabelecido por Deus para ajudar a definir o contexto religioso, cultural e histórico para a obra salvadora de Jesus, o Messias, mais tarde na história. O objetivo final é nada menos do que a salvação de Deus sendo levada a todas as nações (Gênesis 12: 3) e vendo seu governo justo finalmente estabelecido (2 Pedro 3:13).

Santidade em toda a vida

Os israelitas pareciam ter leis que cobriam tudo - leis sobre alimentos, leis sobre roupas, leis de plantio, leis civis, leis sobre casamento e relações sexuais. Eles não pretendiam ser exaustivos. Em vez disso, deveriam ser vistos primeiro como lembretes visíveis de viver como povo santo de Deus em todas as áreas da vida. Não havia divisão entre o sagrado e o secular, entre o sagrado e o profano. Deus estava preocupado com a santidade em todas as coisas - as maiores e as menores, as significativas e as mundanas. Nessa legislação, Israel estava sendo lembrado de que ela era diferente, um povo santo separado para servir a Deus.10

Santidade não era apenas para padres oficiais; era para todo o povo de Israel. Na verdade, eles foram chamados de “um reino de sacerdotes” e “uma nação santa” (Êx 19: 6). Visto que Deus é santo ou separado, seu povo também deveria ser (Levítico 11:44). Os israelitas deveriam ser "marcados", assim como o dia de sábado foi "marcado" ou "separado como santo" para o Senhor (Gênesis 2: 3). Poderíamos reformular a ordem "sê santos, porque eu, Senhor é santo "(Lv 19: 2) desta forma:" Vós sereis meu povo e só meu, pois eu sou o vosso Deus e só vosso. "11 Esse relacionamento pode ser comparado aos votos matrimoniais sérios de que falamos anteriormente. Ser povo de Deus significa viver uma vida dedicada a Deus em todos os aspectos da vida.

Essa santidade não era pretensão religiosa - uma falsidade que parecia intacta e decente por fora, mas estava rachada e apodrecendo por dentro. Quando Deus prescreveu rituais, ele queria que representassem humildade de coração e amor a Deus e ao próximo (Salmos 51: 15-19). Deus odiava ritos como “festivais. . . assembléias solenes. . . ofertas queimadas e. . . ofertas de grãos "quando o povo de Deus ignorava" justiça "e" retidão "(Amós 5: 21-24). Comer alimentos kosher e prestar atenção aos rituais não importava se a adoração a Deus e o tratamento de outros não fossem kosher .12

Alimentos, roupas e leis de plantio não eram mandamentos minuciosos que Deus deu para oprimir Israel. Os profetas a lembraram de que Deus se preocupava principalmente com a

justiça, a misericórdia e o andar humilde diante de Deus (Deuteronômio 10:12; Miq. 6: 8). Essa preocupação moral subjacente, no entanto, não cancelou as prescrições rituais - com seu rico significado teológico - mesmo muito mais tarde na história de Israel, após o exílio na Babilônia.13

O cristão (e podemos acrescentar o não-cristão também) deve aprender a lição que Deus queria ensinar ao antigo Israel: viver sob o reinado de Deus deve afetar toda a vida. A presença de Deus permeia e satura nosso mundo. O céu e a terra estão cheios de sua glória (Salmos 19: 1-2; Isaías 6: 3). Deus não está isolado em algum domínio religioso privado. Deus está ─ por controle direto ou permissão divina para não violar a liberdade humana ─ soberanamente atuando em todos os ritmos da criação e funcionamento da história humana. Ele está tecendo uma tapeçaria para trazer todas as coisas ao clímax em Cristo. Como disse o escritor do hino, Deus "fala comigo em todos os lugares".14

Limpo e sujo

Ouvimos a frase "limpeza está próxima da santidade". Nos tempos do Velho Testamento, isso estava mais perto da verdade do que podemos pensar hoje. O que toda essa linguagem de "limpeza" e "impureza" ou "pureza" e "impureza" significa? Por que as abluções para as poluições? Por que a necessidade de purificação? Embora nós, ocidentais, possamos achar tudo isso estranho, muitas outras culturas - tribal, islâmica, hindu - podem se relacionar mais prontamente com esse quadro. Seremos ajudados pensando em termos de analogias e simbolismo - não em termos de argumentos - em nosso esforço para entender melhor as leis de pureza e as noções de limpo e impuro.

Limpeza e impureza são símbolos ou imagens, e a ideia hebraica de vida e morte está por trás dessas imagens. Para o hebreu, a vida não era mera existência biológica. Os humanos podem estar biologicamente vivos, mas vivendo no reino da morte - ruína e alienação espiritual, moral, psicológica / emocional (por exemplo, Prov. 7: 23-27). A impureza simboliza a perda de vidas.

Embora muitas traduções em inglês usem termos como (des) limpeza ou (im) pureza, não devemos pensar que eles se referem a saúde e higiene. Esse não é o caso. Talvez o termo tabu - que sugere algo não moral e talvez misterioso que está fora dos limites com relação a comida, tempo, morte ou sexo - possa captar essa ideia de forma mais eficaz. Um sacerdote precisava estar fisicamente inteiro - sem defeitos - para que o santuário de Deus não se tornasse comum. Isso não significa que um defeito físico seja pecaminoso ou errado; ser poluído não é idêntico a ser imoral (embora a imoralidade traga poluição ou seja um tabu). Afinal, os animais que são tabu (impuros) ainda fazem parte da boa criação de Deus. E quando impuros, os israelitas não eram proibidos de adorar a Deus ou mesmo de celebrar festas - apenas de entrar no santuário.15

Além disso, o sexo é um bom presente de Deus e não pecaminoso (dentro do casamento), mas a purificação era necessária depois do sexo para mostrar a distinção entre Deus e os seres humanos. (Lembre-se de que os vários deuses do antigo Oriente Próximo se envolviam em todos os tipos de atividade sexual, ao contrário do Deus bíblico.)16

A vida, por outro lado, significa estar corretamente conectado a Deus e à comunidade - e funcionar adequadamente, íntegro ou bem ordenado por dentro (paz = shalom). Como veremos, os animais carnívoros, sejam predadores ou necrófagos, estão relacionados com a morte e, portanto, são impuros. A impureza ritual em Israel era inevitável e frequente, mas não pecaminosa em si.17 No entanto, a preocupação final por trás da limpeza, impureza e santidade é o coração humano - o próprio ponto que Jesus fez em Marcos 7: 14-23. E embora o pecado vá além das questões cerimoniais, ele ainda nos contamina ou contamina. O pecado cria impureza moral ou impureza diante de Deus.

No Antigo Testamento, as preocupações éticas (pecado) não podem ser separadas das questões de pureza.*18* O assassinato, por exemplo, contamina ou polui simbolicamente a terra (Números 35: 33-34), e por isso deve ser "purificado". O mesmo pode ser dito sobre a linguagem da abominação; ela tem o mesmo tipo de sobreposição que a impureza . Às vezes, refere-se à impureza moral, outras vezes à impureza cerimonial - e essas categorias nem sempre são claramente distinguidas no Antigo Testamento. Para resumir, a lei se refere a dois tipos de (i) pureza: (1) impureza ritual (o resultado do contato com processos naturais de nascimento, morte e relações sexuais) e (2) impureza moral (por meio de três pecados graves em particular - idolatria, incesto e assassinato).19

Novamente, a limpeza era, em última análise, um problema do coração.20 Quanto mais próximo alguém chegava de Deus, mais limpo alguém tinha que estar. Aproximar-se de Deus era um negócio sério, e isso exigia auto-exame e preparação. A busca pela limpeza era uma espécie de “repreensão” espiritual - um desvelamento interno ou exame interno de onde alguém se situava em relação a Deus.

Agora, a limpeza e a impureza são opostas uma à outra (Levítico 10:10), e os israelitas podiam entrar e sair desses estados (temporários). No decorrer da vida, eles se tornariam vulneráveis à impureza. Por exemplo, um israelita pode tocar em uma carcaça ou ter um filho e se tornar impuro, mas depois se purificar ou oferecer um sacrifício e ficar limpo novamente.

Limpeza e impureza são símbolos de vida e morte, respectivamente. Os humanos se movem entre esses dois estados relativos ou temporários (por causa do parto, "questões" masculinas e femininas, contato com a morte, atos pecaminosos); esses estados representam estar com ou sem vida. O status estável de santidade, por outro lado, reflete proximidade com a vida encontrada em Deus, e um israelita tinha que ser “limpo” (e mais perto da vida) para se aproximar do átrio externo do tabernáculo; o sumo sacerdote tinha de ser limpo e era

especialmente designado (“santo”) para entrar no Santo dos Santos apenas uma vez por ano. Artigos sagrados, como a arca da aliança e o Santo dos Santos, permaneceram sagrados e não se tornaram impuros — mesmo que o santuário possa ser purificado em circunstâncias incomuns (por exemplo, 2 Crônicas 28:19). Mais claramente no Novo Testamento,21



A santidade veio em graus de separação (por exemplo, o povo, levitas, sumo sacerdote). Quanto mais um israelita se aproximava de um Deus santo (movendo-se do pátio externo do tabernáculo / templo para o Santo Lugar e o Santo dos Santos), mais requisitos ele tinha que seguir e precauções que ele tinha que tomar. Em sua consagração, os sumos sacerdotes tinham vestimentas especiais, lavagens, unções com óleo e cerimônias que os marcavam como separados. Os nazireus (Num. 6) fizeram votos sagrados em consagração a Deus; isso foi demonstrado evitando álcool, cortes de cabelo e contato com coisas mortas. Se alguém de linha sacerdotal não pudesse dar provas de sua ancestralidade, ele era considerado impuro (Esdras 2:62) - impróprio para se aproximar de Deus. Havia uma hierarquia de santidade em Israel.

Não se confundindo com os outros

Os pais atenciosos costumam dizer aos filhos para evitar se misturar com o grupo errado. A má companhia corrompe o bom caráter (1 Cor. 15:33; cf. Sal. 1: 12). Da mesma forma, Deus deu aos israelitas certas ações para realizarem como uma forma de dizer-lhes simbolicamente para não se misturarem com os falsos caminhos das nações. Israel “usava” certos emblemas de santa distinção que os separava das nações moral e teologicamente corrompidas que os rodeavam; eles não deveriam se “misturar” com a mentalidade e o comportamento dessas nações.22 Levítico 19:19 e Deuteronômio 22: 9-11 proíbem a reprodução mista e outras tentativas de mestiçagem: não há reprodução cruzada de gado; nenhum plantio de safras diferentes (“dois tipos de sementes”) no mesmo campo (embora isso possa se referir a uma prática mágica cananéia de “casamento” de sementes diferentes para criar safras férteis); nada de roupas com fibras mistas, como lã e linho (nada de poliésteres!); e não lavrar com boi e jumento.23

A lei também se refere à mistura sexual imprópria como com adultério, incesto, bestialidade e homossexualidade, uma vez que estes eram vistos como um cruzamento de fronteiras (Lv 18: 6-23).24 Da mesma forma, porque Deus criou o homem e a mulher (Gênesis 1: 26-27), usar roupas de uma pessoa do sexo oposto (pelo qual as distinções

sexuais divinamente ordenadas poderiam ser borradas ou esferas cruzadas) era proibido (Deuteronômio 22: 5) Como veremos, o mesmo se aplica a animais limpos e impuros. Esses comandos de antimixing tentavam retratar um senso de totalidade, completude e integridade. É por isso que o sacerdote e o sacrifício de animais não podiam ter qualquer deformidade física (Lv 21: 18-24; 22: 18-26).

Vários eruditos afirmam com razão que Deus estava lembrando Israel de sua vocação sagrada e distinta, mesmo nos próprios alimentos que Israel deveria comer. Animais que "cruzaram" ou em certo sentido "transgrediram" as esferas individuais e distintas de ar, água ou terra foram considerados impuros. Gordon Wenham explica da seguinte maneira: "Na criação, Deus separou a luz e as trevas, as águas e as águas. Essa proibição de todas as misturas, especialmente cruzamentos, mostra o homem seguindo os passos de Deus. Ele deve separar o que Deus criou separar. "25

As leis alimentares - entrelaçadas com muitos outros mandamentos mosaicos com relação à pureza - simbolizavam os limites que o povo de Deus deveria manter diante de si:

- O santuário (tabernáculo / templo): a presença visível de Deus se manifestava ali; esta era sua "habitação". Deus deu leis para lembrar a seu povo de sua própria separação de toda a criação e como Deus deveria ser abordado (por exemplo, tanto os sacerdotes quanto os animais sacrificados não tinham defeitos ou imperfeições).
- A terra de Israel: A terra de Israel foi colocada no meio de nações pagãs com falsos deuses e, portanto, havia certos comandos que separavam os israelitas de outras nações.

Portanto, a terra de Israel, os sacrifícios de Israel e a comida de Israel, todos tinham significado social e teológico. As várias fronteiras de Israel deveriam lembrá-la de seu relacionamento com Deus e com as nações ao seu redor. Assim como Deus foi separado dos seres humanos, Israel deveria ser separado em seu comportamento e teologia das nações vizinhas. Assim como o tabernáculo representava um espaço sagrado dentro de Israel, a própria terra de Israel representava uma separação em contraste com as nações ao seu redor.26

Tentei preparar o terreno para discutir as leis de alimentos e outras leis de pureza com mais detalhes. Farei isso no próximo capítulo.

Leitura Adicional

Hess, Richard S. "Leviticus." Em The Expositor's Bible Commentary, vol. 1, editado por Tremper Longman III e David E. Garland. Rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2008.

Kiuchi, Nobuyoshi. Levítico. Comentário do Velho Testamento de Apolo 3. Nottingham, Reino Unido: Apollos; Downers Grove, IL: InterVarsity, 2007.
Miller, Patrick. A religião do antigo Israel. Louisville: Westminster John Knox, 2000.
Wenham, Gordon J. Leviticus. Novo Comentário Internacional sobre o Antigo Testamento. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.

A esquisitice onipresente da Bíblia?

Alimentos Kosher, Koo 炒 Eaws? (II)

Leis Kosher

A palavra hebraica kashrut significa ser adequado ou correto. Judeus observadores ficarão atentos aos rótulos de alimentos Kosher com as letras kshr (na raiz hebraica). Os israelitas deviam evitar alimentos como porco, camarão e lula. Por que esses alimentos eram impuros (não casher)?

A lista de animais limpos e impuros é encontrada em Levítico 11 e Deuteronômio 14. Uma característica interessante dessas listas é que certos animais eram impuros, mas ainda podiam ser manuseados (por exemplo, camelos usados para transporte). A questão surgiu quando houve morte. Carcaças de animais imundos tornavam uma pessoa impura, não necessariamente tocando os animais quando eles estavam vivos.

Os estudiosos sugeriram várias razões para a distinção entre limpo e impuro. Veremos algumas sugestões insatisfatórias antes de nos concentrarmos em uma solução mais provável.

- Saúde / higiene: Argumento: os israelitas deviam evitar comer abutres porque essas criaturas comem "restos" de animais atropelados e carnívoros. E quem sabe que tipos de doenças essas aves carregam? Sabemos que os porcos podem transmitir doenças como a triquinose, enquanto a lebre e coney / rock badger geralmente carregam tularemia. Camarão não deve ser comido porque aumenta o nível de colesterol! Problema: a ideia de saúde simplesmente não é a preocupação em Levítico 11 ou em qualquer outro lugar do Velho Testamento. E por que não são plantas venenosas Para completar, por que Jesus declarou todos esses alimentos limpos se a saúde era realmente o problema na

seção de alimentos kosher do Antigo Testamento?

- Associação com religiões não israelitas: Argumento: Os animais eram impuros porque eram associados a religiões não israelitas no antigo Oriente Próximo. Problema: se for esse o caso, o touro deveria ser uma abominação; afinal, esse animal era fundamental para a religião cananéia e egípcia. No entanto, o touro era o mais valioso dos animais de sacrifício de Israel. Acontece que os cananeus sacrificaram os mesmos tipos de animais em seus rituais religiosos que os israelitas! (Os hititas sacrificaram porcos, no entanto.) Além de tudo isso, os antigos habitantes do Oriente Próximo geralmente consideravam os porcos detestáveis e normalmente evitavam comê-los e sacrificá-los em seus rituais religiosos. Embora Israel devesse se diferenciar das nações vizinhas em muitos aspectos, o sacrifício de animais não era um deles.2

Essas duas sugestões, portanto - saúde e religião - não são boas soluções. Alguns ângulos relacionados nos ajudarão a chegar a uma resposta: criação (Gênesis 1) e queda, morte e anormalidade (Gênesis 3).

Ângulo 1: Criação

Gênesis 1 divide os animais em três esferas: animais que andam na terra, animais que nadam na água, animais que voam no ar. Levítico 11 lista como impuros certos animais que estão conectados à terra (vv. 2-8), água (vv. 9-12) e ar (vv. 13-25). Como vimos, esses animais simbolizam uma mistura ou confusão de categorias. Em contraste, o animal limpo tem todas as características definidoras de sua classe dadas na criação. Portanto, os animais que "transgrediram" limites ou esferas sobrepostas deveriam ser evitados como impuros.

- Água: para serem limpos, os animais aquáticos devem ter escamas e barbatanas (Levítico 11:10; Deuteronômio 14:10); portanto, enguias ou mariscos, que não se enquadram nesta categoria, são impuros e, portanto, proibidos.
- Terra: os animais limpos são aqueles com quatro patas que saltam, andam ou saltam. Uma indicação clara de que um animal terrestre está operando de acordo com sua esfera é que ele (1) tem cascos fendidos e (2) é ruminante. Essas duas características tornam óbvio que um animal pertence à esfera terrestre (por exemplo, ovelha e cabra). Camelos, lebres, conhais (que ruminam, mas não têm cascos divididos) e porcos (que têm cascos divididos, mas não ruminam) são casos limítrofes; portanto, eles são excluídos como animais terrestres adequados para comer.
- Ar: os pássaros têm duas asas para voar. Pássaros como pelicanos e gaivotas habitam a água e o céu, o que os torna impuros. Os insetos que voam, mas têm muitas pernas, são impuros; eles operam em duas esferas - terrestre e aérea. No entanto, os insetos com quatro pés - dois dos quais são articulados para pular no chão - são considerados limpos

(Deuteronômio 11: 21-23). Esses insetos - gafanhotos, gafanhotos, grilos e gafanhotos - são como pássaros do ar, que pulam no chão com duas pernas. Portanto, eles estão limpos.

Animais impuros simbolizavam o que Israel deveria evitar - misturar-se com as crenças e práticas impuras das nações vizinhas. Israel deveria ser como os animais limpos - distintos, em sua própria categoria, e sem características mistas. Afinal, os israelitas eram o povo separado de Deus que deveria rejeitar a religião e as práticas das nações vizinhas.3

Mas tudo o que Deus criou não era "muito bom" (Gênesis 1:31)? Em caso afirmativo, isso não significa que nenhum animal é inerentemente impuro ou inferior? Sim, Jesus afirma isso em Marcos 7:19 (todos os alimentos estão limpos), e está implícito em Atos 10: 10-16 (visão de Pedro). No entanto, como povo de Deus, os israelitas foram lembrados de que a santidade requer que as pessoas se conformem à sua classe como povo separado de Deus. os israelitas faziam em sua vida cotidiana - até mesmo em seus hábitos alimentares - era para sinalizar que eles eram o povo escolhido de Deus, que viveria vidas distintas das nações vizinhas. Cada refeição era para lembrá-los de sua redenção. Sua dieta, que era limitado a certas carnes, imitou a ação de Deus, que se limitou a Israel dentre as nações, elegendo-as como meio de abençoar o mundo.4

Portanto, nenhuma sobreposição religiosa, distinções obscuras ou compromisso poderia existir entre Israel e seus vizinhos. Israel foi chamado à integridade e pureza de vida, para evitar o que restringisse ou inibisse a aproximação de Deus. Santidade envolvia conformidade com a ordem de coisas de Deus. Assim como os animais limpos pertenciam à sua esfera distinta sem concessões, o povo santo de Deus devia pertencer à sua esfera distinta; eles não deveriam misturar sua religião com as nações pagãs vizinhas ou casar-se com aqueles que rejeitavam o Deus de Israel (cf. Esdras 9: 1-4; Ne. 13: 23-30). Santidade não era apenas uma questão de comer e beber, mas uma vida devotada a Deus em todas as áreas. O Novo Testamento diz a mesma coisa: embora todos os alimentos sejam, em última análise, puros (Marcos 7:19), nosso comer e beber importa a Deus, que é o Senhor de todos (1 Coríntios 10:31).

Ângulo 2: Queda, Morte e Anormalidade

Não apenas as criaturas que enxamiam e rastejam atravessam as três esferas de classificação e são, portanto, impuras, mas os animais que pulam e rastejam em qualquer esfera (enguias, cobras, insetos voadores) são reminiscentes da queda em Gênesis 3 e da maldita serpente rastejante. Podemos olhar para alimentos limpos e impuros de outro ângulo - o da maldição e da morte. Esta conexão com a queda é reforçada pela repetição da ordem de Deus em Gênesis 2-3, "você pode comer" (2:16; 3: 2) ou "não comereis" (2:17; 3: 1, 3), em Levítico 11 (vv. 2, 3, 9, 11, 21, 22).

Além disso, os tipos de animais permitidos e proibidos na dieta dos israelitas estavam

ligados ao tipo de pessoa que Deus queria que fossem. Eles não deveriam ser predadores em seus relacionamentos humanos. Assim como o sangue e o sêmen descarregados simbolizavam a morte e, portanto, a impureza, o mesmo acontecia com os animais predadores: “não coma carne de animal dilacerado por feras” (Êxodo 22:31 NVI).

Um outro aspecto da limpeza e impureza parece ser a aparência de um animal. Um animal com aparência / característica estranha ou anormal ou um que é fraco e indefeso também se enquadra na categoria impuro.

Embora tipos específicos de alimentos, roupas, plantações e relações sexuais em suas respectivas esferas sirvam como uma imagem da separação de Israel das nações, a distinção entre animais limpos e impuros em particular simboliza como os israelitas deveriam agir em relação aos seus vizinhos, bem como a Deus. Na linguagem de Levítico, os animais simbolizam o que Deus requer de seu povo. Por exemplo, observe os paralelos entre os tipos de animais oferecidos em sacrifícios em Levítico 1, 3 e 23 ("sem mancha", que resultou em um "aroma agradável ao Senhor") e o sacerdote que deve ser "sem defeito / defeito ”(veja Lev. 21: 18-23). A linguagem paralela entre o sacerdote imaculado e o animal sacrificial imaculado é impressionante (observe as palavras em itálico, grifo meu):

Sacerdote imaculado (Levítico 21: 18-20, 23)	**Animal imaculado (Lev. 22: 18-22, 24)**
Pois ninguém [da linhagem sacerdotal de Aarão] que tenha defeito se aproximará: cego, ou coxo, ou que tenha rosto desfigurado, ou qualquer membro deformado,	[Quando alguém] apresenta sua oferta. . . deve ser um homem sem defeito. . . . O que quer que tenha um defeito, você não deve oferecer. . . . Deve ser perfeito ser

ou um homem que tem um pé ou uma mão quebrada, ou um corcunda ou um anão, ou alguém que tem um defeito no olho ou eczema ou crostas ou testículos esmagados. . . . Não entrará no véu, nem chegará perto do altar por ter um defeito, para não profanar os Meus santuários. Pois eu sou o Senhor que os santifica. aceitaram; não deve haver defeito nele.	Aqueles que estão cegos, fraturados ou mutilados, ou com feridas, eczema ou crostas, vocês não devem oferecer ao Senhor. . . . Também nada com seus testículos machucados ou esmagados ou rasgados ou cortados, você não deve oferecer ao Senhor, ou sacrificar em sua terra.

Ficando mais específico, Mary Douglas mostra a conexão entre os tipos de animais que são permitidos / proibidos de serem comidos e o tipo de pessoa que Deus deseja que Israel seja em seus relacionamentos.5 O tema da (des) limpeza em Levítico e Deuteronômio simboliza a ordem da criação com tudo em sua própria esfera. (Portanto, os animais impuros representam uma falta de totalidade ou integridade por não pertencerem à sua própria esfera.) No entanto, algo mais está acontecendo: animais que são impuros parecem ser (1) animais predadores ou (2) animais vulneráveis (defeituosos na aparência ou características). Isso tem um paralelo com os relacionamentos humanos.

Quanto ao aspecto predatório, os animais do ar (corujas, gaivotas, falcões e carniceiros, como os abutres) são proibidos na dieta de Israel porque eles próprios consumiram sangue; eles são predatórios. Lembre-se da proibição de comer sangue em Gênesis 9: 4, sugerindo respeito pela vida, que está no sangue: “a vida de toda carne é o seu sangue” (Lv 17:14).

Quanto aos animais terrestres, comedores de plantas quadrúpedes — em vez de carnívoros — podem ser comidos (uma vez que seu sangue tenha sido drenado). O fato de que (1) ruminam e (2) têm cascos fendidos (sejam domésticos ou selvagens) são indicações claras de que eles nunca comem sangue e, portanto, não são predadores (Lv 11: 3). Os casos limítrofes - o porco, o camelo, a lebre e o coelho - são proibidos porque se enquadram em um, mas não em ambos os critérios. Portanto, os animais terrestres que são predadores devem ser evitados por causa de seu contato com o sangue. De forma simbólica, eles “infringem a lei”.6

Alguns estudiosos apontam outra característica simbólica. Além de animais impuros que representam predação, existem outros que representam vítimas de predação. Por exemplo, animais aquáticos proibidos (sem escamas e barbatanas) simbolicamente carecem de algo de que "precisam"; esta é uma imagem de vulnerabilidade. A distinção entre animais limpos e impuros também serve como uma

imagem de justiça e injustiça nas relações pessoais. Deixe-me citar Douglas finalmente:

> As espécies animais proibidas exemplificam os predadores, por um lado, ou seja, aqueles que comem sangue, e por outro, os que sofrem com a injustiça. Considere a lista, especialmente os insetos que enxamearam, o camaleão com sua face protuberante, a tartaruga e o besouro corcundas altas e as formigas trabalhando sob suas enormes cargas. Pense na cegueira dos vermes e morcegos, na vulnerabilidade dos peixes sem escamas. Pense em seus paralelos humanos: os trabalhadores, os mendigos, os órfãos e as viúvas indefesas. Não eles próprios, mas o comportamento que os reduz a esse estado é uma abominação. Não é de se admirar que o Senhor fez as coisas rastejantes e as achou boas (Gênesis 1:31). Não está no grande estilo de Levítico tirar uma folga dos temas cósmicos para ensinar que essas criaturas patéticas devem ser evitadas porque seus corpos são nojentos, vis, maus, não mais do que é consistente com seu tema de justiça ensinar que os pobres devem ser evitados. Evitar não é o problema. A predação é errada, comer é uma forma de predação e os pobres não devem ser uma presa.7

O que está mais claro em tudo isso é que santidade e comportamento predatório não se misturam. Santidade representa respeito pela vida humana, e comer sangue (simbolizando morte violenta) representa atividade predatória. Animais limpos não representam virtudes em seus próprios corpos, assim como os corpos de animais impuros não representam vícios. Eles apenas seguem a "regra" de evitar sangue.8 Se os estudiosos que afirmam que certos animais impuros simbolizam vulnerabilidade e indefesa estão corretos, então esta representação do oprimido - o estrangeiro, a viúva, o órfão (Deuteronômio 14:29; 16:11; cf. Isa. 1:17) ─ serviria como um lembrete de que eles devem ser respeitados.

Todo o estilo de vida de Israel - até a própria comida que eles comeram (ou não comeram) - importava para Deus. Sua dieta servia como um lembrete do que era sagrado e do que não era sagrado: os israelitas deviam evitar a atividade profana de predar os vulneráveis na sociedade.

Descargas Desonrosas

Por que muitas leis levíticas enfatizam o sêmen e o sangue? Levítico 15 fala da emissão de sêmen ou descarga de sangue menstrual, os quais levam à impureza e à necessidade de lavagem / purificação. A razão? O simbolismo de vida-morte por trás da limpeza-impureza nos informa que essas descargas representavam o que estava "fora" da integridade do corpo humano, assim como alimentos impuros que entram no corpo simbolicamente poluem ou contaminam.

O sangue vaginal e o sêmen são símbolos poderosos da vida, mas sua perda simboliza a morte. Perder um desses fluidos vitais representava mover-se em direção à morte.9 Alguns estudiosos sugerem que Êxodo 23:19 proibia cozinhar cabrito com o leite da mãe porque esse era um ritual de fertilidade cananeu. Outros sugerem que

este é um caso de símbolos conflitantes. Ou seja, a vida (leite materno) e a morte (cozinhar um cabrito) se chocam nesse cenário. Outro conflito desse tipo é encontrado em Levítico 22:28: "Não mate uma vaca ou ovelha e seus filhotes no mesmo dia" (NIV). Da mesma forma, a vida e a morte estão simbolicamente em conflito quando o sêmen ou o sangue menstrual é perdido do corpo.Esta mistura de vida e morte representa uma perda de integridade.10

O simbolismo não pára por aqui. Israel estava cercado por nações que tinham cultos de fertilidade. Fazer sexo com uma prostituta em um templo significava conectar-se espiritualmente com uma divindade específica. Em contraste, Levítico 15 apresenta uma espécie de "sistema de controle de emissões"! A mensagem para Israel era que o sexo tem seu lugar apropriado. Deus não é pudico quanto ao sexo. Deus é o autor do sexo mutuamente satisfatório entre marido e mulher (Gênesis 2:24; Prov. 5: 15-19; Cântico dos Cânticos). No entanto, em contraste com seus vizinhos, Israel precisava levar a sério a restrição e disciplina na atividade sexual. Embora o sexo trouxesse impureza temporária, Israel foi lembrado de que era proibido no santuário como parte de um ritual religioso - ao contrário dos rituais sexuais na religião cananéia. Mais uma vez, o sexo dentro do casamento monogâmico é bom, mas o adultério não deveria t ser glorificado colocando um rótulo religioso nele. Para diferenciar Israel de seus vizinhos, Deus providenciou certas “barreiras” para manter o sexo em seu devido lugar, em vez de degradá-lo - por mais piedoso que o vizinho de Israel fizesse parecer o adultério.11

Em contraste com as nações vizinhas, as esposas em Israel não eram posses para serem usadas para prazer sexual. Os homens tinham certas restrições em relação a quando podiam fazer sexo com suas esposas, o que era para ajudar a dar às mulheres uma medida maior de independência. Como Richard Hess aponta, essas leis de proteção não têm paralelos no antigo Oriente Próximo.12

A lacuna de santidade: leis de pureza e a necessidade de graça

Ser a nação escolhida por Deus era um privilégio. No entanto, um fardo pesado veio com ele. Como o camponês Tevye em Fiddler on the Roof disse a Deus: “Eu sei, eu sei. Nós somos o seu povo escolhido. Mas, de vez em quando, Você não pode escolher outra pessoa? "Agora volte ao Concílio de Jerusalém (Atos 15). Muitos dos primeiros cristãos (que eram judeus) pensavam que alguém deveria se tornar um bom judeu para se tornar um bom cristão. Sim, Jesus era suficiente para a salvação - mais ou menos. Mas era necessário mais, alguns argumentaram - a saber, o judaísmo! Pedro respondeu a esta afirmação: "Agora, portanto, por que você coloca Deus à

prova colocando sobre o pescoço do discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós fomos capazes de suportar? " (v. 10).

Judeus sérios do Velho Testamento eram regularmente lembrados da lacuna entre Deus e eles próprios. Aproximar-se de Deus não era uma coisa leve, e ao longo da vida diária de um israelita havia muitos lembretes de contaminação, impureza e barreiras na adoração a Deus. Israelitas atentos rotineiramente experimentaram uma "lacuna de santidade" que existia entre eles e Deus.13 Ser colocado em tal posição pode levar um israelita a buscar a graça e a purificação de Deus em seu favor.

Os sacrifícios de animais eram uma pequena ilustração disso. Os adoradores / sacerdotes colocavam as mãos no animal. Esse ato simbolizava que um animal estava sendo morto no lugar dos humanos (Lv 4:15; 8:14, 18, 22). O sacrifício servia como um lembrete do pecado humano e da impiedade e da grande necessidade de ajuda externa - isto é, a graça divina.

Richard Hess oferece uma perspectiva esclarecedora sobre as leis de sacrifício e a sequência de sacrifícios em Levítico. Primeiro é a oferta de purificação (do pecado), depois a oferta queimada (indicando dedicação total a Deus) e, então, a oferta de comunhão (ou ordenação) (caps. 8—9, 16). Isso nos ajuda a entender melhor a natureza do discipulado cristão nas epístolas do Novo Testamento: primeiro vem a confissão do pecado, depois a dedicação a Deus e depois a comunhão com Deus. Embora Cristo cumpra esses sacrifícios (como Hebreus deixa claro), eles ilustram muito bem o que está envolvido no discipulado cristão.14

Gálatas 3: 24-25 menciona a lei como um tutor para nos levar a Cristo. Em outras palavras, a lei apontava para o cumprimento final dos sacrifícios, sacerdócio e dias santos de Israel. E, como vimos, essas coisas apontavam para o passado, para Abraão, que acabou sendo uma figura da necessidade da graça além de guardar a lei. Gênesis 15: 6 afirma que Abraão confiou em Deus e foi considerado justo por Deus por causa de sua fé. Observe: isso aconteceu antes mesmo de ele ser circuncidado e antes que a lei mosaica fosse dada. Viver pela fé, mesmo sem a lei, permite guardar o coração dela (cf. Gn 26: 5).15 A lei - com todos os seus requisitos de pureza e sacrifícios - na verdade revelou a inadequação humana e, portanto, a necessidade de os humanos olharem além de seus próprios recursos para a ajuda graciosa de Deus.

Independentemente de como alguém navegue por algumas dessas leis de pureza do Antigo Testamento, o fundamento lógico subjacente a essas leis é o chamado de Israel para viver uma vida santa em tudo. É por isso que o tema da santidade é explicitamente mencionado em todas as passagens nas quais as listas de alimentos proibidos são fornecidas (Êxodo 22: 30-31; Lv 11: 44-45; 20: 25-26; Dt 14: 4- 21).

Após reflexão, as caricaturas dos novos ateus sobre a lei mosaica não deveriam ser levadas tão a sério. Precisamos de paciência para entender o que está acontecendo com as leis levíticas do Antigo Testamento e não devemos ver a lei como o padrão ideal para toda a humanidade. No entanto, continuaremos a ver como ele mostra uma maior sensibilidade moral e uma melhoria marcante em relação a outros códigos de leis do antigo Oriente Próximo.

Leitura Adicional

Douglas, Mary. "Os Animais Proibidos em Levítico." Jornal para o Estudo do Velho Testamento 59 (1993): 3-23.

Hartley, John L. Leviticus. Comentário Bíblico Word 4. Dallas: Word, 1992.

Hess, Richard S. "Levítico". Em The Expositor's Bible Commentary, vol. 1, editado por Tremper Longman III e David E. Garland. Rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2008.

Kiuchi, Nobuyoshi. Levítico. Comentário do Velho Testamento de Apolo 3. Nottingham, Reino Unido: Apollos; Downers Grove, IL: InterVarsity, 2007.

Wenham, Gordon J. Leviticus. Novo Comentário Internacional sobre o Antigo Testamento. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.

———. "A Teologia do Alimento Impuro". Evangelical Quarterly 53 (1981): 6-

Barbáries, leis cruas, e outros crimes imaginários?

Punições e outras realidades duras em perspectiva

Em muitos aspectos, a vida no antigo Oriente Próximo era muito parecida com o "estado de natureza" descrito pelo filósofo Thomas Hobbes (1588-1679) em seu Leviatã: "desagradável, brutal e curto". Não foi um piquenique, com certeza, e muitas das antigas leis do Oriente Próximo refletiam essa existência cruel e moralmente subdesenvolvida.

Nós nos esforçamos para mostrar que as leis do Antigo Testamento não foram dadas no vácuo. Embora apresentassem uma melhora moral dramática, também refletiam o contexto social do antigo Oriente Próximo. As punições na lei mosaica revelam aspectos desse contexto. Então, quando os novos ateus se referem a barbáries, leis grosseiras e outros crimes imaginários encontrados no Antigo Testamento, eles sem dúvida têm estes tipos de passagens em mente:

> Se houver alguém que amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, certamente será morto; ele amaldiçoou seu pai ou sua mãe, sua culpa de sangue está sobre ele. (Lev. 20: 9)
>
> Ora, o filho de uma mulher israelita, cujo pai era egípcio, saiu entre os filhos de Israel; e o filho da mulher israelita e um homem de Israel lutaram um com o outro no acampamento. O filho da mulher israelita blasfema do nome e amaldiçoa. Então eles o trouxeram a Moisés. . . . Eles o colocaram sob custódia para que o comando do Senhor pudesse ser esclarecido a eles. Então o Senhor falou a Moisés, dizendo: "Traze o que amaldiçoou para fora do acampamento e todos os que o ouviram coloquem as mãos sobre sua cabeça; então que toda a congregação o apedreje. "(Lev. 24: 10-14)
>
> Agora, enquanto os filhos de Israel estavam no deserto, eles encontraram um homem ajuntando lenha no sábado

dia. Aqueles que o encontraram juntando lenha o levaram a Moisés e Arão e a toda a congregação; e eles o colocaram sob custódia porque não havia sido declarado o que deveria ser feito com ele. Então o Senhor disse a Moisés: "O homem certamente será morto; toda a congregação o apedrejará com pedras fora do acampamento. " Toda a congregação o levou para fora do acampamento e o apedrejou até a morte com pedras, assim como o Senhor ordenou a Moisés. (Num. 15: 32-36)

Se alguém tem um filho teimoso e rebelde que não obedece a seu pai ou sua mãe, e quando eles o castigam, ele nem mesmo os escuta, então seu pai e sua mãe o prenderão e o levarão aos mais velhos de sua cidade no portal de sua cidade natal. Eles dirão aos mais velhos de sua cidade: "Este nosso filho é teimoso e rebelde, ele não nos obedece, ele é um glutão e um bêbado." Então todos os homens de sua cidade o apedrejarão até a morte; assim, você deve remover o mal do meio de você, e todo o Israel vai ouvir isso e temer. (Deut. 21: 18-21)

A lei de Moisés parece tão severa com toda essa conversa sobre pena de morte e punição severa! Alguns ocidentais desaprovam totalmente até mesmo castigos corporais modestos. Na verdade, é ilegal em lugares como a Suécia e outros países nórdicos. Portanto, quando chegamos a algumas leis do Antigo Testamento, as punições parecem ultrajantes. Os críticos afirmam que apedrejar pessoas é primitivo e bárbaro e que a própria pena de morte é um castigo cruel e incomum. Agora, não estou defendendo o apedrejamento de pessoas como punição, nem estou defendendo a pena de morte para aqueles que rejeitam a Bíblia. Mas tentaremos colocar parte dessa legislação que soa severa em perspectiva.

Códigos das Leis do Antigo Oriente Próximo e a Lei Mosaica

Repetimos o tema de que a lei mosaica foi dada a Israel em um contexto moralmente inferior do antigo Oriente Próximo. Outros códigos de leis do antigo Oriente Próximo existiam no segundo milênio aC e eram conhecidos como lei "cuneiforme". Cuneiforme (forma kyoo-nee-i) refere-se aos caracteres em forma de cunha ou letras inscritas em placas de argila do antigo Oriente Próximo, normalmente com um estilete de junco. Incluídas nesta lista estão as leis de Ur-Nammu (c. 2100 aC, durante a Terceira Dinastia de Ur); as leis de Lipit-Ishtar (c. 1925 aC), que governou a cidade suméria de Isin; as leis (acadianas) de Eshnunna (c. 1800 aC), uma cidade cem milhas ao norte da Babilônia; as leis babilônicas de Hammurabi (1750 aC); e as leis hititas (1650-1200 aC) da Ásia Menor (Turquia).!

Não devemos nos surpreender com a existência de paralelos e sobreposições entre as várias leis do antigo Oriente Próximo e a lei mosaica. Na verdade, vários ditados e máximas no livro de Provérbios parecem muito com adaptações ou empréstimos da Instrução Egípcia de Amenemope. Os escritores bíblicos podem citar uma obra de poesia - como o Livro de Jasar (Josué 10:13; 2 Sam. 1:18) - ou podem consultar documentos oficiais, como o cronista faz. Ao longo dessas linhas, poderíamos ver Moisés como uma espécie de editor do Pentateuco que se apropria das tradições orais

e dos escritos relacionados à criação e à história patriarcal de Israel. Mais tarde, no Novo Testamento, Lucas 1: 1-4 revela um projeto de pesquisa ordenado investigando as tradições de Jesus que se acumularam para compilar uma biografia confiável de Jesus. Esses esforços humanos, estilos de escrita, gêneros literários e personalidades fazem parte do processo de escrita inspirado pelo Espírito. Alguns compararam o "fazer" das Escrituras à doutrina da encarnação. Na pessoa de Jesus de Nazaré, o divino e o humano estão reunidos. Da mesma forma, simplesmente porque a personalidade ou estilo de um escritor ou vários processos estão envolvidos ou porque material "externo" foi emprestado não significa que o Espírito inspirador de Deus não estava envolvido na formação das Escrituras.

Mais uma vez, existem vários paralelos e semelhanças entre as antigas leis do Oriente Próximo e a lei mosaica (e mais especificamente, o código da aliança de Êxodo 20: 21-23: 33) this seja a pena de morte por homicídio ou a legislação relativa a um boi chifrudo. E, sim, houve certas melhorias humanizadoras em vários códigos do antigo Oriente Próximo ao longo do tempo - por exemplo, um abrandamento da legislação das antigas leis hititas (1650-1500 aC) às novas leis hititas (1500-1180 aC). Mas em pontos-chave, existem diferenças gritantes entre a lei mosaica e outros códigos do antigo Oriente Próximo. A legislação do Sinai apresenta avanços legais e morais genuinamente notáveis e nunca antes vistos. Não é de surpreender que críticos como os Novos Ateus se concentrem no negativo enquanto negligenciam melhorias dramáticas. Por que se preocupar com nuances quando você pode marcar pontos retóricos sobre os retrocessos do antigo Oriente Próximo! No restante da parte 2, destacaremos essas diferenças significativas.

À medida que nos aprofundamos, continuaremos a afirmar duas coisas: (1) certas leis e punições do Antigo Testamento eram inferiores aos ideais da criação (Gênesis 1-2); (2) a lei mosaica não é permanente, universal e o padrão para todas as nações. Portanto, devemos avaliar a severidade das duras leis e punições em seu antigo contexto do Oriente Próximo, em vez de à luz da cultura ocidental. Na verdade, para as mentes dos antigos povos do Oriente Próximo, nós, ocidentais, seríamos considerados um bando de molengas!

Quebradores do sábado e caluniadores

A história da violação do sábado (Números 15: 32-36) vem na esteira da legislação sobre pecados não intencionais e pecados desafiadores ou "arrogantes". O violador do sábado, coletor de paus, ilustra um ato desafiador; é uma violação direta dos comandos claros de Deus em Êxodo 31 e 35. Aquele que trabalhava no sábado deveria ser morto (Êxodo 31: 14-15). Depois, temos o filho que blasfema ou calunia a

Deus — ou “o Nome” (Lv 24) —, bem como o filho teimoso e rebelde (Dt 21) .Também são violações flagrantes do que Deus ordenou.

Freqüentemente, quando as primeiras violações eram cometidas no meio desta nação incipiente, uma punição severa vinha com ela. Considere os sumos sacerdotes Nadabe e Abiú, que [como pai, como filhos] imitaram a idolatria de Arão no incidente do bezerro de ouro (Êxodo 32); eles ofereceram “fogo estranho” — um ritual pagão dos cultos semitas ocidentais que estava associado com a nomeação de alguém para o sacerdócio — e foram mortos (Lv 10).2 E os homens israelitas, deliberadamente atraídos ao adultério e idolatria por mulheres midianitas, foram derrubados por causa de seu desrespeito pela aliança de Deus (Números 25). Durante a monarquia davídica, Uzá tentou firmar a cambaleante arca da aliança enquanto era transportada (2 Sam. 6:17). Como ele foi “agradecido” por seus esforços? Deus o matou! Até Davi ficou irado com as ações de Deus.

Pense em Ananias e Safira no Novo Testamento (Atos 5), que foram mortos por mentir sobre como eram generosos. A mensagem não foi perdida na igreja primitiva: “grande temor apoderou-se de toda a igreja e de todos os que ouviram estas coisas” (Atos 5:11). Especialmente em casos exemplares ou pela primeira vez, Deus parece especialmente pesado- Deus não é para brincadeiras. Ele leva o pecado a sério e muitas vezes está abrindo um precedente com as primeiras ofensas. Para o povo de Deus, essas punições deveriam ser lembretes sérios do que Deus esperava.

Então, quando Uzá tentou firmar a arca do pacto, que Davi colocou em uma "nova carroça", Deus estava deixando bem claro que suas instruções na lei de Moisés haviam sido ignoradas. A arca deveria ser carregada em postes pelos Levitas (Êx 25: 12-15; 30: 4), não transportados por carro de boi. E certas coisas sagradas não podiam ser tocadas sob pena de morte (Números 4:15). Como Deus disse a Arão e Moisés depois de Nadabe e Abiú foi morto, “Por aqueles que se aproximarem de mim serei tratado como santo, e diante de todo o povo serei honrado” (Lv 10: 3).

O Glutão e o Bêbado: Deuteronômio 21: 18-21

E quanto a este texto áspero, citado anteriormente? Não temos nenhum registro bíblico de que isso realmente aconteça. Mas, como aconteceu com as primeiras ofensas em Israel, o objetivo era instruir: que "todo o Israel ouvirá e temerá" (Deuteronômio 21:21). Qual foi a ofensa? Não estamos falando de um brincalhão. ou mesmo sobre um adolescente que não quer limpar o quarto. Não, ele é um delinquente absoluto cujo comportamento endurecido e insubordinado simplesmente não pode ser corrigido, apesar dos melhores esforços de todos. Ele é um ofensor reincidente:

"quando eles [seu pai e seus mãe] castigá-lo, ele nem mesmo os ouvirá "(Deuteronômio 21:18). Ele é uma imagem da insubordinação ─ “um glutão e um bêbado” (v. 20; cf. Pv. 23: 20-21) .Este sério problema teria um efeito profundamente destrutivo na família e na comunidade em geral.

Este filho, provavelmente um primogênito, inevitavelmente desperdiçaria sua herança quando seu pai morresse; ele provavelmente traria a ruína para sua família presente e futura. Ele era como um jogador compulsivo que apostava fora de sua casa e suas economias de vida sob os pés de sua família. Observe, porém, que os pais não resolvem o problema com as próprias mãos. Eles conferem com as autoridades civis, que são responsáveis por manter uma sociedade ordeira e funcional. Os pais não estão mais na foto; eles não estão assumindo o controle da punição. Em vez disso, a comunidade realiza esse exercício de responsabilidade social. E quando toma essa ação drástica, é um trágico último recurso para lidar com esse problema.3

Médiuns, feiticeiros e falsos profetas

Médiuns (ou adivinhos) e feiticeiros (ou adivinhos) foram proibidos de viver em Israel sob pena de morte (Lv 19:26). Aqueles que prediziam o futuro por meio de presságios ou sinais, adivinhando o futuro e tentando entrar em contato com seres espirituais (demoníacos) eram proibidos. Da mesma forma, os falsos profetas, que buscavam levar Israel à idolatria, deveriam ser punidos com a pena capital (Deuteronômio 13: 1-11).

O culto aos mortos era comum no antigo Oriente Próximo, incluindo Canaã. Os povos do antigo Oriente Próximo tentaram consultar ou se conectar com os mortos para que pudessem intervir e ajudar os vivos. Essas antigas religiões do Oriente Próximo defendiam rituais de luto, como cortar o corpo pelos mortos e colocar marcas de tatuagem no corpo (Levítico 19:28). O ato dos homens aparando os cabelos nas laterais da cabeça ou nas pontas da barba (Levítico 19:27) era uma prática cananéia de oferecer o cabelo aos espíritos que partiram para apaziguá-los (cf. Deuteronômio 14: 1).

Nada disso aconteceria em Israel! O povo de Deus deveria ser diferente das nações ao seu redor; eles deveriam se concentrar na vida e no Deus da vida, não nos mortos ou nas falsas divindades. Ninguém devia "consultar os mortos em nome dos vivos" (Is 8:19; cf. 2: 5-6). Os sacerdotes de Israel não podiam nem mesmo comparecer aos funerais, a menos que fossem parentes do falecido (Lv 21 : 1-5) .Eles deviam ser “santos para o seu Deus” (v. 6). Portanto, médiuns, videntes e semelhantes - aqueles no negócio agonizante - deveriam ser punidos com pena capital.4

Em uma sociedade democrática como a nossa, tudo isso soa intolerante. Devemos

respeitar a liberdade de religião dos outros, não é? No entanto, Israel se vinculou a Yahweh, que fizera um pacto com Israel - como marido e mulher. O próprio povo de Israel tinha jurado que era de Deus e que guardaria sua aliança (Êxodo 24: 3). Eles se submeteram voluntariamente ao governo (teocrático) de Deus. Portanto, qualquer intrusão nesse relacionamento - seja na forma de divindades estrangeiras, alianças políticas ou consulta aos mortos - que substituísse a confiança em Deus era uma violação desses votos pactuais. Mesmo assim, é enganoso Sam Harris falar em apedrejar até a morte um filho ou filha voltando de uma aula de ioga.5 O ponto de Deuteronômio 13: 6-16 é aquele de um falso mestre que tenta "seduzir" a comunidade ordenando a adoração de outras divindades ("vamos servir a outros deuses").

Claro, aqueles que não queriam abraçar o Deus de Israel ou obedecer aos seus requisitos estavam livres para deixar Israel e viver em outra nação. Essa era a alternativa óbvia e preferível. Era espiritualmente mais saudável para Israel e mais seguro para os opositores da teocracia. Qualquer remanescente na terra deveria respeitar o convênio e as leis que o acompanhavam.

Cada cabeça uma sentença

> Se houver uma disputa entre os homens e eles forem ao tribunal, e os juízes decidirem seu caso, e eles justificarem os justos e condenarem os ímpios, então será que se o ímpio merece ser espancado, o juiz então o fará mentir para baixo e ser espancado na sua presença com o número de açoites de acordo com a sua culpa. Ele pode bater nele quarenta vezes, mas não mais, de modo que ele não o bata com muito mais açoites do que estes e seu irmão não seja degradado aos seus olhos. (Deut. 25: 1-3)

Lembra quando o americano Michael Fay, de 18 anos, foi preso em Cingapura em 1994? Ele havia entrado em um surto de roubo e destruição, pintando carros com spray em uma concessionária de automóveis. Fay descobriu que você não brinca assim em Cingapura! Depois que ele e seus pais suplicaram às autoridades, ele recebeu quatro em vez de seis chicotadas com uma longa bengala.

Agora, os derrames de Cingapura eram menos numerosos, mas mais graves do que os derrames semitas. Em Israel, provavelmente eram usadas varas. Mas, ainda assim, uma punição de quarenta golpes não parece extremamente dura e exagerada? Novamente, vamos olhar mais de perto este texto para obter uma maior apreciação do que está acontecendo aqui:

1. Um julgamento adequado tinha que acontecer primeiro.
2. Ninguém deveria exigir a punição pessoalmente, resolvendo o assunto com as próprias mãos.

3. O processo seria supervisionado pelo juiz, que zelaria pelo cumprimento da pena; a punição não foi deixada para os caprichos cruéis do punidor.
4. Essa era a pena máxima, e os infratores costumavam ser punidos com menos golpes do que quarenta. Mesmo assim, o número máximo de chicotadas foi fixado e não deveria ser excedido.
5. O juiz que deu o veredicto e o punidor deveriam lembrar que o culpado era um "irmão". O criminoso deveria ser protegido da reação exagerada de uma turba ou indivíduo; ele não deveria ser humilhado (de modo que "seu irmão é não degradado aos seus olhos ").6

Uma surra com varas soa dura para os ouvidos modernos. No entanto, a metáfora ou imagem da vara pode ter uma conotação mais suave de guiar, digamos, ovelhas (Salmos 23: 4) e disciplinar uma criança (Provérbios 13:24; 22:15; 29:15).7 Novamente, a lei prescrevia uma punição máxima para derrames, e um juiz poderia determinar uma punição menor. Além disso, as punições de Israel eram moderadas em comparação com os códigos de leis mais brutais e a crueldade de outras culturas do antigo Oriente Próximo. Para certos crimes, o código de Hamurabi exigia que a língua, o peito, a mão ou a orelha fossem cortados. Uma punição severa envolveu o acusado ser arrastado pelo gado em um campo.8 Na antiga lei egípcia, as punições incluíam cortar o nariz e a orelha. O Código de Hammurabi insistia na morte de um ladrão,9 ao passo que o Antigo Testamento exigia apenas uma dupla compensação pela perda (Êxodo 22: 4). Esse contraste é um dos muitos lembretes de que as pessoas importavam mais na legislação de Israel do que em outras culturas no antigo Oriente Próximo. Ao punir criminosos (por perjúrio ou difamação, por exemplo), a lei egípcia permitia entre cem e duzentos golpes; a surra de cem pancadas era a forma mais branda de punição.10 Com relação às penalidades por roubo no Antigo Testamento, David Baker observa, elas “são muito mais humanas do que na maioria das leis [do antigo Oriente Próximo] e nunca envolvem mutilação, espancamento ou morte”.11

Como Deuteronômio 25: 1-3 parece para você agora? A legislação de Israel não permitia mais do que quarenta golpes para punir um criminoso. Essa foi a pena máxima, que ficou a critério do juiz. Em contraste, as punições em outros lugares do antigo Oriente Próximo eram extremamente severas. Além de tudo isso, na lei babilônica ou hitita, por exemplo, o status ou a posição social determinavam o tipo de sanção para um determinado crime. Em contraste, a lei bíblica mantinha reis e sacerdotes e aqueles de posição social nos mesmos padrões que a pessoa comum.12

Alguns podem apontar o exemplo a seguir como uma atualização moral. Inicialmente, a lei hitita afirmava que se uma pessoa arar um campo semeado e

semear sua própria semente em seu lugar, ele deve ser morto.13 Mas na legislação posterior, o criminoso precisava de purificação ritual e trazer um sacrifício.14 Embora possamos ser gratos por essa melhoria, ainda não chegou nem perto da forte ênfase de Israel na compensação por crimes contra a propriedade, não na pena de morte. As pessoas importavam mais do que propriedades em Israel, um notável contraste com o resto do antigo Oriente Próximo.

"Olho por olho"?

O que dizer da ênfase das Escrituras em "olho por olho e dente por dente"? Alguns consideram essas punições exigentes implacáveis e bárbaras. Devemos dar uma outra olhada, no entanto. Uma imagem muito diferente surge após uma inspeção mais detalhada.

Essas punições severas — chamadas lex talionis — são mencionadas em vários lugares: Êxodo 21: 23-25; Levítico 24: 17-22; e Deuteronômio 19: 16-21. O que é interessante é que em nenhum dos casos "olho por olho" é interpretado literalmente. Sim, "uma vida por uma vida" foi tirada de maneira direta quando se tratava de assassinato. No entanto, cada exemplo nessas passagens exige compensação (monetária), não mutilação corporal. Por exemplo, seguindo as pegadas da passagem lex talionis de Êxodo 21: 23-25 vem, bem, Êxodo 21: 26-27! E ilustra muito bem o que estamos defendendo: "Se um homem bater no olho de um criado ou serva e destruí-lo, ele deve deixar o criado ir em liberdade para compensar o olho. E se ele arrancar o dente do criado ou da serva, deve deixar o criado ir em liberdade para compensar o dente "(NVI). Nós Don' Não tenho um olho ou dente literal em vista aqui, apenas uma compensação por danos corporais. Estudiosos como Raymond Westbrook observam que a lex talionis como princípio de compensação não foi considerada literalmente. 15

O objetivo da lex talionis é o seguinte: a punição deve ser adequada ao crime. Além disso, essas eram as penalidades máximas; as punições deviam ser proporcionais e não podiam exceder esse padrão. E a punição poderia ser menos severa se o juiz considerasse que o crime exigia pena menor.

Mais tarde, no Novo Testamento, o próprio Jesus também não interpretou essa linguagem literalmente. Essa linguagem foi mal aplicada pelos contemporâneos de Jesus fora dos tribunais como um pretexto para a vingança pessoal (Mt 5: 38-39). De qualquer forma, Jesus interpretou essa linguagem não mais literalmente do que a linguagem de arrancar olhos e cortar mãos se eles levassem alguém a pecar (Mt 5: 29-30).

Além do mais, a execução de punições adequadas ao crime protegia os mais

vulneráveis - os pobres, os fracos, os alienados. Os ricos e poderosos não podiam ditar os termos da punição; na verdade, a elite social poderia receber essas punições proporcionais como todo mundo. Além disso, esse princípio da lex talionis serviu como um guia útil para evitar rixas de sangue e retaliação desproporcional (pense nos métodos da máfia aqui). Quando comparamos as punições de Israel com outra legislação do antigo Oriente Próximo, a lei de Moisés apresenta um desenvolvimento moral notável. Como aponta o erudito bíblico Brevard Childs, o princípio da lex talionis "marcou um avanço importante e estava longe de ser um vestígio de uma era primitiva. "16

Algumas pessoas podem sugerir que o Código de Hamurabi já tinha sua própria lex talionis, o que poderíamos chamar de "osso por osso" e "dente por dente". No entanto, isso se aplicava quando um aristocrata (um patrício) - não uma pessoa comum (um plebeu) — era ferido por um colega.17 Além disso, sabemos que o Código de Hamurabi exigia o corte de mãos, narizes, seios e orelhas reais! As leis da Assíria central (por volta de 1100 aC) — mais de duzentos anos depois que a lei de Moisés foi promulgada no Sinai — eram escandalosamente desproporcionais. Eles incluíam espancamentos de até cem golpes, bem como mutilações. Portanto, a expressão "olho por olho" era uma medida de justiça, não algo que Israel interpretou literalmente.

A legislação chifruda fornece um contraste interessante entre a lei mosaica e outros códigos do antigo Oriente Próximo. Códigos como os de Hamurabi ou Eshunna, por exemplo, não refletiam uma consideração tão elevada pela vida humana como o fazia o código mosaico. Nos outros códigos, se um boi tinha o hábito de chifrar, mas o proprietário não tomou precauções para impedi-lo de chifrar e matar um nascido livre, então meia mina (ou dois terços de uma mina) em prata foi pago à família da vítima e o boi sobreviveu.18 Em contraste, Êxodo 21: 28-36 apresenta uma punição máxima mais severa por causa do valor da vida humana, que se refletia nas leis de Israel. A exigência era matar um boi chifrudo (cf. Gn 9: 4-6), e sua carne não podia ser comida. Além disso, se um boi tinha o hábito de chifrar e o proprietário não fez nada para evitar isso de forma que o boi matou um homem ou uma mulher, então o proprietário — não apenas o boi — poderia ser condenado à morte como pena máxima (e veremos outro ângulo sobre isso em breve).

Da mesma forma, Hammurabi insistiu que se um construtor fosse descuidado e sua construção desabasse e matasse um menor, o filho do construtor seria morto.19 Em contraste, matar uma criança pelas ofensas dos pais (ou um dos pais pelas ofensas de seus filhos) não era permitido em Israel (Deuteronômio 24:16).

Além de tudo isso, o mundo antigo vivia por um código não escrito para se vingar pela morte de um membro da família. E não importava se a morte foi acidental ou não:

“Você matou um membro da minha família; Vou matar alguém da sua família! ” Em contraste, a lei de Israel distinguia entre morte acidental e morte intencional. Forneceu cidades de refúgio para aqueles que mataram acidentalmente outra pessoa (Êxodo 21: 12-13), uma forma de prevenir rixas de sangue em andamento.20

O famoso historiador Paul Johnson comentou sobre o Código de Hammurabi, embora o mesmo pudesse ser dito para outros códigos de leis do antigo Oriente Próximo: as “leis terríveis são notáveis pela ferocidade de suas punições físicas, em contraste com a restrição do Código Mosaico e as promulgações de Deuteronômio e Levítico. "21

Mais uma questão: vimos que as várias leis do antigo Oriente Próximo que exploramos são muito mais severas em comparação com as leis de Israel. Mesmo assim, vários estudiosos argumentam que as punições na lei mosaica - e mesmo em vários códigos de leis do antigo Oriente Próximo - são menos violentas na prática real. Por exemplo, Números 35:31 afirma: “Não aceitarás resgate [isto é, pagamento substituto] pela vida de um assassino que é culpado de morte, mas ele certamente será condenado à morte.” Esta ideia é reforçada em Êxodo 21 : 29-30 (um boi ferindo um humano até a morte como resultado de negligência do proprietário); uma vez que este não é um assassinato premeditado, o versículo 30 permite a possibilidade de pagamento em dinheiro em vez de tirar a vida do proprietário: “Se um resgate for exigido dele, então ele dará para a redenção de sua vida tudo o que é exigido dele. "

Walter Kaiser aponta a observação geral dos estudiosos do Antigo Testamento: Houve cerca de dezesseis crimes que exigiam a pena de morte no Antigo Testamento. Somente no caso de assassinato premeditado o texto dizia que os oficiais em Israel estavam proibidos de receber um “resgate” ou um “substituto”. Isso foi amplamente interpretado como uma implicação de que em todos os outros quinze casos os juízes poderiam comutar os crimes merecedores da pena de morte designando um “resgate” ou “substituto”. Nesse caso, a pena de morte serviu para marcar a gravidade do crime.22 Pode-se citar outros estudiosos, como Raymond Westbrook, Jacob Finkelstein e Joseph Sprinkle, que prontamente concordam com essa avaliação.23

Portanto, se tomarmos as severas punições do Antigo Testamento literalmente, observaremos que a lei mosaica é muito menos rígida do que outros códigos de leis do antigo Oriente Próximo. Se, por outro lado, seguirmos esses estudiosos que consideram as leis de pena de morte do Antigo Testamento como permitindo um pagamento de "resgate" (com exceção do assassinato premeditado), então isso abre uma perspectiva dramaticamente nova sobre essas punições aparentemente severas .

Sacrifício infantil em Israel?

Muitos críticos apontarão que o Antigo Testamento presume que o sacrifício de crianças era aceitável na sociedade israelita e exigido como um ato de adoração pelo Deus de Israel. Alguns apresentarão Abraão e Isaque (embora dificilmente uma criança) como um exemplo. No entanto, essas críticas estão erradas.

Por um lado, a lei mosaica condena claramente o sacrifício de crianças como moralmente abominável (Levítico 18:21; 20: 2-5; Deut. 12:31; 18:10). Como Susan Niditch aponta em Guerra na Bíblia Hebraica, a "voz dominante" no Velho Testamento "condena o sacrifício de crianças", pois se opõe aos propósitos de Deus e enfraquece a sociedade israelita.24

Vejamos algumas passagens que supostamente sugerem que o sacrifício humano era aceitável.

Mesa, rei de Moabe: 2 Reis 3:27

> Então ele pegou seu filho mais velho, que reinaria em seu lugar, e o ofereceu como holocausto na parede. E veio grande ira contra Israel, e eles se apartaram dele e voltaram para sua própria terra. (2 Reis 3:27)

Aqui, Mesa, rei de Moabe, sacrifica seu filho primogênito na muralha de Quir Haresete (em Moabe). Depois disso, o exército israelita se retirou por causa da "ira". Alguns pensam que esta é a ira de Deus e que Deus está mostrando sua aprovação ao sacrifício de seu filho por Mesa ao responder com ira contra Israel. Essa visão, entretanto, tem seus problemas:

- Esta noção está em desacordo com a condenação clara do sacrifício de crianças no início do Pentateuco (Deuteronômio 12:31; 18:10), bem como o repúdio dele dentro dos próprios Reis (2 Reis 16: 3; 17: 7; 21: 6) .
- A palavra fúria ou ira (qetseph) não é ira divina.25 Em outra parte de 2 Reis, uma palavra cognata (vindo da mesma raiz que qetseph) claramente se refere à fúria humana (5:11; 13:19).

- Normalmente, os comentaristas sugerem várias interpretações plausíveis: (1) Essa foi a fúria de Moabe contra Israel porque seu rei, Mesa, forçado pelo desespero, sacrificou seu filho; O objetivo de Mesha era estimular a determinação renovada de Moabe de lutar. (2) Os israelitas ficaram cheios de horror ou pavor supersticioso quando viram esse sacrifício humano, fazendo com que abandonassem toda a aventura. (3) Mesmo que Mesa tivesse falhado em sua tentativa de romper o cerco (talvez para ir para o norte em busca de reforços), ele ainda foi capaz de capturar o filho primogênito do rei de Edom, a

quem ele sacrificou na parede, o que desmoralizou o exército de Edom. A ira do exército de Edom acabou com a guerra porque eles se retiraram da coalizão militar de Israel, Judá e Edom.26

Filha de Jefté: Juízes 11: 30-40

O juiz de Israel, Jefté, fez um voto precipitado: “tudo o que sair pela porta de minha casa para me encontrar, quando eu voltar em paz dos filhos de Amon [que oprimiam Israel], será do Senhor, e eu o oferecerei como holocausto "(Juízes 11:31). Talvez ele estivesse pensando que poderia ser um de seus servos, que provavelmente sairia para atendê-lo. No entanto, ele ficou horrorizado ao ver que" sua filha estava saindo para encontre-o com pandeiros e danças ”(v. 34).

Alguns estudiosos do Velho Testamento argumentam que Jefté não sacrificou literalmente sua filha. A maioria, entretanto, está convencida de que o texto afirma isso. Portanto, vamos considerar o pior cenário possível. Em seguida, vêm as perguntas inevitáveis: Jefté não sabia claramente que o sacrifício de crianças era imoral e que Deus julgou os cananeus por tais práticas? Por que então ele continuou com esse sacrifício? Afinal, foi porque Deus realmente aprovou o sacrifício de crianças?

Já afirmamos que isso não significa dever no Antigo Testamento; só porque algo é descrito não significa que seja prescrito como um padrão a seguir. Certos comportamentos são apenas maus exemplos que não devemos seguir (cf. 1 Cor. 10: 1-12). Portanto, vamos fazer as mudanças necessárias e aplicar o raciocínio de nosso questionador a outro juiz ─ Sansão. Como juiz de Israel, ele não saberia claramente que tocar em cadáveres impuros era proibido (Juízes 14: 8-9), especialmente devido ao seu voto (permanente) de nazireu (Números 6)? Ele não estava totalmente ciente de que se relacionar com prostitutas era proibido (Jz 16: 1)? Você entendeu a ideia. Lembre-se de que estamos falando sobre a era dos juízes de Israel. Tomando emprestado de Charles Dickens, este foi em grande parte o pior dos tempos, uma era de tolice, a estação das trevas, e o inverno do desespero. Portanto, os críticos devem ter cuidado ao presumir que Jefté (ou Sansão) estava no auge da sua condição moral.

Alguns podem se perguntar: "O 'Espírito do Senhor' não veio sobre Jefté?" (Juízes 11:29). Sim, mas não devemos tomar isso como um endosso divino por atacado de tudo o que Jefté fez - não mais do que a vinda do Espírito sobre Gideão (Juí. 6:34) foi um selo de aprovação em seu envolvimento com a idolatria (Juí. 8: 24-27), ou de Eúde, quanto a isso (Juízes 3:26). Sim, esses juízes de Israel certamente sabiam que a idolatria estava errada. Da mesma forma, “o Espírito do Senhor” desceu sobre Sansão para ajudar Israel a manter os filisteus sob controle (Juízes 14: 6, 19; 15:14). No

entanto, seus planos de se casar com uma mulher filisteu, brincar com uma prostituta e se envolver com Dalila revelam um juiz com um julgamento extremamente pobre! Certamente podemos encontrar uma lição aqui em algum lugar sobre como Deus trabalha apesar do pecado e do fracasso humanos.

A teologia dos Juízes enfatiza um notável ponto baixo da moralidade e religião israelitas, com duas narrativas vívidas no final do livro para ilustrar isso (caps. 17-21). Israel continuamente se permitiu ser “cananizado”. E à luz do tema repetido dos Juízes, "cada um fazia o que parecia bem aos seus olhos" (17: 6; 21:25; cf. 2: 10-23), não devemos nos surpreender que os líderes de Israel também foram moralmente comprometido. Não temos que procurar muito por modelos de papel negativos em Juízes, quando Israel estava no porão moral. A história de Jefté não precisa de uma declaração explícita da desaprovação óbvia de Deus.

Alguns podem insistir: o Antigo Testamento não se refere a oferecer o primogênito a Deus (Êxodo 22: 29-30)? Seguindo Ezequiel 20: 25-26, eles afirmam que Deus literalmente deu estatutos prejudiciais (“não bons”) pelos quais Israel não poderia “viver” - ordens envolvendo o sacrifício do filho primogênito no fogo. Eles afirmam que Yahweh simplesmente não gostou quando Israel sacrificou crianças a outros deuses!

No entanto, essa distinção não é feita; sacrifício infantil - seja para Yahweh ou para Baal ou Molech ─ ainda é detestável. Sim, esta era uma prática comum em Israel e Judá (por exemplo, 2 Reis 17:17; 23:10), e os reis Acaz, Manassés e outros fizeram seus filhos e filhas “passarem pelo fogo” (2 Reis 16: 3 ; 2 Crô. 33: 6). Mas comunhão aqui não implica aceitabilidade. Êxodo se refere à "redenção" - não ao sacrifício ─ do filho primogênito que abre o útero; o próprio Deus redimiu seu primogênito Israel trazendo-o do Egito (Êxodo 13:13; cf. 4:23).

Do que então Ezequiel está falando? O texto indica claramente que Deus deu à geração do Sinai “estatutos” (chuqqot) (por exemplo, mandamentos do sábado) pelos quais um israelita pode “viver” (20: 12-13). Israel rejeitou essas leis apresentadas no Sinai; eles se recusaram a segui-los (v. 21). Então Deus “retirou [Sua] mão”. Deus respondeu à segunda geração (ou deserto) como faz em Romanos 1: ele “os entregou a estatutos que não eram bons e a leis pelas quais eles não podiam viver” (Ezequiel 20 : 25 NIV). Ezequiel não apenas distingue esta palavra estatutos (o masculino plural chuqqim) de estatutos em outras partes do contexto (o substantivo feminino chuqqot). O texto também envolve um pouco de ironia. Deus sarcasticamente diz a Israel para “ir, servir a cada um dos seus ídolos” (Ezequiel 20:39); em outras palavras, “vai, sacrifica os teus filhos”. Este irônico “estatuto” para que o teimoso Israel continue na idolatria e no sacrifício infantil é comparável ao sarcasmo de Deus em Amós 4: 4:

“Ide a Betel e peque; vá a Gilgal e peques ainda mais” (NVI). O mesmo é verdade para o profeta Micaías, que diz ao desobediente, Yahweh, rei de Israel, que ignora: “Sobe e vence, e o Senhor o entregará nas mãos do rei” (1 Reis 22:15). os tipos de “ordens” sarcásticas que não são “boas” e pelas quais Israel não pode “viver”.2Z

O valor da vida por nascer

Uma das grandes diferenças entre as leis do Antigo Testamento e suas contrapartes do antigo Oriente Próximo é o valor da vida humana. Apesar disso, não é incomum ouvir que no antigo Israel a vida não nascida não era tão valiosa quanto a vida fora do útero. De fato, certos defensores pró-aborto buscaram justificativa teológica para permitir o aborto na seguinte passagem:

> Se um homem que está brigando bate em uma mulher grávida e ela dá à luz prematuramente [alguns defendem uma leitura alternativa: “ela teve um aborto espontâneo”], mas não há ferimentos graves, o agressor deve ser multado independentemente do que o marido da mulher exigir e o tribunal permitir. Mas se houver ferimento sério, você deve tirar vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, hematoma por hematoma (Êxodo 21: 22-25 NIV).

A questão-chave é esta: deve a palavra hebraica yalad ser traduzida “dar à luz prematuramente” ou “ter um aborto espontâneo”? Se a mãe tiver um aborto espontâneo, o agressor só terá de pagar uma multa; a implicação neste caso é que o feto não tem tanto valor e, portanto, não merece os cuidados normalmente dados a uma pessoa fora do útero. Aparentemente, esta passagem do Velho Testamento mostra uma (er) baixa consideração pela vida não nascida.

Vamos pular para outra passagem, Salmo 139, que apóia fortemente o valor do nascituro:

> Pois você criou meu ser mais íntimo;
> você me tricotou no ventre de minha mãe.
> Eu te louvo porque fui feito de maneira terrível e maravilhosa; seus trabalhos são maravilhosos,
> Eu sei disso muito bem.
> Minha moldura não estava escondida de você quando fui feito no lugar secreto.
> Quando fui tecido nas profundezas da terra, seus olhos viram meu corpo informe.
> Todos os dias ordenados para mim
> foram escritos no seu livro
> antes que um deles viesse a ser. (vv. 13-16 NIV)

Mantenha este texto em mente quando voltarmos à passagem de Êxodo 21.

Ao contrário das afirmações acima, Êxodo 21 na verdade apóia o valor da vida humana por nascer. A palavra yalad significa “ir adiante” ou “dar à luz”, descrevendo

um nascimento normal (Gênesis 25:26; 38: 28-30; Jó 3:11; 10:18; Jer. 1: 5; 20:18) . É sempre usado para dar à luz, não para aborto espontâneo. Se o texto bíblico pretendia se referir a um aborto espontâneo, a palavra típica para "aborto / aborto espontâneo" (shakal / shekol) estava disponível (por exemplo, Gênesis 31:38; Êxodo 23:26; Jó 21:10; Oséias 9: 14). Miscarry não é usado aqui.

Além disso, yalad ("dar à luz") é sempre usado para designar uma criança que tem uma forma humana reconhecível ou é capaz de sobreviver fora do útero. A palavra hebraica nepel é a palavra típica usada para uma criança não nascida, e a palavra golem, que significa "feto", é usada apenas uma vez no Antigo Testamento no Salmo 139: 16, que acabamos de notar: Deus conhecia o "informe do salmista" corpo "ou" substância não formada ".

Isso nos leva a outra questão: quem está ferido? O bebê ou a mãe? O texto está em silêncio. Pode ser qualquer um, já que o pronome feminino está faltando. A essência da passagem parece ser esta:

> Se dois homens brigam e batem em uma mulher grávida e o bebê nasce prematuramente, mas não há ferimentos graves [para a criança ou para a mãe], o agressor deve ser multado independentemente do que o marido exigir e o tribunal permitir. Mas se houver ferimentos graves [para o bebê ou para a mãe], você deve tirar vida pelo resto da vida, olho por olho.

Esses versículos, então, implicam realmente no valor intrínseco do feto - que a vida do agressor pode ser tirada se a vida da mãe ou da criança for perdida. O nascituro tem os mesmos direitos que um adulto (Gênesis 9: 6).

Os novos ateus e outros críticos freqüentemente recorrem a caricaturas ou deturpações das leis do Antigo Testamento. Embora as leis mosaicas nem sempre reflitam o final ou o ideal (o que o próprio Antigo Testamento reconhece), essas leis e a mentalidade que exibem revelam um aprimoramento moral dramático e maior sensibilidade moral do que suas contrapartes do antigo Oriente Próximo.

Leitura Adicional

Longman III, Tremper e David E. Garland, eds. O Comentário Bíblico do Expositor. Vol. 1. Rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2008.

Stuart, Douglas K. Exodus. New American Commentary 2. Nashville: B & H Publishing, 2008.

Wright, Christopher JH Deuteronômio. Novo Comentário Bíblico Internacional 4. Peabody, MA: Hendrickson, 1996.

Wright, Christopher JH Ética do Velho Testamento para o Povo de Deus. Downers

Grove, IL: InterVarsity, 2004.

10

Misógino?

Wdmen em Israel

Quando começamos a falar sobre o tratamento das mulheres no Antigo Testamento, o pandemônio começa! As feministas acusam os escritores do Antigo Testamento de endossar todos os tipos de sexismo, patriarcado (estruturas socialmente opressivas que favorecem os homens em detrimento das mulheres) e até misoginia (ódio às mulheres). Misógino é um dos adjetivos que Richard Dawkins usa para descrever o Deus do Velho Testamento.

Por que Sara se refere ao marido como "meu amo" (Gênesis 18:12 NVI)? Por que as meninas hebraicas pertencem à "casa do pai" (por exemplo, Lv 22:13)? Por que uma mulher israelita permanece cerimonialmente impura por apenas quarenta dias depois de dar à luz um menino, mas oitenta dias depois de ter uma menina (Levítico 12: 2-5)? Por que as mulheres não podem participar do sacerdócio de Israel? E todas aquelas concubinas? E quanto ao casamento levirato? Por que Deus permite a poligamia? O Antigo Testamento não endossa o preço da noiva, o que apenas reforça a ideia das mulheres como propriedade?

Neste capítulo, examinaremos a igualdade homem-mulher subjacente no Antigo Testamento e algumas passagens que supostamente sugerem o contrário. Então, no próximo capítulo, revisaremos algumas passagens-chave relacionadas à poligamia (esposas múltiplas) e concubinas, bem como passagens relacionadas que os críticos comumente mencionam.1

Gênesis 1-2: O Ideal Original

No entanto, entendemos as leis levíticas e as narrativas do Antigo Testamento a respeito das mulheres, Gênesis 1—2 nos aponta a visão ideal das mulheres, que está

longe de ser uma atitude caída, distorcida ou degradante. Deus cria o homem e a mulher à sua imagem (Gênesis 1: 26-27). Eva é tirada da costela de Adão (Gênesis 2:22), uma imagem de igualdade e parceria, não de um superior para um inferior. O casamento deve ser uma parceria de iguais, e o sexo (a união de uma só carne) deve ser desfrutado dentro da segurança de um casamento heterossexual vitalício (Gênesis 2:24).

Embora Gênesis 1-2 descreva o ideal de igualdade homem-mulher, as leis relativas às mulheres em Israel têm uma abordagem realista para as estruturas humanas decaídas no antigo Oriente Próximo. Na legislação de Israel, Deus faz duas coisas: (1) ele trabalha dentro de uma sociedade patriarcal para indicar a Israel um caminho melhor; e (2) ele fornece muitas proteções e controles contra abusos dirigidos a mulheres em condições reconhecidamente precárias. Vemos exemplos de mulheres oprimidas no Antigo Testamento? Sim, e também vemos muitos homens oprimidos! Em outras palavras, não devemos considerar esses exemplos negativos como endossos de opressão e abuso.

A igualdade das mulheres - de vários ângulos

A leitura do Antigo Testamento revela duas características paralelas importantes: (1) estruturas sociais patriarcais nas famílias israelitas ao lado (2) a honra de mulheres como iguais, incluindo um bando de matriarcas proeminentes e líderes femininas em Israel.

Por um lado, os pais tinham responsabilidade legal por suas famílias (muitas vezes chegando a quinze a vinte membros); isso incluía questões de herança familiar, propriedade, arranjos matrimoniais de filhos e filhas e ser porta-voz para questões familiares em geral. Por exemplo, quando uma filha ou esposa fazia um voto, tais promessas solenes deviam ser aprovadas pelo pai / marido como a pessoa legal da casa (Números 30). No entanto, isso representa mais do que apenas proteção legal para uma esposa ou filha. As atitudes e ideias sociais incorporadas são difíceis de morrer, especialmente em lugares como o antigo Oriente Próximo. As atitudes patriarcais eram fortemente defendidas no antigo Oriente Próximo - atitudes que estavam muito longe da linguagem da igualdade na criação. Gênesis 2:24 afirma que um homem deveria deixar seus pais e "apegar-se" para sua esposa como um parceiro igual (NRSV). Mas a queda afetou profundamente os relacionamentos humanos. Como resultado, Sara seguiu o antigo costume do Oriente Próximo de chamar seu marido de "senhor ['adon]" (Gênesis 18:12). Ela deu sua serva Agar a Abraão para gerar um filho (Gênesis 16: 3), a prática comum do antigo Oriente Próximo. Mais tarde, o rei Abimeleque “tomou” Sara como sua esposa (Gênesis 20: 2-3). E quando

Sara deu à luz a Isaque, ela "deu à luz um filho a Abraão"

(Gênesis 21: 2-3).

Por outro lado, essas atitudes patriarcais embutidas distorceram as muitas afirmações bíblicas fortes da dignidade e igualdade femininas. As mães / esposas mereciam honra igual à dos maridos / pais, e as matriarcas fortes ajudaram a liderar Israel e tiveram influência dentro de suas famílias. Sim, o marido era o representante legal da família israelita, mas não devemos presumir automaticamente que as mulheres considerassem isso um arranjo opressor. Na verdade, as esposas em muitos casamentos do Antigo Testamento eram, para todos os efeitos práticos, iguais e igualmente influentes em seus casamentos e além (por exemplo, Prov. 31).

Na verdade, muitas passagens falam mais sobre proteção e cuidado para aqueles de quem muitas vezes se aproveitam, especialmente viúvas ou mulheres divorciadas. Deus se preocupa com a justiça para as viúvas e outras vulneráveis da sociedade, como órfãos e estrangeiros não israelitas. Deus advertiu severamente os opressores de que ele está do lado dos fracos e indefesos (Êxodo 22:22; Deuteronômio 10:18; 14:29; 24:17, 19; etc.).

Agora, as feministas contestariam a afirmação de que as mulheres / esposas israelitas eram consideradas iguais em pessoal e dignidade aos homens / maridos. Vamos abordar este ponto. Sim, as estruturas patriarcais influenciaram fortemente a mentalidade da sociedade israelita. No entanto, vemos afirmações inegáveis de igualdade no Antigo Testamento a partir de perspectivas teológicas, históricas e jurídicas.

Teológico: A igualdade feminina é presumida nas seguintes passagens (ênfase adicionada):

Gênesis 1:27: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. "

Gênesis 2:24: “Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher; e eles se tornarão uma só carne. "

Êxodo 20,12: “Honra a teu pai e a tua mãe, para que os teus dias se prolonguem na terra que o Senhor teu Deus te dá” (cf. 21,15; Dt 5,16; 21,18-21; 27 : 16).

Lv 19, 3: “Cada um de vós reverenciará a sua mãe e o seu pai” (cf. 20, 9).

Provérbios 6:20: “Filho meu, guarda o mandamento de teu pai e não abandones o ensino de tua mãe”.

Provérbios 18.22: “Quem encontra uma esposa acha uma coisa boa e obtém o favor do SENHOR”.

Provérbios 19:26: “Quem assalta o pai e afasta a mãe é filho vergonhoso e

vergonhoso."

Provérbios 23:22: "Ouve teu pai, que te gerou, e não desprezes tua mãe quando ela envelhecer".

Provérbios 23:25: "Alegrem-se teu pai e tua mãe, e regozije-se quem te deu à luz."

Cântico dos Cânticos 6: 3: "Eu sou do meu amado e o meu amado é meu" (cf. 7:10).

Quando se trata de Gênesis 2:18, onde a esposa de Adão é chamada de "ajudadora ['ezer] adequada", devemos lembrar que, em vez de sugerir inferioridade, a mesma palavra é usada para Deus em outras partes das Escrituras (Salmos 10:14 ; 30:10; 54: 4). Poderíamos listar mais passagens sobre esses aspectos teológicos, mas você entendeu.

Histórico: O Velho Testamento está cheio de matriarcas poderosas que foram altamente valorizadas e exerceram uma grande influência. O testemunho dos autores do Antigo Testamento revela uma perspectiva que dificilmente pode ser chamada de misógina. Considere a seguinte lista para começar: Sara, Agar, Rebeca, Raquel, Lia e Tamar (todas em Gênesis); as parteiras hebraicas Sifra e Puá (Êxodo 1); a princesa egípcia (Êxodo 2); As sete filhas de Miriã e Jetro, incluindo Zípora, esposa de Moisés (Êxodo 2, 4, 15); as filhas de Zelophehad (Núm. 27); Débora, Rute, Noemi, Abigail e Bate-Seba (Juízes 4-5; Rute 1-4; 1 Sam. 25; 1 Reis 1-2); e não nos esqueçamos daquela excelente mulher de Provérbios 31. Essas mulheres fortes deram um passo à frente e exerceram influência sobre os melhores homens.

Jurídico: As leis morais e cerimoniais de Israel presumiam que as mulheres não eram apenas iguais, mas também compartilhavam responsabilidades morais iguais com os homens. Um autor escreve que o sistema de leis de impureza ritual de Israel é "bastante imparcial no tratamento do gênero".2 Alguns podem reclamar da impureza cerimonial da menstruação, que obviamente afeta as mulheres e não os homens. Mas, como veremos, os homens têm seus próprios problemas! E as leis de pureza também tratam disso (por exemplo, Lv 15: 16-18,32; 22: 4; Deuteronômio 23:10).

Os aspectos morais — não apenas cerimoniais — das leis levíticas que tratam do incesto e do adultério (por exemplo, Levítico 18, 20) se aplicam a homens e mulheres sem distinção. Na verdade, aqueles que alegam que cometer adultério contra a esposa de um vizinho foi uma "ofensa à propriedade" em Israel estão incorretos. Tanto o homem quanto a mulher podem ser condenados à morte por adultério, mas, ao contrário do Código de Hamurabi, a lei do Antigo Testamento nunca exige a pena de morte para crimes contra a propriedade.3

Textos que (alegadamente) promovem a inferioridade feminina

Agora é hora de examinar algumas dessas passagens potencialmente embaraçosas que rebaixam as mulheres.

O julgamento do ciúme: Números 5

Vamos resumir o tema deste texto. Se um homem suspeitasse de adultério em sua esposa, ele poderia trazê-la perante o padre para acusá-la. Nesse caso, duas ou três testemunhas não estavam disponíveis (Deuteronômio 17: 6-7); a única "testemunha" foi a suspeita do marido de que sua esposa o estava traindo. Os críticos afirmam que isso teria sido uma provação terrível: o abdômen de uma esposa traidora inchava e sua coxa murchava depois de beber "a água da amargura". Os críticos levantam a questão: “Por que uma mulher não podia levar seu marido perante o padre se ela suspeitava que ele era culpado de adultério?”

Acontece que os críticos escolheram um texto pobre para ilustrar a opressão das mulheres. Por um lado, considere o contexto, que nos dá todos os motivos para pensar que essa lei se aplicava também aos homens. Antes e depois desta passagem, a legislação diz respeito a homens e mulheres: “Israelitas” (Nm 5: 2 NVI), “um homem ou mulher” (Nm 5: 6), “um homem ou uma mulher” (Nm 6: 2) Não era apenas prerrogativa do marido convocar esse julgamento especial; a esposa também poderia.

Em segundo lugar, este tribunal sacerdotal foi realmente organizado para a proteção e defesa das mulheres, não para humilhá-las diante de maridos orgulhosos ou turbas preconceituosas. Essa lei protegia as mulheres da raiva violenta do marido ou da ameaça arbitrária de divórcio para livrar-se de sua esposa por um preço baixo.4 E se a mulher fosse culpada, então ela certamente ficaria aterrorizada por um sinal sobrenatural afetando seu corpo. Na verdade, como aconteceu com as mortes de Ananias e Safira na igreja primitiva (Atos 5), os israelitas teriam uma advertência séria a respeito da atitude de Deus em relação ao adultério.

Alguns críticos compararam este evento à "Provação do Rio" praticada em culturas não israelitas do antigo Oriente Próximo (Babilônia, Assíria, Suméria). Como isso funcionou? Quando as provas criminais eram inconclusivas, o acusado era jogado em um poço de betume - isto é , um alcatrão natural de petróleo comumente usado como selante e adesivo e como argamassa para tijolos. Na Suméria, esse alcatrão "rio" era a morada do deus Id (que significa "rio"). Às vezes, esses "jumpers" e "êmbolos, “que entraram“ no deus ”, foram vencidos pelo líquido e seus vapores tóxicos; a maioria sobreviveu (foram "cuspidos" pelo deus do rio), mas ainda era um pesadelo para suportar. Se alguém fosse vencido pelo "rio", ele era culpado, pois sua morte era o "julgamento" do deus do rio. sobreviveu,5

No entanto, há uma grande diferença entre essa "provação" e Números 5. A provação do rio era o tratamento geral para evidências criminais inconclusivas em todos os setores. Na lei mosaica, no entanto, uma acusação não poderia ser estabelecida a menos que duas ou três testemunhas fossem disponível; caso contrário, o lado da acusação não tinha um caso - fim da história. (No julgamento único de ciúme em Números 5, embora não houvesse testemunhas disponíveis, é compreensível que certas pistas possam alertar um marido ou esposa para algo suspeito acontecendo com um cônjuge - comportamento estranho, reações irracionais, começando a suar repentinamente ou simplesmente a crença do marido de que ele não estava envolvido na concepção de um filho de sua esposa.)

Em segundo lugar, se o acusado não sabia nadar e sair do alcatrão, ele parecia culpado, mesmo sendo inocente! Não é assim se uma esposa (ou marido) israelita foi falsamente acusado. Um sinal sobrenatural revelador foi fornecido para provar a culpa. Terceiro, a provação do rio assumia a culpa até que a inocência fosse provada; no julgamento do ciúme, o tribunal presumiu inocência, a menos que a culpa fosse exposta por um milagre divinamente concedido.

Impureza no parto: Levítico 12: 1-8

Esta passagem, afirmam alguns, implica a inferioridade feminina: a mulher é cerimonialmente impura por quarenta dias (7 + 33 dias) após dar à luz um menino, mas oitenta dias (14 + 66 dias) após dar à luz uma menina. Certamente, isso revela um status social inferior para as mulheres.

Novamente, não tão rápido! Várias explicações sensatas foram propostas. Alguns estudiosos argumentam que mais dias para as mulheres na verdade indicam um tipo de proteção das mulheres, em vez de um sinal de inferioridade. Outros sugerem que o motivo pode ser preservar a distinção religiosa de Israel em relação à religião cananéia, na qual as mulheres se engajavam em ritos sexuais religiosos em seus templos.

Em geral, a separação mais longa de uma mãe judia do tabernáculo (ou templo) após dar à luz uma menina representava uma declaração teológica e ética. No antigo politeísmo do Oriente Próximo, a forte ênfase estava nos ritos de fertilidade, prostituição de culto e na dramatização do nascimento de deuses e deusas. A distância entre o nascimento e a adoração no templo - especialmente com as meninas - foi cuidadosamente mantida.

Outra explicação plausível se concentra em uma fonte natural de impureza - a saber, o fluxo de sangue. O versículo 5 se refere ao motivo: é por causa do "sangue de sua purificação". A mãe experimenta sangramento vaginal ao nascer. No entanto,

esse sangramento vaginal também é comum em meninas recém-nascidas, devido à retirada do estrogênio da mãe quando a menina é bebê sai do útero da mãe. Portanto, temos duas fontes de impureza ritual com o nascimento de uma menina, mas apenas uma com o de um menino.

Observe também que quando o tempo de purificação terminar, seja "por um filho ou por uma filha", a mãe deve trazer a oferta idêntica (seja um cordeiro, pombo ou rola); esta deve ser uma oferta de purificação (12: 6) ─ não tecnicamente uma oferta pelo pecado ─ e seu propósito é remover a impureza ritual (não moral).6

Casamento Levirato: Deuteronômio 25: 5-10

Se um homem morresse sem um filho para continuar com o nome da família, seu irmão solteiro poderia se casar com a viúva para manter o nome da família. Legalmente, o filho primogênito desta união era oficialmente o filho do marido falecido. Como o primeiro marido havia falecido, isso não era considerado incesto (relação sexual com um cunhado). O termo levirato vem da palavra latina para "irmão do marido" ou "cunhado", levir. Essa legislação soa muito estranha aos ouvidos modernos e certamente reflete uma origem patriarcal. Uma prática semelhante foi realizada pelos hititas. A lei deles afirmava que se um homem tem uma esposa e depois morre, seu irmão deve tomar a viúva por esposa.7

Embora o casamento levirato fosse um arranjo reconhecidamente patriarcal, devemos ter certas coisas em mente. Primeiro, se a viúva se casasse com o irmão de seu falecido marido, isso ajudaria a manter a propriedade da viúva (que ela pode ter trazido para o casamento) dentro da família. Casar fora da família significava correr o risco de perdê-la.8 Em segundo lugar, embora o homem pudesse recusar, isso foi desencorajado. E se ele se recusasse a obedecer, a própria viúva poderia exercer seu papel e seus direitos na vergonhosa "cerimônia das sandálias". Portanto, a viúva tinha uma certa vantagem natural nesse arranjo.

É instrutivo colocar esse cenário de levirato ao lado da história das filhas de Zelofeade (Números 27: 1-11). No antigo Oriente Próximo, existiam leis patriarcais de primogenitura - o direito do primogênito de receber propriedade e herdar a chefia da família do pai. Deuteronômio 21:17 revela que isso significava uma porção dobrada para o primogênito sobre seus irmãos. No entanto, a primogenitura é sutilmente revertida em vários pontos do Antigo Testamento. Embora a legislação mosaica operasse dentro das estruturas patriarcais do antigo Oriente Próximo, o Antigo Testamento revela um certo dinamismo e abertura para mudanças. As filhas do falecido, Zelofeade, sem filhos, apelaram a Moisés a respeito das leis de herança que favorecem os malfeitores. À luz das circunstâncias particulares das mulheres,

Moisés levou este assunto diante de Deus, e as filhas '

Quando os humanos procuraram mudar as estruturas sociais à luz de uma compreensão moral mais profunda e da determinação de se mover em direção ao ideal, testemunhamos uma adaptação das antigas estruturas do Oriente Próximo. Mesmo no início do Antigo Testamento, várias narrativas atacam sutilmente o arranjo da primogenitura; o mais jovem regularmente substitui o mais velho: Abel sobre Caim, Isaque sobre Ismael, Jacó sobre Esaú, José / Judá sobre Rúben.9 Essa amostra bíblica revela uma ética subversiva e mais democrática; embora não seja ideal, é uma melhoria drástica em relação a outras leis do antigo Oriente Próximo.10

Esposa do seu vizinho: Êxodo 20:17

"Não cobiçarás" é o décimo mandamento. Proíbe o desejo do que pertence por direito a outrem. O que está incluído nesta proibição? Casa do vizinho, esposa, servo ou serva, boi, jumento e "tudo o que pertence ao seu vizinho . " Os críticos reclamam que a esposa é vista de forma desfavorável e inadequada como propriedade — na mesma categoria da casa de um vizinho, boi ou jumento!

Um grande problema: apenas alguns comandos anteriores (Êxodo 20:12), os filhos são ordenados a dar à sua mãe uma honra igual à do pai. Uma mãe deveria ter autoridade igual sobre seus filhos. (Verifique a sequência de versículos citados anteriormente neste capítulo.) Outro grande problema: as mulheres em Israel não eram itens vendáveis como casas, bois ou jumentos. Outro fato revelador é que em outras culturas no antigo Oriente Próximo, a mãe freqüentemente estava sob o controle do filho.11 No entanto, a lei mosaica apresenta um contraste notável a esse respeito. Levítico 19: 3 ordena ao filho que reverencie a mãe e o pai igualmente e a mãe é até listada em primeiro lugar.

Sem sacerdotisas?

Por que as mulheres não podiam participar do sacerdócio? Por que isso foi restrito apenas a homens? Muitos críticos têm uma rixa com esse clube religioso exclusivamente masculino. Mas se você pensar bem, a maioria dos homens israelitas também foi excluída! Os sacerdotes deviam ser da tribo de Levi e da linhagem de Aarão; além disso, os homens não israelitas não podiam ser sacerdotes.

Mas não é como se o Antigo Testamento colocasse automaticamente a mulher e o sacerdócio em categorias opostas. A Bíblia diz muito sobre as sacerdotisas. De volta ao Gênesis, a própria Eva teve um papel sacerdotal no jardim do Éden; Os estudiosos da Bíblia veem esse local como um santuário que prefigura o tabernáculo (cf. Gn 2.12). Tanto Adão quanto Eva cumpriam os deveres sacerdotais de adoração e serviço a Deus, que andava e falava com eles (Gênesis 2:15; 3: 8).

Mais tarde, o sacerdócio foi estendido a toda a nação de Israel - homens e mulheres. Deus desejou que todos os israelitas se aproximassem dele como um “reino de sacerdotes” (Êxodo 19: 6). No entanto, eles se recusaram a subir ao monte; então, Moisés foi em seu lugar (20:19, 21). , um sacerdócio masculino oficial foi formado para funcionar dentro da estrutura do tabernáculo / templo.12

Portanto, ter mulheres padres não é inerentemente problemático ou antibíblico. De fato, o Novo Testamento reafirma isso: com a morte e ressurreição de Jesus, um novo Israel ─ a igreja ─ foi criado; é um santo sacerdócio e um reino de sacerdotes que oferecem sacrifícios espirituais a Deus (1 Pedro 2: 5, 9; Ap. 1: 6; 5:10; 20: 6).

Por que então nenhuma mulher no tabernáculo / templo do Antigo Testamento? O motivo é este: para evitar a contaminação da adoração pura em Israel. Nas antigas religiões do Oriente Próximo, os próprios deuses (e deusas) participavam de atos sexuais grotescos. Eles se envolveram em incesto (por exemplo, Baal com sua irmã Anat). Eles participaram da bestialidade (por exemplo, Baal fazendo sexo com uma novilha, que dá à luz um filho). E eles se envolveram em orgias sexuais e seduções. E tudo isso sem nenhum indício de condenação!13

As religiões do antigo Oriente Próximo geralmente incluíam rituais de culto à fertilidade, adoração à deusa e sacerdotisas (que serviam como a esposa do deus). As prostitutas do templo abundavam e a imoralidade sexual era praticada em nome da religião. Fazer sexo com sacerdotisas significava união com a deusa que você adorava. Na verdade, o sexo com uma prostituta do templo levaria Baal e sua consorte Asherah a fazer sexo no céu, o que, por sua vez, resultaria em fertilidade em toda a volta - mais filhos, mais gado, mais safras. O sexo foi divinizado em Canaã e em outras culturas do antigo Oriente Próximo. O adultério estava bem, contanto que o sexo fosse "religioso".14 Se nos tornarmos o que adoramos, então não é surpreendente que a religião e a sociedade cananéia tenham se corrompido pelo "sexo sagrado". Portanto, as prostitutas cananéias femininas e masculinas do culto foram proibidas (cf. Gênesis 38:15, 2230; Deuteronômio 23:18 -19; também Oséias 4:14) Israel não devia imitar as nações cujas divindades praticavam a imoralidade sexual.

Essas religiões eram tolerantes? Sim, de todas as maneiras erradas! Dos deuses para baixo, todos os tipos de desvios sexuais eram tolerados, mas em detrimento da sociedade e da família. Na verdade, muitos códigos de leis do antigo Oriente Próximo permitiam atividades que minavam a integridade e a estabilidade da família. Por exemplo, os homens podiam se envolver em relações adúlteras com escravos e prostitutas. As leis de Lipit-Ishtar da Baixa Mesopotâmia (1930 aC) dão como certa a prática da prostituição.15 Na lei hitita (1650-1500 aC), "Se um pai e filho dormem com a mesma escrava ou prostituta, não é uma ofensa."16 Como um aparte, a lei hitita

até permitia a bestialidade: “Se um homem tem relações sexuais com um cavalo ou uma mula, não é uma ofensa."17

A lei de Moisés procurava evitar que os israelitas glorificassem o adultério (ou pior) em nome da devoção religiosa. Manter um sacerdócio exclusivamente masculino, portanto, ajudou a criar esse tipo de distinção religiosa, bem como preservou a santidade do casamento. Não foi um golpe contra as mulheres. Era uma questão de preservar a pureza religiosa e a santidade do sexo dentro do casamento.

Lembre-se de que em Israel os sacerdotes desempenhavam três tipos de funções:

1. ensino, judicial, administrativo
2. profético (por exemplo, discernir a vontade de Deus por meio do lançamento da sorte, conhecido como Urim e Tumim)
3. culto (cerimônias / rituais religiosos)

No Israel do Antigo Testamento, mulheres como Miriam (Êxodo 15:20), Débora (Juízes 4–5, esp. 4: 4) e Hulda (2 Reis 22:14) cumpriam os primeiros dois papéis como professores, juízes, e profetisas. A terceira área era proibida para mulheres ─ e a maioria dos outros homens. Na verdade, mesmo os reis de Israel não podiam cumprir vários deveres de culto (2 Crônicas 26: 16-21). Portanto, embora o patriarcalismo estivesse embutido nas atitudes israelitas, não era isso que impedia as mulheres de serem sacerdotes; antes, era uma questão de identidade religiosa e bem-estar moral de Israel.

Poderíamos cobrir mais território do que isso, mas esperançosamente essas respostas aos argumentos dos críticos ajudarão a colocar essas passagens em contexto - e colocar um pouco do contencioso para descansar.

Leitura Adicional

Davidson, Richard M. Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament. Peabody, MA: Hendrickson, 2007.

Jones, Clay. “Por que não odiamos o pecado para não entender o que aconteceu aos cananeus: um adendo aos argumentos do 'genocídio divino'.” Philosophia Christi ns 11 (2009): 53-72.

11

Preço da Noiva?

Poligamia, concubinato e outros semelhantes Questões

Desde a época de Thomas Jefferson, existem rumores sobre seu pai ter uma criança por meio de sua escrava Sally Hemings. Durante a década de 1990, a discussão foi intensificada e o presidente Jefferson foi alegadamente exposto como um fundador hipócrita. Pesquisas posteriores, no entanto, mostraram que o provável culpado era o irmão mais novo de Thomas, Randolph, que estava em Monticello na mesma época em que Hemings concebeu e que era conhecido por passar algum tempo com os escravos. Por outro lado, Thomas, que tinha 64 anos na época, estava lutando contra graves problemas de saúde, incluindo enxaquecas intensas. Randolph, embora dado à embriaguez, gozava de melhor saúde e seu caráter não era tão refinado quanto o de Thomas.1

Bem, se Thomas fosse o pai do filho de Hemings, pior para ele! E o fato de ele ter escravos (com sentimentos conflitantes, devemos acrescentar) ainda não prejudicaria a afirmação da Declaração de Independência de que todos os humanos são “criados iguais” e são “dotados por seu Criador de certos direitos inalienáveis”. O mesmo é verdade no Antigo Testamento. Mesmo que figuras proeminentes do Antigo Testamento tivessem mais de uma esposa ou concubinas, isso ainda não derrubava o padrão de monogamia em Gênesis 2:24. Mas a poligamia era legalmente permitida? Ou as leis de Israel proíbem essa prática, mesmo que Elcana, Davi, Salomão e outros desconsiderem a proibição?

No antigo Oriente Próximo, um homem casado podia tomar uma concubina - ou esposa de segunda classe - quando sua situação era "inconcebível", isto é, se sua primeira esposa fosse considerada infértil (ou mesmo se ela adoecesse). nesses casos, não era incomum que um homem tomasse outra esposa para gerar descendentes. Quando olhamos para a história de Israel, vemos a influência dessa prática muito

cedo. A família era fundamental e ter filhos era vital para continuar a memória da família. Não ter filhos — e, portanto, sem herdeiros — era considerado uma tragédia e até uma desgraça. Por isso, uma esposa de segunda linha era frequentemente contratada para remediar a situação.

No antigo Oriente Próximo, a poligamia era tida como certa e não oficialmente proibida. Foi legalmente sancionado no Código de Hamurabi, que permitia ao dono de uma escrava, desde que ela era propriedade, utilizar seus poderes sexuais e reprodutivos para ter filhos; se ela produzisse filhos, ela poderia ficar livre com a morte de seu mestre.2

A referência mais antiga à poligamia (bigamia) no Antigo Testamento é o não tão bom Lameque, que toma duas esposas (Gênesis 4:19, 23-24) - a primeira de mais de trinta referências à poligamia no Antigo Testamento. Mais tarde, em Gênesis, Abraão não conseguiu gerar um filho com Sara; então ela deu a ele sua serva Agar como uma "esposa" (Gênesis 16: 3), e Ismael veio como resultado. Seu nascimento produziu conflito entre Sara e Agar, com Abraão no meio de tudo. Agar aparentemente venceu em este jogo de ascensão, até que Sara a mandou embora. (Veremos a história de Sara-Hagar quando chegarmos à escravidão e ao Novo Testamento.)

Os mesmos problemas ocorreram com Jacob. Por meio de truques, ele acabou com duas esposas em vez de uma. Quando Raquel e Lia perceberam que eram inférteis, em desespero deram a Jacó suas servas na esperança de gerar filhos nessa competição de honra e vergonha. Uma dessas servas, Bilhah, é chamada de “concubina” e uma das “esposas” de Jacó (Gênesis 35:22; 37: 2), uma esposa de segunda linha.

Portanto, aparentemente havia algo de oficial nesse arranjo, embora as criadas fossem esposas de segunda linha. Às vezes, as concubinas eram simplesmente esposas de segunda classe, embora ainda oficialmente casadas. Ou o termo pode se referir a uma segunda esposa que vem depois que a primeira morreu. Por exemplo, depois que Sara morreu, o viúvo Abraão casou-se com outra esposa, Quetura. Primeira Crônicas 1:32 refere-se a ela como uma “concubina [pilegesh],” mas este termo pode ser usado para uma esposa legítima, mas não para a esposa original de um homem.3 Mesmo a concubina mencionada nos Juízes 19 não era uma amante; ela foi considerada casada com um "marido" (v. 3). O texto usa "sogro" e "genro" para indicar o estado civil genuíno (vv. 4-5,
7, etc.).

Embora os casamentos polígamos (incluindo concubinas) ocorressem no Velho Testamento sem o selo de aprovação de Deus, lembre-se de que tais casamentos ainda traziam consigo o compromisso do marido de proteger e sustentar sua esposa. Em contraste, se um filho veio de uma mulher contratada para o prazer sexual, isso trouxe

vergonha e nenhuma herança (por exemplo, Jefté em Juízes 11: 1-2).

Quando se tratava dos governantes de Israel, as manobras políticas - não simplesmente o prazer sexual - freqüentemente envolviam a tomada de concubinas. As coisas acabam ficando ridículas com Salomão tendo setecentas esposas e trezentas concubinas (1 Reis 11: 3), muitas vezes tiradas de outras nações para fins de alianças políticas. No entanto, Deuteronômio 17:17 advertia estritamente que os futuros reis de Israel não deveriam "multiplicar esposas para si, ou então seu coração se desviaria; nem aumentará muito a prata e o ouro para si "; nem deve acumular cavalos (de carruagem) ou retornar ao Egito.

Acontece que Salomão fez todas essas coisas, que foram sua queda (1 Reis 11: 1). Em 1 Reis, o narrador bíblico usa a ironia para denunciar a liderança e as qualificações espirituais de Salomão. Desde o início de seu reinado, ele violou todas essas proibições: (1) casar-se com a filha de Faraó e outras esposas estrangeiras (3: 1; 11: 1-8); (2) acumular (carruagens) cavalos (10:26); (3) acumular prata e ouro (10:27); (4) fazer uma aliança com o Egito por meio do casamento (3: 1).4 Salomão também foi um tirano que, de acordo com seu filho Roboão, colocou um "jugo pesado" sobre Israel e "açoitou-os com chicotes" (12: 4, 14 NVI). A desobediência e a mão pesada de Salomão eventualmente levaram ao reino dividido de Israel. Salomão desperdiçou o potencial e os dons que Deus havia lhe dado. Ele falhou em cumprir as condições de Deus: se Salomão obedecesse, Deus estabeleceria seu reino; se ele adorasse falsos deuses, então Israel seria cortado da terra que Deus havia dado a eles (1 Reis 9: 4-8). O exemplo moral e espiritual apontado em Israel falhou espetacularmente, especialmente na área do casamento.

Endossos da poligamia?

Aí está a piada: "Eu trato minhas duas esposas da mesma forma. Não é bigamia? "Vemos muita bigamia (duas esposas) no Antigo Testamento, e não é incomum ouvir críticos dizer, com base em certos textos do Antigo Testamento, que Deus realmente endossa a poligamia / bigamia. No entanto, se Deus recomendou ou ordenou tal prática, isso seria um desvio do padrão assumido de monogamia heterossexual em Gênesis 2:24 e em outros lugares.Vamos ver vários textos importantes sobre este tópico.

Sem poligamia: Levítico 18:18

Um excelente caso pode ser feito que Levítico 18:18 proíbe a poligamia: "Não tome a irmã de sua esposa [literalmente, 'uma mulher para sua irmã'] como uma esposa rival e tenha relações sexuais com ela enquanto sua esposa estiver viva" (NVI)5 Este texto é regularmente esquecido nas discussões sobre poligamia no

Antigo Testamento. Parte da razão para esse descuido é onde esse versículo pode ser encontrado. O significado desse versículo é obscurecido porque é precedido por várias leis anti-incesto (vv. 617). Veremos, entretanto, que Levítico 18:18 é um versículo transicional e não deve ser incluído na seção anti-incesto. Uma grande quebra ocorre entre os versos 17 e 18.

Cada versículo em 7-17 começa de forma idêntica, começando com o substantivo “a nudez (de) ['erwat], "e leva ao comando," Você não deve descobrir_____ nudez. "Além disso, em cada um desses versículos (exceto v. 9), uma explicação é dada para a proibição (por exemplo," ela é sua mãe "); essa explicação não é encontrada no versículo 18, o que esperaríamos se fosse uma proibição do incesto.

Em contraste, cada versículo em 18-23 começa com uma construção diferente. Mesmo se você não ler hebraico, você pode realmente apenas dar uma olhada no texto e ver imediatamente a diferença na estrutura começando com o versículo 18. Cada versículo 18-23 começa com o que é chamado de conjuntiva waw (como nossa palavra "e") seguido por uma palavra diferente de “nudez” ('erwat); também, em vez do uso consistente do negativo (lo) mais o verbo "descobrir" (tegalleh, da raiz galah), como em 7-17, aqui as partículas negativas são usadas antes de outros verbos que não sejam descobrir. Por que esses contrastes importante? Nos versos 6-17, estamos lidando com laços de parentesco, enquanto os versículos 18-23 tratam de relações sexuais proibidas fora dos laços de parentesco.

Além disso, a palavra-chave em 18:18 é sarar ─ ou seja, "fazer uma esposa rival". A mesma palavra na forma substantiva (sarah) também é encontrada em 1 Samuel 1: 6, a história de Elcana e sua esposa Ana e a esposa “rival” Penina. Ana e Penina não eram irmãs biológicas, apenas duas cidadãs israelitas (ou "irmãs"). Isso se encaixa no que encontramos na seção de não parentesco de Levítico 18. Portanto, esta lei em 18:18, então, proíbe explicitamente a captura de uma segunda esposa (rival) além da primeira ─ a interpretação feita pela comunidade de Qumran (pergaminhos do Mar Morto), estabelecida no segundo século AC.6

Um ponto final aqui: a própria formulação de 18:18 (literalmente, "uma mulher para sua irmã") indica que esta não é uma irmã literal. Esta frase "uma mulher para sua irmã" e sua contraparte, "um homem para sua irmão "são usados vinte vezes nas Escrituras Hebraicas, e nunca se referem a uma irmã ou irmão literal. Em vez disso, são expressões idiomáticas para" um em adição ao outro ". Portanto, este versículo não se refere ao incesto, mas sim ao acréscimo de outra esposa à primeira (isto é, poligamia).

O que dizer então de outras instâncias nas Escrituras que parecem endossar a poligamia? Deus proíbe isso em Levítico 18:18, mas as pessoas praticavam em Israel.

Claro, o mesmo pode ser dito sobre muitas práticas proibidas: idolatria, sacrifício infantil, opressão dos pobres e assim por diante. No entanto, alguns argumentarão que a poligamia está implícita ou mesmo divinamente encorajada em certas passagens. Então, vamos explorar alguns desses textos.

Serva como esposa em perspectiva: Êxodo 21: 7-11

> Se um homem vende sua filha como uma serva ['amah], ela não deve ser libertada como fazem os servos. Se ela não agradar ao mestre que a escolheu para si [ou seja, ele se recusa a fazer um possível noivado], ele deve permitir que ela seja redimida. Ele não tem o direito de vendê-la a estrangeiros, porque quebrou a fé com ela. Se ele a selecionar para seu filho, ele deve conceder a ela os direitos de uma filha. Se ele se casar com outra mulher, não deve privar a primeira de sua alimentação, roupas e direitos conjugais. (Êxodo 21: 7-11 NVI)

Como vimos anteriormente, este é outro exemplo de jurisprudência (lei casuística).7 Esses regulamentos não pressupõem que os estados de coisas descritos sejam ideais. A jurisprudência começa com exemplos específicos que não apresentam necessariamente os melhores cenários: “se dois homens brigam” ou “se alguém agride um homem” são exemplos de jurisprudência. Portanto, a lei aqui instrui os israelitas sobre o que deve ser feito sob certas condições inferiores (“Se um homem vender sua filha ...”). Mas veremos que, mesmo que as condições sejam aquém das ideais, o objetivo é proteger as mulheres em circunstâncias infelizes. Mais tarde, voltaremos a esta passagem no contexto da servidão israelita (escravidão).

Ficamos nos perguntando: “Que tipo de pai venderia sua filha?” Na verdade, quando um pai vende sua filha, ele está fazendo isso por desespero econômico, como veremos mais adiante nos capítulos sobre servidão, que é mais como um emprego contratado. Na verdade, o pai está fazendo isso por preocupação com sua família, e as leis de Israel forneceram uma rede de segurança para os mais pobres. A venda voluntária era uma questão de sobrevivência em difíceis circunstâncias financeiras. Contratar temporariamente membros da família para empregadores, que também forneciam hospedagem e alimentação, era a alternativa mais adequada em tempos difíceis. Redes de segurança não deveriam se transformar em redes, e um servo típico tentou quebrar os termos de seu contrato e se livrar das dívidas.

No que diz respeito à filha casadoura, o pai faria o possível para cuidar dela também. Aqui, ele está tentando ajudar sua filha a encontrar segurança no casamento; o pai arranjaria um homem com meios para se casar com ela.

Algumas pessoas vão argumentar: “Olha, o homem tem um filho. Portanto, ele deve ser casado e, portanto, está considerando a possibilidade de conseguir uma segunda esposa, talvez para gerar filhos se sua primeira esposa for estéril. Portanto, temos suporte implícito de poligamia aqui, não temos? "

Essa conclusão é muito rápida, no entanto. Vai além da evidência. Duas opções

óbvias se apresentam: (1) a primeira esposa do homem morreu; ou (2) o homem e sua primeira esposa se divorciaram. Não vamos esquecer que o filho estava em idade de casar ─ normalmente, na casa dos vinte anos (assim como a menina). Portanto, quer o homem tome essa jovem serva para ser sua esposa ou esposa de seu filho, ainda não temos poligamia de qualquer maneira.

Além disso, esta passagem em particular envolve alguns problemas de tradução. O texto hebraico do versículo 8 indica que o homem decide não tomar a serva por esposa. Nos versículos 9-10, duas outras possibilidades surgem: (1) o homem (viúvo ou divorciado) pode dá-la a seu filho, ou ─ e esta é a parte complicada ─ (2) ele "se casa com outra mulher". Alguns sugerem que isso é um endosso da poligamia: o homem pega a serva e se casa com outra mulher. Mas isso é uma interpretação errada. Já fomos informados no versículo 8 que o homem não escolhe tomar a serva como sua esposa (…) Nesse caso, devemos entender o versículo 10 como significando que ele se casa com outra em vez da serva.

Então, o que dizer dos "direitos matrimoniais" que o homem deve a ela? Isso também não soa como poligamia aqui? O problema com a tradução "direitos matrimoniais" ('onah) é este: é uma punhalada no escuro com um termo usado apenas uma vez no Antigo Testamento. Palavras que ocorrem uma vez muitas vezes podem ser difíceis de manusear, e os tradutores devem agir com cuidado. Alguns estudiosos sugeriram possibilidades mais prováveis. Por exemplo, esta palavra pode estar relacionada a uma palavra para óleo (ou possivelmente unguentos); a serva deve ser enviada com três necessidades básicas: comida, roupas e óleo.

No entanto, uma versão ainda mais plausível está disponível. A raiz da palavra está associada à ideia de habitação ou habitação (ma'on, me'onah); por exemplo, "Deus é uma morada", ou o céu é a santa "morada" de Deus (Deuteronômio 33:27; 2 Crô. 30:27). Podemos concluir com mais segurança que estão em vista aqui aposentos ou abrigo (embora possivelmente petróleo), não direitos conjugais. Portanto, deve-se garantir à empregada as necessidades básicas: alimentação, roupas e alojamento / abrigo. Portanto, não estamos nem falando sobre poligamia aqui, muito menos sobre algum suporte implícito dela.

Para revisar, os três problemas aqui são:

1. Se o homem rejeitar a serva como esposa, ela terá sua liberdade (redimida / comprada de volta).
2. Se seu filho quiser se casar com ela, ela deve ser aceita como um membro da família e tratada como uma filha.
3. Se o homem se casar com outra mulher, a serva receberá comida, roupas e

alojamento.

Embora voltemos a tocar nessa passagem (à luz de Deuteronômio 15), acho que podemos deixar de lado a questão da poligamia no que diz respeito a Êxodo 21.

David: 2 Samuel 12: 8

Supostamente, o comentário do próprio Deus aqui (por meio do profeta Nathan) sugere um endosso da poligamia. Depois do estupro de Bate-Seba pelo poder de Davi e do assassinato de seu marido, Urias, Deus diz a Davi: “Também dei a você a casa de seu senhor e as esposas de seu senhor aos seus cuidados. . . ; e se isso fosse muito pouco, eu teria acrescentado a você muito mais coisas como estas ”(2 Sam. 12: 8). Deus não está graciosamente provendo várias esposas para Davi?

Devemos ter cuidado para não ler muito na palavra dada. Afinal, a mesma palavra é usada em 2 Samuel 12:11: “Eis que levantarei contra ti o mal da tua própria casa; Vou até levar suas esposas diante de seus olhos e entregá-las ao seu companheiro. ”Certamente Deus não demonstrou sua aprovação da poligamia“ entregando ”as esposas de Davi ao traiçoeiro filho Absalão.

Além disso, o “mestre” mencionado em 12: 8 é Saul. A frase indicando que Deus “deu a“ casa ”e“ esposas ”de Saul a Davi é provavelmente uma referência geral à transferência da propriedade de Saul para o novo monarca, Davi. Se Davi tomasse a esposa de Saul, Ainoam (1 Sam. 14:50) para ser sua, isso seria uma violação da lei levítica: Ainoão era a mãe de Mical, que Saul deu a Davi como esposa, e Levítico 18:17 proíbe casar com a sogra. Portanto, esta passagem dificilmente dá suporte ao endosso de Deus à poligamia.

A esposa não amada: Deuteronômio 21: 15-17

> Se um homem tem duas esposas, uma amada e a outra não amada, e tanto o amado quanto o não amado lhe deram filhos, se o filho primogênito pertence ao não amado, então será no dia em que ele quiser o que tem para seu filhos, ele não pode fazer do filho do amado o primogênito antes do filho do não amado, que é o primogênito. Mas ele reconhecerá o primogênito, o filho dos não amados, dando-lhe uma porção dobrada de tudo o que ele tem, pois ele é o princípio de sua força; a ele pertence o direito do primogênito. (Deut. 21: 15-17)

O que essa legislação faz? Ajuda a proteger contra o favoritismo. A herança do primogênito não deve ser retirada apenas porque sua mãe é a esposa desfavorecida.

Essa passagem astutamente endossa a poligamia? De jeito nenhum. “Se um homem tem duas esposas. . . "é um exemplo de jurisprudência. Não endossa necessariamente uma prática, mas dá orientação para quando surge uma situação particular. Por exemplo, Êxodo 22: 1 afirma:" Se um homem rouba um boi ou uma ovelha e o mata ou vender, ele pagará cinco bois pelo boi e quatro ovelhas pelas

ovelhas. " Esta lei não defende o roubo! Ele oferece orientação em circunstâncias infelizes, ou seja, quando ocorre um roubo.

Da mesma forma, em Mateus 19, Jesus é questionado sobre Deuteronômio 24: 1, que começa: “Quando [se] um homem se casar com uma mulher e ela não achar graça em seus olhos, porque ele encontrou alguma indecência em ela, e ele escreve para ela uma certidão de divórcio e a coloca em suas mãos e a manda embora de sua casa. . . "Jesus diz aos seus questionadores que Moisés não ordenou esta legislação (que era para proteger uma mulher divorciada do capricho de seu marido, que mais tarde decide que a quer de volta); ao contrário, ele permitiu por causa da dureza humana (Mat. 19: 8).

Além disso, alguns estudiosos sugerem que Deuteronômio 21: 15-17 não afirma que ambas as esposas estão morando na mesma casa. A forma verbal de “tem” sugere que o homem pode ter se casado novamente após a morte de sua primeira esposa.8

Vamos tentar encerrar a questão da poligamia resumindo a resposta apropriada à poligamia no Antigo Testamento:

- O Antigo Testamento deixa claro o ideal embutido na criação. Em Gênesis 2:24, observe o singular “esposa”, bem como “pai e mãe”.
- Levítico 18:18 expressa forte desaprovação da poligamia, mesmo que esta lei nem sempre foi realizado.
- Os escritores bíblicos esperavam por um comportamento melhor.
- Alguns estudiosos sugeriram que a poligamia pode ter sido tolerada pela razão prática de que sua proibição teria sido difícil de aplicar.
- Das esposas de Lameque às de Abraão, Esaú, Jacó, Davi e Salomão, onde quer que vejamos o ideal de monogamia de Deus ignorado, testemunhamos contendas, competição e desarmonia. O Antigo Testamento apresenta a poligamia não apenas como indesejável, mas também como uma violação dos padrões de Deus. As narrativas do Antigo Testamento criticam sutilmente esse arranjo matrimonial.
- Deus avisa aquele que tem mais probabilidade de ser polígamo — o rei de Israel: “Ele não multiplicará mulheres para si, senão o seu coração se desviará” (Deuteronômio 17:17).
- O próprio Deus é um exemplo do amor da aliança por seu povo; esta união ideal de casamento

  a fidelidade entre marido e mulher não tem competição.

O conselho de Provérbios 5: 15-18 é o padrão presumido. Um homem deve encontrar

prazer e satisfação sexual com sua esposa em um casamento monogâmico: “Beba. . . água doce do seu próprio poço ”(v. 15).

The Bride-Price

A ideia do preço da noiva é apresentada pelos novos ateus como se fosse uma questão de comprar uma esposa como se fosse um cavalo ou uma mula. Na verdade, o preço da noiva era a maneira como um homem mostrava suas sérias intenções para com sua futura noiva, e era uma maneira de reunir duas famílias para discutir um assunto sério, sagrado e para toda a vida. Fazer sexo com uma jovem sem os preparativos necessários e a cerimônia formal desvalorizou a mulher e a sexualidade. O processo em torno do preço da noiva refletia a situação honrosa do casamento.

Pense no sistema de dote usado em lugares como a Índia. Nesse caso, a família da noiva dá dinheiro para a família do futuro marido. Tal transação dificilmente significa que o futuro noivo é mera propriedade! Por que concluir automaticamente que uma mulher é propriedade porque esse presente de casamento é dado no Antigo Testamento, mas que um homem não é propriedade sob o sistema de dote?

O preço da noiva era mais como um depósito do pai do noivo para o pai da noiva. A palavra hebraica para este depósito (mohar) é melhor traduzida como "presente de casamento". Não só ajudou a criar laços familiares mais próximos entre as duas famílias, mas também proporcionou estabilidade econômica para o casamento. Este presente dado ao pai da noiva (muitas vezes vários anos ' o valor do salário) compensava-o pelo trabalho que sua filha teria contribuído para a família.O presente de casamento - preservado pelo marido durante todo o casamento - também servia como garantia para a esposa em caso de divórcio ou morte do marido.9 Na verdade, o pai da noiva costumava dar um presente ainda maior de uma propriedade quando o casal se casava. A reclamação de Hitchens sobre o preço da noiva do Antigo Testamento é equivocada.

O estupro foi permitido?

Alguns críticos dizem que a lei de Moisés permite o estupro de mulheres ou pode condenar o estupro, mas com pouca preocupação com o bem-estar da vítima. Devemos observar duas passagens relacionadas. O primeiro é Êxodo 22: 16-17:

> Se um homem seduzir [patah] uma virgem que não está noiva e se deitar com ela, ele deve pagar um dote para que ela seja sua esposa. Se o pai dela se recusar totalmente a dá-la a ele, ele deve pagar em dinheiro igual ao dote das virgens.

Estendendo e expandindo a discussão de Êxodo 22: 16-17, Deuteronômio 22: 23-29 (que pode ser dividido em três porções), lê-se desta forma:

> Se houver uma moça que é virgem noiva de um homem e outro homem a encontrar na cidade e se deitar com ela, então, você deve trazer os dois para fora do portão daquela cidade, e você deve apedrejá-los até a morte; a menina, porque ela não gritou na cidade [ou seja, onde seus gritos podiam ser ouvidos], e o homem, porque ele violou a esposa de seu vizinho. Assim, você deve limpar o mal de entre vocês. (vv. 2324)
>
> Mas se no campo [isto é, onde a garota não tem muita chance de ser ouvida] o homem encontra a garota que está noiva, e o homem a força [chazaq] e se deita com ela, então apenas o homem que está com ela deve morrer. Mas você não deve fazer nada para a menina; não há nenhum pecado digno de morte na menina, pois assim como um homem se levanta contra seu vizinho e o mata, assim é este caso. Quando ele a encontrou no campo, a noiva gritou, mas não havia ninguém para salvá-la. (vv. 25-27)
>
> Se um homem encontra uma garota que é virgem, que não está noiva, e agarra [tapas - "pega / pega" - um verbo mais fraco do que "força" no v. 25] e se deita com ela e eles são descobertos, então o homem que se deitar com ela dará ao pai da moça cinquenta siclos de prata, e ela se tornará sua mulher porque ele a violou; ele não pode se divorciar dela todos os seus dias. (vv. 28-29)

Após uma inspeção mais detalhada, o contexto enfatiza a proteção das mulheres, não a insignificância das mulheres. Devemos primeiro distinguir entre três cenários na passagem de Deuteronômio 22:

1. adultério entre dois adultos que consentiram - um homem e uma mulher noiva (v. 23), que é uma violação do casamento (“ele violou a esposa do vizinho”)
2. o estupro forçado de uma noiva (v. 25), cuja inocência é assumida
3. a sedução de uma mulher não comprometida (v. 28), uma expansão da passagem de sedução de Êxodo 22: 16-17

Em cada caso, o homem é culpado. No entanto, o argumento dos críticos se concentra nos versículos 28-29: a vítima de estupro está sendo tratada como se fosse propriedade de seu pai. Ela foi violada e o estuprador escapou pagando uma taxa nupcial. Nenhuma preocupação é demonstrada com a garota. Na verdade, ela aparentemente é forçada a se casar com o homem que a estuprou! Essas cobranças são justificadas?

Com relação aos versículos 28-29, vários estudiosos vêem Êxodo 22: 16-17 como pano de fundo para este cenário. Ambas as passagens são variações do mesmo tema. Mesmo que haja alguma pressão do homem, a jovem é cúmplice; embora inicialmente pressionada (seduzida), ela não age contra sua vontade. O texto diz “eles são descobertos” (v. 28), não “ele é descoberto”.10 Ambos são culpados. Tecnicamente, essa pressão / sedução não poderia ser chamada de estupro forçado, caindo em nossa categoria contemporânea de estupro estatutário. Embora a mulher cedesse, o homem aqui suportaria o peso da responsabilidade.

Como seria mais difícil para uma mulher encontrar um marido se ela tivesse se

envolvido sexualmente com outro antes do casamento, o preço da noiva - uma espécie de segurança econômica para seu futuro - estaria em risco. O homem culpado de estupro estatutário seduziu a mulher não engajada; ele não era um estuprador de rua escura de quem a jovem tentou lutar ou de quem tentou fugir. Essa passagem está longe de ser humilhante para as mulheres.

Ambas as passagens sugerem dois cursos de ação:

1. Se pai e filha concordarem, o sedutor deve se casar com a mulher e cuidar dela por toda a vida, sem possibilidade de divórcio. O pai (em conjunto com a filha) tem a palavra final no arranjo. A garota não é obrigada a se casar com o sedutor.
2. O pai da menina (o representante legal) tem o direito de recusar qualquer acordo permanente, bem como o direito de exigir o pagamento que seria dado por uma noiva, mesmo que o sedutor não se case com sua filha (uma vez que ela foi sexualmente comprometida, o casamento com outro homem seria difícil, senão impossível). A garota tem que concordar com esse acordo e não é obrigada a se casar com o sedutor. Nesse arranjo, ela ainda é tratada como virgem.11

Novamente, não vemos falta de preocupação com a mulher. O seu bem-estar é, na verdade, o tema subjacente a esta legislação.

Mulheres prisioneiras de guerra como espólio de guerra?

Como seria incrível viver em um mundo sem guerra. Embora ultimamente muitas democracias ocidentais tenham estado razoavelmente livres dos traumas e da devastação da guerra, a guerra no antigo Oriente Próximo era um modo de vida. (Falaremos mais sobre isso nos próximos capítulos.) A guerra trouxe consigo certas realidades inevitáveis no mundo antigo, e os povos do antigo Oriente Próximo tinham diferentes maneiras de "minimizar" os efeitos da guerra. Uma preocupação eram os prisioneiros de guerra (POWs). No rastro da batalha, surgiu o problema: o que fazer com os sobreviventes?

Vejamos dois textos que tratam de mulheres prisioneiras de guerra estrangeiras: Deuteronômio 20 e 21. Vamos lidar com eles na ordem inversa.

Deuteronômio 21: 10-14

Quando você sai para lutar contra seus inimigos, e o Senhor, seu Deus, os entrega em suas mãos e você os leva cativos, e vê entre os cativos uma bela mulher, e tem desejo por ela e a tomaria como esposa por você mesmo, então você deve trazê-la para sua casa, e ela deve raspar a cabeça e aparar as unhas. Ela também removerá as roupas de seu cativeiro e permanecerá em sua casa, e pranteará seu pai e sua mãe por um mês inteiro; e depois disso você pode ir para ela e ser seu marido e ela será sua esposa. Será, se você não estiver satisfeito com ela, então você deve deixá-la

ir para onde ela desejar; mas você certamente não a venderá por dinheiro, você não a maltratará, porque você a humilhou. (Deut. 21: 10-14)

Nesse cenário, a lei serviu de medida de proteção para a mulher POW. Foi ela quem se beneficiou dessa legislação. A lei defendia seus direitos e sua personalidade. Por um lado, ela não foi estuprada, o que era prática comum em outras culturas do antigo Oriente Próximo. O futuro marido israelita não poderia simplesmente se casar - muito menos fazer sexo com ela - imediatamente. Não, ela deveria ser tratada como uma esposa completa. Ao contrário de muitos casamentos em Las Vegas ou do fenômeno das noivas por correspondência, a questão do casamento em Israel não foi discutida levianamente (motivado, digamos, pela luxúria). Esse ponto é fortemente reforçado nesta passagem.

O processo de separação permitiu um período de reflexão. Antes que uma mulher prisioneira de guerra fosse tomada como esposa pelo soldado israelita vitorioso, ela teve um período de transição para fazer uma ruptura interna e externa com seu modo de vida anterior. Só depois disso ela poderia ser tomada como esposa. Dada a seriedade do compromisso conjugal, o período de tempo permitiu que o homem mudasse de ideia. A frase "se você não está satisfeito com ela" não sugere algo trivial, entretanto, uma vez que a lei mosaica levava a sério a santidade do casamento.12 Se, por algum motivo, a atitude do homem mudou, a mulher teve que ser libertada.

Deuteronômio 20: 13-14

Quando o Senhor, seu Deus, entregá-la [isto é, a cidade que rejeitou os termos de paz de Israel] em sua mão, você golpeará todos os homens nela com o fio da espada. Apenas as mulheres e as crianças e os animais e tudo o que há na cidade, todos os seus despojos, você tomará como despojo para si. (Deut.

20: 13-14)

Discutiremos a guerra mais tarde. Por enquanto, a preocupação é com o bem-estar de mulheres e crianças capturadas. Embora o estupro fosse uma característica comum na guerra do antigo Oriente Próximo, os soldados israelitas eram proibidos de estuprar mulheres, ao contrário do que alguns argumentam grosseiramente. O sexo era permitido apenas dentro dos limites do compromisso matrimonial, um tema repetido estabelecido na lei mosaica. O estupro na guerra não era uma grande exceção à exigência de fidelidade sexual.

Como em Deuteronômio 21: 10-14, o cenário é o mesmo - a saber, um soldado vai casar-se. Em vez de serem rejeitadas ou a mulher inferior no totem, as mulheres capturadas na guerra poderiam se integrar à sociedade israelita por meio do casamento. Compreensivelmente, era muito menos provável que os homens tivessem sido tão facilmente integrados na vida e no modo de vida de Israel.13

Deuteronômio 25: 11-12: Um excurso improvisado

> Se dois homens, um homem e seu conterrâneo, estão lutando juntos, e a esposa de um se aproxima para libertar o marido da mão daquele que o está batendo e estende a mão e agarra seus órgãos genitais, então você deve cortar fora de sua mão; você não deve mostrar pena. (Deut. 25: 11-12)

Esta passagem se refere à "lutadora imodesta", como disse um estudioso com humor. Sua ação foi considerada um ato vergonhoso e, o que é pior, o homem poderia ficar permanentemente ferido e, portanto, privado de futuros filhos. À primeira vista, isso A passagem aparentemente requer que a mão de uma mulher seja cortada se ela agarrar os órgãos genitais de um homem que briga com seu marido.

Agora, se fosse esse o caso, seria o único exemplo bíblico de punição por mutilação; além disso, onde as antigas leis do Oriente Próximo exigem mutilação corporal por vários crimes, a lei mosaica não o faz. Antes de explorar o texto com mais detalhes, devemos comparar isso com outras punições temíveis no antigo Oriente Próximo. Como vimos, o Código Babilônico de Hamurabi insistia que certos crimes fossem punidos com o corte da língua, do peito, da mão ou da orelha - ou o acusado era arrastado pelo gado em um campo. A lei de Moisés, embora não seja ideal, apresenta uma melhoria notável quando se trata de punições.

Uma interpretação mais plausível desta passagem é a punição de depilação ("você deve raspar [o cabelo de] sua virilha"), não mutilação. A palavra comumente traduzida como "mão" (kaph) pode se referir à "palma" de uma mão ou algum objeto côncavo arredondado como um prato, tigela ou colher, ou mesmo o arco de um pé. A palavra comumente usada para "mão" (yad) não é usada aqui. Seria estranho cortar a palma da mão!

Além disso, em certos lugares do Antigo Testamento, a palavra kaph é claramente usada para a área pélvica — ou a cavidade côncava do quadril (Gênesis 32:26, 32) ou a curva da virilha da mulher: “Levantei-me para abrir para meu amante, e minhas mãos gotejavam mirra, meus dedos gotejavam mirra, nas alças [plural: kaphot] da fechadura "(Cântico dos Cânticos 5: 5 NIV). Esta linguagem faz alusão ao" jardim fechado "em 4 : 12: “Você é um jardim fechado, minha irmã, minha noiva; você é uma fonte fechada, uma fonte lacrada "(NET). Os estudiosos geralmente concordam que a linguagem do jardim é uma metáfora para os órgãos sexuais de uma mulher, e o fato de estar" trancado "implica em sua pureza / virgindade.14

Além disso, no texto de Deuteronômio 25, não há indicação de dano físico ao homem (como alguns comentaristas costumam assumir). Para aqueles que assumem uma punição literal de "mão por mão", lembre-se de que a mão do homem não foi ferida ou cortada (se for o caso, a ideia de cortar a mão dela faria um pouco mais de sentido). Além disso, barbear cabelos — incluindo pelos púbicos — como uma

punição humilhante era praticada na Babilônia e na Suméria (ver também 2 Sam. 10: 4-5; Isa. 7:20) .Isso não é mutilação por mutilação, mas humilhação por humilhação.

Além disso, a forma verbal específica do hebraico qal (em Deuteronômio 25:12) tem uma conotação mais suave do que a forma verbal piel mais forte e intensificada, que significa "cortar" ou "(fisicamente) separar [qatsats]". Sempre que aparece nesta forma mais suave (Jer. 9:26; 25:23; 49:32), significa "cortar / cortar / barbear [cabelo]". Não há razão linguística para traduzir a forma verbal mais fraca ("barbear ") como uma forma mais forte (ou seja, amputação). Neste caso específico, estamos falando da região côncava aberta da virilha e, portanto, de uma depilação dos pelos pubianos. Em suma, a punição da mulher é a humilhação pública por humilhar publicamente o homem - algo ainda muito severo e pelo qual não houve misericórdia. Do ponto de vista textual, a visão superior é claramente a visão do "barbear", não a visão da mutilação.15

Esta é uma punição ideal para todos os tempos? De jeito nenhum! No entanto, ele se destaca em contraste marcante com as punições de mutilação severas e excessivas comuns no antigo Oriente Próximo. Na verdade, as leis da Assíria Média (por volta de 1100 aC) apresentam um cenário semelhante (no caso de ferimento ao homem), embora com consequências muito mais drásticas. Se uma mulher em uma briga ferisse o testículo de um homem, seu dedo era cortado. Se o outro testículo estivesse ferido, ambos os olhos seriam arrancados.16 Novamente, mesmo se Deuteronômio 25 estivesse lidando com uma punição de mutilação real, esta seria (1) a única punição na lei mosaica e (2) um contraste dramático com as punições de mutilação frequentes no resto do antigo Oriente Próximo. Mas, como vimos, a linguagem simplesmente não permite essa renderização de "amputação".

As leis de Israel não eram perfeitas, com certeza. Mas quando os comparamos com vários códigos de leis do antigo Oriente Próximo (seja em relação à sexualidade ou outros assuntos), a impressão geral observada pelos estudiosos é uma gama de melhorias morais dramáticas - até mesmo radicais - em Israel.

Leitura Adicional

Davidson, Richard M. Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament. Peabody, MA: Hendrickson, 2007.

Jones, Clay. "Por que não odiamos o pecado para não entender o que aconteceu aos cananeus: um adendo aos argumentos do 'genocídio divino'." Philosophia Christi ns 11 (2009): 53-72.

Wenham, Gordon J. História como Torá: Lendo as narrativas do Antigo Testamento

com ética. Grand Rapids: Baker Academic, 2000.

12

Mandado por Tráfico de Seres Humanos como equipamento agrícola? (EU)

Escravidão em israel

O escravo fugitivo e abolicionista Frederick Douglass (1817-95) escreveu em sua autobiografia sobre seu primeiro proprietário de escravos, o capitão Anthony.

> Ele era um homem cruel, endurecido por uma longa vida de escravos. Ele às vezes parecia ter grande prazer em chicotear um escravo. Muitas vezes fui acordado de madrugada pelos gritos de partir o coração de uma tia minha, que ele costumava amarrar a uma viga e chicotear suas costas nuas até que ela ficasse literalmente coberta de sangue. Nenhuma palavra, nenhuma lágrima, nenhuma oração, de sua vítima sangrenta, parecia mover seu coração de ferro de seu propósito sangrento. Quanto mais alto ela gritou, mais forte ele chicoteou; e onde o sangue corria mais rápido, lá ele chicoteava por mais tempo. Ele a chicoteava para fazê-la gritar e a chicoteava para fazê-la se calar; e só quando vencido pela fadiga, ele pararia de balançar a pele de vaca coagulada de sangue. Lembro-me da primeira vez que testemunhei essa exposição horrível. Eu era uma criança e tanto, mas me lembro bem disso. Jamais esquecerei enquanto me lembrar de alguma coisa. Foi o primeiro de uma longa série de ultrajes, dos quais eu estava condenado a ser testemunha e participante. Isso me atingiu com uma força terrível. Era o portão manchado de sangue, a entrada para o inferno da escravidão, pelo qual eu estava prestes a passar. Foi um espetáculo terrível. Eu gostaria de poder registrar no papel os sentimentos com que o vi.1

Harriet Beecher Stowe (1811-96), autora do poderoso best-seller Uncle Tom's Cabin, escreveu que os mestres sulistas tinham controle absoluto sobre todas as facetas da vida de seus escravos: “O poder legal do mestre equivale a um despotismo absoluto sobre o corpo e a alma , "e" não há proteção para a vida do escravo. "2

Serviço bíblico contratado

Um erro que os críticos cometem é associar a servidão no Antigo Testamento com a escravidão antes da guerra (pré-guerra) no Sul - como o tipo de cenário que Douglass descreveu. Em contraste, a servidão hebraica (por dívida) pode ser comparada a condições semelhantes na América colonial. Pagar passagens para a América era muito caro para muitos indivíduos. Então, eles se contratavam, trabalhando nas famílias - muitas vezes em posições de aprendiz - até que pagassem suas dívidas. Metade a dois terços dos imigrantes brancos nas colônias da Grã-Bretanha eram empregados contratados.3

Da mesma forma, um israelita amarrado a siclos pode se tornar um servo contratado para pagar sua dívida a um “patrão” ou “empregador” ('adon). Chamá-lo de "mestre" costuma ser um termo muito forte, assim como o termo 'ebed ("servo, empregado") normalmente não deve ser traduzido como "escravo". John Goldingay comenta que "não há nada inerentemente humilde ou indigno sobre sendo um 'ebed. " Na verdade, é um termo honroso e digno.4 Mesmo quando os termos comprar, vender ou adquirir são usados para empregados / empregados, eles não significam que a pessoa em questão é "apenas propriedade". Pense em um jogador de esportes hoje que é "negociado" com outro time, para o qual ele “Pertence.” Sim, as equipes têm “donos”, mas dificilmente estamos falando de escravidão aqui! Em vez disso, esses são acordos contratuais formais, que é o que encontramos nos arranjos de servidão / empregado do Antigo Testamento.5 Um exemplo dessa relação empregador / empregado contratado foi o fato de Jacó trabalhar para Labão por sete anos para que ele pudesse se casar com sua filha Raquel. Em Israel, tornar-se um servo voluntário era comumente uma medida de prevenção à fome; uma pessoa não tinha outra garantia além de si mesma, o que significava serviço ou morte. Enquanto a maioria das pessoas trabalhava na empresa da família, os empregados contribuíam para ela como empregadas domésticas. Ao contrário dos críticos, essa servidão não era muito diferente, experimentalmente, do emprego remunerado em uma economia de dinheiro como a nossa.6

Agora, a dívida tendia a vir para as famílias, não apenas para os indivíduos. Seja por causa de colheitas ruins ou endividamento grave, um pai poderia voluntariamente entrar em um acordo contratual ("vender" a si mesmo) para trabalhar na casa de outra: "um de seus conterrâneos empobrece e se vende" (Lv 25:47 NVI) Talvez sua esposa ou filhos possam "ser vendidos" para ajudar a sustentar a família em tempos economicamente insuportáveis. Se seus parentes não o "resgatassem" (pagasse sua dívida), ele trabalharia como servo de dívidas até ser libertado depois de seis anos.7 A terra da família teria que ser hipotecada até o ano do Jubileu a cada cinquenta anos (ver Levítico 25, que na verdade descreve os estágios sucessivos de miséria em Israel

nos vv. 25-54).8 Em outras palavras, essa servidão não foi imposta por um forasteiro, como foi por traficantes de escravos e proprietários de plantações no antebellum South.9 Além do mais, esse serviço contratado também não era incomum em outras partes do antigo Oriente Próximo (embora as condições fossem muitas vezes piores). E mais tarde, quando os habitantes de Judá retomaram os servos hebreus que haviam libertado, Deus os condenou por violar a lei de Moisés e por se esquecerem de que uma vez foram escravos no Egito a quem Deus havia libertado. Deus disse aos judeus que por causa de suas ações eles seriam exilados na terra de seus inimigos (Jr 34: 12-22).

Assim que um servo era libertado, ele ficava livre para buscar seu próprio sustento sem quaisquer obrigações adicionais dentro daquela casa. Ele voltou a ser um participante pleno da sociedade israelita. Tornar-se um servo contratado significava um pequeno degrau na escada social, mas uma pessoa poderia voltar a ser um cidadão pleno uma vez que a dívida fosse paga ou fosse libertada no sétimo ano (ou no quinquagésimo ano). No entanto, a lei dizia respeito ao fato de que os servos contratados deviam ser tratados como um homem "contratado de ano em ano" e não deviam ser "governados ... implacavelmente" (Levítico 25: 53-54 NVI). Na verdade, os servos em Israel não foram isolados da sociedade durante sua servidão, mas foram totalmente inseridos nela. Como mencionei anteriormente, Israel '

Portanto, a servidão vitalícia inevitável era proibida, a menos que alguém amasse o chefe da família e quisesse se apegar a ele (Êxodo 21: 5). Os servos - mesmo que não tivessem pagado suas dívidas - recebiam liberdade a cada sete anos, com todas as dívidas perdoadas (Deuteronômio 15). Como veremos, seu status legal era único e uma melhoria dramática em relação aos códigos legais no antigo Oriente Próximo. Um estudioso escreve que "o hebraico não tem vocabulário de escravidão, apenas de servidão".10

A libertação garantida de um servo israelita em sete anos era um controle ou regulamento para evitar o abuso e a institucionalização de tais posições. O ano da libertação lembrou aos israelitas que a servidão induzida pela pobreza não era um arranjo social ideal. Por outro lado, a servidão existia em Israel precisamente porque existia pobreza: sem pobreza, sem servos em Israel. E se os servos viviam em Israel, era um arranjo voluntário (induzido pela pobreza) e não forçado.

Meios de ajudar os pobres

No mundo antigo (e além), a escravidão de bens móveis (ou propriedade) tinha três características:

1. Um escravo era propriedade.
2. Os direitos do proprietário de escravos sobre a pessoa e o trabalho do escravo eram totais e absolutos.
3. O escravo foi despojado de sua identidade - racial, familiar, social, conjugal.11

Pelo que vimos, isso não descreve o servo hebreu de forma alguma, nem (como veremos no próximo capítulo) se encaixa no "escravo" não israelita em Israel.

As leis dos servos de Israel preocupavam-se em controlar ou regular - não idealizar - um arranjo de trabalho inferior. A servidão israelita foi induzida pela pobreza, foi assumida voluntariamente e estava longe de ser ótima. A intenção dessas leis era combater abusos em potencial, não institucionalizar a servidão.

Quando comparamos o sistema de servos de Israel com o antigo Oriente Próximo em geral, o que temos é um arranjo bastante manso e, em muitos aspectos, muito atraente para israelitas empobrecidos. As leis do servo visavam beneficiar e proteger os pobres - isto é, aqueles com maior probabilidade de entrar no serviço contratado. A servidão era voluntária: uma pessoa que (por qualquer motivo) não tem nenhuma terra "se vende" (Lv 25:39, 47; compare isso com Deuteronômio 15:12). Alguém também pode vender um membro da família como servo contratado na casa de outra pessoa para trabalhar até que uma dívida seja paga. Uma vez que uma pessoa foi libertada de suas obrigações de servo, ela tinha a "condição de cidadania plena e livre".12

A legislação do Antigo Testamento procurou prevenir a servidão voluntária por dívida. Uma boa parte da legislação mosaica foi dada para proteger os pobres até mesmo do serviço temporário contratado. Os pobres tiveram a oportunidade de colher as bordas dos campos ou colher frutos remanescentes nas árvores depois que seus companheiros israelitas colheram a terra (Lv 19: 9–10; 23:22; Deuteronômio 24: 20–21). Além disso, os israelitas foram ordenados a emprestar gratuitamente aos pobres (Deuteronômio 15: 7-8), que não pagavam juros (Êxodo 22:25; Levítico 25: 36-37). E se os pobres não pudessem pagar animais de sacrifício sofisticados, eles poderiam sacrificar os menores e mais baratos (Lev. 5: 7, 11). Além disso, as dívidas deveriam ser canceladas automaticamente a cada sete anos. Na verdade, quando os servos da dívida fossem libertados, eles deveriam ser generosamente supridos sem um "coração rancoroso" (Deuteronômio 15:10 NVI). Deus não queria que houvesse pobreza em Israel (Deuteronômio 15: 4). Portanto, as leis do servo existiam para ajudar os pobres, não prejudicá-los ou mantê-los sob controle.

O objetivo final: sem pobreza, sem servidão (Deuteronômio 15: 1-18)

No final de cada sete anos, você concederá uma remissão de dívidas. Esta é a forma de remissão: todo credor deve

liberar o que emprestou ao seu próximo; não o exigirá de seu próximo e de seu irmão, porque a remissão do Senhor foi proclamada. Você pode exigir de um estrangeiro [o que costumava ser para transações comerciais, como veremos mais tarde], mas sua mão liberará tudo o que estiver com seu irmão. No entanto, não haverá pobres entre vocês, pois o Senhor certamente os abençoará na terra que o Senhor seu Deus está dando a vocês por herança para possuírem, se apenas ouvirem obedientemente a voz do Senhor seu Deus, para observar atentamente todo este mandamento que hoje te ordeno. Pois o Senhor teu Deus te abençoará como te prometeu, e tu emprestarás a muitas nações, mas você não vai pedir emprestado; e você governará sobre muitas nações, mas eles não governarão sobre você.

Se estiver convosco um pobre, um dos vossos irmãos, em alguma das vossas cidades da vossa terra que o Senhor vosso Deus vos dá, não endurecereis o vosso coração, nem tampareis a mão do vosso pobre irmão; mas você deve abrir livremente sua mão para ele, e deve emprestar-lhe generosamente o suficiente para suas necessidades em tudo o que ele precisa. Esteja ciente de que não há pensamento vil em seu coração, dizendo: "O sétimo ano, o ano da remissão, está próximo", e seus olhos são hostis para com seu irmão pobre, e você não lhe dá nada; então ele pode clamar ao Senhor contra você, e isso será um pecado em você. Você deve dar generosamente a ele, e seu coração não se entristecerá quando você der a ele, porque por isso o Senhor seu Deus o abençoará em todo o seu trabalho e em todos os seus empreendimentos. Pois os pobres nunca deixarão de estar na terra; portanto, eu te ordeno, dizendo:

Se o seu parente, um homem ou mulher hebreu, for vendido a você, ele deverá servi-lo por seis anos, mas no sétimo ano você o libertará. Quando você o libertar, você não deve mandá-lo embora de mãos vazias. Liberalmente o fornecerás com o teu rebanho e com a tua eira e com a tua cuba de vinho; você deve dar a ele como o Senhor seu Deus o abençoou. Lembrar-te-ás de que foste escravo na terra do Egito, e que o Senhor teu Deus te resgatou; portanto, eu te ordeno isso hoje. Acontecerá se ele te disser: "Não sairei de ti", porque te ama a ti e a tua casa, porque te dá bem; então você deve pegar um furador e furar sua orelha até a porta, e ele será seu servo para sempre. Você também deve fazer o mesmo com sua serva. Não deve parecer difícil para você quando você o libertar, pois ele te deu seis anos com o dobro do serviço de um empregado; então o Senhor seu Deus o abençoará em tudo o que você fizer. (Deut. 15: 1-18)

Essa legislação ordena o perdão da dívida acumulada do pobre (isto é, do servo); essa remissão de dívidas ocorreria a cada sete anos, o que mostra a notável preocupação de Deus pelos empobrecidos da terra. Agora, alguns citarão vários reis da Mesopotâmia durante o segundo milênio aC que libertaram escravos e devedores durante o primeiro ou segundo ano de seu reinado ─ e em outra época ou mais além disso. Mas essas liberações eram tipicamente esporádicas, ao contrário dos intervalos fixos exigidos em Israel a cada sete e cinquenta anos.13

Se você apenas deu uma olhada no texto de Deuteronômio 15 e não entendeu seu significado, volte e realmente leia. O objetivo revolucionário primordial expresso neste texto é erradicar totalmente a servidão por dívida na terra: "não haverá pobres [e, portanto, nenhuma servidão por dívida] entre vocês" (v. 4).14 Sendo realista, porém, Deus estava ciente de que existiriam condições inferiores e que a pobreza (e, portanto, a servidão) continuaria na terra (v. 11). Mesmo assim, essa situação indesejável deveria ser combatida em vez de institucionalizada.

Em consonância com este espírito de "erradicar a pobreza / erradicar a servidão", a libertação de um servo deveria ser acompanhada de provisões generosas e um espírito gracioso. O "senhor" não deveria ter pensamentos perversos para com seu servo; em vez disso, ele deveria generosamente carregá-lo com provisões (vv. 13-14). A razão que motivou essa bondade e boa vontade foi que "você era um escravo na terra do

Egito, e o Senhor seu Deus o redimiu; portanto, eu te ordeno isso hoje ”(v. 15). Mesmo que a pobreza (e, portanto, a servidão) não pudesse ser erradicada, Israel deveria se esforçar para atingir esse objetivo.

A Dignidade dos Servos da Dívida

Em vez de relegar o tratamento dos servos (escravos) ao fim do código legal (comumente feito em outros códigos de leis do antigo Oriente Próximo), o código legal de Israel colocou a questão em destaque em Êxodo 21. Pela primeira vez no antigo Oriente Próximo , a legislação exigia tratar os empregados como pessoas, não como propriedade.

Em outras culturas do antigo Oriente Próximo, era o rei a imagem de seu deus na terra - e certamente não o escravo. Em contraste, Gênesis 1: 26-27 afirma que todos os seres humanos são portadores da imagem de Deus. Esta doutrina serve de base para afirmar a dignidade e os direitos de cada ser humano. Da mesma forma, Jó 31: 13-15 revela claramente a humanidade inescapável — e, portanto, igualdade — de senhor e servo: “Se eu neguei justiça aos meus servos e servas quando eles tinham uma queixa contra mim, o que farei quando Deus confrontar Eu? O que vou responder quando for chamado à conta? Aquele que me fez no ventre não os fez? Não nos formou o mesmo em nossas mães? ”(NVI).

Servos (escravos) em Israel, ao contrário de seus antigos contemporâneos do Oriente Próximo, receberam direitos humanos / legais radicais e sem precedentes, mesmo que não se igualassem aos de pessoas livres (que poderiam, se circunstâncias infelizes prevalecessem, encontrar-se na necessidade de se colocar em servidão contratada)15 Como o ensaio do Anchor Bible Dictionary sobre “Escravidão” observa: “Temos na Bíblia os primeiros apelos na literatura mundial para tratar os escravos como seres humanos para seu próprio bem e não apenas no interesse de seus senhores”.16 Em comparação, "a ideia de um escravo como exclusivamente o objeto de direitos e como uma pessoa fora da sociedade regular era aparentemente estranha às leis do [resto da] ANE," onde os escravos eram marcados ou tatuados à força para identificação (contraste com isso com Êxodo 21: 5-6). De fato, em “contraste com muitas doutrinas antigas, a lei hebraica era relativamente branda para com os escravos e os reconhecia como seres humanos sujeitos à defesa de atos intoleráveis, embora não na mesma medida que livres pessoas."17 Como veremos, a proteção dos escravos fugitivos que fugiam para Israel era notavelmente diferente das leis escravistas nas culturas do antigo Oriente Próximo, e isso se devia à própria história de Israel como escravos no Egito. Este fato transformaria a escravidão em uma “instituição voluntária”.18

Alguns argumentarão neste ponto que as leis hititas foram suavizadas quando foram atualizadas; eles se tornaram mais humanizadores. É verdade, mas os resultados nem sempre foram tão positivos quanto se poderia pensar. Por exemplo, o assassinato não traz mais consigo a sentença de morte - exceto para escravos. Pessoas livres eram punidas com multas e mutilação. As melhorias foram, na melhor das hipóteses, um saco misturado!

No restante deste capítulo, veremos não apenas como três leis-chave em Israel eram distintas no antigo Oriente Próximo, mas também como se tivessem sido seguidas por sulistas "crentes na Bíblia" nos Estados Unidos e europeus "cristãos", a escravidão seria não tem sido um problema. Vamos examinar isso mais de perto.

Liberação de Servos Feridos

Outra melhoria marcante das leis de Israel em relação a outros códigos de leis do antigo Oriente Próximo é a libertação de servos feridos (Êxodo 21: 26-27). Quando um empregador (patrão) acidentalmente arrancava o olho ou arrancava o dente de seu servo / empregado, ele ou ela deveria ser libertado. Nenhum abuso corporal de servos era permitido. E, como discutiremos no próximo capítulo, se a disciplina de um empregador resultasse na morte imediata de seu servo, o próprio empregador (mestre) deveria ser executado (Êxodo 21:20; observe que a palavra para "punido "é muito forte, sempre conotando pena de morte).

Em contraste, o Código de Hamurabi permitia ao mestre cortar a orelha de seu escravo desobediente.19 Normalmente, nos antigos códigos de leis do Oriente Próximo, os senhores - não escravos - eram meramente compensados financeiramente pelos ferimentos causados a seus escravos. A lei mosaica, porém, responsabilizava os senhores pelo tratamento dispensado a seus próprios servos, não apenas aos servos de outra pessoa. Como veremos em breve, se o servo morresse por causa de abusos físicos do empregador, isso era considerado assassinato. Tudo isso não tinha paralelo em outros códigos do antigo Oriente Próximo.20

Alguns podem perguntar se libertar um servo por arrancar um olho ou dente é uma razão melhor para libertar servos do que em outras culturas do antigo Oriente Próximo. Afinal, Hamurabi permitia a libertação de uma escrava e de seus filhos (filhos do senhor) se o senhor decidisse não adotá-los.21 Claro, a própria questão é enviesada.22 Como vimos, os israelitas deviam libertar seus servos a cada sete anos, a menos que quisessem ficar. Em 1 Crônicas 2: 3435, o descendente de Calebe, Sesã, deu sua filha em casamento a seu servo egípcio Jarha - o que não é um mau passo na

hierarquia social!

Como um aparte, lembre-se de que muitos - talvez a maioria - servos eram jovens que foram distribuídos por pais carentes a famílias mais prósperas que os alimentariam, vestiriam e abrigariam. Outros adultos serviam in loco parentis ─ no lugar dos pais ─, o que normalmente incluía a disciplina dos filhos servos. Como diz Provérbios 29:19: “O servo não pode ser corrigido por meras palavras; embora ele entenda, ele não responderá "(NIV). O lado negativo disso é que às vezes o chefe da família provavelmente exageraria na punição, possivelmente resultando em ferimentos.23

Leis anti-sequestro

Outra característica única da lei mosaica é a sua condenação ao rapto de uma pessoa para vender como escrava, um ato punível com a morte:

> Aquele que sequestrar um homem, quer o venda, quer se for achado em sua posse, certamente será morto. (Êxodo 21:16)

> Se um homem for pego sequestrando algum de seus compatriotas dos filhos de Israel, e ele o tratar com violência ou o vender, então esse ladrão morrerá; então você deve purificar o mal de entre vocês. (Deut. 24: 7) (Observe a proibição de sequestro em 1 Tim. 1:10.)

Essa proibição de sequestro é um ponto perdido ou ignorado por aqueles que comparam a servidão em Israel com a escravidão no Sul antes da guerra, quanto mais no antigo Oriente Próximo.

Ajudando escravos em fuga

Até este ponto, nos referimos principalmente aos servos israelitas, não aos estrangeiros. Mas essa lei em particular revela como as leis de Israel eram diferentes do Sul antes da guerra - apesar das afirmações da Confederação de seguir a Bíblia fielmente. Além disso, essa lei de abrigo de fugitivos teria se aplicado aos servos israelitas que deixaram seus empregadores hostis como refúgio. Outra característica única nas “leis de escravos” de Israel era esta: Israel foi ordenado a oferecer um porto seguro a escravos fugitivos estrangeiros (Deuteronômio 23: 15-16). A Lei do Escravo Fugitivo dos estados do sul exigia legalmente que os escravos fugitivos fossem devolvidos aos seus senhores. Isso se parece mais com o Código de Hamurabi do que com a Bíblia. Hamurabi chegou a exigir a pena de morte para aqueles que ajudavam escravos fugitivos.24

Em outros casos menos graves - nas leis Lipit-Ishtar, Eshunna e hitita - multas eram aplicadas para abrigar escravos fugitivos.25 Alguns afirmam que isso foi uma melhoria. Bem, mais ou menos. Nesses cenários "aprimorados", o escravo ainda era apenas propriedade, e os arranjos de extradição do antigo Oriente Próximo ainda exigiam que o escravo fosse devolvido ao seu senhor. E não só isso, mas o escravo estava voltando para as condições difíceis que o levaram a fugir em primeiro lugar. Mesmo as leis atualizadas na Babilônia do primeiro milênio aC incluíam compensação ao proprietário (ou talvez algo mais severo) por abrigar um escravo fugitivo. No entanto, os próprios escravos que voltaram foram desfigurados, inclusive com as orelhas cortadas e marcados.26 Este não é o tipo de melhoria para divulgar amplamente! Sim, tendências positivas e melhorias morais ocorreram nas antigas leis do Oriente Próximo. Mas, repetidamente, vemos uma diferença moral geral notável entre a lei de Moisés e outros códigos de leis do antigo Oriente Próximo.

Mais uma questão: embora alguns afirmem que o escravo fugitivo em Deuteronômio 23 não é estrangeiro, mas israelita, temos muitos motivos para rejeitar essa ideia. Por um lado, nenhuma menção da palavra irmão ou vizinho é usada. Além disso, de acordo com Levítico 25, os israelitas não podiam escravizar outros israelitas. Além disso, o escravo fugitivo estrangeiro poderia escolher livremente um lugar para morar em Israel ("em seu meio", "em uma de suas cidades" [Deuteronômio 23:16]), ao contrário do resto dos israelitas, que tiveram que ficar onde estavam na terra distribuída aos clãs (cf. Números, Josué). Assim, aqueles que se beneficiaram não eram a elite da sociedade, mas sim pessoas estrangeiras vulneráveis e marginalizadas em meio a uma sociedade completamente diferente. Além disso, os israelitas entraram na servidão voluntariamente, enquanto os escravos fugitivos provavelmente se tornariam escravos contra sua vontade.*2Z*

Comentários resumidos

No segundo discurso inaugural de Abraham Lincoln (4 de março de 1865), encontramos estas palavras familiares a respeito do Norte e do Sul:

> Ambos lêem a mesma Bíblia e oram ao mesmo Deus, e cada um invoca Seu auxílio contra o outro. Pode parecer estranho que qualquer homem ouse pedir a ajuda de um Deus justo para tirar o pão do suor do rosto de outros homens, mas não julguemos, para que não sejamos julgados. As orações de ambos não puderam ser respondidas. Isso de nenhum foi respondido completamente. O Todo-Poderoso tem Seus próprios propósitos.28

Sim, é evidente que ambos os lados leram a mesma Bíblia e buscaram apoio divino para vencer seus adversários. No entanto, a associação comum dos críticos das leis dos servos de Israel com as do Sul antes da guerra está seriamente equivocada.

Podemos afirmar claramente que se as três leis claras do Antigo Testamento tivessem sido seguidas no Sul - isto é, os regulamentos anti-sequestro, anti-dano e anti-retorno de escravos em Êxodo 21:16, 20, 26- 27 e Deuteronômio 23: 15-16 e 24: 7 ─ então a escravidão não teria surgido na América.

Se você tivesse que escolher entre a servidão em Israel e a escravidão em outras culturas do antigo Oriente Próximo, a pessoa sã escolheria Israel todas as vezes. O modelo de servidão contratado não era ideal, mas as leis de Israel refletiam uma maior sensibilidade moral do que suas contrapartes do antigo Oriente Próximo.

Em sua Teologia clássica do Antigo Testamento, Walther Eichrodt resume bem o contraste:

> As normas apresentadas no Livro da Aliança (Êxodo 20-23) revelam, quando comparadas com os livros de leis relacionados do antigo Oriente Próximo, alterações radicais na prática jurídica. Na avaliação das ofensas contra a propriedade, no tratamento de escravos, na fixação de punições para ofensas indiretas e na rejeição da punição por mutilação, o valor da vida humana é reconhecido como incomparavelmente maior do que todos os valores materiais. A característica dominante é o respeito pelos direitos de tudo que tem um rosto humano; e isso significa que as visões que predominam universalmente em outros lugares foram abandonadas e novos princípios introduzidos na prática jurídica. Em última análise, isso só é possível por causa da profundidade de percepção até então nunca sonhada na nobreza do homem, que agora é reconhecida como uma consideração obrigatória para a conduta moral. Conseqüentemente, em Israel, até mesmo os direitos do estrangeiro mais humilde são colocados sob a proteção de Deus; e se ele também é dependente, sem plenos direitos legais, oprimi-lo é como oprimir a viúva e o órfão, uma transgressão digna de punição, que exige a retribuição vingativa de Deus.29

Em Israel, os servos contratados (escravos) deviam ser tratados como seres humanos - não como coisas - e eram protegidos de “abusos desumanos”.30 Na lei do Antigo Testamento, embora houvesse uma distinção social entre um servo e uma pessoa livre, um servo certamente era protegido pela lei. Abusar de um servo resultaria em sua libertação. No sétimo ano, o servo estaria livre de dívidas e seria capaz de lutar por conta própria em seu novo status de pessoa livre. Embora houvesse algumas leis de liberação no antigo Oriente Próximo, os contrastes entre as leis de Israel e outras leis são mais notáveis do que as semelhanças. "Os israelitas tiveram seis anos de trabalho?", Pergunta o crítico. "Hamurabi permitiu apenas três!" De modo geral, porém, no antigo Oriente Próximo, o “direito de alforria do escravo [ganhar a liberdade] pertencia exclusivamente ao dono do escravo”.31

O Código de Hamurabi e outros códigos de leis do antigo Oriente Próximo enfatizavam as distinções de classe e a legislação correspondente a escravos, pessoas livres, funcionários do governo, padres e assim por diante. Essas antigas leis do Oriente Próximo eram bastante diferentes do Velho Testamento, bastante não hierárquico. Em Israel, mesmo reis como Davi ou Acabe não estavam acima da lei. Na verdade, quando eles eram culpados de assassinar Urias e Nabote (respectivamente), os profetas de Deus os confrontaram por tirar a vida inocente de

dois cidadãos comuns. (Embora os reis cananeus presumissem que a terra pertencia a eles e às suas famílias reais, Nabote sabia que a terra pertencia a Deus, que ele graciosamente deu para as famílias israelitas usarem.)32 Embora Deus não tenha usado o sistema judicial de Israel para os reis, ele certamente não deixou esses reis passarem. Deus repetidamente trouxe julgamentos severos diretamente sobre os perpetradores reais de crimes hediondos e atos de deslealdade ao pacto. Deus dividiu o reino por causa da idolatria de Salomão (1 Reis 11:13); ele enviou lepra a Uzias (2 Crônicas 26:19); ele enviou Manassés ao exílio (2 Crô. 33: 10-11); E a lista continua. Esses incidentes ilustram o que Levítico 19:15 ordena: "Não farás injustiça no julgamento; não deves ser parcial para com os pobres nem ceder aos grandes, mas deves julgar o teu próximo com justiça ", quer seja rei ou cidadão comum.

Sim, o tratamento de Israel aos servos (escravos) era incomparável no antigo Oriente Próximo:

> Nenhuma outra lei do antigo Oriente próximo foi encontrada que responsabilize um mestre pelo tratamento de seus próprios escravos (como distinto do dano feito ao escravo de outro mestre), e a lei universal sobre escravos fugitivos era que eles deveriam ser enviados de volta, com penalidades severas para aqueles que não cumpram.33

Embora as leis de servidão de Israel não fossem o ideal moral, elas mostram uma sensibilidade moral muito maior do que outros textos do antigo Oriente Próximo. Ao fazer isso, eles nos apontam de volta ao ideal de Deus no início: todos os humanos são portadores da imagem de Deus (Gênesis 1: 26-27). Ao contrário do que dizem Christopher Hitchens e Sam Harris, a servidão em Israel dificilmente pode ser chamada de "um mandado de tráfico de seres humanos" ou um meio de tratar as pessoas "como equipamento agrícola". Não, a intenção final de Deus não era que os humanos "mantivessem escravos".34 Na verdade, o ideal do Gênesis é que todos os humanos sejam iguais e não trabalhem para os outros; antes, cada pessoa sob os cuidados de Deus deve ser seu próprio "senhor", sentado sob sua própria videira e figueira (1 Reis 4:25; Miquéias 4: 4; Zacarias 3:10).35

Leitura Adicional

Chirichigno, Gregory C. Dívida-Escravidão em Israel e no Antigo Oriente Próximo. JSOT Supplement Series 141. Sheffield: University of Sheffield Press, 1993.

Goldingay, John. Teologia III do Velho Testamento: a Vida de Israel. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009. Ver esp. pp. 458-75.

Wright, Christopher JH Ética do Velho Testamento para o Povo de Deus. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004.

13

Mandado por Tráfico de Seres Humanos como equipamento agrícola? (II)

Textos desafiadores sobre escravidão

Demos contexto e antecedentes com relação à servidão em Israel - uma melhoria notável nas leis de escravidão em outros textos do antigo Oriente Próximo. No entanto, ainda existem alguns textos desafiadores a serem considerados.

Espancando escravos até a morte (Êxodo 21: 20-21)

> Se um homem bater em seu servo ou serva com um cajado de modo que ele ou ela morra como resultado do golpe, ele certamente será punido [naqam]. No entanto, se o servo ferido sobreviver um ou dois dias, o proprietário não será punido [naqam], pois sofreu a perda. (Êxodo 21: 20-21 NET)

Supostamente, esse tratamento dado ao servo (a palavra escravo é enganosa) sugere a alguns que ele é propriedade de outrem. Essa impressão é reforçada por várias traduções que traduzem a palavra perda como “propriedade”. Agora, a palavra significa literalmente “dinheiro”; então essa pessoa é uma mercadoria a ser trocada em vez de uma pessoa a ser avaliada?

O Antigo Testamento afirma a personalidade plena desses servos de dívidas (por exemplo, Gênesis 1: 26-27; Jó 31: 13-15; Deuteronômio 15: 1-18), e esta passagem não é exceção. Afirma a personalidade plena do servo. Se o mestre batia em um servo e ele morria imediatamente, o mestre seria julgado pela pena de morte: "ele será vingado" (Êxodo 21:20 ESV). Este verbo naqam sempre envolve a pena de morte no Antigo Testamento — o a implicação é que o resultado é a vingança judicial.1 Este tema é reforçado pela menção de tirar “vida pelo resto da vida” (Êxodo 21: 23-24), que se segue na passagem do espancamento do servo, o que confirma que o servo deveria ser tratado como um ser humano com dignidade, não como propriedade.

O bastão ou vara não era uma arma letal, nada como uma lança ou espada. E se o servo não morresse imediatamente com a surra da vara? E se ele morresse depois de "um ou dois dias"? Nesse caso, o mestre teve o benefício da dúvida de que o servo provavelmente estava sendo disciplinado e de que não havia intenção de homicídio. Claro, se o escravo morresse imediatamente, não mais provas eram necessárias. E se qualquer lesão permanente resultasse (por exemplo, perda de um olho ou dente), o servo deveria ser liberado de dívidas. Esse é um tratamento extraordinariamente diferente em comparação com outras leis do antigo Oriente Próximo a esse respeito. Por exemplo, Hammurabi insistiu que o pagamento fosse para o mestre por tais ferimentos a um escravo.2 No antigo Oriente Próximo, onde os senhores podiam tratar os escravos como bem entendessem, essa passagem defende a dignidade dos servos de dívidas.3

Por que então a passagem diz que o escravo é o “dinheiro” ou “propriedade” do senhor? A sugestão aqui não é que os servos eram bens móveis ou propriedade. O servo / empregado entrou na casa do patrão / patrão para saldar as dívidas. Portanto, o empregador poderia perder dinheiro se maltratasse seu empregado; seu tratamento severo para com um funcionário pode afetar sua bolsa de dinheiro. E se ele matasse seu empregado / servo, ele seria executado. Seja de um servo ou de uma pessoa livre, assassinato era assassinato em Israel.

Vamos um pouco mais fundo, no entanto. O antigo estudioso do Oriente Próximo Harry Hoffner (um hititologista da Universidade de Chicago) rejeita a tradução comum “ele [o servo] é seu dinheiro" em favor deste: "aquele [pagamento] é seu dinheiro / prata". Esta leitura de “taxa” é baseada no contexto de Êxodo 21: 18-19 (parte de uma seção sobre punições que tratam de brigas e mortes acidentais): “Se os homens brigam e um golpeia o outro com uma pedra ou com o punho , e ele não morre, mas permanece na cama, se ele se levantar e andar fora com seu bordão, então aquele que o feriu ficará impune; ele só deve pagar por sua perda de tempo e deve cuidar dele até que esteja completamente curado. "Como a lei hitita modificada, que exigia que os senhores que haviam prejudicado seus escravos pagassem um médico para fornecer tratamento médico, então aqui o empregador tinha que pagar as contas médicas do servo que ele havia ferido. No versículo 21, o pronome hebraico hu se refere não ao servo (“ele”), mas à taxa (“aquele”) paga ao médico que cuida do servo ferido. Hoffner escreve: “O fato de o mestre providenciar cuidados às suas próprias custas seria um fator significativo quando os juízes respondessem a uma acusação de homicídio doloso”.4

Essas leis do Êxodo são perfeitas e universais para todas as pessoas? Não, mas neste e em outros aspectos, continuamente encontramos legislação aprimorada para a

sociedade israelita em contraste com as culturas vizinhas do antigo Oriente Próximo. Como o estudioso judeu Nahum Sarna observa sobre esta passagem: “Esta lei - a proteção dos escravos contra maus-tratos por seus senhores - não é encontrada em nenhum outro lugar em todo o corpus existente da legislação do antigo Oriente Próximo”.5

Deixando esposa e filhos para trás (Êxodo 21: 2-6)

> Se você comprar um servo hebreu, ele deve servi-lo por seis anos, mas no sétimo ano ele sairá de graça sem pagar nada. Se ele entrou sozinho, sairá sozinho; se ele tinha uma esposa quando entrou, então sua esposa sairá com ele. Se seu mestre lhe deu uma esposa, e ela deu à luz filhos ou filhas, a esposa e os filhos pertencerão a seu mestre, e ele sairá sozinho. Mas se o servo declarasse: “Amo meu senhor, minha esposa e meus filhos; Eu não vou sair livre ”, então seu mestre deve trazê-lo aos juízes, e ele o levará até a porta ou as ombreiras da porta, e seu mestre irá furar sua orelha com um furador, e ele o servirá para sempre. (Êxodo 21: 2-6 NET)

Nuzi estava localizado perto de Kirkuk, Iraque, perto do rio Tigre.6 Milhares de tabuinhas - os textos acadianos Nuzi - do segundo milênio aC foram encontrados lá. Eles mencionam uma legislação semelhante a esta: se um escravo entrava na casa de um senhor solteiro, ele saía solteiro. Se ele entrou com uma esposa, então ele partiu em seu caminho de casamento! Agora, se uma esposa tivesse sido dada a ele por seu mestre, então ela (e quaisquer filhos desta união) pertenciam ao mestre.

De acordo com esta passagem do Êxodo, se um homem recebeu uma esposa de seu patrão / patrão e eles tiveram filhos, então ele tinha uma escolha: ele poderia sair sozinho quando o sétimo ano da dívida viesse, ou ele poderia continuar como um servo permanente para estar com sua esposa e filhos. É uma configuração menos do que ideal, com certeza, mas vamos examinar o texto mais profundamente.

À primeira vista, este texto parece tratar as mulheres (e crianças) de forma injusta. O macho (aparentemente) favorecido pode entrar em um acordo de serviço e depois sair dele. No entanto, a esposa com quem ele se casou enquanto servia ao seu patrão e quaisquer filhos que viessem enquanto ele servia estavam (ao que parece) “presos” na casa do patrão e não podiam sair. Isso não é apenas favorecimento masculino; nos parece um crime! Não era esta uma versão anterior de famílias de escravos durante o Sul antes da guerra (como a de Frederick Douglass) que foram separadas e espalhadas por proprietários de escravos insensíveis?

Nosso primeiro ponto de resposta é o seguinte: não fomos informados especificamente de que esse cenário também poderia se aplicar a uma mulher, mas temos boas razões para pensar que essa situação não era específica de gênero. (Veremos em breve que Deuteronômio 15 deixa explícito que este cenário se aplica a uma mulher também.) Este é outro exemplo de jurisprudência: “se tal e tal cenário surgir, então é assim que se deve proceder”. A jurisprudência normalmente não era

específica de gênero. Além disso, os juízes israelitas eram perfeitamente capazes de aplicar a lei tanto a homens quanto a mulheres. Uma mulher pobre, que não foi dada por seu pai como futura esposa a um homem (viúvo ou divorciado) ou a seu filho (Êxodo 21: 7-11), podia realizar as tarefas domésticas padrão. E ela poderia ser livre por esta mesma lei, assim como um servo poderia.7 Vários eruditos sugerem que o texto bíblico pode ser aplicado a mulheres com bastante facilidade: "Se você comprar uma serva hebraica, ela servirá por seis anos. Mas no sétimo ano, ela sairá livre. . . . Se seu mestre lhe der um marido, e eles tiverem filhos ou filhas, o marido e os filhos pertencerão a seu mestre, e ela sairá sozinha. " A lei faz todo o sentido à luz dessa mudança; seu espírito não é violado ao fazer isso.

Alguns críticos, porém, preferem lutar do que mudar. Em vez de aplicar esses cenários de jurisprudência a homens e mulheres, eles preferem opor resistência a fim de fazer esta lei parecer o pior. Mas não temos nenhuma razão convincente para fazer isso. Novamente, os juízes de Israel teriam olhado para esta passagem geral para orientação sobre as servas. Simplesmente porque muitos versículos da lei usam um pronome de gênero masculino em vez de alternar entre "ele" e "ela", dificilmente significa que as mulheres estão sendo excluídas.

Como um aparte, o termo hebraico (neste estágio da história de Israel) era mais amplo do que o termo israelita; os dois termos seriam posteriormente igualados. Os habiru eram pessoas não formalmente vinculadas a estados estabelecidos como Egito ou Babilônia; eles foram considerados estrangeiros e não cidadãos do ponto de vista do palestrante. Portanto, esta passagem pode muito bem se referir a um não israelita. Isso significa que esse servo - possivelmente um estrangeiro - seria libertado depois de seis anos, a menos que preferisse a segurança da casa de seu empregador. Nesse caso, ele poderia tornar o arranjo permanente. Por enquanto, presumiremos que esta passagem se refere a um servo israelita, mas revisaremos essa questão ao discutir Levítico 25.

Para o nosso segundo ponto, vamos (por enquanto) ficar com um cenário de servo / empregado homem. Digamos que seu empregador providencie um casamento entre ele e uma funcionária. (Neste caso de servidão por dívida, a família do empregador agora se envolveria em negociações de casamento.) Ao levar o servo para sua casa para saldar uma dívida, o patrão fez um investimento. Ele sofreria perdas se alguém desistisse do contrato. Pense em termos de serviço militar. Quando alguém se inscreve para servir por três ou quatro anos, ele ainda deve aos militares, mesmo que se case durante esse período.

Da mesma forma em Israel, para pagar as dívidas, o servo não podia simplesmente sair com sua esposa depois de casado. Ele ainda estava sob contrato e precisava honrar isso. E mesmo quando seu contrato foi concluído, ele não teve permissão para simplesmente ir embora com sua esposa e filhos. Afinal, eles ainda eram ativos econômicos para seu chefe. O que o homem libertado poderia fazer? Ele tinha três opções.

1. Ele podia esperar que sua esposa e filhos terminassem seu período de serviço enquanto ele trabalhava em outro lugar. Sua esposa e filhos não ficaram presos na casa do empregador pelo resto de suas vidas. Eles poderiam ser libertados quando a esposa saldasse sua dívida. No entanto, se o homem agora livre trabalhasse em outro lugar, isso significaria (a) que ele seria separado de sua família, e (b) seu chefe não mais lhe forneceria comida, roupas e abrigo. Por outro lado, se morasse com a família após a libertação, ainda teria que pagar por hospedagem e alimentação. Portanto, esse cenário criou seu próprio conjunto de desafios financeiros.
2. Ele poderia conseguir um emprego decente em outro lugar e economizar seus shekels para pagar seu chefe para libertar sua esposa e filhos das obrigações contratuais. Que ótima opção! Por que não seguir esse caminho? Porque teria sido muito difícil para o homem se sustentar e ganhar dinheiro suficiente para pagar a dívida de sua família.
3. Ele poderia se comprometer a trabalhar permanentemente para seu empregador - um contrato vitalício (Êxodo 21: 5-6). Ele poderia ficar com sua família e permanecer em circunstâncias econômicas bastante estáveis. Ele formalizaria esse arranjo em uma cerimônia legal perante os juízes (Deus), furando sua orelha com um furador.

Antes de apresentar todos os tipos de soluções ocidentais modernas para resolver esses problemas do antigo Oriente Próximo, devemos fazer maiores esforços para compreender melhor a natureza da servidão israelita e as circunstâncias sociais e econômicas que a cercam. Estamos falando sobre circunstâncias infelizes durante tempos econômicos sombrios. As leis de Israel forneceram redes de segurança para proteção, não opressão. É óbvio que esse arranjo era muito diferente da escravidão de bens móveis do Sul, na qual um escravo não era um servo temporariamente contratado que voluntariamente se vendia para viver na casa de outra pessoa para

Agora, se um homem se deitar carnalmente com uma mulher que é uma escrava [isto é, serva] adquirida para outro homem, mas

pagar suas dívidas.

A serva noiva (Lev. 19: 20-21)

> quem de forma alguma foi redimido nem dado sua liberdade, haverá punição; eles não serão, entretanto, condenados à morte, porque ela não era livre. Ele trará sua oferta pela culpa ao Senhor até a porta da tenda de reunião, um carneiro como oferta pela culpa. (Lev. 19: 20-21)

Esta passagem é diferente de Deuteronômio 22: 23-27, que abordamos anteriormente e que trata de uma mulher livre noiva. Aqui, a situação envolve um homem livre e uma serva prometida a outro homem. O homem é claramente culpado de adultério; ele parece ser um sedutor que está se aproveitando de sua posição em relação a uma serva, algo parecido com o que o rei Davi fez com Bate-Seba. Estamos lidando com um estupro estatutário entre o sedutor e a serva, que foi pressionada a consentir (veja nossa discussão sobre Deuteronômio 22: 28-29).

Nesta passagem obscura e frequentemente debatida, duas questões são destacadas. Primeiro, a garota estava noiva e não era casada. Em segundo lugar, ela era uma serva e não era livre; ela ainda não tinha sido redimida por um membro da família ou libertada por seu mestre. (Esta é a razão dada para não punir a garota ou o sedutor.) Portanto, seu mestre não teria a reclamação típica sobre ela, nem poderia ser compensado por ela estar noiva. Isso apresenta uma espécie de área cinzenta na legislação de Israel com uma mistura de uma pessoa livre e um servo contratado (veja a passagem imediatamente anterior sobre as misturas em Lv 19:19).8

Tal como acontece com outras leis relativas às mulheres, o objetivo desta lei era proteger aqueles que eram mais vulneráveis. Sabemos que é mais fácil para pessoas em situações vulneráveis tirar vantagem e até mesmo assediar sexualmente. Nesse caso, a garota foi aproveitada e não é punida. Observe também que, embora ela tenha um status social diminuído, esse status é visto como temporário. Isso não a impede de "ser dada a liberdade" (Lv 19:20). Agora, não há pena de morte para o homem aqui (e vimos que apenas o assassinato exige a pena de morte, enquanto para o adultério e outros potenciais crimes capitais, outra compensação poderia ser feita.) O crime ainda é muito sério, e são necessárias reparações caras (isto é, um carneiro sacrificial).9 Ainda assim, a lei claramente protege as meninas que são tomadas como servas por dívidas de seus pais.10

Com base em Levítico 19 (e uma leitura superficial de Êxodo 21), pode parecer que as mulheres eram tratadas como propriedade. No entanto, observamos que, apesar da estrutura patriarcal imperfeita e herdada de Israel, essas leis na verdade

serviam para proteger as mulheres e também a estrutura familiar, que era fundamental para a sociedade israelita. Em vez de ver esses textos da lei como mulheres humilhantes, devemos realmente vê-los como protegendo os vulneráveis.

Para obter uma perspectiva mais aprofundada, no entanto, considere novamente outras culturas do antigo Oriente Próximo a esse respeito. As punições eram freqüentemente do tipo vicário. Para cometer certos crimes, os homens teriam que desistir de sua esposa, filha, boi ou escrava - uma indicação clara de que uma mulher era freqüentemente considerada propriedade de um homem. As leis da Assíria central puniam não um estuprador, mas a esposa de um estuprador e até permitiam que ela fosse estuprada por uma gangue. Em outras leis do antigo Oriente Próximo, os homens podiam chicotear livremente suas esposas, arrancar seus cabelos, mutilar suas orelhas ou bater nelas - um contraste dramático com as leis de Israel, que não davam tais permissões.11 Novamente, apesar de algumas estruturas sociais problemáticas de Israel e leis correspondentes, o sistema legal de Israel - se seguido fielmente - criou um ambiente moralmente preferível a outras sociedades no antigo Oriente Próximo. (As palavras operativas são "fielmente seguidas", o que Israel não era muito bom em fazer.)

Escravos estrangeiros

> Pois eles [israelitas] são meus servos, que tirei da terra do Egito; eles não devem ser vendidos em uma venda de escravos. Você não deve governar sobre ele com severidade, mas deve reverenciar o seu Deus. Quanto aos seus escravos e escravos que você pode ter — você pode adquirir escravos e escravos das nações pagãs que estão ao seu redor. Então, também, é dos filhos dos estrangeiros [toshabim] que vivem como estrangeiros [ger] entre vocês que você pode ganhar aquisições, e de suas famílias que estão com você, que eles terão produzido em sua terra; eles também podem se tornar sua posse. Você pode até mesmo legá-los a seus filhos depois de você, para recebê-los como uma posse; você pode usá-los como escravos permanentes. Mas com respeito a seus compatriotas, os filhos de Israel, vocês não governarão com severidade uns sobre os outros.
>
> Agora, se os meios de um estranho [ger] ou de um estrangeiro [toshab] com você se tornarem suficientes, e um compatriota seu se tornar tão pobre em relação a ele a ponto de se vender a um estranho que está peregrinando com você, ou ao descendentes da família de um estranho, ele terá a redenção logo após ter sido vendido. Um de seus irmãos pode redimi-lo, ou seu tio, ou o filho de seu tio, pode redimi-lo, ou um de seus parentes de sangue de sua família pode redimi-lo; ou se ele prospera, ele pode se redimir. (Lev. 25: 42-49)

Aqui nos deparamos com um texto chocante, uma distinção significativa entre servos / empregados israelitas e trabalhadores estrangeiros em Israel. Este texto considera os trabalhadores estrangeiros nada mais do que propriedade?

Antes de chegarmos a essa conclusão, devemos examinar o que precede este texto — e outras considerações escriturísticas. Quando fizermos isso, continuaremos a ver

que (1) esses estrangeiros ainda não estavam nem perto dos escravos do Sul antes da guerra; (2) uma presença significativa de estrangeiros aparentemente ressentidos exigia medidas mais rígidas do que aquelas para estrangeiros cooperativos que estivessem dispostos a seguir as leis de Israel; (3) uma vez que apenas os israelitas foram autorizados a possuir terras (que

em última análise, pertenciam a Yahweh), os estrangeiros que não estavam em Israel apenas para fins comerciais eram normalmente incorporados às casas israelitas para servir lá, a menos que optassem por viver em outro lugar; e (4) estranhos na terra poderiam, se quisessem, não apenas ser libertados, mas potencialmente se tornar pessoas com posses. Para os estrangeiros pobres que queriam viver em Israel, a servidão voluntária era praticamente a única opção.

Ser legal com estranhos

Em Levítico 19: 33-34, os israelitas receberam a ordem de amar o estrangeiro na terra: "Quando um estranho [ger] residir com você em sua terra, não lhe farás mal. O estrangeiro que reside com vocês será para vocês como o nativo entre vocês, e vocês o amarão como a si mesmos, pois vocês foram estrangeiros na terra do Egito; Eu sou o Senhor teu Deus. "Isto é reforçado em Deuteronômio 10:19:" Mostrai, pois, o teu amor pelo estrangeiro [ger], porque eras estrangeiros na terra do Egito. " Portanto, antes de tirarmos conclusões precipitadas sobre as leis "severas e opressivas" do Antigo Testamento com relação aos de fora, devemos levar esses textos a sério.

Visto que a terra pertencia a Yahweh (Lv 25:23; Js 22:19), que graciosamente a emprestou às famílias de Israel, os colonos estrangeiros não puderam adquiri-la. Ainda assim, um estrangeiro (nokri) poderia se tornar um estrangeiro (ier) se ele abraçasse completamente os caminhos de Israel; ele não seria mais um forasteiro permanente. Foram feitas concessões para estrangeiros em termos de leis de resgate e outras disposições. O estrangeiro não precisava se sentir excluído do país anfitrião; presumivelmente, ele também não foi forçado a permanecer em Israel. Embora sem terra, ele poderia participar da vida comunitária e das celebrações religiosas de Israel com muitas vantagens econômicas e de status; pense em Rahab ou Ruth aqui.

O estrangeiro e o estrangeiro

O estrangeiro estabelecido (ger) e o estrangeiro (toshab) eram aqueles que haviam abraçado a adoração de Yahweh, o Deus da aliança de Israel. Eles tinham vindo de outra terra e procurado refúgio em Israel talvez por razões políticas ou econômicas ─ como Abraão em Hebron (Gênesis 23: 4), Moisés em Midiã (Êxodo 2:22), Elimeleque e sua família em Moabe (Rute 1: 1), ou os israelitas no Egito (Êxodo 22:21). Talvez o melhor termo para essas pessoas seja minorias étnicas - pessoas com "tradições raciais ou culturais distintas [que] são vulneráveis à exploração ou discriminação por grupos dominantes na população. "12 Eles haviam se estabelecido na terra por algum tempo. Eles não tinham sua própria terra, mas estavam sob a proteção de Israel (Deuteronômio 10:19). Além disso, esses estrangeiros residentes eram prosélitos ou convertidos à religião de Israel. (Na verdade, o termo ger é

normalmente traduzido por prosélitos no Antigo Testamento grego.) Estrangeiros (e estrangeiros [nokrim]), no entanto, tinham permissão para comer alimentos não kosher (Deuteronômio 14:21), mas os estrangeiros não podiam comer alimentos com sangue nele (Levítico 17:10, 12-13). Eles guardavam as leis do sábado e eram circuncidados, o que significava que podiam celebrar a Páscoa (Êxodo 12: 48-49; Números 9:14). Diz-se que Deus ama o estrangeiro (Deuteronômio 10:18), e o estrangeiro não deve ser oprimido. No entanto, o estrangeiro próspero (ger) foi impedido de ter um servo israelita em sua casa (Lv 25: 47-49).

Estrangeiros (nokrim ou às vezes bene-nekar [literalmente, "filhos de uma terra estrangeira"]) estavam em uma categoria diferente. Talvez tenham entrado em Israel como prisioneiros de guerra ou tenham vindo voluntariamente para se envolver em transações comerciais. Eles não fizeram abraçar a adoração de Yahweh e permanecer incircunciso.13 O estrangeiro não demonstrou preocupação com as leis de pureza de Israel e teve permissão para comer alimentos não kosher. Ele provavelmente não tinha nenhum problema em comer um animal morto não morto por um humano. O que é notável na legislação de Israel é a acomodação ao estrangeiro: se um israelita visse um animal que tivesse morrido sozinho, ele não poderia comê-lo (isso o tornaria impuro), mas poderia dá-lo a um estrangeiro (iurta) ou vendê-lo a um estrangeiro (nokri) que mora em sua cidade (Deuteronômio 14:21). Essa era uma forma de mostrar amor ao estrangeiro e ao estrangeiro, mesmo que o estrangeiro não aceitasse as leis de pureza de Israel e não se identificasse tão completamente quanto possível com o povo de Deus.14

Além disso, já observamos que em uma situação de pós-guerra (Deuteronômio 21: 10-14), uma mulher estrangeira poderia seguir certos requisitos para se separar de sua cultura anterior e abraçar sua nova. Depois disso, ela poderia ser elevada à condição de esposa israelita, muito longe de adquirir bens móveis.

Só porque um estranho a Israel veio morar na terra não significava que ele se tornaria necessariamente um servo doméstico. O estranho (ger) ou estrangeiro (toshab) — freqüentemente usado como sinônimo — pode se tornar uma pessoa de posses (por exemplo, Lv 25:47). O estrangeiro (nokri) — a palavra normalmente, embora nem sempre, tem uma conotação negativa — costumava vir a Israel para transações comerciais: "os estrangeiros normalmente estavam presentes em um país para fins comerciais", o que significava que "bens ou dinheiro dados a eles a crédito eram geralmente investimentos ou pagamentos antecipados de bens, e não empréstimos por causa da pobreza. "15 Devemos levar em consideração todos os itens acima em nossa discussão sobre os estrangeiros antes de olhar para o lado negativo dos estrangeiros como servos.

Há mais na palavra estrangeiro do que parece à primeira vista. No Antigo Testamento, o termo é associado a alguém que é perigoso ou hostil ao que é bom e aos propósitos de Deus para Israel. O estrangeiro é freqüentemente associado com idolatria (cf. Jos. 24:20; Jer. 5:19; Mal. 2:11), hostilidade (Ne. 9: 2; 13:30),16 ou o inimigo (2 Sam. 22: 45-46). Salomão se casou com mulheres estrangeiras que o levaram à idolatria (1 Reis 11: 1; cf. Esdras 10: 2). Provérbios adverte contra a mulher estranha ou estrangeira, que é adúltera (Provérbios 2:16; 5:20; 7: 5; 23:27, etc.). Por causa da dificuldade de integração em Israel, os estrangeiros podem ter servido como trabalhadores forçados (mas) que trabalhavam para o estado (cf. Dt 20:11). Eles realizaram obras públicas, como construção, e também empreenderam trabalhos agrícolas. Sob os reis Davi e Salomão, os amonitas e os cananeus empenharam-se nessa obra (2Sm 12:31; 1 Reis 9:15, 20-22; cf. Juízes 1: 28-35). Não sabemos se eles serviram em tempo parcial ou permanentemente.17

No geral, o estrangeiro ou estranho / residente temporário em Israel não deveria ser oprimido, mas deveria ser tratado com justiça (por exemplo, Êxodo 22:21). Repetidamente na lei de Moisés, Deus mostrou preocupação para que os forasteiros / estrangeiros fossem bem tratados.

Considerações Especiais

E quanto à discriminação de empréstimos? Para os israelitas, os empréstimos eram feitos a preço de custo; nenhum interesse foi permitido. No entanto, empréstimos com juros eram permitidos quando se tratava de estrangeiros (nokri) em Israel (Êxodo 22:25; Lv 25: 36-37; Deuteronômio 15: 3). Não foi injusto? Alguns argumentaram que sim. Mas, como vimos, normalmente os estrangeiros buscavam empréstimos para fins comerciais / de investimento, não porque estivessem na miséria e precisassem de dinheiro para pagar suas dívidas, muito menos para não morrer de fome.

Em outros casos, a presença de estrangeiros era complicada. Se Israel lutou contra outras nações, alguns prisioneiros de guerra podem precisar ser assimilados pela sociedade israelita. Eram necessárias estruturas para evitar que se rebelassem contra seus novos senhores ou permanecessem consolidados em suas próprias terras, onde pudessem reunir forças e lançar um contra-ataque. Nos casos em que os inimigos capturados por Israel (especialmente os homens) não se importavam com as "leis da terra" e representavam uma ameaça interna à segurança de Israel (por exemplo, Números 21-22; 25; 31), a servidão era uma forma de subjugar ou controlar essa ameaça.

Certas realidades econômicas, militares e sociais complicaram as coisas.18 Mesmo assim, Israel não podia oprimir ou explorar estrangeiros. Deuteronômio 23 mostra preocupação com escravos estrangeiros desesperados e ameaçados, e este

texto lança luz sobre — ou até melhora — legislação anterior em Levítico 25. E não há indício de racismo aqui, como se ser um não israelita fosse justificativa para a escravidão israelita .

Na verdade, como argumenta Roy Gane, as leis de Êxodo 21: 20-21, 26-27 protegem de abuso todas as pessoas a serviço de outras pessoas, não apenas os judeus.19

Observe algo importante em Levítico 25: 44-47, que normalmente é esquecido pelos críticos. Vimos que o sequestro e o comércio de escravos eram claramente proibidos pela lei mosaica, mas os estrangeiros iriam para Israel como prisioneiros de guerra e, devido aos perigos de um levante interno, seriam pressionados para uma construção supervisionada ou trabalho agrícola. No entanto, os próprios peregrinos e estrangeiros que foram inicialmente pressionados para o serviço (v. 45) eram os mesmos que tinham a capacidade de economizar recursos suficientes (v. 47). Sim, em princípio, todas as pessoas em servidão dentro de Israel, exceto os criminosos, poderiam ser libertadas.20

Neste ponto, vamos observar vários pontos importantes sobre a passagem de "servidão estrangeira" de Levítico 25: Primeiro, o verbo adquirir [qanah] em Levítico 25: 39-51 não precisa envolver a venda ou compra de servos estrangeiros. Por exemplo, a mesma palavra aparece em Gênesis 4: 1 (Eva tendo "tido um filho varão") e 14:19 (Deus é o "Possuidor do céu e da terra").21 Mais tarde, Boaz "adquiriu" Rute como esposa (Rute 4:10), embora ela não fosse inferior, mas sim uma parceira plena aos olhos de Boaz.

Em segundo lugar, em alguns casos, os servos estrangeiros podem se tornar elevados e, aparentemente, totalmente iguais aos cidadãos israelitas. Por exemplo, um descendente de Calebe acabou se casando com um servo egípcio. "Agora Sheshan não tinha filhos, apenas filhas. E Sheshan tinha um servo egípcio cujo nome era Jarha. Sheshan deu sua filha a Jarha, seu servo em casamento, e ela lhe deu Attai "(1 Crô. 2: 34-35). Não temos apenas o casamento entre um servo estrangeiro e uma pessoa livre estabelecida com uma linhagem considerável, mas a chave a implicação é que os direitos de herança cairiam para a descendência do servo (a genealogia lista o filho de Jarha, Attai, que tinha um filho Natã, cujo filho era Zabad, e assim por diante).

Terceiro, escravos fugitivos estrangeiros recebiam proteção dentro das fronteiras de Israel e não voltavam para seus severos senhores (Deuteronômio 23: 15-16). O sequestro de escravos também era proibido (Êxodo 21:16; Deuteronômio 24: 7). Portanto, servir dentro das famílias israelitas era para ser um porto seguro para qualquer estrangeiro; não era para ser um ambiente opressor, mas oferecia estabilidade econômica e social.

Quarto, vimos que o servo "hebreu" em Êxodo 21: 2 poderia muito bem ser um

estrangeiro que se tornara um estrangeiro residente e seria libertado no sétimo ano, presumivelmente para voltar ao seu país de origem . No entanto, ele poderia tornar o acordo permanente se amasse seu patrão / empregador e quisesse ficar sob seus cuidados. Dada a segurança e a provisão de hospedagem e alimentação para estrangeiros sem-terra, esse acordo poderia aparentemente ser estendido para a (s) próxima (s) geração (s) . Essa configuração não era para ser permanente, a menos que o servo optasse por ficar com seu mestre. John Goldingay escreve: "Talvez muitas pessoas ficassem razoavelmente felizes em se contentar em ser servos por muito tempo ou por toda a vida. Os servos contam como parte do família." Ele adiciona,22

Quinto, o texto de Levítico 25 deixa claro que o estrangeiro / estranho poderia potencialmente se livrar das dívidas e se tornar uma pessoa de posses em Israel: “se os meios de um estranho ou de um peregrino contigo se tornarem suficientes” (v. 47) Esta é outra indicação de que ele não estava preso à servidão ao longo da vida sem escolha. Os termos estranho (ger) e estrangeiro (toshab) estão ligados aos termos usados no versículo 45 “estrangeiros que vivem como estrangeiros / estranhos entre vocês”). Ou seja, esses servos “adquiridos” poderiam se aprimorar potencialmente a ponto de contratarem eles próprios (v. 47). Claro, um estrangeiro não poderia contratar um israelita.

Como vimos em outros cenários, essas situações não eram ideais, dadas as estruturas sociais inferiores da época. Deus instituiu leis para Israel que começaram onde o povo estava. Mas vemos uma humanização notável codificada nas leis de Israel - tanto para os servos estrangeiros quanto para os israelitas.

A associação tem seus privilégios

Se um estrangeiro fosse pobre, essa circunstância poderia ajudar a criar um incentivo para que o estrangeiro se tornasse parte da comunidade israelita e participasse, digamos, da Páscoa, algo que o estrangeiro poderia celebrar (Êxodo 12: 48-49). O estrangeiro (ben-nekar) não tinha permissão para participar desta festa (12:43), pois ele não se importava em se identificar com a aliança de Israel e com Yahweh. Novamente, por que os empréstimos deveriam custar caro para as pessoas que escolheram viver em (e fora) de Israel, sem entrar na vida corporativa e na adoração de Israel? Devemos esperar alguma diferença entre eles.

Pense na situação da imigração ilegal nos Estados Unidos, uma questão complexa que costuma ser emocionalmente carregada de ambos os lados do debate. Todos nós sabemos como isso funciona: os ilegais cruzam a fronteira dos Estados Unidos com o México para se beneficiar do modo de vida econômico dos Estados Unidos. Enquanto isso, muitos estrangeiros que desejam viver nos Estados Unidos podem seguir todos

os canais legais para adquirir um green card dos Estados Unidos (status de estrangeiro residente) para (talvez) eventualmente se tornarem cidadãos naturalizados; eles esperam muito tempo para que seus pedidos sejam processados. Mesmo assim, seus pedidos podem ser rejeitados. Ainda assim, os ilegais contornam completamente os canais legais e conseguem atravessar a fronteira.

Bem, não sou antipático com as preocupações dos ilegais em busca de uma vida melhor nos Estados Unidos, e devemos estender gentileza e preocupação pessoal a eles. Talvez as igrejas possam tentar ajudar os estrangeiros indocumentados a obter um julgamento justo e certificar-se de que são tratados com respeito como portadores da imagem de Deus; talvez as igrejas possam até patrociná-los na esperança de que se tornem cidadãos naturalizados. Mas, para manter a ordem e preservar o privilégio e a dignidade da cidadania em um país (cf. Rom. 13), deve ser dada prioridade aos cidadãos que pagam impostos sobre os ilegais quando se trata de cuidados de saúde, carteiras de motorista, seguros, e similar. É compreensível que, quando os protocolos legais não são seguidos, certos privilégios sejam retidos.23

O mesmo acontecia no antigo Israel. O estrangeiro (nokri) parecia mais um imigrante ilegal. O estrangeiro residente / peregrino (ger), no entanto, procurou jogar pelas regras de Israel. Ao contrário do estrangeiro residente, os estrangeiros não estavam dispostos a cumprir a relação de aliança de Israel com Deus, por isso não deveriam esperar receber todos os privilégios de um cidadão israelita. Rute, a moabita, abraçou o Deus de Israel e de sua sogra, Noemi: “O teu povo será o meu povo, e o teu Deus, o meu Deus” (Rute 1:16). Se gentios como Rute ou Raabe ou Urias, o Os hititas estavam dispostos a abraçar totalmente o Deus, o povo e as leis de Israel, então eles poderiam se tornar mais facilmente incorporados à vida dominante em Israel, mesmo que não pudessem possuir terras. E os estrangeiros não precisavam vir a Israel de forma alguma.

Como a empresa de cartão de crédito (American Express) costumava dizer: “Ser membro tem seus privilégios”. O mesmo se aplica a membros dentro de Israel.

Considerações Finais

Levítico 25 refletiu uma tentativa de regular e controlar abusos em potencial que muitas vezes vêm por meio da ganância e do status social. Essa legislação criou uma rede de segurança para israelitas vulneráveis; sua intenção era interromper os ciclos geracionais de pobreza. A história de Rute e Naomi realmente coloca carne e ossos na legislação do Sinai. Isso nos traz das leis teóricas para o reino prático da vida cotidiana em Israel. Vemos como as leis relevantes deveriam ser aplicadas quando a morte, a pobreza e a incerteza caíssem sobre um israelita. Também testemunhamos um gentio que veio a Israel com sua sogra. Ambos eram vulneráveis e buscavam

refúgio com parentes que pudessem ajudá-los. Eles foram fornecidos como Rute foi capaz de respigar nos campos de Boaz, um parente redentor. Naomi foi cuidada em sua velhice.24

Devemos considerar Levítico 25:44 à luz da narrativa de Rute: “Você pode adquirir [qanah] escravos e escravos das nações pagãs que estão ao seu redor.” Curiosamente, Boaz anunciou aos anciãos em Belém que ele havia “adquirido” Rute como sua esposa: "Além disso, adquiri [qanah] Rute, a moabita, a viúva de Mahlon" (Rute 4:10). Isso significa que Boaz pensava que Rute era uma propriedade? Dificilmente! Boaz tinha o maior respeito por Rute, e ele a via como uma parceira igual.

Era um trabalhador estrangeiro de posição social mais baixa do que um servo israelita? sim. Esta era uma situação ideal? Não. Estou defendendo isso para a sociedade contemporânea? Dificilmente. Não vamos esquecer a associação negativa, às vezes oposta a Deus, associada ao uso do termo estrangeiro no Antigo Testamento. Freqüentemente detectamos neste termo uma recusa em assimilar os caminhos de Israel e a relação de aliança com Deus, que entrava em conflito com as intenções de Deus para seu povo. Novamente, os estrangeiros poderiam se estabelecer na terra, abraçar os caminhos de Israel e se tornarem estrangeiros ou peregrinos, o que lhes daria maior acesso à vida social israelita e benefícios econômicos. E, como enfatizei, o estrangeiro poderia ter escolhido morar em outro lugar ao invés de Israel. Portanto, temos muitos fatores complicadores a considerar aqui.

Mesmo assim, se prestarmos atenção ao texto bíblico, a atitude subjacente para com os estrangeiros é muito melhor do que a encontrada em outras culturas do Oriente Próximo. Deus constantemente lembrava a Israel que eles eram estranhos e estrangeiros no Egito (Êxodo 22:21; 23: 9; Lv 19:34; Deuteronômio 5:15; 10:19; 15:15; 16:12; 24:18 , 22). Essa memória deveria moldar o tratamento de Israel aos estranhos na terra. É por isso que Deus ordenou o seguinte: cuidar dos necessitados e estrangeiros (Lv 23:22); amar o estrangeiro (Deut. 10:19); provendo suas necessidades básicas de alimento (Deuteronômio 24: 18-22); pagando prontamente por seu trabalho (Deuteronômio 24: 14-15). Além disso, o Antigo Testamento visa a salvação definitiva, sim, do estrangeiro e sua incorporação ao povo de Deus (Is 56: 3 [“o estrangeiro que se uniu ao Senhor”]).

Para que não pensemos que a servidão permanente de um estrangeiro (que poderia muito bem ser entendida como voluntária em Lev. 25) significava que seu mestre poderia tirar vantagem dele, devemos lembrar o tema difundido em toda a lei de Moisés de proteção e preocupação com aqueles em servidão . Eles não podiam ser aproveitados. Portanto, se um servo estrangeiro estava sendo maltratado por seu

senhor para fugir, ele poderia encontrar seu caminho para outra casa israelita para abrigo e proteção: "Você não deve entregar a seu senhor um escravo que escapou de seu senhor para você . Ele habitará convosco no meio de vós, no lugar que escolher numa das vossas cidades, onde lhe aprouver; você não deve maltratá-lo "(Deuteronômio 23: 15-16). Esta disposição não foi t simplesmente por um escravo estrangeiro fugindo para Israel, mas também por um servo estrangeiro dentro de Israel que estava sendo maltratado. A legislação de Israel a respeito dos escravos estrangeiros mostrava preocupação com seu bem-estar, muito diferente do Código de Hamurabi, por exemplo, que não levava em consideração o tratamento que o proprietário dispensava a seus escravos.25

Comparando textos de servidão

Vamos tentar amarrar algumas pontas soltas aqui. Vimos Deuteronômio 15: 1-18 no último capítulo; portanto, não citaremos o texto completo aqui. Este é o famoso texto de lançamento em que Deus ordenou generosidade e boa vontade para com os servos que estavam sendo libertados. Deus expressou o desejo de que não haja nenhum pobre na terra.

Os estudiosos afirmam que esta passagem está em tensão com as leis de servidão anteriores de Êxodo 21: 1-11 e Levítico 25: 39-46 (e poderíamos adicionar aqui Lv 19: 20-21).26 Nesse caso, a tensão pode não ser tão grande quanto alguns supõem. Por exemplo, Êxodo 21: 7 não diz expressamente que as servas deveriam ser libertadas após o sétimo ano. Argumentamos, porém, que isso está implícito; este versículo é um exemplo de jurisprudência. A tensão existe se assumirmos que a mudança de gênero não é permitida pelo texto. Mas não é assim. Poderíamos acrescentar que os versículos 26-27 mencionam que um servo ou uma serva podem ser libertados se feridos; se ele ou ela fosse morto por abuso do empregador, o empregador deveria ser condenado à morte.

De qualquer forma, Deuteronômio 15:12 afirma explicitamente que tanto os servos quanto as servas estavam à vista. Ambos deveriam receber liberdade no sétimo ano, a liberação sabática. Se existe uma tensão genuína, então esta passagem sugere que o arranjo para adquirir uma esposa em Êxodo 21: 7-10 foi posteriormente abandonado em Israel.27

E a lei de que um servo não poderia sair com sua esposa e filhos se sua esposa fosse dada por seu mestre (Êxodo 21: 4)? Isso parece mudar em Levítico 25: 40-42 (nas leis do ano do jubileu), onde os filhos (e presumivelmente a esposa) deveriam ficar livres com o marido / pai. Além disso, em contraste com Êxodo 21: 2-6, Levítico

25: 41-42 não distingue entre filhos nascidos antes e filhos nascidos durante o serviço contratado. No entanto, já em Levítico 25: 40-42, no ano do jubileu (a cada cinquenta anos), os filhos (e presumivelmente a esposa) foram libertados com seu pai (marido).

Vemos algumas tensões entre os textos anteriores (como Êxodo 21) e Deuteronômio 15. Não precisamos levantar as mãos em desespero por causa de textos irremediavelmente contraditórios. Em vez disso, o que temos aqui é um ajuste dinâmico e uma atualização moral ocorrendo em um curto espaço de tempo no início da vida nacional de Israel. Lembra-se das filhas de Zelofeade, que pediu a Moisés ajustes na lei (Números 27)? Moisés levou seu caso perante Yahweh, que aprovou seu pedido. Este é outro exemplo de um ajuste nas leis de Israel, uma mudança de uma legislação inferior para um status legal melhorado. Isso está muito longe da noção de Christopher Hitchens de leis "inalteráveis" do Antigo Testamento.

Christopher Wright aponta que na edição final do Pentateuco (Gênesis-Deuteronômio), o (s) editor (es) certamente estavam cientes dessas diferenças e tensões, mas mantiveram todos esses textos no lugar. A mão editorial mostra notável habilidade no manuseio do texto.28 Na verdade, a maioria dos estudiosos vê Êxodo dando a lei mais antiga e Deuteronômio posteriormente revisando e expandindo-a (o que também poderia se aplicar ao texto de Levítico).29 Portanto, o fato de esses textos coexistirem no mesmo corpo de trabalho sugere uma possível reconciliação ou justificativa para isso. Wright vê Deuteronômio "modificando, estendendo e até certo ponto reformando as leis anteriores, com fundamentação teológica e motivação explícita adicional".30 Até o antigo israelita reconheceria que Êxodo 21, que enfatiza a humanidade dos servos (escravos), estava em certa tensão com o texto posterior de Deuteronômio 15 (e Levítico 25).

Portanto, obedecer a Deuteronômio, até certo ponto, "significava necessariamente não mais obedecer ao Êxodo [ou Levítico]".31 Esses textos foram deliberadamente mantidos juntos, em parte para refletir esse ajuste. Aparentemente, essas tensões não pareciam totalmente contraditórias para o editor final desta parte da Bíblia. Este ponto serve para ilustrar a "natureza viva, histórica e contextual do crescimento das Escrituras".32

No momento em que chegamos ao profeta Amós (cujo ministério era no Reino do Norte de Israel), Deus dirige palavras duras contra aqueles que estão "comprando os pobres com prata e os necessitados por um par de sandálias, vendendo até mesmo o lixo com o trigo "(8: 6 NIV; cf. 2: 6). Juízes corruptos foram subornados pelos ricos para disponibilizarem trabalho escravo a eles. Os pobres foram multados pesadamente e, quando não podiam pagar, vendidos como servos a preços baixos ─ com a varredura de trigo.33 Em Amós, os pobres israelitas eram maltratados e até

trocados por um par de sandálias. Deve ter sido muito pior para os estrangeiros em Israel, a quem Deus ordenou que Israel protegesse.

Isaías expressa preocupação semelhante pelos fugitivos gentios que fugiam de Moabe. Observe a grande preocupação demonstrada pelos vulneráveis e pelos que escapam de situações perigosas: “'Esconda os fugitivos, não traia os refugiados. Deixe os fugitivos moabitas ficarem com você; seja seu abrigo do destruidor. ' O opressor chegará ao fim e a destruição cessará; o agressor desaparecerá da terra ”(Isaías 16: 3-4 NVI).

No livro profético de Joel (2:29), Deus fez uma promessa igualitária de derramar seu Espírito sobre toda a humanidade, jovem e velho, homem e mulher - incluindo servos e servas. Este mesmo tema é encontrado em Jó 31:15, onde mestre e escravo vêm do mesmo lugar - o ventre da mãe. Eles são fundamentalmente iguais.

Refletir sobre o contexto mais amplo das passagens das Escrituras nos lembra de não nos concentrar em um único texto, mas ver como cada passagem se encaixa no todo mais amplo. Além disso, quaisquer desvios dos padrões morais ideais de igualdade e dignidade humanas estabelecidos na criação são o resultado da dureza humana. Repetidamente, somos lembrados da legislação superior de Israel em contraste com o resto do antigo Oriente Próximo.

Leitura Adicional

Chirichigno, Gregory C. Dívida-Escravidão em Israel e no Antigo Oriente Próximo. JSOT Supplement Series 141. Sheffield: University of Sheffield Press, 1993.

Gane, Roy. Levítico, Números. Comentário do aplicativo NIV. Grand Rapids: Zondervan, 2004.

Hoffmeier, James K. The Immigration Crisis: Immigrants, Aliens, and the Bible. Wheaton: Crossway, 2009.

14

Mandado por Tráfico de Seres Humanos como equipamento agrícola? (III)

Escravidão no Novo Testamento

A batalha de três dias de Gettysburg no início de julho de 1863 tirou a vida de aproximadamente cinquenta mil soldados confederados e da União. Abraham Lincoln foi convidado a comemorar suas mortes, dedicando o cemitério onde mais de 3.500 soldados da União estão enterrados. Seu breve, mas poderoso discurso de Gettysburg (19 de novembro de 1863) começou com estas palavras imortalizadas: “Há oitenta e sete anos nossos pais deram à luz neste continente uma nova nação, concebida em liberdade e dedicada à proposição de que todos os homens são criados iguais. "Lincoln apelou para a Declaração de Independência em seu argumento contra a escravidão, algo que ele havia feito durante os debates Lincoln-Douglas (1858) e muito antes.1

Lincoln regularmente se apropriou desse documento fundador para remodelar o pensamento dos americanos sobre a escravidão e a alegada subumanidade dos negros. Embora a América tenha ficado aquém desse ideal - seja na quebra de tratados com os nativos americanos ou nos maus tratos aos negros - Lincoln pediu a seus concidadãos que refletissem sobre as implicações desse documento. Assim, em Gettysburg, Lincoln exortou seus ouvintes “a se dedicarem aqui ao trabalho inacabado que aqueles que lutaram aqui avançaram tão nobremente”; ele ansiava por ver concretizada a visão articulada na declaração de 1776: um “novo nascimento da liberdade. "

O papel da declaração na presidência de Lincoln ilustra um fenômeno semelhante no Antigo Testamento. Gênesis 1 foi “dedicado à proposição de que todos os homens

são criados iguais”! Na lei mosaica, Deus estava apontando para este “documento fundador” da criação, afirmando que tratar os humanos como propriedade ou inferiores era fundamentalmente contrário. Apesar da queda humana, os leitores do Antigo Testamento eram continuamente apontados para o ideal.

Embora nosso foco tenha sido o Antigo Testamento, devemos dizer algo sobre a escravidão no Novo Testamento. O Novo Testamento pressupõe não apenas uma igualdade fundamental porque todos os humanos são criados à imagem de Deus (Tiago 3: 9), mas também uma unidade ainda mais profunda em Cristo que transcende as fronteiras humanas e estruturas sociais: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem homem livre, não há homem nem mulher; porque todos sois um em Cristo Jesus ”(Gal. 3:28). Veremos as implicações desse manifesto cristão.

Um pouco de fundo

Precisamos reorientar nosso pensamento para longe da situação do Antigo Testamento de (principalmente) servidão por dívida hebraica (da qual homem e mulher seriam libertados no sétimo ano). A paisagem do mundo romano era muito diferente - a saber, a existência de escravidão (propriedade) institucionalizada. Roma (ao contrário da legislação do Antigo Testamento) procurou institucionalizar não apenas a servidão, mas a escravidão (bens móveis).

Durante o primeiro século DC, 85 a 90 por cento da população de Roma consistia em escravos. 2 Embora os escravos fossem considerados propriedade de seus senhores e não tivessem direitos legais, eles tinham uma série de outros direitos e privilégios. Estes incluíam (1) a possibilidade de iniciar um negócio para ganhar quantias potencialmente grandes de dinheiro, (2) a capacidade de ganhar dinheiro para, eventualmente, comprar liberdade (alforria) de seus senhores, ou (3) o direito de possuir propriedade (conhecido como o pecúlio).*3* O trabalho dos escravos cobriu o espectro de condições horríveis nas minas para artesãos, agentes de negócios e outras posições de respeito e prestígio, como funcionários civis ou imperiais.4 Portanto, a escravidão não era cruel com todos os escravos do Império Romano.

As Afirmações do Novo Testamento de Escravos como Pessoas

Você provavelmente já ouviu a reclamação: “Jesus nunca disse nada sobre o erro da escravidão”. Não tão! Jesus se opôs explicitamente a todas as formas de opressão. Citando Isaías 61: 1, Jesus descreveu claramente sua missão: “proclamar a libertação aos cativos,. . . para libertar os oprimidos "(Lucas 4:18). Isso, então, significaria a

opressão de Roma e sua escravidão institucionalizada. Bem, Jesus não criou um plano de reforma econômica para Israel, mas abordou atitudes de coração de ganância, inveja, contentamento e generosidade para minar estruturas sociais econômicas opressivas. Da mesma forma, os escritores do Novo Testamento muitas vezes abordaram as atitudes subjacentes em relação à escravidão. Como? Mandando os senhores cristãos chamarem seus escravos de “irmãos” ou “irmãos” e mostrar-lhes compaixão e justiça e paciência. Ser um mestre não significava mais privilégio e status, mas sim responsabilidade e serviço. Com isso, o verme já estava na madeira para alterar as estruturas sociais.5

Como fiéis seguidores de Cristo, Paulo e outros escritores do Novo Testamento também se opuseram à desumanização e opressão de outros. Eles, por exemplo, rejeitaram totalmente a ideia de que os escravos eram mera propriedade. A condição de escravo ou livre era irrelevante em Cristo (cf. Gal. 3:28; Col. 3:11). Na verdade, Paulo deu regras domésticas em Efésios 6 e Colossenses 4 não apenas para escravos cristãos, mas também para senhores cristãos. Os escravos eram, em última análise, responsáveis perante Deus, seu Mestre celestial. Mas os senhores deviam "tratar seus escravos da mesma maneira" — ou seja, como pessoas governadas por um Mestre celestial (Ef 6: 9 NVI). O comentarista do Novo Testamento PT O'Brien aponta que "a enigmática exortação de Paulo é ultrajante", seu dia.6 Dada a igualdade espiritual entre escravo e livre, os escravos podiam até assumir posições de liderança nas igrejas.

Paulo teria considerado o comércio de escravos dos séculos XVII e XVIII uma abominação, uma violação absoluta da dignidade humana e um ato de roubo humano. Em uma "lista de vícios" de Paulo em 1 Timóteo 1: 9-10, ele expôs do quinto ao nono mandamentos em Êxodo 20 e Deuteronômio 5; ali ele condenou "comerciantes de escravos" (v. 10 NVI) que roubam o que é. é deles por direito.7

Os críticos se perguntam por que Paulo (ou Pedro em 1 Pedro 2: 18-20) não condenou a escravidão completamente e disse aos senhores para libertar seus escravos. No entanto, devemos primeiro separar esta questão de outras considerações, mesmo que os novos ateus não estejam necessariamente interessados nas nuances. A posição de Paulo sobre a situação da escravidão era clara em vários pontos: (1) ele repudiava o comércio de escravos; (2) ele afirmou a plena dignidade humana e o status espiritual igual dos escravos; e (3) ele encorajou os escravos a adquirirem sua liberdade sempre que possível (1 Coríntios 7: 20-22). As afirmações cristãs revolucionárias de Paulo ajudaram a destruir a estrutura da instituição da escravidão na Europa.

Paulo lembrou aos senhores cristãos que eles, com seus escravos, eram escravos do

mesmo Mestre imparcial; então eles não deveriam maltratá-los, mas sim tratá-los como irmãos e irmãs em Cristo. Paulo apelou aos senhores humanos para concederem "justiça e justiça" aos seus escravos (Colossenses 4: 1). De uma forma sem precedentes, Paulo tratou os escravos como pessoas moralmente responsáveis (Colossenses 3: 22-25) que, como seus senhores cristãos, eram irmãos e parte do corpo de Cristo (1 Timóteo 6: 2).8 Escravo e mestre cristãos pertenciam a Cristo (Gálatas 3:28; Colossenses 3:11). O status espiritual era mais fundamental do que o status social.

Paulo (e Pedro) não convocou um levante para derrubar a escravidão em Roma. Eles não queriam que a fé cristã fosse vista como oposta à ordem e harmonia social. Conseqüentemente, os escravos cristãos foram instruídos a fazer o que era certo; mesmo que fossem maltratados, sua consciência estaria limpa (1 Pedro 2: 18-20). As obrigações cabiam a esses escravos, sim, sem seu consentimento prévio. Portanto, o caminho a ser seguido pelos primeiros cristãos era complicado, muito diferente da situação no Israel do Antigo Testamento. Por outro lado, um levante de escravos prestaria um desserviço ao evangelho e seria uma ameaça direta a um estabelecimento romano opressor (por exemplo, “Senhores, libertem seus escravos!” Ou “Escravos, livrem-se de suas correntes!”). Roma enfrentaria qualquer oposição flagrante com uma oposição rápida, enérgica e letal. Então Peter ' s admoestação aos escravos tratados injustamente implica um sofrimento suportado sem retaliação. Não, o sofrimento em si não é bom (o que seria uma atitude sádica a se adotar e certamente não é a visão das Escrituras); em vez disso, a resposta certa em meio ao sofrimento é recomendável.

Por outro lado, os primeiros cristãos minaram a escravidão indiretamente e certamente rejeitaram muitas suposições greco-romanas comuns sobre ela, como a de Aristóteles (os escravos eram inerentemente inferiores aos senhores, assim como as mulheres aos homens). Assim como Jesus suportou sofrimentos injustos pela redenção de outros e confiou-se Àquele que julga com justiça (1 Pedro 2: 20-24), os escravos cristãos podiam suportar dificuldades para mostrar aos outros - incluindo seus senhores - o caminho de Cristo e a redenção por meio dele, confiando sempre a Deus.9 Assim, como o fermento, uma vida semelhante à de Cristo poderia ter um efeito de fermentação gradual na sociedade, de modo que instituições opressivas como a escravidão finalmente pudessem cair. Foi o que aconteceu, de fato, em toda a Europa, como veremos no capítulo final.

Esse também foi o tipo de estratégia incremental adotada pelo presidente Abraham Lincoln. Embora ele desprezasse a escravidão e falasse abertamente sobre essa instituição degradante, sua primeira prioridade era manter a União unida, em vez de

tentar abolir a escravidão imediatamente. Sendo um estudante excepcional da natureza humana, ele reconheceu que as realidades políticas e as reações previsíveis exigiam uma abordagem incremental. A rota abolicionista radical de John Brown e William Lloyd Garrison iria (e fez!) Simplesmente criar uma reação social contra os abolicionistas radicais e tornar a emancipação ainda mais difícil.10

O ministério de Paulo ilustrou como em Cristo não havia escravo nem livre. Ele saudou as pessoas em suas epístolas pelo nome. A maioria desses indivíduos costumava usar nomes de escravos e libertos. Por exemplo, em Romanos 16: 7 e 9, ele se refere a escravos como Andronicus e Urbanus (nomes comuns de escravos) como "parente", "companheiro de prisão" e "companheiro de trabalho". A abordagem do Novo Testamento à escravidão era totalmente contrária aos aristocratas e filósofos como Aristóteles, que sustentava que alguns humanos eram escravos por natureza (Política I.13). O Cristianismo do Novo Testamento dificilmente endossava a escravidão; nivelou todas as distinções ao pé da cruz. Em Apocalipse 18: 11-13, a condenada Babilônia está condenada porque ela tratou os humanos como "carga", tendo traficado "escravos [literalmente 'corpos'] e vidas humanas. "Este repúdio de tratar os humanos como carga reflete a doutrina da imagem de Deus em todos os seres humanos. Não admira que a fé cristã fosse particularmente atraente para escravos e classes mais baixas:11 era contracultural, revolucionário e anti-status quo. Não é de se admirar que a escravidão na Europa acabou fracassando: os cristãos europeus tinham a mentalidade de que possuir outro ser humano era contrário à criação e à nova criação em Cristo.

A Questão de Onésimo

Agora, foi alegado que o retorno de Onésimo ao "escravo fugitivo" de Paulo para seu dono, Filêmon, foi um passo para trás em direção ao opressor Código de Hamurabi! O Antigo Testamento proibia tal ação (Deuteronômio 23: 15-16), mas as leis de Babilônia exigiam a devolução de um escravo. Portanto, aqui parece que Paulo está do lado de Hamurabi contra o Velho Testamento! Essas acusações têm algum mérito?

Diz-se que ler uma epístola do Novo Testamento é como ouvir apenas uma pessoa em uma conversa ao telefone. Isso certamente é verdade na carta a Filêmon. Ouvimos apenas a voz de Paulo, mas existem muitas lacunas que gostaríamos de preencher. Qual era a relação de Paulo com Filêmon ("querido amigo e colega de trabalho" e "parceiro" [vv. 1, 17 NVI])? Que dívida Filemom tinha com Paulo? Como Onésimo havia ofendido Filêmon (se é que o fez)?12 Muitos intérpretes tomaram a liberdade de nos "ajudar" a preencher as lacunas. No entanto, um resultado comum é que eles

podem ler muito no texto. A hipótese do escravo fugitivo comum (que Onésimo era um escravo fugitivo de Filemom) remonta ao pai da igreja, João Crisóstomo (347-407). No entanto, existe uma discordância acadêmica genuína sobre essa interpretação. Por um lado, a epístola não contém verbos de vôo, como se

Onésimo havia sumido repentinamente. E Paulo não revelou nenhum indício de medo de que Filêmon tratasse com brutalidade o retorno de Onésimo, como os senhores costumavam fazer quando seus escravos fugitivos eram capturados.

Foi sugerido de forma plausível13 que Onésimo e Filêmon eram irmãos cristãos separados (talvez biológicos). Paulo exorta Filêmon a não receber Onésimo como escravo (cujo status na sociedade romana significava ser alienado e sem honra); antes, Onésimo deveria ser recebido como um irmão amado: “para que o recebas de volta para sempre ─ não mais como escravo, mas melhor do que escravo, como um irmão querido. Ele é muito querido para mim, mas ainda mais querido para você, tanto como homem quanto como irmão no Senhor "(Fil. 1: 15-16 NVI). Observe a linguagem semelhante em Gálatas 4: 7:“ Portanto, vocês não são mais um escravo, mas um filho; e se um filho, então um herdeiro por Deus. " Isso pode lançar mais luz sobre como interpretar a epístola de Filemom: Paulo queria ajudar a curar a fenda para que Onésimo (não um escravo real) fosse recebido de volta como um irmão amado no Senhor, nem mesmo simplesmente como irmão biológico. Fazer isso seria seguir o exemplo do próprio Deus em nos receber como filhos e filhas, em vez de escravos.

Mesmo que Onésimo fosse um escravo real no Império Romano, isso ainda não significa que ele era um fugitivo. Se um desacordo ou mal-entendido tivesse ocorrido entre Onésimo e Filêmon, e Onésimo tivesse procurado Paulo para intervir de alguma forma ou para arbitrar a disputa, isso não teria tornado Onésimo um fugitivo. E dado o conhecimento de Paulo sobre o caráter de Filêmon e histórico de dedicação cristã, a sugestão de que o retorno de Onésimo foi "Hamurabi revisitado" está muito errada. Novamente, se Onésimo fosse um escravo na casa de Filêmon, a estratégia de Paulo era esta: em vez de proibir ding escravidão, imponha a comunhão!! ^ Na verdade, a igreja do Novo Testamento mostrou-se uma nova comunidade revolucionária unida por Cristo - um povo que transcendeu as barreiras raciais, sociais e sexuais.

Hagar, Sarah e Paul

Provavelmente deveríamos trazer a história de Hagar-Sarah aqui. Em Gálatas 4:30, Paulo se refere ao ato de Sara de mandar Hagar embora (Gênesis 21). Alguns caricaturam essa alegorização, afirmando o endosso de Paulo ao desejo cruel de Sara

de expulsá-la - e Deus disse a Abraão para concordar com isso (21:12)! Vamos manter isso no contexto. Já vimos que tanto Agar quanto Ismael contribuíram com sua parcela de dificuldade e tensão dentro da casa; eles dificilmente eram inocentes. Deus também assegurou a Abraão (como ele havia dito a Agar anteriormente) que Deus cuidaria deles e faria de Ismael uma grande nação.

Paulo se refere a esta passagem (Gênesis 21:10) para dar uma mensagem aos Gálatas: livrem-se da escrava (4:30)! Ou seja, eles deveriam parar de aderir e depender da lei mosaica para obter / manter aceitação diante de Deus. A interpretação errônea de Paulo pelos críticos - de que Paulo estava na verdade encorajando os maus-tratos a escravos - é na verdade bem humorada.15 (Isso é típico do fundamentalismo de esquerda.) Perde completamente o próprio ímpeto da alegoria e o tom da forte oposição de Paulo aos judaizantes. A questão é que sua heresia não deve ser tolerada na igreja. Isso não reflete o endosso de Paulo à escravidão. Na verdade, o clamor do coração de Paulo era que seus irmãos judeus encontrassem a salvação (Rm 10: 1), e sua oposição aos judaizantes foi acompanhada de lágrimas (Fp 3:18).

O objetivo final de Deus: escravizar a todos?

Desde o início, a Escritura afirma que todas as pessoas são feitas à imagem de Deus ─ essencialmente, "não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem ou mulher". Embora a humanidade tenha se desviado deste ideal, a Escritura regularmente mina as instituições humanas que existem porque de endurecidos corações humanos, apontando as pessoas de volta ao ideal criativo, bem como ao novo ideal criativo em Cristo, o novo Adão.

Alguns críticos afirmam que o objetivo de longo alcance de Deus é escravizar todas as pessoas, a tirania e desumanização finais. Veja Isaías 14: 1-2 como um excelente exemplo:

> O Senhor terá compaixão de Jacó; mais uma vez ele escolherá Israel e os estabelecerá em sua própria terra. Os extraterrestres se juntarão a eles e se unirão à casa de Jacob. As nações irão pegá-los e trazê-los para seus próprios lugares. E a casa de Israel possuirá as nações como servos e servas na terra do Senhor. Eles farão cativos de seus captores e governarão seus opressores. (NIV)

O crítico tende a fazer essa analogia do escravo andar de quatro - ou seja, a imagem da escravidão se estende muito além do ponto de comparação pretendido. Um exame menos seletivo das Escrituras revela que a imagem da escravidão é apenas uma amostra tirada de uma tapeçaria maior. Em última análise, Deus procurou trazer bênçãos a todas as nações (Gênesis 12: 3). As imagens bíblicas de Deus subjugando seus inimigos e de seu povo sugerem que os oponentes de Deus não terão a palavra

final; sua oposição a Deus terá que dar lugar ao reconhecimento do senhorio de Deus sobre tudo. Aqueles que se recusam a reconhecer o lugar de direito de Deus no final separam-se livremente de Deus, a fonte de alegria, esperança e paz. Eles receberão o divórcio de

Deus.

E aqueles que pertencem a Cristo? Para descrever aqueles totalmente dedicados a Deus, o Novo Testamento usa a linguagem do escravo (doulos). Uma série de traduções modernas traduzem esta palavra "servo", mas o vínculo do servo com seu empregador é freqüentemente temporário e destacável. Mas em vez de ser uma imagem de opressão, o "escravo da justiça" não está mais na escravidão do pecado (João 8 : 34; Rom. 6: 17-20). Já vimos que, por natureza, os humanos são adoradores; eles são escravos do que adoram, sejam falsos deuses ou o verdadeiro. Adorar o Deus verdadeiro com total devoção é, na verdade, uma imagem de liberdade genuína e vida abundante, em vez de opressão; a falsa adoração realmente oprime (João 10:10).

Portanto, a imagem do escravo não deve dominar a imagem espiritual. Abraão é chamado de servo de Deus ('ebed), bem como amigo de Deus (Is 41: 9; Tiago 2:23). Jesus disse aos seus discípulos que já não os chamava de escravos (douloi), mas de amigos (philoi). O próprio Jesus daria sua vida por seus amigos (João 15: 13-15). O Filho do Homem, que veio servir a humanidade (Marcos 10:45), assumiu a forma de um escravo - Deus em carne servindo e morrendo pela humanidade (Fp 2: 5-11).

Então, somos escravos? Sim e não - algo na linha do que Martinho Lutero disse: o cristão é livre e não está sujeito a nenhum de seus semelhantes, bem como o servo zeloso que está sujeito a todos.16 Da mesma forma, Deus está preocupado em remover a opressão, permitindo-nos encontrar a verdadeira liberdade em amar e obedecer a Deus, que é Mestre e Pai. As Escrituras usam imagens de escravidão e medo que são transformadas em adoção como filhos de Deus com total segurança no amor de Deus (Rom. 8: 14-16; Gal. 4: 3-8). As Escrituras se referem ao status privilegiado como povo de Deus e a habitação de Deus em seu meio (Ap 21: 3). O povo de Deus também é a noiva de Cristo (Ap 21: 2).

O governo do reino de Deus não tem a intenção de oprimir. Em Mateus 20: 1-16, o proprietário de terras que contrata trabalhadores ao longo do dia pergunta àquele que reclama sobre suportar o calor do dia enquanto outros trabalharam por pouco tempo: “Não é lícito eu fazer o que desejo com o que é meu próprio? "(v. 15). Isso dificilmente é despotismo, como alguns afirmam. Afinal, o proprietário da terra foi generoso e certamente não fez mal; na verdade, o senhor iniciou a oportunidade de trabalhar, e o trabalhador concordou com o salário de um denário, assim como todo mundo fazia.

Ao revisarmos o Novo Testamento, a linguagem da escravidão é uma parte do quadro maior. O objetivo final de Cristo não é oprimir e destruir, mas dar vida, redimir e libertar (Lucas 4:18). E Paulo em Gálatas 3:28 (o "manifesto cristão") não abole a escravidão; em vez disso, ele o torna irrelevante! Todas as estruturas que separavam judeus e gregos, homens e mulheres, escravos e livres foram radicalmente destruídas por compartilharem uma refeição comum para celebrar a morte do Senhor (ver 1 Coríntios 11: 17-34). Na verdade, este foi um ato desafiador e contracultural contra as estruturas sociais embutidas em Roma - muito longe do argumento da "resignação passiva" dos críticos (que Paulo não falou contra a escravidão, mas a aceitou). Além disso, a Ceia do Senhor também foi um ato culturalmente vergonhoso: Esses cristãos não apenas adoravam um Messias vergonhosamente crucificado (mas ressuscitado!), mas aqueles que eram "desonrosos" ou de status social inferior - mulheres, gentios e escravos - eram tratados como iguais a homens, judeus e pessoas livres. Essa "refeição da vergonha" na verdade simbolizava a remoção de toda desonra aos pés da cruz. Na igreja primitiva, uma revolução social começou![17]

Leitura Adicional

Harris, Murray. Escravo de Cristo: Uma Metáfora do Novo Testamento para Devoção Total a Cristo. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1999.

Wright, Christopher JH Ética do Velho Testamento para o Povo de Deus. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004.

15

Massacre indiscriminada e limpeza étnica?

A Matança dos Cananeus (I)

Provavelmente, a questão ética mais difícil do Antigo Testamento é a ordem divina de matar os cananeus.1 O teólogo que se tornou ateu Gerd Ludemann escreveu que "a ordem de exterminar é extremamente ofensiva" - muito longe do Deus misericordioso freqüentemente proclamado nas Escrituras.2 Considere apenas uma destas passagens:

> Somente nas cidades destes povos que o Senhor vosso Deus vos dá por herança, não deixareis com vida nada que respire. Mas tu os destruirás totalmente: o heteu e o amorreu, o cananeu e o perizeu, o heveu e o jebuseu, como o Senhor teu Deus te ordenou, para que eles não te ensinem a fazer de acordo com todas as suas coisas detestáveis que eles fizeram por seus deuses, para que você pecasse contra o Senhor seu Deus. (Deut. 20: 16-18)

Esta é uma pergunta difícil, e levaremos quatro capítulos para lidar com isso e outras questões relacionadas. Primeiro, revisaremos alguns assuntos introdutórios, depois abordaremos dois cenários possíveis a respeito da questão cananéia e, por fim, examinaremos a questão da religião (seja lá o que esse termo signifique) e violência.

Eram os cananeus que eram maus?

De acordo com o texto bíblico, Yahweh estava disposto a esperar cerca de 430 anos porque "o pecado dos amorreus [um grupo do povo cananeu] ainda não atingiu seu limite" (Gn 15:16 NET). Em outras palavras, nos dias de Abraão , não era o momento propício para o julgamento dos cananeus; não era o momento certo para eles serem expulsos e para a terra "vomitá-los" (Lv 18:25). Sodoma e Gomorra, por outro lado, estavam prontas; nem mesmo dez justos puderam ser encontrados lá (Gênesis 18-19). Mesmo antes, na época de Noé, os humanos haviam atingido o fundo do poço moral

(Gênesis 6: 11-13). Apesar dos 120 anos de pregação de Noé (Gênesis 6: 3; cf. 5:32; 7: 6; 2 Pedro 2: 5), ninguém fora de sua família ouviu; seus contemporâneos também estavam prontos para o julgamento. Mas foi só depois de Israel '

De que tipo de maldade estamos falando? Estamos familiarizados com a frase: “A maçã não cai longe da árvore”. No caso dos cananeus, as maçãs morais dos cananeus não caíram longe da árvore de seu panteão de deuses e deusas imorais. Portanto, se as divindades cananéias se envolveram em incesto, então não é surpreendente que o incesto não fosse tratado como um erro moral sério entre o povo cananeu. Como vimos, adultério (sexo no templo), bestialidade, atos homossexuais (também sexo no templo) e sacrifício de crianças também eram permitidos (cf. Lv 18: 2030).

Os humanos são seres que “imaginam”, projetados para refletir a semelhança e a glória de seu Criador. Se adorarmos a criatura em vez do Criador, passaremos a nos assemelhar ou a imaginar os ídolos de nossa própria criação e aqueles nos quais colocamos nossa segurança.3 Os atos sexuais dos deuses e deusas eram imitados pelos cananeus como uma espécie de ato mágico: quanto mais sexo nos altos cananeus, mais isso estimularia o deus da fertilidade Baal a fazer sexo com sua consorte, Anath, o que significava mais sêmen (chuva) produzido para regar a terra.

Vamos adicionar a isso a sede de sangue e a violência das divindades cananéias. Anath, a padroeira do sexo e da guerra, nos lembra da deusa sanguinária Kali do hinduísmo, que bebeu o sangue de suas vítimas e se sentou cercada por cadáveres; ela é comumente retratada com uma guirlanda de crânios em volta do pescoço. O falecido arqueólogo William Albright descreve o massacre da divindade cananéia Anath na seguinte cena sangrenta:

> O sangue era tão profundo que ela o penetrou até os joelhos - não, até o pescoço. Sob seus pés estavam cabeças humanas, acima de suas mãos humanas voavam como gafanhotos. Em seu prazer sensual, ela se decorou com cabeças suspensas enquanto prendia as mãos ao cinto. Sua alegria na carnificina é descrita em uma linguagem ainda mais sádica: "Seu fígado inchou de tanto rir, seu coração estava cheio de alegria, o fígado de Anath (estava cheio de) exultação (?)." Posteriormente, Anath “ficou satisfeita” e lavou as mãos com sangue humano antes de prosseguir para outras ocupações.4

A idolatria cananéia não era simplesmente uma teologia abstrata ou interesse pessoal realizado na privacidade do lar. Foi uma visão de mundo que influenciou profundamente a sociedade cananéia. Diante desse cenário, não é de se admirar que Deus não quisesse que os israelitas se associassem aos cananeus e se desviassem da obediência ao único Deus verdadeiro. Ele queria ter Israel moral e teologicamente separado das pessoas ao seu redor.

Em outras palavras, a terra de Canaã não era um paraíso antes de os israelitas chegarem lá. Israel não tinha o direito inerente de habitar a terra (como um presente imerecido de Deus), e nem os cananeus tinham o direito de permanecer nela. Na

verdade, tanto os cananeus quanto os israelitas seriam removidos (parcialmente) da terra por causa de sua maldade.

Não estou argumentando que os cananeus foram os piores espécimes da humanidade que já existiram, nem estou argumentando que os cananeus ganharam o concurso de imoralidade para os povos de pior comportamento em todo o antigo Oriente Próximo. Dito isso, as evidências de profunda corrupção moral eram abundantes. Deus os considerou maduros para o julgamento divino, que seria executado de acordo com os propósitos salvadores de Deus na história.

Alguns argumentam que Deus é intolerante, ordenando às pessoas que "não tenham outros deuses diante de mim" (Êxodo 20: 3). Eles afirmam que as leis de Israel ilustram a negação da liberdade religiosa no cerne da religião israelita. E as outras religiões do antigo Oriente Próximo não valorizavam a diversidade religiosa? Os não israelitas não podiam adorar qualquer deus que quisessem? Israel se comprometeu a ser fiel a Yahweh; como em qualquer bom casamento, os cônjuges não devem jogar o campo em nome da liberdade conjugal. Quanto aos cananeus, Deus os julgou não apenas porque passaram a adorar ídolos, mas também por causa das práticas morais corruptas e influências ligadas a essa idolatria. Observe que Deus julga as nações listadas em Amós 1-2 não porque elas não adoram a Yahweh, mas por causa de atos morais ultrajantes. EU'

Então Deus estava apenas mexendo com os cananeus, mas não com outras pessoas? Não, Yahweh freqüentemente ameaçava muitas nações com julgamento quando elas cruzavam um certo limite moral. Por exemplo, em Amós 1-2, Deus prometeu "enviar fogo" sobre as nações ao redor de Israel por suas traições e barbaridades. E ele prometeu o mesmo a Israel e Judá. Mais tarde, o próprio Jesus pronunciou o julgamento final sobre o Israel nacionalista, que enfrentaria sua condenação em 70 DC nas mãos dos romanos (Mt 24).

Além do mais, nós, modernos, não devemos pensar que o julgamento divino severo era apenas para os tempos bíblicos, como se Deus não julgasse mais as nações hoje. Apesar dos muitos ganhos ao longo dos séculos nas áreas de direitos humanos e liberdade religiosa, devido à influência positiva dos ideais bíblicos na América e em outras nações ocidentais, os ocidentais têm sua própria parcela de decadência, e podemos nos parecer mais com os cananeus do que imaginamos. Devemos proceder com cautela sobre o que conta para o julgamento divino direto, pois podemos não ser capazes de determinar isso com precisão.5 Esses tipos de atos servem como ilustrações de um julgamento cósmico final que ainda está por vir. No final das contas, o julgamento de Deus virá para todos os que se recusarem a se submeter à agenda do reino de Deus e, em vez disso, procurarem estabelecer seus próprios pequenos feudos.

Deus concede aos humanos liberdade para se separarem de Deus. No final, os humanos podem ter seu divórcio final de Deus tanto como um julgamento justo quanto como o fruto natural de uma vida vivida sem Deus. Como último recurso, Deus diz a eles: “Seja feita a tua vontade”.

Quem determina o ponto de não retorno?

O psicólogo israelense Georges Tamarin realizou um estudo em 1966 envolvendo 1.066 crianças em idade escolar de oito a quatorze anos. Diante da história da destruição de Jericó, foi perguntado a eles: “Você acha que Josué e os israelitas agiram corretamente ou não?” Dois terços das crianças aprovaram. No entanto, quando Tamarin substituiu Josué pelo general Lin e um reino chinês, três mil anos atrás, para Israel, apenas 7% aprovavam, enquanto 75% desaprovavam.6 O crítico fica perplexo com isso: “Condenamos acertadamente o assassinato de um grupo étnico cometido por nazistas ou hutus. Mas Israel parece obter um passe ─ na verdade, uma ordem divina ─ quando faz a mesma coisa com os cananeus! "

Que diretrizes temos para determinar quando uma cultura é irredimível, além do ponto de não retorno moral e espiritual? Não precisamos de algo mais do que meros mortais para avaliar a maturidade de uma cultura para julgamento? Essas considerações não são pesadas demais para serem julgadas pelos humanos? Sim, eles estão! Quaisquer dessas determinações devem ser deixadas para Deus - a saber, por meio de revelação especial. Os israelitas, quando foram para a batalha contra os filisteus com a arca da aliança, mas sem a aprovação divina, foram derrotados (1 Sam. 4). O requisito de revelação especial antes de qualquer empreendimento é precisamente o que temos nas Escrituras. O único Deus verdadeiro disse ao seu profeta Moisés ou Samuel quando fosse a hora certa. Da mesma forma, sem essa orientação divina clara, Israel não teria justificativa para atacar as fortalezas cananéias.

Alguns programas de acrobacias na TV alertam as crianças: “Crianças, não tentem fazer isso em casa!” Da mesma forma, poderíamos dizer sobre a situação da “guerra santa” de Israel: “Não tente fazer isso sem uma revelação especial!” Essas questões não cabem aos humanos decidir. As batalhas iniciadas por Yahweh nunca foram planejadas para organizações não-profetas! Pense nos resultados desastrosos quando Israel tentou entrar em outras batalhas sem a aprovação divina (por exemplo, Números 14: 41-45; Josué 7). Como já vimos, o chamado de Deus para a batalha foi exclusivo da situação de Israel. Tal chamada, entretanto, não é um padrão duradouro e universalmente obrigatório para todos os tempos e todas as culturas.

Os cananeus sabiam melhor?

Alguns estudiosos questionam se podemos considerar os cananeus moralmente responsáveis. Afinal, eles não estavam apenas praticando sua religião, que receberam de seus pais, que receberam de seus pais? Deus não deveria tê-los esclarecido sobre si mesmo e seus requisitos para os humanos?

Quando olhamos para a história, vemos que as nações e civilizações foram capazes de reformas e melhorias morais. Não devemos nos surpreender com isso. Afinal, Deus se revela aos humanos por meio da consciência, da razão, da experiência humana e da criação. Essa revelação abre a porta para melhorias morais de uma geração para a outra. Pessoas sem as Escrituras ainda podem ter acesso ao que é bom e certo.

Para um pouco de apoio, deixe-me citar um notável teísta e um notável ateu. O notável teísta é o apóstolo Paulo, que afirma que a revelação especial não é necessária para que as pessoas conheçam Deus ou reconheçam o certo e o errado:

> O que se sabe de Deus é evidente neles [seres humanos]; pois Deus tornou isso evidente para eles. Pois, desde a criação do mundo, Seus atributos invisíveis, Seu poder eterno e natureza divina, têm sido claramente vistos, sendo compreendidos por meio do que foi feito, de modo que são indesculpáveis. (Rom. 1: 19-20)

O ateu notável é o filósofo Kai Nielsen:

> É mais razoável acreditar que tais coisas elementares [como espancamento de mulheres e abuso de crianças] sejam más do que acreditar em qualquer teoria cética que nos diga que não podemos saber ou razoavelmente acreditar que qualquer uma dessas coisas seja má. . . . Acredito firmemente que isso é fundamental e correto e que qualquer pessoa que não acredite nisso não pode ter investigado profundamente o fundamento de suas crenças morais.7

Vimos como Amós 1-2 ilustra bem essas duas citações. Deus advertiu as nações gentias moralmente responsáveis em torno de Israel. Embora conhecessem seus deveres morais, eles os desconsideraram. Sabendo melhor, eles sufocaram a compaixão, suprimiram sua consciência e cometeram atrocidades terríveis, como rasgar mulheres grávidas ou trair populações vulneráveis e deslocadas nas mãos de seus inimigos. O autor de Hebreus chamou os cananeus de "desobedientes" (11:31) — isto é, tendo uma consciência moral, mas a desconsiderando. Na Abolição do homem de CS Lewis, ele lista códigos morais de muitas culturas ao longo dos tempos. pontos-chave: honrar os pais, ser fiel no casamento, não roubar, não assassinar, não mentir e assim por diante.8 Em outras palavras, fazer a coisa certa não é tão evasivo quanto alguns podem pensar.

Considere Raabe e sua família (Josué 2). Embora imersos na cultura cananéia, eles provam ser um sinal claro de que outros cananeus também poderiam ter sido resgatados. O Deus de Israel havia libertado seu povo do Egito de forma convincente.

Ele forneceu sinais e maravilhas, revelando sua realidade e grandeza insuperável, e os cananeus estavam totalmente cientes disso (Js 2: 9-11; 9: 9-10). Alguns acusam Raabe de vender seu povo para salvar seu próprio pescoço. Mas isso é justo? Por um lado, Raabe arriscou muito prendendo espiões estrangeiros e escondendo-os. E certamente a lealdade à raça ou grupo étnico de alguém não é a virtude final, especialmente quando vai contra o que é certo e verdadeiro. Muitos afrikaners na África do Sul que protestaram contra o apartheid romperam com as tradições de seus ancestrais racialmente preconceituosos,

Foi genocídio e limpeza étnica?

De acordo com Richard Dawkins, o assassinato dos cananeus foi um ato de limpeza étnica em que "massacres sanguinários" foram realizados com "prazer xenófobo". Os israelitas eram realmente xenófobos ─ temerosos de estranhos (não israelitas)?

Termos como genocídio e limpeza étnica evocam emoções negativas em todos nós. Dawkins não está exatamente interessado em precisão; então ele recorre a uma retórica enganosa para influenciar o júri. A limpeza étnica é alimentada pelo ódio racial. O suposto in-group pronuncia uma varíola sobre o out-group e então começa a destruí-los. Mas esse cenário realmente combina com os fatos sobre os israelitas? Acontece que as atitudes xenófobas não levaram os israelitas a matar os cananeus.

Desde o início, Deus disse a Abraão "todas as famílias da terra" seriam abençoadas por meio de sua descendência (Gênesis 12: 3). Não estamos começando a ser muito xenófobos. Então lemos muitas coisas positivas sobre os estrangeiros no capítulos seguintes. Abraão conheceu e honrou Melquisedeque (Gên. 14). Ele encontrou líderes estrangeiros justos e imparciais entre os egípcios (Gên. 12) e os filisteus (Gên. 20) que provaram ser mais honrados do que Abraão. "Multidão misturada" partiu com Israel do Egito (Êxodo 12:38). Moisés se casou com um etíope / etíope de pele escura (Números 12: 1). O gentio Raabe e sua família juntaram-se às fileiras de Israel (Js 6:23), em irônico contraste com o israelita Acã, que roubou mercadorias de Jericó e foi condenado à morte por sua desobediência (Js 7). Além disso, a própria linguagem de "dedicação à destruição / a proibição [herem]" poderia ser aplicado igualmente a Israel, bem como a uma cidade cananéia (Deuteronômio 13:16). Mais tarde, os profetas de Israel condenariam prontamente a iniqüidade de Israel, assim como fariam com a das nações vizinhas. Em geral, os julgamentos de Deus recaem sobre aqueles que praticam o mal e a perversidade - sejam judeus ou gentios, como Paulo deixa claro em Romanos 1-3.

Além disso, Deus também repetidamente ordenou a Israel que mostrasse preocupação pelos estrangeiros (não israelitas) ou peregrinos em seu meio (por

exemplo, Levítico 19:34; Deuteronômio 10: 1819). Por quê? Porque os israelitas eram estrangeiros no Egito. Deus freqüentemente lembrava seu povo de aprender as lições de sua história para que não estivessem condenados a repeti-la com os gentios em seu meio.

Além disso, de acordo com a lei civil de Israel, o estrangeiro que vivia em Israel tinha os mesmos direitos legais que o israelita nativo: “Haverá um único padrão para ti; será tanto para o estrangeiro como para o nativo, porque eu sou o Senhor vosso Deus ”(Lv 24:22; cf. Nm 35:15). Como vimos, o estrangeiro (ger) ─ aquele que abraçou a aliança de Israel e o Deus de Israel ─ podia participar de eventos como a Páscoa (Números 9:14). As preocupações negativas em relação ao estrangeiro (nokri) tinham a ver com compromisso teológico e idolatria; tal negatividade não era assumida quando um não Israelitas como Raabe ou Rute ou Urias abraçaram Yahweh, o Deus de Israel.9 Poderíamos acrescentar que Deus exortou os israelitas a se preocuparem até com seus inimigos pessoais: “Se você se deparar com o boi ou jumento do seu inimigo vagando, certifique-se de levá-lo de volta para ele. Se você vir o burro de alguém que o odeia cair sob sua carga, não o deixe aí; certifique-se de ajudá-lo com isso "(Êxodo 23: 4-5).

Que tal Deus permitir que os israelitas tirassem juros dos estrangeiros, mas não dos seus concidadãos (Deuteronômio 23:20)? Vimos que eram cobrados juros aos estrangeiros, que eram residentes temporários e não membros da sociedade. Eles normalmente pediam dinheiro emprestado para investir em atividades lucrativas e em empreendimentos comerciais; estes não foram empréstimos concedidos para ajudar os estrangeiros a escapar da pobreza.10 Esse regulamento tinha um incentivo embutido: o forasteiro (que não precisava morar em Israel) poderia escolher se tornar parte de Israel e abraçar o único Deus verdadeiro; em caso afirmativo, ele poderia se beneficiar de regalias econômicas divinamente comandadas e demonstrações de interesse israelita. Em vez de hostilidade, Deus ordenou aos israelitas que amassem e mostrassem preocupação pelos estrangeiros residentes em seu meio. O mandamento de amar o estrangeiro residente e tratá-lo da mesma maneira que um cidadão (Levítico 19: 33-34) é notável e único nos pensamentos e práticas religiosas do antigo Oriente Próximo.11

Os críticos apontarão para Deuteronômio 23: 3: “Nenhum amonita ou moabita entrará na assembléia do Senhor; nenhum de seus descendentes, mesmo até a décima geração, jamais entrará na assembléia do Senhor. ” Isso não parece muito gentil. No entanto, anteriormente (em Deuteronômio 2), três nações foram mencionadas favoravelmente: Edom, relacionado a Israel por meio de Esaú, irmão de Jacó; e Moabe e Amon, nações dos filhos de Ló, sobrinho de Abraão. Observe que Israel está

proibido de lutar contra eles (vv. 4-6, 9, 19). Portanto, não vamos interpretar mal 23: 3 como xenofobia. Dito isso, Deus levou muito a sério a traição contra Israel. Gênesis 12: 3 implica julgamento sobre aqueles que maltratariam Israel. E Deuteronômio 23: 4 revela o motivo da exclusão dos amonitas e moabitas da assembléia: “Porque não te encontraram com comida e água no caminho, quando saístes do Egito, e porque te alugaram Balaão, filho de Beor, de Petor da Mesopotâmia, para te amaldiçoar” (ver Números 22-25). Mesmo assim, lembre-se de que gerações mais tarde Rute, a moabita, foi prontamente recebida no meio de Israel. Muito dependia de o estrangeiro de Moabe (ou Amom) aceitar totalmente a aliança de Israel, o que significava sua aceitação na assembléia como um adorador genuíno de Yahweh.12 Como escreve John Goldingay:

> Ser de origem não israelita não é uma desqualificação para ser membro da comunidade [israelita] em qualquer período. A questão é: a que Deus você serve? A razão para não se casar com um cananeu é que isso o desviará de seguir Yhwh e o levará a servir a outras divindades (Dt 7: 3-4). Um cananeu que se comprometeu com Yhwh é um assunto diferente.13

Portanto, devemos acabar com essa ideia de racismo ou etnocentrismo de inspiração divina. Na verdade, Deus regularmente lembrava seu povo de não ficar tão alto e poderoso. Ele disse francamente a Israel que possuir a terra não era devido à sua retidão e retidão de coração. Foi por causa da maldade dos cananeus. Além do mais, Deus considerava os israelitas “um povo obstinado” (Deuteronômio 9: 4-6). O status de nação mais favorecida foi concedido com o objetivo de convidar outros a experimentar o favor da graça de Deus - e Deus poderia revogar esse status. Da mesma forma, assim como daria a terra a um grupo de israelitas errantes e sem terra como herança (Êxodo 12:25; Números 34: 2), ele também poderia revogá-la (Deuteronômio 4:26). Os que estavam na terra ─ fossem cananeus ou israelitas ─ eram apenas arrendatários, não proprietários (Salmos 24: 1; 50:12).14

Exploraremos a frase “destruir totalmente” (haram) abaixo. Basta dizer aqui que a ordem de Deus a Israel para "destruir totalmente" as cidades dos cananeus moralmente falidos foi voltada contra Israel quando grupos de israelitas foram seduzidos a seguir falsos deuses (Deuteronômio 13:15; cf. 7: 4; 28 : 63). Deus estava preocupado com o pecado, não com a etnia. Na verdade, conforme lemos os profetas do Antigo Testamento, eles (com Deus) ficaram irados com a desobediência de Israel e ameaçaram o julgamento divino sobre Israel / Judá com mais frequência do que sobre as nações pagãs. Se lermos com atenção, é óbvio que Deus se opôs ao pecado de Israel tanto quanto se opôs ao pecado de seus opressores.

Meios ineficientes?

Alguns críticos levantam uma questão potencialmente embaraçosa: se Deus quis destruir a religião cananéia removendo os povos cananeus, ele não falhou espetacularmente em alcançar esse propósito? O Israel do Antigo Testamento não estava continuamente sendo sugado pela idolatria pagã? Por que não um julgamento divino mais eficaz - talvez fogo abrasador e enxofre para limpar a terra da idolatria cananéia para que Israel não ficasse enredado espiritual e moralmente?

Muitos críticos enfocam a eficiência, que é de alguma forma imoral ou antipático ser menos do que eficiente. Mas que razão teológica nos obriga a supor que Deus deve operar com a máxima eficiência? Somos ocidentais demais em nossas suposições sobre o que Deus deve fazer? Deus é obrigado a acelerar seus propósitos? Devem os propósitos de Deus ser menos "desajeitados" para revelar sua divindade? Essas perguntas não dão como certo o conhecimento dos propósitos de Deus em detalhes?

Deus não parece pensar que é um problema que uma pequena partícula planetária seja o lar de todos os habitantes do universo, enquanto o resto do cosmos é (pelo que podemos ver) desabitado e inabitável. Ao longo das Escrituras, Deus gastou muito tempo e utilizou meios aparentemente ineficazes para cumprir seus propósitos. Por exemplo, Deus não iniciou exatamente o programa de descendentes tão numerosos quanto as estrelas. Em vez disso, ele começou com um casal de idosos estéril — Abraão e Sara — e depois continuou a trabalhar por meio de uma nação teimosa e rebelde. Categorias bíblicas como graça, fidelidade à aliança, relacionamento, obediência, perseverança e amor são as considerações mais relevantes. A eficiência não parece figurar em tudo isso proeminentemente. Como disse um amigo meu: "Deus está sempre quase atrasado".

As Escrituras revelam um Deus suficiente, não necessariamente eficiente. E a questão da eficiência gira em torno de qual é o objetivo específico: "eficiente" para fazer o que e excluir o quê, exatamente? Obter tomates cultivados em estufa no supermercado pode ser eficiente, mas se a satisfação máxima é a prioridade em sua mente, então, cultivar tomates em seu quintal e desfrutar de seu sabor amadurecido com videiras seria o caminho a percorrer. Sim, é mais trabalho e tempo, mas os resultados são muito mais agradáveis e saborosos.

Por que então Deus não se certificou de que nenhum cananeu fosse deixado na terra apenas para se certificar de que Israel não seria seduzido pelo estilo de vida encorajado pela idolatria de Canaã? As Escrituras revelam um Deus que trabalha por meio de processos confusos e aparentemente ineficientes — incluindo escolhas e

falhas humanas (Gênesis 50:20) — para cumprir seus propósitos redentores na história. Que os humanos vejam a graça, a santidade e o amor de Deus é mais uma prioridade do que eficiência. O caminho que Deus escolheu não exigia a morte de todos os últimos cananeus. Não apenas os cananeus foram suficientemente expulsos para não minar decisivamente a integridade espiritual e moral de Israel no longo prazo, mas, como veremos abaixo, os cananeus participam do plano redentor de Deus tanto no Antigo como no Novo Testamento (por exemplo, Zech .9; Mat. 15:22; cf. Salmos 87: 4-6; Isa. 19: 23-25).15

Apesar de ocasionais reavivamentos espirituais e sucessos morais na história de Israel, seu fracasso em erradicar a idolatria levou a muitos problemas. Ela pagou por seus compromissos com um cativeiro assírio do Reino do Norte (722 aC) e, em seguida, um cativeiro babilônico do Reino do Sul (587/6 aC; cf. 2 Reis 17: 7-41; 2 Crônicas 36: 15-21) A ameaça teológica e moral da religião estrangeira, no entanto, não prejudicou Israel a ponto de seu monoteísmo e consciência pactual serem totalmente eclipsados. No primeiro século DC, o cenário teológico estava suficientemente estabelecido: as Escrituras de Israel foram preservadas, sua identidade nacional forjada, sua adoração no templo restaurada, suas expectativas messiânicas reacendidas e sua dedicação monoteísta assegurada. Apesar das concessões e rebeliões de Israel ao longo dos séculos, Jesus A chegada em cena aconteceu “na plenitude dos tempos” (ver Gal. 4: 4). Isso foi eficiente? Não de uma forma óbvia. Foi o suficiente? Muito mesmo.

Guerra Cósmica

A adoração de ídolos não era inocente ou inofensiva. O Antigo Testamento conecta a idolatria com o — demoníaco, isto é, com os inimigos cósmicos de Deus que se rebelaram contra ele: “demônios bodes” (Lv 17: 7); “Deuses estranhos. . . demônios. . . deuses ”(Deut. 32: 16-21); “Demônios. . . ídolos ”(Salmos 106: 37-38); “Demônios” (Isa. 65: 3, Septuaginta grega). Até o Faraó - a representação terrena dos deuses do Egito - era uma imagem dessa oposição cósmica. Portanto, no êxodo, Yahweh é o guerreiro cósmico que enfrenta os poderes do mal do Egito e as forças que os inspiram. O Novo Testamento aborda esse tema (por exemplo, 1Co 10: 19-22; 2Co 6: 14-16; Ef 6: 12-18). O ato de Deus de se engajar na batalha não é por causa da violência ou mesmo da vitória como tal, mas para estabelecer a paz e a justiça.16

Os mandamentos de Deus a Israel para eliminar os ídolos de Canaã e a adoração falsa e imoral ilustram a guerra cósmica entre Yahweh e os poderes das trevas que se

opõem ao seu governo. Este tema de guerra espiritual é certamente muito mais pronunciado no Novo Testamento, que claramente expõe Satanás e suas hostes como os últimos inimigos de Deus e do avanço de seu reino. Yahweh — "o Senhor dos exércitos" (cf. Salmos 24: 7-10) — é um "guerreiro" (Êxodo 15: 3) que se opõe a tudo o que prejudica a imagem divina nos humanos, a tudo que ameaça o florescimento humano, e tudo o que se coloca em oposição ao reinado justo de Deus. As "guerras de Yahweh" não são simplesmente um choque entre esta e aquela divindade; elas representam um choque de duas ordens mundiais: uma enraizada na realidade e na justiça, a outra na negação da realidade e no poder bruto; uma representando a ordem da criação,17

A tomada de Canaã por Israel, então, é diferente da analogia do General Lin, na qual uma nação mais forte invade e domina uma nação mais fraca. Isso poderia gerar a reação correta: “O que dá direito a uma nação mais forte?” Portanto, talvez devêssemos pensar mais no sentido de a polícia siciliana invadir um reduto da máfia para remover uma rede corrupta de crime para que os cidadãos possam viver em paz, em vez de com medo.

Assim como as pragas no Egito foram uma demonstração do julgamento de Yahweh sobre seus deuses, as guerras de Israel revelaram o governo soberano de Deus sobre os presumíveis deuses das nações. Nas guerras oficialmente sancionadas por Israel, o poder sobrenatural e a supremacia de Deus foram revelados:18

- Deus não permitiu que Israel tivesse um exército permanente (cf. o censo ilegal de Davi em 2 Sam. 24: 1-17); As guerras de Israel não eram para profissionais, mas para amadores e voluntários. Lutar, no entanto, não era para os fracos ou para aqueles distraídos por outras preocupações. Aqueles que não tinham coragem ou que tinham outros motivos para não querer lutar foram autorizados — até mesmo convidados — a se desculparem da batalha (por exemplo, Deuteronômio 20: 5-8).
- Os soldados que lutavam na guerra de Yahweh não eram pagos, nem podiam receber pilhagem pessoal, ao contrário das táticas de guerra em outras partes do antigo Oriente Próximo.
- Reis, líderes tribais e sumos sacerdotes não estavam autorizados a convocar uma guerra, apenas um profeta por revelação divina.
- As vitórias do exército desorganizado de Israel (principalmente) sinalizaram claramente que Deus estava lutando em seu nome (por exemplo, 2 Crônicas 20).

Nas batalhas físicas do Israel do Antigo Testamento, Deus queria mostrar sua grandeza, não uma demonstração de puro poder humano. E embora o verdadeiro Israel - a igreja - não faça guerra contra "carne e sangue" (Efésios 6:12) hoje, nossa guerra contra Satanás e suas hostes tem suas raízes nas guerras de Yahweh no Antigo Testamento.

Leitura Adicional

Boyd, Gregory. Deus em Guerra: A Bíblia e o Conflito Espiritual. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1997.

Hess, Richard S. "Guerra na Bíblia Hebraica: Uma Visão Geral." Em Guerra na Bíblia e Terrorismo no Século XXI, editado por Richard S. Hess e Elmer A. Martens. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2008.

Stuart, Douglas K. Exodus. Novo comentário americano 2. Nashville: B & H Publishing, 2008. Ver esp. pp. 395-97.

16

Massacre indiscriminado e limpeza étnica?

A Matança dos Cananeus (II)

Como já dissemos, as "guerras sagradas" do Antigo Testamento — ou, mais precisamente, "as guerras de Yahweh" — são o problema bíblico com maior carga emocional levantado pelos novos ateus e pelos críticos em geral. Goste ou não, a guerra é uma característica comum de nosso mundo decaído. Na verdade, sabemos que a guerra era um modo de vida - e muitas vezes uma questão de sobrevivência - no antigo Oriente Próximo. No entanto, as guerras problemáticas ocorrem principalmente durante e logo após o segundo estágio histórico de Israel sob Josué, o estágio teocrático da existência de Israel. Como mencionamos, essa guerra de Javé não foi o padrão para os outros estágios da história de Israel. Não pretendia ser um elemento permanente na história de Israel. Era exclusivo de Israel em um determinado momento e não deveria ser repetido na história posterior por Israel ou por outras nações.

Infiltração, luta interna e conquista

Como a Terra Prometida passou a ser habitada pelos israelitas? Os estudiosos da Bíblia e os arqueólogos continuam o esforço para descobrir a natureza do relacionamento de Israel com os cananeus, e estão encontrando algo mais complexo do que a versão tradicional da escola dominical do modelo de conquista. O quadro geral inclui não apenas a conquista, mas também uma combinação de outros fatores. Além do envolvimento militar, algum tipo de infiltração ocorreu (por exemplo, Judg. 1: 1-2: 5). A luta interna foi outra característica - isto é, Israel freqüentemente fez um péssimo trabalho repelindo a idolatria e se distinguindo dos estilos de vida pagãos

circundantes. O reconhecimento realista das Escrituras de que os cananeus continuaram a viver na terra sugere que algo mais do que uma campanha militar aconteceu.1

Os livros de Josué e Juízes sugerem que tomar a terra incluiu processos nada dramáticos de infiltração e luta interna. A entrada de Israel em Canaã incluiu mais do que o motivo militar. O estudioso do Velho Testamento Gordon McConville comenta sobre Joshua: não temos “um modelo de conquista simples, mas sim uma imagem mista de sucesso e fracasso, vitória repentina e progresso lento e comprometido”.2 Da mesma forma, o estudioso do Antigo Testamento David Howard afirma firmemente que o modelo de conquista precisa de modificação. Por quê? Porque “o modelo estereotipado de um exército israelita que tudo consome descendo sobre Canaã e destruindo tudo em seu rastro não pode ser aceito. Os dados bíblicos não permitem isso. "Ele acrescenta que os israelitas entraram em Canaã e se engajaram militarmente" mas sem causar extensa destruição material ".3 Voltaremos a este ponto significativo.

Retórica de exagero do antigo Oriente Próximo

A maioria dos cristãos lê as histórias de conquista de Josué tendo como pano de fundo as aulas da escola dominical por meio de um gráfico de flanela ou de histórias bíblicas ilustradas para crianças. A impressão que resta é uma versão em preto e branco de uma missão literal de esmagar, matar e destruir. Um olhar mais atento ao texto bíblico revela muito mais nuances — e muito menos derramamento de sangue. Em suma, a conquista de Canaã foi muito menos difundida e dura do que muitas pessoas supõem.

Como seus antigos contemporâneos do Oriente Próximo, Joshua usou a linguagem da retórica da guerra convencional. Esta linguagem soa como se gabar e exagerar aos nossos ouvidos. Observe primeiro a linguagem abrangente em Josué 10:40: “Assim Josué atingiu toda a terra, a região montanhosa e o Negev e a planície e as encostas e todos os seus reis. Ele não deixou nenhum sobrevivente, mas destruiu totalmente todos os que respiravam, assim como o Senhor, o Deus de Israel, havia ordenado. "Josué usou a linguagem de bravata retórica de seus dias, afirmando que toda a terra foi capturada, todos os reis derrotados, e todos os cananeus foram destruídos (cf. 10: 40-42; 11: 16-23: “Josué tomou toda a terra ... e deu ... em herança a Israel”). No entanto, como veremos, o próprio Josué reconheceu que não era assim literalmente.

Os estudiosos concordam prontamente que Juízes está literalmente ligado a Josué. No entanto, os primeiros capítulos de Juízes (que, aliás, repetem a morte de Josué)

mostram que a tarefa de dominar a terra estava longe de ser concluída. Em Juízes 2: 3, Deus diz: “Não os expulsarei de diante de ti”. Anteriormente, Juízes 1:21, 27-28 afirmou que “[eles] não expulsaram os jebuseus”; “[Eles] não tomaram posse”; “Eles não os expulsaram completamente.” Essas nações permaneceram “até hoje” (Juízes 1:21). Os povos que aparentemente foram exterminados reaparecem na história. Muitos habitantes cananeus simplesmente permaneceram por ali.

Alguns podem acusar Josué de ser enganador ou de estar errado. De jeito nenhum. Ele estava falando a língua que todos em sua época teriam entendido. Em vez de tentar enganar, Josué estava apenas dizendo que havia derrotado muito bem o inimigo. Por um lado, Josué diz: “Não sobrou nenhum anaquim na terra” (Josué 11:22); na verdade, eles foram “totalmente destruídos [haram]” na região montanhosa (11:21). Literalmente? Não de acordo com o mesmo Josué! Na verdade, Caleb mais tarde pediu permissão para expulsar os anaquitas da região montanhosa (14: 12-15; cf. 15: 13-19). Novamente, Joshua não estava enganando. Dado o uso da antiga hipérbole do Oriente Próximo, ele poderia dizer sem contradição que as nações “permanecem entre vocês”; ele avisou Israel para não mencionar, jurar, servir ou curvar-se aos seus deuses (Js 23: 7, 12-13; cf. 15:63; 16:10; 17: 13; Julg. 2: 10-13). Novamente, embora a terra “descansasse da guerra” (Josué 11:23), os capítulos 13 e além nos dizem que muito território permaneceu sem posse (13: 1). Tribo após tribo falhou em expulsar os cananeus (13:13; 15:63; 16:10; 17:1213, 18), e Josué diz a sete das tribos: “Quanto tempo adiarás entrar para tomar posse da terra que o Senhor, o Deus de vossos pais, vos deu?” (18: 3).

Além disso, Deus disse aos israelitas que o processo de expulsar os cananeus seria gradual, como Deuteronômio 7:22 antecipou e como Juízes 2: 20-23 reafirmou. Qualquer que seja a razão por trás do fracasso de Israel em expulsá-los - seja a desobediência e / ou a abordagem lenta, mas segura de Deus - ainda somos informados por Josué em termos abrangentes que Israel eliminou todos os cananeus. Assim como podemos dizer que uma equipe esportiva “explodiu seus oponentes” ou os “massacrou” ou “aniquilou”, o autor (editor) também seguiu a retórica de sua época.

A retórica de guerra convencional de Josué era comum em muitos outros relatos militares do antigo Oriente Próximo no segundo e primeiro milênios aC. A linguagem é tipicamente exagerada e cheia de bravatas, retratando a devastação total. O leitor experiente do antigo Oriente Próximo reconheceu isso como uma hipérbole; os relatos não foram considerados literalmente verdadeiros.4 Essa linguagem, observa o egiptólogo Kenneth Kitchen, enganou muitos estudiosos do Antigo Testamento em suas avaliações do livro de Josué; alguns concluíram que a linguagem da matança em

massa e da ocupação total - que não aconteceu (de todas as outras indicações) realmente aconteceu - prova que esses relatos são falsidades. Mas os antigos relatos do Oriente Próximo usavam prontamente "destruir totalmente / completamente" e outra linguagem de obliteração, mesmo quando o evento não aconteceu literalmente dessa forma. Aqui está uma amostra:5

- Tutmosis III do Egito (final do século XV) se gabava de que "o numeroso exército de Mitanni foi derrubado em uma hora, totalmente aniquilado, como aqueles (agora) inexistentes." Na verdade, as forças de Mitanni sobreviveram para lutar nos séculos XV e XIV AC .
- O rei hitita Mursilli II (que governou de 1322-1295 aC) registrou ter feito “Mt. Asharpaya vazio (de humanidade) "e as" montanhas de Tarikarimu vazias (de humanidade). "
- O "Boletim" de Ramsés II fala das vitórias nada espetaculares do Egito na Síria (por volta de 1274 aC). No entanto, ele anuncia que matou "toda a força" dos hititas, na verdade "todos os chefes de todos os países, “desconsiderando os“ milhões de estrangeiros ”, que considerou“ joio ”.
- Na Estela de Merneptah (cerca de 1230 aC), o filho de Ramsés II, Merneptah, anunciou: “Israel está destruído, sua semente não”, outra declaração prematura.
- O rei Mesa de Moabe (840/830 aC) se gabava de que o Reino do Norte de "Israel pereceu totalmente para sempre", o que foi prematuro em mais de um século. Os assírios devastaram Israel em 722 aC.
- O governante assírio Senaqueribe (701-681 aC) usou uma hipérbole semelhante: “O soldados de Hirimme, inimigos perigosos, eu abati com a espada; e nenhum escapou. "

Você entendeu a ideia. Voltemos agora ao texto do Antigo Testamento para aprofundar ainda mais esse ponto. É verdade que Josué 9-12 utiliza os dispositivos literários típicos do antigo Oriente Próximo para a guerra. Mas, no final do livro, Josué assume com naturalidade a existência continuada de povos cananeus que poderiam representar uma ameaça a Israel. Ele adverte Israel contra a idolatria e se enredar em seus caminhos: “Pois, se você voltar e se apegar ao resto destas nações, que permanecem entre vocês, e casar com eles, para que se associem a eles e eles a vocês, saiba com certeza que o Senhor teu Deus não continuará a expulsar estas nações de diante de ti ”(Josué 23: 12-13).

Anteriormente, em Deuteronômio 7: 2-5, encontramos uma tensão semelhante. Por

um lado, Deus diz a Israel que eles devem “derrotar” e “destruir totalmente [haram]” os cananeus (v. 2) - uma consagração sagrada para a destruição. Por outro lado, ele imediatamente passa a dizer nos versos seguintes:

> Além disso, você não deve casar com eles; não darás tuas filhas aos filhos deles, nem tomarás as filhas deles para os filhos deles. Pois eles desviarão seus filhos de Me seguirem para servir a outros deuses; então a ira do Senhor se acenderá contra você e Ele rapidamente o destruirá. Mas assim você deve fazer com eles: você deve derrubar seus altares, e esmagar seus pilares sagrados, e derrubar seus Asherim [figuras de Asherah, que era a deusa cananéia da sexualidade / sensualidade], e queimar suas imagens esculpidas com fogo. (vv. 3-5)

Se os cananeus deviam ser completamente destruídos, por que essa discussão sobre casamentos mistos ou tratados? O versículo final enfatiza que a questão final era religiosa: Israel deveria destruir altares, imagens e pilares sagrados. Em outras palavras, destruir a religião cananéia era mais importante do que destruir o povo cananeu.6 Este ponto foi exposto anteriormente em Êxodo 34: 12-13: “Cuidado, não faças nenhum pacto com os habitantes da terra para a qual estás indo, ou ela se tornará um laço no meio de ti. Em vez disso, você deve derrubar seus altares e destruir seus pilares sagrados e cortar seus Asherim. ” Em Deuteronômio 12: 2-3, lemos a mesma ênfase na destruição da religião cananéia:

> Você deve destruir totalmente todos os lugares onde as nações que você deve desapossar servem seus deuses, nas altas montanhas e nas colinas e sob todas as árvores verdes. Você deve derrubar seus altares e esmagar seus pilares sagrados e queimar seus Asherim com fogo, e você deve cortar as imagens gravadas de seus deuses e obliterar seus nomes daquele lugar.

Como Gary Millar escreve, a preocupação desta destruição (herem) era "ver Israel estabelecido em uma terra purgada da idolatria cananéia tão indolor quanto possível." O objetivo era “remover o que está sujeito às leis [herem] (os ídolos)”. A raiz do dilema que Israel enfrentou não era "o próprio povo, mas seu modo de vida idólatra". O fracasso em remover a idolatria colocaria Israel na posição dos cananeus e seus ídolos diante de Deus. Israel correria o risco de ser consagrado à destruição.7

Mesmo assim, os israelitas não fizeram um trabalho eficaz removendo o laço da idolatria da terra (Salmos 106: 34-35). Muitos dos cananeus, como já foi observado, ainda existiam “até hoje”, e muitos deles se tornaram trabalhadores forçados em Israel (Josué 15:63; 16:10; 17: 12-13; Juízes 1:19, 21, 27-35).

Os amalequitas

Em 1 Samuel 15, encontramos o conjunto restante de referências de "destruição" ─ reservadas para um inimigo decidido a aniquilar Israel. Aqui, Deus diz a Saul para "destruir totalmente [haram]" e "não poupar" os amalequitas: morte tanto homem

como mulher, criança e criança, boi e ovelha, camelo e jumento ”(v. 3). No final do capítulo, Saul aparentemente matou todos os amalequitas ─ exceto o rei Agague ─ e poupou muitos rebanhos. Saul não obedeceu totalmente a Deus, e o profeta Samuel teve que intervir e acabar com o próprio Agague. Porque Saul não cumpriu a ordem de Deus completamente, Deus o rejeitou como rei.

Tal como acontece com as histórias de Josué, a leitura superficial aqui é que Saul eliminou todos os amalequitas. Voltaremos a este ponto, mas primeiro vamos perguntar: Quem eram os amalequitas? Esses nômades eram inimigos de Israel desde o primeiro dia após a travessia do Mar Vermelho (Êxodo 17). Cansado e despreparado para lutar, Israel enfrentou um povo feroz que não demonstrou preocupação com a vulnerável população israelita. Os amalequitas eram implacáveis em seu objetivo de destruir Israel e continuaram a ser um espinho no lado de Israel por gerações (por exemplo, Juízes 3:13; 6: 3-5, 33; 7:12; 10:12; etc.)

Novamente, a história de 1 Samuel 15 parece ser um caso claro de obliteração completa. Nenhum amalequita restante, certo? Errado! Em 1 Samuel 27: 8, “Davi e seus homens subiram e atacaram os gesuritas e girzitas” ─ e os “totalmente destruídos” amalequitas! Mas foi esse o fim deles? Não, eles aparecem novamente em 1 Samuel 30: os amalequitas fizeram um de seus infames ataques (v. 1); Davi os perseguiu para recuperar os israelitas e o butim que os amalequitas haviam tomado (v. 18); e quatrocentos deles escaparam (v. 17). Portanto, ao contrário da impressão comum, Saul não eliminou todos os amalequitas, algo que o próprio 1 Samuel deixa claro. E mesmo David não completou o trabalho. Os amalequitas ainda existiam durante a época do rei Ezequias, 250 anos depois (1 Crô. 4:43).

Então chegamos ao tempo de Ester, quando os judeus estavam sob o governo do rei persa Assuero / Xerxes (486-465 aC). Aqui encontramos “Haman. . . o agagita "(Ester 3: 1). Lembra-se do rei Agague, o amalequita, de 1 Samuel 15: 8? Sim, Hamã era um amalequita que continuou a tradição amalequita de agressão contra o povo de Deus. Um" inimigo dos judeus "(Ester 3: 10), Haman montou uma campanha para destruir os judeus como povo (3:13).

Sabendo que a insensível hostilidade amalequita continuaria por quase um milênio da história de Israel, Deus lembrou a seu povo que não desistisse de sua oposição aos amalequitas (Deuteronômio 25: 15-17). Caso contrário, os endurecidos amalequitas procurariam destruir Israel. Se os amalequitas tivessem seu caminho, Israel teria sido varrido do mapa. Ao contrário de outros cananeus, os amalequitas simplesmente não podiam ser assimilados por Israel.

A moral da história? Não adote simplesmente a leitura superficial sobre Saul “destruindo totalmente” os amalequitas. Quando lemos frases como a destruição de

“tudo o que respira”, devemos ser mais cautelosos. Na verdade, por tudo o que sabemos e com base no que vimos em Josué (e o que veremos a seguir), Saul bem poderia estar engajando combatentes na batalha em vez de não-combatentes. A “cidade de Amaleque” (1 Sam. 15: 5) era provavelmente um acampamento militar fortificado (talvez semipermanente).8 Sim, certamente a derrota decisiva está em vista, mas algo mais está acontecendo aqui. Continuaremos a explorar isso abaixo.

Mais um ponto relacionado, entretanto: a linguagem herem (“proibição” ou “consagração à destruição”) conectada à guerra de Israel contra outras nações concentra-se primeiro nos cananeus (herem usado trinta e sete vezes); o segundo grupo de guerra herem (herem usado dez vezes) enfoca os amalequitas em 1 Samuel 15. O uso de herem para o período de conquista - com sua aplicação adicional aos antigos inimigos amalequitas de Israel - indica que a linguagem é restrita. A linguagem não é aplicada à guerra de Israel com outras nações, nem as “guerras santas” de Israel com outras nações vão além deste período de tempo limitado.9

Homens, mulheres e crianças

O erudito do Velho Testamento Richard Hess escreveu em detalhes sobre a questão cananéia e oferece outras percepções importantes sobre esse tópico.10 Ele argumenta de forma persuasiva que os cananeus alvos de destruição eram líderes políticos e seus exércitos, em vez de não-combatentes. Por exemplo, Deuteronômio 20: 10-18 menciona a “proibição” ou “dedicação à destruição” (herem, sua forma verbal é haram), que se refere à destruição completa de todos os guerreiros na batalha, em vez de não combatentes.11

No entanto, Josué 6:21 não menciona a proibição - todos os seres vivos nela - em conexão com homens e mulheres, jovens e velhos, bois, ovelhas e jumentos? Esta frase comum "homens e mulheres" ocorre sete vezes no Antigo Testamento em conexão com Ai (Jos. 8:25); Amaleque (1 Sam. 15: 3); Saul em Nob (1 Sam. 22:19 [somente aqui são crianças mencionadas explicitamente]); Jerusalém durante o tempo de Esdras (Ne. 8: 2); e Israel (2 Sam. 6:19; 2 Cr. 16: 3). Cada vez — exceto em Nob, onde Saul matou todo o sacerdote família exceto uma (1 Sam. 22:20) — a palavra “todos” (kol) é usada.

A mesma ideia se aplica a passagens anteriores de Deuteronômio: “capturamos todas as suas cidades naquela época e destruímos totalmente os homens, mulheres e crianças de cada cidade. Não deixamos nenhum sobrevivente "(2:34); e novamente," destruindo totalmente os homens, mulheres e crianças de cada cidade "(3: 6). A expressão “homens e mulheres” ou frases semelhantes parecem estereotipadas para descrever todos os habitantes de uma cidade ou região, “sem predispor o leitor a supor

mais nada sobre sua idade ou mesmo seu gênero".12 (Isso fica mais claro na próxima seção.)

Vamos lembrar que a misericórdia sempre esteve disponível para qualquer cananeu que respondesse positivamente ao Deus de Israel. Embora a proibição tenha sido aplicada em ambientes específicos, isso não exclui a possibilidade de poupar pessoas como Raabe e seus parentes. A proibição permitia — e esperava — exceções.

Jericó, Ai e outras cidades cananéias

A linguagem de Josué a respeito de Jericó e Ai parece áspera à primeira vista: "Eles devotaram a cidade ao Senhor e destruíram com a espada todos os viventes dela - homens e mulheres, jovens e velhos, gado, ovelhas e jumentos" (6:21 NVI); "Doze mil homens e mulheres caíram naquele dia — todo o povo de Ai" (8:25 NVI).13 A pessoa comum não vai perceber o fato de que essa linguagem estereotipada do antigo Oriente Próximo na verdade descreve ataques a fortes militares ou guarnições, e não a populações em geral que incluíam mulheres e crianças. Não há evidências arqueológicas de populações civis em Jericó ou Ai.

Dado o que sabemos sobre a vida cananéia na Idade do Bronze, Jericó e Ai eram fortalezas militares. Na verdade, Jericó protegia as rotas de viagem do Vale do Jordão até os centros populacionais da região montanhosa. Era a primeira linha de defesa na junção de três estradas que levavam a Jerusalém, Betel e Orpa. Isso significa que as guerras de Israel aqui foram direcionadas ao governo e às instalações militares; aqui residiam o rei, o exército e o sacerdócio. O uso de "mulheres" e "jovens e velhos" era apenas uma linguagem comum do antigo Oriente Próximo que poderia ser usada mesmo que mulheres, jovens e velhos não vivessem lá. A linguagem de "todos" ("homens e mulheres") em Jericó e Ai é uma "expressão estereotipada para a destruição de toda a vida humana no forte, presumivelmente composto inteiramente de combatentes".14 O texto não exige que mulheres, jovens e velhos tenham estado nessas cidades.

O termo cidade ['ir] reforça essa ideia.15 Jericó, Ai e muitas outras cidades cananéias eram usadas principalmente para prédios e operações do governo, enquanto o resto do povo (incluindo mulheres e crianças) vivia nas redondezas. As cartas de Amarna (século XIV aC) — correspondência entre faraós egípcios e líderes em Canaã e regiões vizinhas — revelam que as cidades ou fortalezas como Jerusalém e Siquém eram distintas (e estavam sob o controle) de seus centros populacionais.16 Novamente, todas as evidências arqueológicas indicam que nenhuma população civil existia em Jericó, Ai e outras cidades mencionadas em Josué. Outras evidências

bíblicas de várias cidades usadas como fortalezas, cidadelas ou postos militares também existem (por exemplo, Rabá em 2 Sam. 12:26; Sião em 2 Sam. 5: 7 e 1 Crô. 11: 5, 7).

Esse fato fica ainda mais claro por um termo associado, melek ("rei"). Essa palavra era comumente usada em Canaã durante esse tempo para designar um líder militar que era responsável por um governante superior externo. Além disso, as batalhas em Josué, não mencione não-combatentes ─ mulheres e crianças (veremos Raabe mais tarde). De acordo com os melhores cálculos das inscrições cananéias e outras evidências arqueológicas (ou seja, nenhum artefato ou cerâmica de "prestígio" indicando riqueza / status social, como um seria de esperar em centros populacionais em geral), Jericó era um pequeno povoado de provavelmente cem ou menos soldados. É por isso que todo Israel poderia circundá-lo sete vezes e então lutar contra ele no mesmo dia.17

Como uma observação lateral, poderíamos acrescentar que traduzir os números usados em relatos de guerra no Antigo Testamento pode ser complicado. Os números simplesmente podem não ser tão altos quanto indicam as traduções típicas. A palavra hebraica 'eleph (comumente traduzida por “mil”) também pode significar “unidade” ou “esquadrão” sem especificar um número exato.18

Portanto, se Jericó fosse um forte, então "todos" os mortos ali eram guerreiros junto com líderes políticos e religiosos. Raabe e sua família teriam sido os excepcionais não-combatentes que moravam neste posto militar avançado.19 O mesmo se aplica a todo o livro de Josué. Embora o texto bíblico mencione “reis” (líderes militares) específicos que foram mortos em batalha com Israel, ele não menciona não-combatentes específicos que foram mortos. O caso cumulativo sugere exatamente o oposto do que aprendemos na aula da escola dominical.

Além disso, a destruição dos amalequitas por Saul poderia ter sido um cenário semelhante (1 Sam. 15: 3). O alvo poderia simplesmente ter sido fortalezas amalequitas fortificadas, não centros populacionais. Mais uma vez, as palavras abrangentes "todos", "jovens e velhos" e "homens e mulheres" eram expressões comuns para a totalidade, mesmo que mulheres e crianças não estivessem presentes. Este ponto é ainda mais reforçado pelo fato de que os amalequitas estavam longe como já vimos, os amalequitas aparecem no próprio livro de 1 Samuel e muito além (27: 8; 30: 1; 1 Crônicas 4:43; etc.).

Rahab, o taberneiro

Por que os dois espias israelitas costumavam ficar na casa de uma prostituta? Isso não parece um pouco suspeito? Em uma inspeção mais próxima, podemos concluir com segurança que Raabe era responsável pelo que provavelmente era a taberna ou albergue da fortaleza; ela não dirigia um bordel, embora essas tabernas às vezes fossem administradas por prostitutas.20 As caravanas em viagem e os mensageiros reais costumavam pernoitar nesses locais durante este período.21 O Código de Hammurabi é paralelo ao que vemos em Josué 2, completo com uma estalajadeira: “Se os conspiradores se reunirem na casa de uma taverna [mulher] e esses conspiradores não forem capturados e entregues ao tribunal, o dono da taverna será condenado à morte. "22

Além disso, essas missões de reconhecimento eram comuns no Oriente. A casa de um estalajadeiro teria sido um local de encontro ideal para espiões e conspiradores. Esses lugares representavam notoriamente uma ameaça à segurança; por causa disso, os hititas (na Turquia e no norte da Síria) proibiram a construção de uma pousada ou taverna perto das muralhas da fortaleza.23

Que tal a ideia de uma ligação sexual? O livro de Josué sai de seu caminho para afirmar que tal atividade não ocorreu. O texto diz que os espias “ficaram lá”, não que “ficaram com ela” (2: 1 NVI). E diz que eles “entraram na casa de ... Raabe” (2: 1) não que eles “entraram em Raabe”, o que implicaria em uma relação sexual. Considere Sansão, em contraste, que “viu uma prostituta. . . e foi até ela "(Jz 16: 1). O Antigo Testamento não recua de usar tal linguagem; nós simplesmente não temos qualquer referência sexual aqui. Em vez disso, o livro de Josué descreve Raabe como um verdadeiro Deus. medo. Sim, essas tabernas no antigo Oriente Próximo atraíam pessoas em busca de prazer sexual, mas isso não se aplica ao

Espiões israelitas que o visitavam porque era um local público onde podiam aprender sobre as disposições práticas e militares da área e solicitar apoio possível.24

A recusa dos cananeus em reconhecer o único Deus verdadeiro

Ao contrário de Raabe e sua família, seus companheiros de Jericó (e a maioria dos cananeus) se recusaram a reconhecer o único Deus verdadeiro. O exemplo de Raabe e sua família (e até certo ponto Gibeão) revela que a consagração à proibição (herem) não era absoluta e irreversível. Deus estava, como vimos, mais preocupado com a destruição da religião e dos ídolos cananeus do que os povos cananeus. Deus repetidamente expressa a disposição de ceder à punição e preservar aqueles que

reconhecem seu evidente domínio sobre as nações (cf. Jr 18: 8).

Para aqueles que exigem: “Se Deus existe, que ele se mostre," não fica muito mais dramático do que a separação do Mar Vermelho. O Criador e o Deus de Israel haviam feito as manchetes em Canaã! Nas palavras de Raabe, " Ouvimos como o Senhor secou a água do Mar Vermelho diante de vocês, quando vocês saíram do Egito ... Quando ouvimos isso, nossos corações se derreteram e não restou mais coragem em ninguém por sua causa; Senhor teu Deus, ele é Deus em cima nos céus e embaixo na terra ”(Josué 2: 10-11). Nas palavras dos gibeonitas: “Teus servos vieram de um país muito distante por causa da fama do Senhor teu Deus; porque ouvimos a sua palavra e tudo o que fez no Egito "(9: 9; cf. Êxodo 15: 14-17; Deut. 2:25). Assim como uma Nínive pagã se arrependeu ao ver e receber a mensagem de o profeta Jonas encalhado (e branqueado!),

No Novo Testamento, Jesus afirma que sem um coração disposto, uma pessoa não se voltará para Deus mesmo se alguém ressuscitar dos mortos (Lucas 16:31). As repetidas e visíveis batidas dos deuses do Egito poderiam ter levado os cananeus a se voltarem para o único Deus verdadeiro, visto que eles tinham um "problema de coração" como o de Raabe. Mesmo a marcha de sete vezes de Israel ao redor de Jericó exibiu uma oportunidade formal para seu rei, soldados e sacerdotes A palavra hebraica naqap (“círculo, marchar ao redor” em Js 6: 3) envolve vários aspectos cerimoniais, incluindo chifres de carneiros, procissão sagrada e gritos (cf. 2 Sam. 6: 15-16). A palavra se encontra no Salmo 48: “Andai ao redor de Sião e contornai-a; conte suas torres; considere suas muralhas "(vv. 12-13; também 2 Reis 6:14). A palavra sugere a idéia de conduzir uma inspeção. No caso de Jericó, a fiscalização foi feita para ver se a cidade abriria seus portões. A cidade, no entanto, recusou-se a fazê-lo.25 Cada vez que os israelitas circulavam a cidade significava uma oportunidade para Jericó escapar da proibição; infelizmente, cada oportunidade foi recebida com a recusa de Jericó em ceder e reconhecer o governo de Yahweh.

Métodos de guerra de Israel

Discutimos a afirmação falha de Richard Dawkins de que Israel se envolveu na limpeza étnica, aqueles “massacres sanguinários” realizados com “prazer xenófobo”. Uma revisão dos métodos de guerra de Israel revela o contrário. O exército de Israel simplesmente não agia como uma horda de fomentadores da guerra maníacos e sanguinários.

Por um lado, as consequências das vitórias de Josué são descrições leves em comparação com aquelas encontradas nos anais dos principais impérios do antigo Oriente Próximo: hitita e egípcio (segundo milênio aC), arameu, assírio, babilônico,

persa ou grego (primeiro milênio BC).26 Ao contrário da breve descrição de Josué em quatro versículos do tratamento dado aos cinco reis (10: 2427), os assírios exultavam com todos os detalhes de suas façanhas sangrentas e brutais.

Os anais neo-assírios de Assurnasirpal II (883-859 aC) têm prazer em descrever o esfolamento de vítimas vivas, o empalamento de outras pessoas em postes e os corpos amontoados para exibição.27 Eles se gabam de como o rei amontoou corpos e colocou as cabeças em pilhas; o rei se gabava de arrancar os olhos das tropas e cortar suas orelhas e membros, seguido por exibir suas cabeças por toda a cidade.28

Em segundo lugar, uma série de batalhas travadas por Israel no caminho para e dentro de Canaã foram defensivas: os amalequitas atacaram os israelitas viajantes (Êxodo 17: 8); o rei cananeu de Arade atacou e capturou alguns israelitas (Números 21: 1); o rei amorita Seom recusou as aberturas pacíficas de Israel e, em vez disso, atacou (Números 21: 21-32; Deuteronômio 2: 26-30); O rei de Basã, Ogue, saiu ao encontro de Israel na batalha (Números 21:33; Deuteronômio 3: 1); Israel respondeu às tentativas calculadas de Midiã de desviar Israel por meio da idolatria e da imoralidade (Números 31: 2-3; cf. 25; 31:16); cinco reis atacaram Gibeão, que Josué defendeu por causa do pacto de paz de Israel com os gibeonitas (Josué 10: 4).

Além disso, Deus proibiu Israel de conquistar outras nações vizinhas. Essas nações eram Moabe e Amon (Deuteronômio 2: 9, 19), bem como Edom (Deuteronômio 2: 4-5; 23: 7), embora eles já tivessem se recusado a ajudar os israelitas (Números 20:14 -21; cf. Dt. 2: 6-8). A apropriação de terras não era permitida por Deus, e Israel não tinha o direito de conquistar além do que Deus havia sancionado.

Terceiro, todas as batalhas sancionadas por Yahweh além do tempo de Josué eram defensivas, incluindo a batalha de Josué para defender Gibeão (Josué 10-11). É claro que, embora certas batalhas ofensivas tenham ocorrido durante o tempo dos Juízes, sob o comando de Davi e depois, elas não são consideradas ideais ou exemplares.29 Também vimos que lutar para sobreviver não era apenas uma aventura; era um estilo de vida no antigo Oriente Próximo. Essas circunstâncias não eram ideais de longe, mas essa era a realidade.

Os midianitas (Números 31)

Assim como os inimigos de toda a vida de Israel, os amalequitas (cf. Deuteronômio 25: 17-19), os midianitas também representavam uma séria ameaça a Israel. Enquanto Amalek colocava em perigo a própria existência de Israel, Midian ameaçava profundamente a integridade espiritual e moral de Israel como povo de Deus. Com a ajuda do tortuoso profeta pagão Balaão, os midianitas elaboraram um plano para levar Israel à adoração pagã. Isso envolvia sexo ritual, festa diante de seu Baal, reverência e

sacrifícios a ele (Números 25: 1-2; 31:16). Quando ele não conseguiu trazer uma maldição sobre Israel (Números 22-24), ele procurou outro caminho.

É por isso que Moisés deu a ordem: “Agora mate todos os meninos. E matar todas as mulheres que dormiram com um homem, mas salve para vocês todas as moças que nunca dormiram com um homem "(Números 31: 17-18 NVI). Este comando deve ser entendido no contexto de Números 25. Em Peor , as mulheres midianitas seduziram deliberadamente os homens israelitas ao adultério orgiástico, bem como à adoração a Baal.

A sentença de morte para todos os homens é incomum. No entanto, os homens eram o exército inimigo em potencial a se levantar contra Israel. (Lembre-se de que os homens israelitas que participaram da sedução também foram mortos.) A intenção descarada e maligna de Midiã de desviar Israel exigia um julgamento severo. A intenção da ordem de Moisés era minar qualquer futura ameaça midianita à identidade e integridade de Israel.

E quanto a tirar jovens virgens? Alguns críticos sugeriram grosseiramente que os homens israelitas eram livres simplesmente para agarrar e estuprar jovens virgens. Não tão. Eles foram salvos precisamente porque não se degradaram seduzindo os homens israelitas. Como pano de fundo, dê uma olhada novamente em Deuteronômio 21: 10-14. Lá, uma mulher prisioneira de guerra gentia não poderia ser usada como objeto sexual. Um homem israelita tinha que seguir cuidadosamente os procedimentos adequados antes que ela pudesse ser tomada como esposa. À luz da natureza altamente sensível da pureza sexual em Israel e para os soldados de Israel, protocolos específicos tiveram que ser seguidos. O estupro foi certamente excluído como uma atividade extracurricular na guerra.

Fazendo ofertas de paz primeiro

À luz dos procedimentos de guerra de Deuteronômio 20, muitos estudiosos argumentam que Israel deveria oferecer termos de paz às cidades não cananéias, mas não às cidades cananéias. Esta é a opinião da maioria, com certeza. No entanto, outros (incluindo comentaristas judeus tradicionais) argumentaram que a destruição das cidades cananéias não era incondicional e que os tratados poderiam ter sido feitos sob certas condições. Tal como aconteceu com Gibeão (apesar de ser sorrateiro fazedor de tratados), um pacto de paz direto poderia estar disponível para qualquer cidade cananéia.30 Como vimos com Jericó, uma oportunidade sétupla foi dada para Jericó fazer a paz com Israel, o que se recusou a fazer. Considere Josué 11:19: “Não houve cidade que fizesse paz com os filhos de Israel, exceto os heveus que moravam em

Gibeão; eles os levaram todos na batalha. "Como o Faraó, que se opôs a Moisés, essas cidades cananéias estavam tão perdidas que Deus simplesmente as entregou aos seus próprios corações endurecidos e resistentes (v. 20).

Novamente, o foco principal em passagens como Deuteronômio 7 e 20 é em Israel livrar a terra de ídolos e práticas religiosas falsas e destrutivas. O objetivo final não é eliminar pessoas, como também sugere a marcha de inspeção ao redor de Jericó.

Expulsando-os

O que adiciona mais interesse à nossa discussão é a linguagem de “expulsar” e “expulsar” os cananeus. O Antigo Testamento também usa a linguagem de “desapropriar” os cananeus de sua terra (Números 21:32; Deuteronômio 9: 1; 11:23; 18:14; 19: 1; etc.).

> Enviarei o meu terror à sua frente e lançarei na confusão todas as pessoas entre as quais você está, e farei com que todos os seus inimigos lhe voltem as costas. Enviarei vespas à tua frente, para que expulsem os heveus, os cananeus e os heteus de diante de ti. Não os expulsarei antes de você em um único ano, para que a terra não se torne desolada e os animais do campo se tornem numerosos demais para você. Vou expulsá-los de diante de você pouco a pouco, até que você se torne fecundo e tome posse da terra. (Êxodo 23: 27-30)

Expulsar ou desapropriar é diferente de exterminar ou destruir. A expulsão está em vista, não a aniquilação (por exemplo, “despojar [yarash]" em Êxodo 34:24; Números 32:21; Deuteronômio 4:38 NET). Assim como Adão e Eva foram "expulsos [garash]" do jardim (Gênesis 3:24) ou Caim no deserto (4:14) ou Davi de Israel por Saul (1 Sam. 26:19), então os israelitas deviam “despojar” os cananeus. O Antigo Testamento usa outro termo também ─ “enviar / expulsar [shalach]" ─ que lança luz sobre a questão cananéia: assim como Adão e Eva foram “enviados” do jardim (Gênesis 3:23), Deus “enviaria "(ou“ expulsar ", Lev. 18:24; 20:23) os cananeus. E, ao ser examinado, as referências à expulsão são consideravelmente mais numerosas do que as que destroem e aniquilam.

Na verdade, mesmo os verbos “aniquilar / perecer ['abad]" e “destruir [shamad]" não são tudo o que os críticos dizem que eles são. Por exemplo, Deus ameaçou destruir Israel como fez com os cananeus. Como? Não por obliteração literal, mas removendo Israel de uma terra para outra. Ambos os verbos são usados em Deuteronômio 28:63: “sucederá que, assim como o Senhor se agradou de ti para te prosperar e multiplicar, assim o Senhor se agradará de ti para te fazer perecer e te destruir; e sereis arrancados da terra em que entrardes para possuí-la. ”Mesmo quando Babilônia destruiu a cidade de Jerusalém, todos os judeus cooperativos foram

poupados (Jr 38: 2, 17).31 Em suma, os cananeus em fuga escapariam; apenas os resistentes corriam risco. Este breve exame dos termos ligados às guerras de Yahweh fornece mais uma indicação de que a aniquilação total não foi intencionada e que a fuga da terra foi incentivada.

Como, então, essa desapropriação ou expulsão funciona? Não é difícil imaginar. A ameaça de um exército estrangeiro levaria mulheres e crianças - para não falar da população em geral - a se protegerem do perigo. Os não combatentes seriam os primeiros a fugir. Como escreve John Goldingay, uma população atacada não ficaria apenas esperando para ser morta. Só os defensores, que não saem, são os que morrem.32 Jeremias 4:29 sugere tal cenário: "Ao som do cavaleiro e do arqueiro toda cidade foge; eles entram nos matagais e escalam entre as rochas; cada cidade foi abandonada, e ninguém mora nelas. "

Novamente, o texto bíblico não dá nenhuma indicação de que as guerras justificadas de Josué foram contra os não-combatentes.33 Lemos em Josué (e Juízes) que, apesar da linguagem da obliteração, muitos habitantes cananeus que não foram expulsos ainda moravam em áreas onde Israel se estabeleceu. Além disso, os cananeus (em geral) deveriam ser deslocados ou expulsos, não aniquilados.

Josué os destruiu totalmente assim como Moisés ordenou

Nos textos a seguir, a destruição total dos cananeus por Josué é exatamente o que "Moisés, o servo do Senhor, ordenou":

- "Josué capturou todas as cidades desses reis e todos os seus reis, e ele os feriu ao fio da espada, e os destruiu totalmente; assim como Moisés, o servo do Senhor, ordenou "(Josué 11:12).
- "Todos os despojos dessas cidades e o gado, os filhos de Israel tomaram como seu saque; mas eles golpearam todos os homens com o fio da espada, até que os destruíram. Eles não deixaram ninguém que respirasse. Assim como o Senhor ordenou a Moisés, seu servo, assim Moisés ordenou a Josué, e assim Josué o fez; ele não deixou nada por fazer de tudo o que o Senhor ordenou a Moisés "(Josué 11: 14-15).
- "Para que os destruísse, como o Senhor ordenara a Moisés" (Josué 11:20).

Lembra-se dos comandos abrangentes de Moisés para "consumir" e "destruir totalmente" os cananeus, não para "deixar vivo qualquer coisa que respire"? A linguagem abrangente de Josué ecoa a de Moisés; as Escrituras indicam claramente que Josué cumpriu a ordem de Moisés para ele. Então, se Josué fez apenas como

Moisés ordenou, e se a destruição descrita por Josué era realmente uma hipérbole comum na linguagem de guerra do antigo Oriente Próximo e familiar a Moisés, então é claro que o próprio Moisés não pretendia uma destruição cananéia literal e abrangente. Ele, como Josué, estava apenas seguindo a convenção literária do dia.34

Escritura e Arqueologia

Com sua menção de infiltração e ocupação graduais (Js. 13: 1-7; 16:10; 17:12), o texto bíblico nos leva a esperar o que a arqueologia confirmou — ou seja, que a destruição generalizada de cidades não aconteceu e essa assimilação gradual sim.35 Apenas três cidades (cidadelas ou fortalezas, como vimos) foram queimadas - Jericó, Ai e Hazor (Js 6:24; 8:28; 11:13). Todos os aspectos tangíveis da cultura dos cananeus — edifícios e casas remained teriam permanecido muito intactos (cf. Dt. 6: 10-11: “cidades que você não construiu”).

muito sentido se Israel se estabelecer na mesma região - muito menos limpeza!

Além disso, se tivéssemos vivido em Israel no final da Idade do Bronze (14001200 aC) e olhado para um israelita e um cananeu próximos um do outro, não teríamos detectado nenhuma diferença perceptível entre eles; eles seriam virtualmente indistinguíveis em vestimentas, casas, talheres, cerâmica e até mesmo na linguagem (cf. 2 Reis 18:26, 28; Isa. 19:18). Isso não deveria ser tão surpreendente, já que a influência egípcia sobre esses dois povos foi muito forte.

Além do mais, o próprio Israel não era uma raça pura. Por exemplo, José se casou com uma egípcia, Asenate, que deu à luz Manassés e Efraim (Gênesis 41:50); uma "multidão misturada" saiu do Egito com eles (Êxodo 12:23; Números 11: 4); e outros gentios como Raabe poderiam ser prontamente incorporados a Israel casando-se se estivessem dispostos a abraçar o Deus de Israel. como os israelitas podem se diferenciar? Normalmente, identificando suas conexões tribais ou de vilarejo e regionais — por exemplo, “Eúde, filho de Gera, o benjamita” (Juízes 3:15), “Izban de Belém” (Juízes 12: 8), “Elon, o zebulunita” (Juí. 12:11).

Na frente religiosa, novamente, as Escrituras nos levam a esperar o que a arqueologia apóia. Sim, como os cananeus, os israelitas sacrificavam, tinham sacerdotes, queimavam incenso e adoravam em um "santuário" (o tabernáculo). E embora os israelitas fossem chamados a permanecer distintos em seu comportamento moral, teologia e adoração, muitas vezes eram enlaçado pela imoralidade e idolatria dos povos cananeus. Por exemplo, Israel imitou a prática notória de sacrifícios

infantis rituais dos fenícios aos baalins e às Asherahs e a Moloque (por exemplo, 2 Reis 23:10; cf. Lv 18:21; Deut. 18:10).

No entanto, os arqueólogos descobriram que por volta de 1000 aC (durante a Idade do Ferro), os cananeus não eram mais uma entidade identificável em Israel. (Estou assumindo que o êxodo do Egito ocorreu em algum momento do século XIII aC).36 Por volta dessa época também, os israelitas estavam adorando um Deus nacional, cujo nome pessoal dominante era Yahweh ("o Senhor"). Uma mudança significativa adicional do Bronze Final para a Idade do Ferro foi que os santuários da cidade em Canaã foram abandonados, mas não realocados em outro lugar — digamos, para as aldeias nas montanhas, o que sugere que um novo povo com uma tendência teológica distinta migrou para cá, ocupou gradualmente o território e acabou por se tornar dominante.

Poderíamos apontar para um cenário paralelo bem fundamentado no antigo Oriente Próximo. O mesmo tipo de infiltração gradual ocorreu pelos amorreus, que se mudaram para a Babilônia décadas antes de 2.000 aC. (O próprio Hamurabi era um amorreu que governava a Babilônia.) Eles eventualmente ocuparam e controlaram cidades importantes e exerceram influência política, o que é atestado por mudanças em muitos nomes pessoais na literatura e inscrições. A cultura da Babilônia não mudou em seus edifícios, roupas e cerâmicas, mas uma mudança social significativa ocorreu. Da mesma forma, vemos a mesma transição gradual ocorrendo em Canaã com base nos mesmos tipos de evidências que os arqueólogos normalmente utilizam. Somos lembrados mais uma vez de evitar versões simplistas da escola dominical de como Canaã foi ocupada por Israel.

Resumo

Vamos resumir algumas das idéias-chave deste capítulo.

- A linguagem da proibição consagrada (herem) inclui linguagem estereotipada: “todos”, “jovens e velhos” e “homens e mulheres”. A proibição poderia ser executada mesmo se mulheres e crianças não estivessem presentes.
- Tanto quanto podemos ver, herem bíblico foi realizado em particular militares ou cenários de combatentes (com “cidades” e “reis” militares). Acontece que a linguagem abrangente da proibição é dirigida aos combatentes.
- A linguagem de proibição permite e espera exceções (por exemplo, Rahab); não é absoluto.

- A linguagem de destruição da guerra do antigo Oriente Próximo (e do Antigo Testamento) é claramente exagerada. Grupos de povos cananeus que aparentemente foram "totalmente destruídos" ainda existiam quando tudo foi dito e feito (por exemplo, Juízes 1).
- A maior preocupação era destruir a religião cananéia, não os cananeus em si, um ponto digno de elaboração (veja o próximo capítulo).
- A preservação de Raabe e sua família indica que a consagração à proibição não era absoluta e irreversível. Deus deu amplas indicações de seu poder e grandeza, e os cananeus poderiam ter se submetido ao único Deus verdadeiro que venceu os deuses do Egito e de Canaã, poupando suas próprias vidas.
- O texto bíblico, de acordo com alguns estudiosos, sugere que os tratados de paz poderiam ser feitos com as cidades cananéias se eles quisessem, mas nenhum (exceto Gibeão) o fez (Josué 11:19). A oferta de paz foi feita implicitamente a Jericó.

- O texto bíblico contém muitas referências a “expulsar” os cananeus. Limpar a terra para habitação não exigia matança; civis fugiram quando suas fortalezas militares foram destruídas e os soldados não foram mais capazes de protegê-los.
- Desde o início, certos cananeus (mais cooperativos) foram submetidos a trabalhos forçados, não à aniquilação (Juízes 1: 27-36; 1 Reis 9: 20-21; Josué 15:63; 16:10; 17: 12-13 ; cf. Salmos 106: 34-35). Essa foi outra indicação de que a proibição não era absoluta.
- Josué cumpriu o que Moisés ordenou (Deuteronômio 7 e 20), o que significa que a linguagem de Moisés também é um exemplo de exagero do antigo Oriente Próximo. Ele não pretendia um extermínio literal e abrangente dos cananeus.
- A evidência arqueológica apóia bem o texto bíblico; ambos apontam para a destruição material mínima observável em Canaã, bem como a infiltração gradual de Israel, assimilação e eventual domínio lá.

Temos muitos bons motivos para repensar nosso paradigma a respeito da destruição dos cananeus. Em uma análise mais detalhada, o texto bíblico sugere que muito mais está acontecendo abaixo da superfície do que obliterar todos os cananeus. Aceitar a destruição de qualquer coisa que respire pelo valor de face precisa de muito reexame.

Leitura Adicional

Goldingay, John. Teologia do Antigo Testamento: a vida de Israel. Vol. 3. Downers

Grove, IL: InterVarsity, 2009. Ver esp. indivíduo. 5, “Cidade e nação”.
Hess, Richard S. “A Jericó e Ai do Livro de Josué.” Em Critical Issues in Early Israelite History, editado por Richard S. Hess, Gerald A. Klingbeil e Paul J. Ray Jr. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2008.
——— ———. Joshua. Comentário do Velho Testamento de Tyndale 6. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996.
——— ———. “Guerra na Bíblia Hebraica: Uma Visão Geral.” Em Guerra na Bíblia e Terrorismo no Século XXI, editado por Richard S. Hess e Elmer A. Martens. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2008.
Wright, Christopher JH O Deus que não entendo. Grand Rapids: Zondervan, 2008.

17

Massacre indiscriminado e limpeza étnica?

A Matança dos Cananeus (III)

Os críticos argumentam que a morte dos cananeus abriu um precedente negativo e brutal para o Israel nacional. Curiosamente, os cristãos professos (durante as Cruzadas, por exemplo) que foram inspirados pelos textos sobre a matança dos cananeus para justificar suas ações ignoraram completamente o próprio ensino do reino de Jesus.1 Jesus havia informado Pilatos: “Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, então os meus servos estariam lutando ”(João 18:36). Novamente,“ todos os que empunham a espada morrerão pela espada ”(Mateus 26:52).

Por outro lado, podemos dizer com segurança que, precisamente por causa de seu compromisso com o reino de Cristo não sendo deste mundo, as comunidades amish e menonitas certamente não apelariam a Josué para justificar o envolvimento em atrocidades. A diferença é que alguns cristãos professos são muito mais consistentes na aplicação dos ensinamentos de Jesus do que outros. Uma coisa é dizer que a guerra

santa está no cerne de uma religião e sua teologia e outra é usar indevidamente os textos de uma religião para justificar a guerra.

Além disso, o próprio Israel nacional não utilizou esses textos de Josué para justificar o ataque a povos não cananeus. Eles podem ter se defendido de outros inimigos, mas essa é uma história diferente. Os israelitas, ao longo de sua história, não procuraram condenar os povos não cananeus à destruição. Para citar John Goldingay mais uma vez: "Saul não procura devotar os filisteus e Davi não procura devotar [à destruição] os povos vizinhos que ele conquistou. Nem Efraim nem Judá conquistaram a Assíria, Babilônia, Pérsia ou os equivalentes locais dos cananeus no período do Segundo Templo. " Ele acrescenta que Deuteronômio e Josué não estabelecem um padrão que "convida Israel a seguir, ou que Israel o segue".2

Os cananeus como povo redimido de Deus

Outro fator a incluir em nossa discussão é a promessa de Deus de abençoar todas as nações por meio de Israel, incluindo os cananeus! Os profetas de Israel depois de Salomão passaram a ver as nações antes escolhidas para o julgamento como os objetos finais da salvação de Yahweh. Povos que historicamente foram os inimigos mais ferozes e brutais de Israel participariam de uma nova aliança como povo multiétnico de Deus.

Por exemplo, em Zacarias 9, Deus começa com a promessa de humilhar e julgar os filisteus (vv. 1-6). E "então eles também serão um remanescente para o nosso Deus, e serão como um clã em Judá, e Ecrom [uma cidade na Filístia] como um jebuseu" (v. 7). Em outras palavras, os filisteus enemies inimigos de longa data de Israel ─ se tornarão um remanescente redimido e serão incorporados ao povo de Deus, como uma das tribos de Israel. Eles serão "como um jebuseu". Os jebuseus eram um povo cananeu (Deuteronômio 7: 1) que acabou sendo absorvido pelo rebanho de Israel (1 Crô. 21:15, 18, 28). Mas, além disso, a salvação de Deus se estende a todos os povos, até mesmo aos cananeus, alguns dos quais acabam se tornando parte do remanescente redimido de Deus.

Esse tema é reforçado no Salmo 87, que lista (entre outros) os principais opressores de Israel: Egito, Babilônia e Filístia. Essas nações no Salão da Infâmia de Israel um dia serão incorporadas ao povo de Deus.3

> Registrarei Raabe [Egito] e Babilônia entre aqueles que me reconhecem ─ Filístia também, e Tiro, junto com Cuche [Etiópia] ─ e direi: "Este nasceu em Sião". De fato, de Sião será dito: "Este e aquele nasceram nela, e o próprio Altíssimo a estabelecerá". O Senhor escreverá no registro dos povos: "Este nasceu em Sião". (vv. 4-6 NIV)

Isaías profetizou que as nações gentílicas do Egito e da Assíria seriam incorporadas

ao povo de Deus. Estes quase encabeçaram a lista dos opressores de Israel:

> Naquele dia, haverá uma estrada do Egito para a Assíria, e os assírios entrarão no Egito e os egípcios para a Assíria, e os egípcios adorarão com os assírios. Naquele dia Israel será o terceiro com o Egito e a Assíria, uma bênção no meio da terra, a quem o Senhor dos exércitos abençoou, dizendo: "Bendito seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel Minha herança. " (19: 23-25)

No Novo Testamento, começamos a ver essa profecia cumprida, à medida que os gentios são incorporados ao novo Israel, a igreja (Ef 3: 1-11; cf. Atos 15: 16-17). Na verdade, no próprio ministério de Jesus, ele estendeu a preocupação a uma mulher cananéia na região de Tiro e Sidom (Mt 15:22). A preocupação final de Deus em salvar até mesmo os inimigos de seu próprio (povo) dá uma volta completa com a redenção dos cananeus.

A questão cananéia e os não combatentes

Demos evidências abundantes para afirmar que as guerras aprovadas de Yahweh no Antigo Testamento foram limitadas a uma certa janela de tempo na história de Israel, a uma certa localização geográfica pequena e a um grupo específico de pessoas. (Na verdade, esses parâmetros e controles específicos divinamente dados estavam em marcante contraste com outras nações do antigo Oriente Próximo, que não tinham tais limites.)4 Esse ato de julgamento foi uma punição capital corporativa que só poderia ser executada com a orientação de revelação divina especial.

Algumas pessoas podem argumentar que este cenário é um exagero. Isso pode exigir muitas qualificações. Por exemplo, o que aconteceria se mulheres, crianças e idosos cananeus e amalequitas realmente fossem o alvo? E se o "tudo" não se aplicar apenas aos combatentes nas fortalezas (cidades) cananéias, mas for muito mais abrangente do que isso? Muitas contingências não precisam ser corretas para se chegar a uma conclusão moral palatável a respeito da questão cananéia? Se fosse esse o caso, então poderíamos imaginar como os críticos exclamariam: "Não posso confiar que o caráter de Deus é o padrão de bondade se ele ordena a matança de crianças inocentes!" ou "Se esse é o tipo de Deus que você adora, não quero ter nada a ver com ele!"

Para qualquer um que leva a Bíblia a sério, esses textos da guerra de Javé certamente serão preocupantes. Esta questão é certamente a mais importante de todas as considerações éticas do Antigo Testamento. Não devemos descartar ou ignorar levianamente essas perguntas. Por outro lado, esperamos que os críticos não façam uma leitura superficial desses textos do Antigo Testamento.

Se o nosso cenário não cobrir todas as bases, ainda assim terá um longo caminho

para fornecer uma perspectiva sobre o que aconteceu e o que não aconteceu em Canaã. Simplificando, o dano e a morte de não-combatentes teriam sido muito menos sérios e extensos do que os críticos e crentes sustentaram com base em uma leitura superficial tradicional do texto. Basta revisar o capítulo anterior para obter um resumo de todas as qualificações e exceções (por exemplo, linguagem exagerada do antigo Oriente Próximo, o significado de "expulsão", destruição da idolatria sobre as pessoas e assim por diante).

Em segundo lugar, vamos supor que as mulheres não eram combatentes, como Joana d'Arc contra os ingleses (1412-31) ou Budicca (d. 60 DC) contra os romanos. Mesmo assim, as mulheres cananéias teriam participado de atividades degradantes e imorais (que revisamos). A moralidade desviante não era apenas o domínio dos homens. Vimos como a prostituição no templo era o adultério justificado religiosamente e como os próprios deuses cananeus modelavam o adultério, a bestialidade, o incesto e uma série de outras atividades que seus devotos praticavam. Mesmo antes de chegarmos a Canaã, observe quão prontamente as mulheres midianitas tentaram seduzir os homens israelitas (Números 25). As mulheres podem não ter sido combatentes, mas dificilmente eram inocentes. E poderíamos acrescentar que os cananeus idosos claramente compartilhavam a culpa pela corrupção moral de sua cultura.

Terceiro, se a evidência não oferece uma resposta completa, a pergunta crucial persistente é: Por que matar crianças e bebês cananeus? Certamente eles eram inocentes. Do lado teológico, podemos dizer algumas coisas.

1. Deus é o autor da vida e tem direito a reivindicá-la como Criador. Portanto, os humanos não podem exigir quanto tempo uma pessoa deve viver na terra (Jó 1:21). Se Deus é Deus e nós não, nossos direitos serão necessariamente limitados em algum grau.
2. Se bebês e crianças fossem mortos, eles teriam entrado na presença de Deus. Embora privados da vida terrena, esses jovens não teriam sido privados do maior bem - ter uma amizade eterna com Deus.

Talvez mais possa ser dito aqui, mas devemos abordar outro aspecto do problema cananeu. Mas tenha em mente que este cenário de pior caso não-combatente não é a posição que estou assumindo.

Psicologicamente prejudicial?

Em 16 de março de 1968, tropas americanas massacraram brutalmente mais de

trezentos civis vietnamitas em um aglomerado de aldeias, agora infame conhecido como My Lai. Eles desconsideraram todos os protocolos da Convenção de Genebra, que consideram crime ferir não-combatentes ou doentes e feridos.5 A matança dos cananeus não foi uma tarefa brutal comparável ao massacre de My Lai? Como Deus poderia comandar tal empreendimento? O teólogo John Stott admite: “Era um negócio horrível; a gente se encolhe com horror. "6 No contexto de outra guerra, o general confederado Robert E. Lee afirmou: “É bom que a guerra seja tão terrível; caso contrário, deveríamos crescer muito afeiçoados a ele. "7

No antigo Oriente Próximo, entretanto, a guerra era um modo de vida e um meio de sobrevivência. A luta era uma realidade muito menos sombria naquela época. No antigo Oriente Próximo, combatentes e não-combatentes nem sempre eram facilmente distinguidos. Também observamos que a dureza dos corações humanos (Mat. 19: 8), em conjunto com a existência de estruturas sociais decaídas e moralmente embotadas no antigo Oriente Próximo, provavelmente significa que tais ações teriam sido consideravelmente menos prejudiciais psicologicamente para o antigo israelita do que para um cidadão da cultura ocidental. Não há evidências de que os soldados israelitas tenham sofrido danos internos ao matar os cananeus.

Além disso, devemos perguntar: e se houver algumas tarefas das quais nos esquivaríamos e que poderiam até mesmo nos prejudicar psicologicamente, mas que ainda precisam ser realizadas? O apóstolo Paulo se entregou voluntariamente para "preencher o que faltava nas aflições de Cristo" (veja Colossenses 1:24). Estas são as aflições, tribulações ou dores de parto que todos os crentes devem suportar; podem incluir até os horrores da a própria morte. Tudo o que Paulo suportou por causa do evangelho é surpreendente (por exemplo, 2 Coríntios 11: 23-33), mas ele voluntariamente carregou esse fardo pesado.

Jesus lembrou seus seguidores a terem coragem, porque “Eu venci o mundo” (João 16:33) .Cristo permite que seu próprio povo suporte a perseguição e até os terrores da morte (Hb 11: 36-40), assim como ele mesmo fez. Mesmo assim, ele lembra a seu povo que sofre com eles e não os abandona (Mat. 25:40; Atos 9: 4).

*O senhor dos Anéis*descreve a jornada angustiante que Frodo Bolseiro deve fazer ao Monte da Perdição, acompanhado por seu fiel amigo Hobbit, Samwise Gamgee. Nas fogueiras de Doom, Frodo deve lançar o anel odioso que trouxe problemas não apenas para seus portadores, mas para toda a Terra-média. Essa tarefa difícil e até detestável coube a Frodo. Era perigoso e emocionalmente exaustivo. Cumprir essa missão foi, de muitas maneiras, psicologicamente prejudicial para ele, embora moldasse o caráter de outras pessoas. Ele detestava o fardo de carregar o anel, que parecia destroçá-lo por dentro. Mesmo assim, Gandalf, o Sábio, o lembrou: “Não

podemos escolher o tempo em que vivemos. Só podemos escolher o que faremos com o tempo que nos é dado".8

Podemos não compreender as tarefas que Deus nos atribui (quer estejamos pensando em Abraão com Isaque ou no assassinato dos cananeus), e uma certa tarefa ou chamado pode trazer sua cota de traumas e tristezas. As sábias palavras do teólogo Vernon Grounds são perspicazes e amplamente aplicáveis:

> Um indivíduo completamente livre de tensão, ansiedade e conflito pode ser apenas um pecador bem ajustado que está perigosamente desajustado a Deus; e é infinitamente melhor ser um santo neurótico do que um pecador de mente sã. . . . Ter uma mente sã pode ser um perigo espiritual que impede uma pessoa de se voltar para Deus precisamente porque ela não tem um senso agudo de Deus. . . . Tensão, conflito e ansiedade, até mesmo ao ponto de doença mental, podem ser uma cruz carregada voluntariamente a serviço de Deus.9

Um contexto mais amplo também deve ser considerado, algo que não pôde ser totalmente compreendido pela geração de Josué. Se os israelitas não tivessem causado sérios danos à infraestrutura religiosa cananéia, o resultado teria sido um dano incalculável à integridade de Israel e, portanto, a todo o plano de Deus para redimir a humanidade. Muito estava em jogo na criação do contexto necessário - incluindo um povo separado em uma terra separada — a fim de trazer a redenção e uma criação finalmente restaurada. Assim como o sucesso de Frodo foi precário do início ao fim, o mesmo aconteceu com a jornada da promessa de Deus a Abrão (Gênesis 12) até a vinda do Messias. O plano de Deus envolveu uma certa confusão misteriosa, mas isso não deve nos impedir de ver os propósitos finais de Deus em ação.

O quadro mais amplo

O objetivo geral de Deus era trazer bênção e salvação a todas as nações, incluindo os cananeus, por meio de Abraão (Gênesis 12: 3; 22: 17-18; cf. 28: 13-14). A aliança que Deus fez com Abraão é única em sua natureza abrangente, voltada para o exterior e universalmente dirigida. É diferente de qualquer outro movimento religioso antigo.10 No entanto, por um período específico, relativamente curto e estratégico, Deus procurou estabelecer Israel na terra com o objetivo de cumprir este plano de redenção global (de fato, cósmico) de longo prazo. Deus simultaneamente puniria um povo perverso pronto para o julgamento. Não fazer isso apagaria a única esperança de redenção da humanidade.

A difícil ordem de Deus com relação aos cananeus também é uma situação histórica de salvação limitada, única. Poderíamos compará-lo com a difícil ordem de Deus a Abraão em Gênesis 22. John Goldingay diz bem: "o destino dos cananeus é um ponto de partida tão esclarecedor para o entendimento da ética do Primeiro

Testamento quanto seria para Gênesis 22 [a amarração de Isaque por Abraão] uma compreensão da família. "11 Por trás de ambos os comandos severos está o contexto claro das intenções amorosas e das promessas fiéis de Deus.

A primeira ordem severa envolveu Abraão e o filho milagroso Isaque. Deus prometeu a Abraão que por meio de Isaque ele se tornaria o pai de muitos. Anteriormente, Abraão tinha visto a provisão de Deus para Ismael e Agar quando relutantemente os deixou ir para o deserto. Deus assegurou a Abraão que Ismael se tornaria uma grande nação. À luz da experiência anterior de Abraão, ele estava confiante de que Deus de alguma forma cumpriria suas promessas do convênio por meio de Isaque, mesmo enquanto se dirigiam para o Monte Moriá. Ele estava convencido de que Deus manteria suas promessas, mesmo que isso significasse que Deus ressuscitaria Isaque dos mortos. Assim, Abraão informou seus servos: “Nós adoraremos e depois voltaremos para vocês” (Gênesis 22: 5 NRSV; cf. Hb 11:19). Abraão sabia que os propósitos de Deus não seriam frustrados, apesar este comando difícil.

Com a segunda ordem severa em relação aos cananeus, não podemos ignorar o contexto da bênção universal de Deus a todas as nações, incluindo os antigos inimigos de Israel. Os comandos perturbadores e excepcionais a respeito de Isaque e dos cananeus devem ser colocados contra seu contexto histórico e teológico - a saber, o pano de fundo do caráter amante do inimigo de Yahweh e propósitos salvadores mundiais.

Isso é ilustrado no livro de Jonas. Deus não puniu os ninivitas — para grande desapontamento de Jonas, que sabia que esse é o tipo de coisa que Yahweh faz: ele ama seus (e os de Israel) inimigos. “Eu sabia que és um Deus misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e abundante em benignidade, e que cede diante das calamidades” (Jonas 4: 2; cf. Êxodo 34: 6).

Um deus indomável

Sensibilizamos os ocidentais que se perguntam por que Deus fica tão zangado com Israel. Por que todo o julgamento e ira? Por que o Velho Testamento parece tão antidemocrático? Vivemos em uma época em que estamos muito alertas à discriminação racial e à intolerância, mas não somos tão sensibilizados para o pecado sexual como as gerações anteriores. Vivemos em uma época que vê a morte como o mal supremo. Talvez precisemos ser mais abertos ao fato de que algumas de nossas intuições morais não estão tão bem ajustadas quanto deveriam. O mesmo pode se

aplicar aos nossos pensamentos sobre o que Deus deveria ou não ter feito em Canaã.12

O teólogo de Yale Miroslav Volf nasceu na Croácia e viveu os anos de pesadelo de conflitos étnicos na ex-Iugoslávia, que incluíram a destruição de igrejas, o estupro de mulheres e o assassinato de inocentes.

Certa vez, ele pensou que a ira e a raiva estavam abaixo de Deus, mas ele percebeu que sua visão de Deus era muito baixa. Aqui, Volf coloca as reclamações dos novos ateus sobre a ira divina em uma perspectiva adequada:

> Eu costumava pensar que a ira não era digna de Deus. Deus não é amor? O amor divino não deveria estar além da ira? Deus é amor, e Deus ama todas as pessoas e todas as criaturas. É exatamente por isso que Deus está furioso contra alguns deles. Minha última resistência à idéia da ira de Deus foi uma vítima da guerra na ex-Iugoslávia, a região de onde venho. De acordo com algumas estimativas, 200.000 pessoas foram mortas e mais de 3.000.000 foram deslocadas. Minhas aldeias e cidades foram destruídas, meu povo bombardeado dia após dia, alguns deles brutalizados além da imaginação, e eu não conseguia imaginar Deus não ficando com raiva. Ou pense em Ruanda na última década do século passado, onde 800.000 pessoas morreram hackeadas em cem dias! Como Deus reagiu à carnificina? Por idolatrar os perpetradores como um avô? Recusando-se a condenar o banho de sangue, mas, em vez disso, afirmando a bondade básica dos perpetradores? Deus não estava ferozmente zangado com eles? Embora eu costumava reclamar da indecência da idéia da ira de Deus, cheguei a pensar que teria que me rebelar contra um Deus que não ficava irado ao ver o mal do mundo. Deus não está irado apesar de ser amor. Deus está irado porque Deus é amor. t colérico apesar de ser amor. Deus está irado porque Deus é amor. t colérico apesar de ser amor. Deus está irado porque Deus é amor.13

O apóstolo Paulo reúne essas características: “Eis, pois, a bondade e a severidade de Deus” (Rom. 11:22).

Talvez o "Deus" ideal na mente do ocidental seja simplesmente bom demais. Perdemos o que é bom de vista e apenas nos concentramos no bom, domado e administrável. Ignoramos a severidade e a severidade (que nos fazem contorcer), nos agarrando para nossos próprios ideais de conforto e conveniência. Nós nos livramos do Deus que apresenta um problema de autoridade cósmica e substituímos por deuses controláveis de nossa própria invenção. Nós nos concentramos no amor divino às custas da ira de Deus sobre o que finalmente nos destrói ou prejudica nosso bem-estar fundamental.

O filósofo Paul Moser observa:

> Seria um Deus estranho e defeituoso que não representasse um problema sério de autoridade cósmica para os humanos. Afinal, parte do status de ser Deus é que Deus tem uma autoridade ou senhorio único sobre os humanos. Visto que nós, humanos, não somos Deus, o Deus verdadeiro teria autoridade sobre nós e procuraria corrigir nossos caminhos profundamente egoístas.14

Ao contrário das antigas divindades do Oriente Próximo, o Salvador das Escrituras (como o Aslam de Nárnia) não está seguro. Como um colega membro da igreja, Ellie, disse recentemente, ele é “um Deus chutador de traseiro”.

A versão atual da espiritualidade é inofensiva e não exige nada de nós. Uma mera força impessoal por trás de tudo não nos chama para o tapete por nossas ações. Podemos jogar com um panteão desses tipos de divindades. Por outro lado, o Deus vivo - um “caçador, rei, marido”, diz CS Lewis - está tentando chamar nossa atenção puxando o outro lado da corda de nossas vidas.15 Porque a vida não é sobre nós como o centro da realidade, Deus se torna o "Interferidor transcendental"16 e o cão do céu para ajudar nossas almas inquietas a finalmente encontrarem seu descanso nele.

Se levarmos Deus a sério, ele certamente bagunçará nossas vidas, nos deixará desconfortáveis e até mesmo nos desorientará. Afinal, podemos nos acostumar facilmente com nossas próprias agendas e ídolos egoístas. O ateu tem quase razão: os humanos regularmente fazem deuses à sua imagem. No entanto, o Deus bíblico não é o tipo que inventamos. Ele se recusa a ser manipulado por esquemas humanos. Ele nos deixa todos - incluindo seus verdadeiros devotos - desconfortáveis, o que no final é o que realmente precisamos para superar nosso egocentrismo. “Quem quiser salvar a sua vida, a perderá; mas quem perder a vida por minha causa, a encontrará ”(Mt 16:25).

Mesmo assim, esse Deus também se mostra um Deus que faz promessas e é digno de nossa confiança tenaz, apesar dos enigmas, desconfortos, tempestades e até horrores que possamos enfrentar. CS Lewis elogia esta “obstinação da fé”. Ele afirma que a confiança em um Deus pessoal (em oposição a uma mera proposição) "não poderia ter espaço para crescer, exceto onde também há espaço para dúvidas." Lewis vai mais longe ao dizer que o amor envolve confiar em um amigo além das evidências, às vezes até mesmo contra as evidências. Ele nos lembra que devemos dar o benefício da dúvida a um amigo, mesmo que o amigo possa apresentar um comportamento aparentemente intrigante e atípico. Por exemplo, se um amigo de confiança promete nos encontrar em algum lugar, mas não aparece, qual de nós "não se sentiria um pouco envergonhado se, um momento depois de havê-lo desistido, ele chegou com uma explicação completa de seu atraso? Devíamos sentir que devíamos tê-lo conhecido melhor. "!!

O deus que comanda

Alguns críticos argumentam que, porque Deus ordena a morte dos cananeus (uma ação específica em um contexto histórico específico para um propósito teológico específico), podemos generalizar: “a ação X é sempre permitida”. E, é claro, se você permitir isso, o terrorismo se torna permissível em nome de qualquer autoridade: “Allah disse isso; Eu acredito nisso; isso encerra tudo! " Este não é um raciocínio

muito bom, é claro, mas é muito comum quando se trata dos cananeuspergunta. A discussão anterior de Gênesis 22 (ver"Reflexões filosóficas sobre O Mandamento de Deus a Abraão " no capítulo 5) se sobrepõe à questão cananéia; você pode revisitar esse capítulo com os cananeus em mente. No entanto, aqui veremos as coisas de outro ângulo.

Se crianças são mortas por ordem de Deus, elas não são injustiçadas, pois serão compensadas por Deus na próxima vida. Então, por que não apoiar o infanticídio? Por que não matar todas as crianças para ter certeza de que estarão com Deus na vida após a morte? Essa questão comumente levantada pelos críticos não se segue, é claro, por pelo menos quatro razões:

1. No contexto da contínua revelação especial de Deus a Israel, Deus deu uma ordem irrepetível para um propósito específico, que as próprias Escrituras deixam claro; este comando não deve ser universalizado.
2. Visto que a vida pertence a Deus, qualquer dano causado devido a propósitos específicos em um contexto específico seria ofuscado pelos benefícios divinos na vida após a morte.
3. Embora a criança fosse para a presença de Deus, o assassino não apenas tirou a vida de outra pessoa, mas também pecou (principalmente) contra Deus (cf. Sl 51: 4).
4. O assassino é responsável pelas consequências de suas próprias ações - ou seja, tirar a vida de inocentes. Ele não é responsável por conceder vida celestial. O doador do benefício celestial não pode ser o agente humano, mas apenas o próprio Deus (outro agente).

Portanto, quando o assassino resolve o problema com as próprias mãos, ele está agindo presunçosamente. O assassino não está beneficiando a criança; ele está apenas prejudicando o bebê. O assassino traz apenas morte, não benefícios; é Deus quem concede o benefício da vida celestial. O assassino não é “responsável” por levar uma criança ao céu; ele não é aquele que concede o benefício altamente valorizado. O assassino não causa esses benefícios nem é responsável por eles.18

Em contraste, neste pior cenário, Deus ordena aos soldados israelitas que tirem a vida de alguns civis, incluindo crianças. Nessa circunstância especial, os soldados seriam instrumentos de levar a vida celestial a esses jovens. Dados os propósitos específicos de Deus, esse cenário seria diferente do infanticídio cometido por, digamos, Susan Smith, que amarrou os filhos no carro e o deixou rolar até o lago. Não, Smith não “deu” a seus filhos uma vida melhor no céu, afogando-os. Ela desafiou os

propósitos de Deus e pecou contra Deus e seus filhos.

Humanos e a Visão do Olho de Minhoca

O livro de Jó lança uma luz útil, lembrando-nos de que o quadro completo nem sempre está disponível para nós. Não estamos necessariamente na melhor posição para decifrar os propósitos de Deus. Como Jó, podemos ficar com uma lacuna intrigante entre o que claramente sabemos sobre Deus e o que parece ser uma exceção severa. (Os amigos de Jó certamente pensaram que tinham a perspectiva correta sobre "quando coisas ruins acontecem a pessoas boas".) Embora inocente, mas gravemente aflito, Jó não recebeu respostas para suas perguntas. E embora finalmente tenha recebido sua audiência com Deus, ele ainda recebeu nenhuma resposta à sua pergunta "por que". Embora perplexo como sempre, Jó obteve garantias da sabedoria de Deus, que ultrapassa em muito a nossa. Ele aprendeu que o caráter de Deus é confiável e sua presença suficiente,

Em 1997, minha família se envolveu em um grave acidente de carro em uma rodovia municipal na zona rural de Wisconsin. O outro motorista tentou evitar um cachorro e, em vez disso, atropelou nossa van. Peter, nosso segundo filho, tinha cinco anos na época. Ele foi ferido quando sua cabeça bateu na janela lateral, resultando em uma fratura do crânio e lacerações em várias camadas na testa. Ele precisou de várias cirurgias - e aplicações diárias de uma pomada pegajosa chamada Kelo-cote - para fazer sua testa voltar ao normal. Nossa última grande tarefa foi remover a bandagem pós-cirúrgica de Peter de sua testa com crostas, mas que cicatrizavam. (A experiência anterior nos disse que esta era uma operação de pelo menos duas pessoas.) Tínhamos falado sobre o evento como uma ocasião importante para comemorar. Mas Pedro gritou, chorou, resistiu e tentou fugir, como se estivéssemos tentando prejudicá-lo.

Sem dúvida, os filhos podem tirar todos os tipos de conclusões errôneas sobre seus pais "imorais" simplesmente porque não entendem o que seus pais estão fazendo. Os pais, para treinar seus filhos, podem parecer excessivamente rígidos quando insistem que os filhos se desculpem até quando não têm vontade. Os pais podem parecer tirânicos quando anulam a liberdade de um filho que por acaso está tomando todas as decisões erradas sobre amizades ou atividades duvidosas. Os pais podem fazer coisas que parecem totalmente incomuns aos filhos ou mesmo imoral, mas o problema será resolvido com mais informações ou com a maturidade dos anos e da experiência.19 A questão cananéia não poderia se encaixar nesta categoria?

Pense novamente em Frodo em O Senhor dos Anéis. Ele diz a seu amigo fiel: “Eu não posso fazer isso, Sam.” Mas Sam tenta colocar sua tarefa na perspectiva correta:

> Eu sei. Está tudo errado. Por direito, nem deveríamos estar aqui. Mas nós somos. É como nas grandes histórias, Sr. Frodo - aquelas que realmente importam. Cheios de escuridão e perigo, eles estavam. E às vezes você não queria saber o fim. Porque como o final poderia ser feliz? Como o mundo poderia voltar a ser como era quando tantas coisas ruins haviam acontecido? Mas no final, é apenas uma coisa passageira, essa sombra. Até a escuridão deve passar. Um novo dia virá. E quando o sol brilhar, ele brilhará mais claro. Essas foram as histórias que ficaram com você - isso significava algo - mesmo se você fosse muito pequeno para entender o porquê.20

Da mesma forma, podemos não estar na melhor posição para entender a natureza dos mandamentos de Deus com relação aos cananeus à luz de seus propósitos abrangentes. Talvez tenhamos mais visão de um verme do que gostaríamos de pensar. Conforme Isaías 55: 8-9 afirma: "'Pois os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos', declara o Senhor. 'Pois assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os seus e os meus pensamentos mais altos do que os seus pensamentos.' "

Várias estrofes do hino de William Cowper "Deus se move de maneira misteriosa" expressam muito bem a lacuna que existe entre Deus e nós — e como podemos perceber erroneamente o que Deus está fazendo:

> Não julgue o Senhor com fracos sentidos, mas confie nEle por sua graça; Por trás de uma providência carrancuda,
> Ele esconde um rosto sorridente.
>
> Seus propósitos amadurecerão rapidamente, Desdobrando-se a cada hora;
> O botão pode ter um gosto amargo, mas doce será a flor.
>
> A descrença cega com certeza errará
> E escaneie Sua obra em vão;
> Deus é Seu próprio intérprete,
> E Ele deixará isso claro.21

Jesus e o quadro maior

À medida que lutamos com questões difíceis do Velho Testamento, podemos ir além da perspectiva limitada de Jó para vislumbrar Deus com mais clareza, conforme revelado em Jesus. Na encarnação e morte expiatória de Cristo, vemos como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó cumpre seus desdobrados propósitos. Como os israelitas esperavam, Deus apareceu em cena, embora não da maneira que eles esperavam. Ele se rebaixou para compartilhar nossa sorte, suportando as tentações, injustiças, sofrimentos e crueldades da vida. No entanto, vemos a questão cananéia, o coração de Deus está preocupado com a redenção. Isso se torna especialmente evidente em quão baixo Deus estava disposto a ir para nossa salvação, morrendo nu na cruz, suportando o desprezo e a vergonha, e sofrendo o destino de um criminoso ou escravo. A canção

"This Must Be the Lamb", de Michael Card, retrata isso de maneira poderosa.22

Visto que Deus estava disposto a passar por tudo isso para nossa salvação, o cristão pode responder ao crítico: “Embora eu não possa resolver o problema dos cananeus de maneira ordenada, posso confiar em um Deus que provou sua disposição de ir a tais Comprimentos excruciantes — e profundidades — para oferecer aos humanos rebeldes reconciliação e amizade. "No entanto, devemos interpretar e responder a algumas das perguntas desconcertantes levantadas pelo Antigo Testamento, não devemos parar com o Antigo Testamento se quisermos uma revelação mais clara do coração e caráter de Deus.

No Novo Testamento, Deus redime seus inimigos por meio do ato de amor substitutivo, auto-sacrificial e vergonhoso de Cristo (Rom. 5:10). Embora um Deus punidor dos cananeus nos pareça incompatível com a graça e a compaixão, não podemos escapar de um Deus redentor que ama seus inimigos, não simplesmente seus amigos (Mt 5: 43-48). Com efeito, ele se deixa crucificar pelos inimigos na esperança de redimi-los: “Pai, perdoa-lhes; pois não sabem o que estão fazendo ”(Lucas 23:34).

Leitura Adicional

Goldingay, John. Teologia do Antigo Testamento: a vida de Israel. Vol. 3. Downers Grove,
IL: InterVarsity, 2009. Ver esp. indivíduo. 5, “Cidade e Nação”.

Hess, Richard S. "Guerra na Bíblia Hebraica: Uma Visão Geral." Em Guerra na Bíblia e Terrorismo no Século XXI, editado por Richard S. Hess e Elmer A. Martens. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2008 .

Wright, Christopher JH O Deus que não entendo. Grand Rapids: Zondervan, 2008.

—— —. Ética do Antigo Testamento e o Povo de Deus. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2006.

18

A raíz de todo o mal?

A religião causa violência?

No livro Terror in the Mind of God, de Mark Juergensmeyer, ele afirma que a religião é violenta por natureza. Como assim? Tende a “absolutizar e projetar imagens de guerra cósmica” — mesmo que o objetivo final de uma religião seja a paz e a ordem. Recomendação de Juergensmeyer? Injetar na religião os valores iluministas suavizantes de “racionalidade e jogo limpo”; isso ajudará a parar a violência e matança para produzir paz e harmonia neste mundo.1

Três anos antes, Regina Schwartz escreveu A maldição de Caim, desafiando o "legado violento do monoteísmo" (que inclui o judaísmo, o islamismo e o cristianismo). A crença em um Deus (monoteísmo) e reivindicações exclusivas de verdade andam de mãos dadas, o que supostamente leva para problemas para todos os outros. Aqueles que abraçam o "único Deus verdadeiro" irão rejeitar, odiar e remover todos os estranhos, que não aceitam seu Deus ou sua cosmovisão.2 Monoteísmo e reivindicações de verdade exclusivas criam uma mentalidade nós-eles: para preservar nossa identidade e pureza religiosa, eles devem ser removidos. Isso é o que Richard Dawkins quis dizer sobre o Deus de Israel estar obcecado com “sua própria superioridade sobre deuses rivais e com a exclusividade de sua tribo escolhida no deserto”.3

É por isso que Caim, cuja oferta foi rejeitada por Deus em favor de seu irmão Abel, se levantou e o assassinou. Da mesma forma, Deus injustamente escolheu o jovem Jacó em vez de Esaú, o que gerou conflito entre eles. Por razões semelhantes, os israelitas escolhidos acabaram matando os cananeus não escolhidos; Deus estava do lado de Israel, não dos cananeus. Alienação e assassinato são os resultados previsíveis

do monoteísmo. Portanto, não devemos nos surpreender com atos como os ataques terroristas de 11 de setembro - a mesma afirmação que os novos ateus fazem.4 A alternativa à religião coercitiva seriam os valores iluministas de tolerância que favorecem a diversidade e o pluralismo; esses valores dão boas-vindas generosas aos estrangeiros e não reprimem a criatividade.

Precisamos apenas de valores de iluminação?

Ao contrário, poderíamos argumentar que não precisamos de menos religião e de mais valores do Iluminismo. Ironicamente, a barbárie da Revolução Francesa do Iluminismo transformou a busca pela liberdade, igualdade e fraternidade em desumanidade e um pesadelo de crueldade. Como muitos argumentaram, institucionalizar o pluralismo e a diversidade na sociedade pode ter o efeito de excluir e eliminar a religião tradicional da conversa.

Bem compreendidos, na verdade precisamos de mais religião, não de menos. Mas precisamos do tipo certo de valores religiosos, não simplesmente qualquer coisa que se autodenomine religioso (pense em Jim Jones, David Koresh e jihadistas). Quando dada a devida consideração, uma cosmovisão verdadeiramente bíblica deve ter um lugar à mesa devido ao seu fundamento para a moralidade e sua influência positiva na formação da cultura, um ponto que exploraremos nos últimos capítulos. A fé bíblica realmente apóia a tolerância: apesar de nossas discordâncias, os seres humanos ainda são os portadores da imagem de Deus, e devemos buscar viver em paz com todos na medida em que formos capazes (Rom. 12:18). Ele apóia a diversidade: por causa da morte de Cristo, ele quebrou as paredes divisórias de raça, classe e gênero (Gl 3:28; Ef 2: 11-22). Enquanto o apóstolo Paulo fala sobre guerra, ele se refere à guerra espiritual em Efésios 6. Mas embora possamos deixar de lado o tópico de uma guerra justa (por exemplo, para impedir a agressão nazista), a guerra do cristão não requer armas terrenas (2 Coríntios 10: 4). O tipo de conquista que Paulo pede é vencer o mal com o bem (Rom. 12:21).

Portanto, não estamos falando sobre religião genérica, como se todas as religiões fossem iguais e que qualquer religião fosse tão prejudicial quanto a outra. Além disso, devemos perguntar se uma religião é verdadeira. Ela se enquadra e explica a realidade? Não devemos cometer o erro dos conquistadores assírios, que “falaram do Deus de Jerusalém como dos deuses dos povos da terra, obra das mãos dos homens” (2 Crônicas 32:19). estamos falando sobre mais religião, também estamos falando sobre uma que é verdadeira.

E quanto à afirmação de Schwartz de que o monoteísmo leva à violência? É difícil

ver como a unidade de Deus pode levar à violência por si mesma. Por um lado, Schwartz ignora as referências do Antigo Testamento à graça, compaixão, paciência e misericórdia de Deus (por exemplo, Êxodo 34: 6-7). O teólogo Miroslav Volf argumenta que, se alguém se livrar do monoteísmo, "a divisão e a violência entre 'nós' e 'eles' dificilmente desaparecem. '^ Aos olhos dos politeístas pagãos, romanos e adoradores de imperadores (isto é, adoradores de muitos deuses), os cristãos eram perseguidos como ateus: a crença em um Deus era próxima o suficiente. Ironicamente, os cristãos monoteístas foram escolhidos para serem atacados pelos religiosos que afirmam a diversidade no mundo mediterrâneo!

Além disso, a história (além das manchetes de amanhã) está repleta de tribos não necessariamente monoteístas guerreando umas contra as outras ou desse governo comunista atacando aquele grupo religioso. E por que o foco na religião em si? Por que não atacar a política e os abusos políticos da religião? E o tribalismo étnico que dá origem à hostilidade e à violência, como na ex-Iugoslávia? Por que não considerar fatores sociológicos e históricos complexos que contribuem para o conflito? Alienação, pobreza, impotência, racismo / tribalismo, estruturas de poder, rixas históricas e animosidade podem dar origem à raiva e depois à violência. A religião freqüentemente acaba sendo o rótulo usado para justificar a violência entre as partes em conflito.

Então, por que pensar que a religião é o único fator, toda a causa da culpa? Em vez de arrastar Deus para a situação para cobrir a raiz do (s) problema (s), devemos resistir à manipulação de Deus para nossos propósitos. E os efeitos positivos de uma religião? E se houver mais benefícios do que danos de uma religião em particular? A noção de que a religião causa violência ou dano geralmente obscurece uma complexidade de fatores envolvidos.

Raising Cain

E quanto ao problema de Schwartz com Caim? Deus não escolheu Abel às custas de Caim. Deus advertiu Caim de sua atitude pecaminosa, dizendo que ele deveria dominar o pecado que está "agachado à porta" (Gênesis 4: 7). Caim poderia ter oferecido um sacrifício aceitável se seu ressentimento se transformasse em humildade. Embora Caim ficasse irado e seu "semblante caísse" (4: 5-6), Deus o lembrou de que tal condição não era inevitável: "Se fizeres bem, não se levantará o teu semblante? ' (v. 7). Obviamente, Deus não favoreceu Abel às custas de Caim. Na verdade, mesmo depois que Caim matou Abel, Deus ainda concedeu uma graça protetora a Caim.

O mesmo se aplica a Jacó e Esaú. Embora Esaú não tenha recebido os direitos de herança, ele ainda se reconciliou com seu irmão trapaceiro no final da história (Gênesis 33: 4). Esaú teve sucesso enquanto Caim falhou. Deus não deve ser culpado em nenhum dos cenários. E quando se trata de Israel e das nações, a escolha de Deus por Israel não excluiu outras nações da salvação (por exemplo, Raabe, Rute, Nínive nos dias de Jonas). Na verdade, o desejo de Deus é incluir todos os que vierem a ele.

Mesmo dentro de Israel, Deus escolheu a tribo de Judá, por meio da qual o Messias davídico viria. Novamente, este foi um meio de trazer salvação aos judeus, mas também aos gentios. Só porque Deus escolheu trabalhar por meio de Judá, que tinha uma reputação manchada (Gênesis 37: 23-27; 38), não significa que José (um homem de fé e integridade) não poderia experimentar a salvação ou receber a bênção de Deus por meio confiança e obediência.

Além disso, considere como algumas pessoas são mais inteligentes, atléticas, artísticas ou de aparência agradável do que outras. Não temos igualdade perfeita aqui, exceto na dignidade e no valor de cada indivíduo. Sim, aqueles aparentemente menos dotados podem ficar ressentidos ou com ciúme daqueles aparentemente mais dotados, ou pode-se reconhecer as graças que recebeu e lidar construtivamente com as decepções. Na verdade, alguns dos supostos ativos de dinheiro, boa aparência ou inteligência podem na verdade ser obstáculos espirituais e fontes de orgulho e autossuficiência.

Pense na escritora de hinos cega Fanny Crosby (1820-1915). Quando ela tinha seis semanas de idade, um médico aplicou o medicamento errado - um cataplasma quente - em seus olhos inflamados, o que resultou em cegueira permanente. Em vez de ficar ressentida, ela jurou estar contente com sua sorte na vida. Ela escreveu alguns dos hinos mais edificantes cantados pelos cristãos, como “A Deus seja a glória, grandes coisas que ele fez” e “Jesus me mantenha perto da cruz”. Refletindo sobre sua cegueira, ela escreveu estas estrofes:

> Oh, que alma feliz eu sou, Embora eu não possa ver;
> Estou decidido que neste mundo ficarei contente.
> Quantas bênçãos eu desfruto,
> Que outras pessoas não;
> Chorar e suspirar porque sou cego, não posso e não irei.6

Os direitos de autoexclusão

O problema de Schwartz é que ela não levou a doutrina da Trindade a sério o

suficiente. O Deus Triúno — Pai, Filho e Espírito — não é uma divindade fechada em si mesmo. Ele graciosamente cria seres humanos para compartilhar sua vida, alegria e bondade. Deus é realmente humilde e centrado no outro, servindo suas criaturas e mostrando bondade para com todos (Mt 5:45). Uma característica distintiva central de Deus - e daqueles que levam seu governo a sério - é o amor pelos inimigos. Este não é o amor fácil de ser bom para aqueles que são bons para nós, mas o amor duro, corajoso e mais completo sobre todos os outros tipos de amor (Mt 5: 46-48).

Alguém pode objetar: "Não existe a doutrina do inferno, a exclusão final? Por que Deus não mostra hospitalidade absoluta com todos sem exclusão? Não é esta a alternativa verdadeiramente pacífica? " Miroslav Volf astutamente observa que a "hospitalidade absoluta" se torna difícil quando os perpetradores impenitentes se sentam com suas vítimas violadas e não curadas. Essa visão perversa da hospitalidade na verdade "entronizaria a violência porque deixaria os violadores inalterados e as consequências da violência não remediadas".7 O irmão mais velho na história do filho pródigo (Lucas 15) ficou com uma decisão: ele ficaria do lado de fora para ficar de mau humor e fazer beicinho, ou entraria para celebrar o retorno do irmão mais novo e, assim, mostrar honra ao seu amável pai?

O próprio inferno é o ato de autoexclusão de Deus, o ato final de auto-afirmação e controle. Se quisermos o divórcio de Deus, ele o concederá. O inferno não é uma câmara de tortura de fogo eterno. O inferno é, em última análise, um reino de auto-separação e quarentena da presença de Deus (2 Tessalonicenses 1: 9). Os seres espirituais (o diabo e seus anjos) terão a separação final de Deus que desejam. CS Lewis coloca desta forma:

> Eu pagaria qualquer preço para ser capaz de dizer com sinceridade: "Todos serão salvos". Mas minha razão retruca: "Sem a vontade deles, ou com ela?" Se digo "sem a vontade deles", imediatamente percebo uma contradição; como pode o ato voluntário supremo de auto-entrega ser involuntário? Se eu disser "Com a vontade deles", minha razão responde "E se eles não cederem?"8

Não, o problema não é religião, embora muitas ações de inspiração religiosa sejam certamente perversas e grotescas. No Antigo Testamento, vemos que Deus deseja incluir judeus e gentios, amigos e inimigos em seus propósitos de salvação. Quando chegamos ao Novo Testamento, esta visão de um povo de todos os grupos étnicos está finalmente sendo realizada.

Bem entendida, a fé cristã (e não alguma categoria genérica chamada religião), com sua doutrina da Trindade autocentrada e centrada nos outros, é na verdade um farol de esperança para a pacificação e reconciliação (Rom. 5: 6-11; Efésios . 2: 14-17). Alguns podem se recusar a participar e continuar o conflito, mas isso não é culpa da fé cristã.

E as Cruzadas?

Os críticos mencionam as Cruzadas como evidência da violência do Cristianismo. Podemos admitir prontamente que as Cruzadas, a Inquisição e as guerras religiosas da Europa foram uma tragédia, uma mancha na história da cristandade. Mas esses eventos refletem a essência do Cristianismo? Toda essa conversa de religião causando guerra levanta questões próprias. O que queremos dizer com religião? Cada religião que já existiu? Confucionismo, Budismo, Baha'i, Ciência Cristã, Testemunhas de Jeová? E a conexão religião-guerra pressupõe que a religião tenha pouca conexão com a verdade. Qualquer revelação divina única, autêntica e honesta nem mesmo está na tela do radar dos críticos. Nem é feita a pergunta: a violência está inserida nesta tradição religiosa em particular ou é totalmente inconsistente com essa religião em particular?

Aqueles que (com razão) criticam as Cruzadas como moralmente equivocadas, irão mais longe ao confundir as Cruzadas com a jihad islâmica. Fazer isso é um erro, e só posso esboçar aqui as generalidades.9 O termo árabe jihad significa "luta", que pode abranger a luta interna, intelectual ou moral, bem como a luta militante e violenta. No entanto, o entendimento islâmico mais tradicional da jihad é o tipo violento que caracterizou a extensão da história do Islã; há pouco apoio para a jihad como mera luta espiritual / interna.10

Mesmo se compararmos as Cruzadas com a jihad islâmica militante e agressiva, as Cruzadas parecem consideravelmente melhores:

As Cruzadas (1095-1291)	**Jihad no Islã**
As Cruzadas duraram cerca de duzentos anos.	A jihad já existe há mais de 1.300 anos.
As Cruzadas foram criticadas como o início do imperialismo.	As expedições imperialistas da jihad de Maomé começaram mais de quinhentos anos antes das Cruzadas.
As Cruzadas começaram como um esforço para recapturar dos muçulmanos terras antes ocupadas por cristãos.	A Jihad começou com a intenção de tomar território cristianizado nunca ocupado por muçulmanos, para estabelecer a umma (comunidade islâmica).
Jesus, em cujo nome as Cruzadas	Muhammad não só pregou a violência

foram combatidos, não ensinaram ou exemplificaram violência contra aqueles que recusaram sua mensagem.	contra os descrentes, mas também se engajou nele em mais de sessenta agressivas campanhas militares.
Os primeiros seguidores de Jesus e aqueles que escreveram o Novo Testamento não defendiam a violência. Em seus primeiros séculos, a fé cristã politicamente impotente se expandiu por meio de atos de amor e da comunicação das notícias transformadoras de Cristo.	O Alcorão inclui muitos textos militantes e agressivos. Após a morte de Muhammad, o Islã foi estendido por toda parte por meio da violência. Ele invadiu áreas anteriormente cristianizadas e regularmente representava uma ameaça à cristandade estabelecida (por exemplo, Espanha, França, Viena).

Considere os comentários de Bernard Lewis, o principal estudioso ocidental do Islã. Ele resume bem as diferenças significativas entre a jihad islâmica e as Cruzadas - apesar de ambas serem travadas como guerras sagradas contra inimigos infiéis pela verdadeira religião:

> A Cruzada é um desenvolvimento tardio na história cristã e, em certo sentido, marca um afastamento radical dos valores cristãos básicos expressos nos Evangelhos. A cristandade estava sob ataque desde o século VII e havia perdido vastos territórios para o domínio muçulmano; o conceito de guerra santa, mais comumente uma guerra justa, era familiar desde a antiguidade. Ainda assim, na longa luta entre o Islã e a cristandade, a Cruzada foi tardia, limitada e de duração relativamente breve. A Jihad está presente desde o início da história islâmica — nas escrituras, na vida do Profeta e nas ações de seus companheiros e sucessores imediatos. Ele continuou ao longo da história islâmica e mantém seu apelo até os dias atuais. A palavra cruzada deriva naturalmente da cruz [latim, crux] e originalmente denotava uma guerra santa pelo cristianismo. Mas no mundo cristão há muito perdeu esse significado. . . . Jihad também é usado em uma variedade de sentidos, mas, ao contrário da cruzada, manteve seu significado original e primário.11

Os críticos das Cruzadas ou da Inquisição estão certamente corretos ao dizer que o cristão não deveria advogar atrocidades ou execuções por heresia em nome de Jesus. E devemos perguntar aos críticos: “Por que selecionar esses eventos anticristãos como exposições A e B para a fé cristã, em vez de olhar para o exemplo e os ensinamentos do próprio Jesus, para não mencionar Francisco de Assis, Martin Luther King Jr., mãe Teresa, William Wilberforce e outros pacificadores cristãos? ”De fato, atrocidade e reinados teológicos de terror executados em nome de Jesus se opõem a tudo o que Jesus defendeu em seu ministério.

As Guerras de Yahweh no Antigo Testamento são como a Jihad Islâmica?

Embora eu aborde este tópico com mais detalhes em outro lugar,12 provavelmente deveríamos dizer algo sobre a acusação comum: "As guerras de Yahweh do Velho Testamento não são exatamente como a jihad islâmica militante?"

Devemos ter em mente que o Islã tradicionalmente dividiu o mundo em dois reinos: "a morada do Islã / paz" (dar al-Islam / salam), onde o Islã domina, e "a morada da guerra" (dar al-harb) , onde o governo do Islã deve ser estendido ─ pela guerra, se necessário. O Islã é um credo dominante. Tradicionalmente, a atitude muçulmana em relação aos não-muçulmanos tem sido governante versus governado, vencedor versus vencido. Na verdade, o antigo Islã nunca pensou em um muçulmano vivendo sob um governo não muçulmano.13

A guerra ofensiva e o esmagamento da oposição têm sido o coração do Islã desde o início. (1) Seu fundador Muhammad engajou-se em mais de sessenta campanhas militares; (2) o Alcorão contém muitas passagens duras, agressivas e militaristas; (3) desde a morte de Maomé, seus seguidores espalharam o Islã por meios violentos, muitas vezes conquistando vastos segmentos de territórios cristianizados; (4) a maioria dos países muçulmanos hoje (com exceção de Mali e Senegal) tem um histórico terrível de direitos humanos, e se a maioria dos muçulmanos desses países deseja encontrar liberdade política, ironicamente, eles devem se mudar para o Ocidente ao invés de permanecer em seu país da origem.

O estudioso judeu egípcio Bat Ye'or documentou exaustivamente a história da dhimmitude (a condição dos cristãos, judeus e outros não-muçulmanos [dhimmis] sob a lei islâmica) em áreas dominadas por muçulmanos. Qualquer tolerância muçulmana demonstrada aos não-muçulmanos sempre poderia dar lugar à jihad militante se o tributo (jizya) não fosse pago aos muçulmanos. Ye'or documenta minuciosamente a opressão e até “o extermínio aberto das populações cristãs e o desaparecimento da cultura cristã oriental. "14

O "mito da tolerância muçulmana", diz ela, não existia antes do século XX. Essa é uma criação moderna do Ocidente. Foi o resultado de dificuldades políticas e culturais, uma vez que potências colonizadoras como a Inglaterra e a França se retiraram do Norte da África e o Oriente Médio - sem a vontade de proteger as minorias cristãs ali. Toda uma literatura foi desenvolvida elogiando a tolerância muçulmana em relação aos judeus e cristãos; eles surgiram por razões econômicas (pense no petróleo!) e políticas. Não querendo balançar o barco, as potências retirantes preferiram um política pró-islâmica economicamente lucrativa.15 E embora o Alcorão declare: "Não haja compulsão na religião" (2: 256), a compulsão faz parte da mentalidade muçulmana desde o início. Isso não é negar a presença de muitos amantes da paz Muçulmanos em todo o mundo; eu mesmo vim fazer amizade com muitos deles ao longo dos anos. Podemos ser muito gratos por essa paz-

muçulmanos orientados, embora talvez mais deles possam falar com mais força contra a violência praticada em nome do Islã.

O que então devemos fazer com a comparação entre a jihad islâmica e as guerras de Yahweh aprovadas no Antigo Testamento? Aqui está uma breve visão geral das principais diferenças:

	Guerra do Senhor no Antigo Testamento	**Jihad Islâmica**
Geografia	A guerra foi geograficamente limitada à Terra Prometida.	Não há limitações geográficas para a jihad. O mundo não muçulmano é a "morada da guerra".
Histórico Comprimento / Limite	Essa guerra foi limitada principalmente a uma geração (na época de Josué), embora conflitos menores continuassem com inimigos persistentes de Israel.	Não há limitações históricas / temporais para a jihad.
Objetos de Guerra	A guerra era para punir uma cultura irremediavelmente corrompida (moral e teologicamente), não porque eles fossem não israelitas ou mesmo porque não adorassem a Yahweh. Essa punição veio depois de um período de mais de quatrocentos anos, quando o pecado dos cananeus havia amadurecido completamente (Gênesis 15:16).	A agressão / guerra é dirigida a não-muçulmanos (incluindo cristãos e judeus - "o povo do livro").
Objetos de Amor de Deus	Yahweh ama até mesmo seus inimigos / aqueles que não o amam (cf. Gn 12.3; Jonas). Seu plano redentor abrange os inimigos tradicionais de Israel (Babilônia, Assíria, Egito) e os incorpora ao povo de Deus.	Deus ama apenas aqueles que o amam e obedecem.
Padrão de	A natureza compassiva e graciosa de Deus é	O Alcorão enfatiza Deus como pura vontade (como

Moralidade a fonte dos mandamentos de Deus.

oposta a uma natureza moralmente boa), que comanda o que quiser.

A religião causa violência? A religião é perigosa? Dizer sim a essas perguntas seria uma generalização grosseira. Por um lado, essa visão falha em levar em conta muitas variações dentro de todas as religiões tradicionais do mundo, algumas das quais são razoavelmente domesticadas e não ameaçadoras. Em segundo lugar, aqueles que apóiam essa noção deixam de perguntar se os textos militantes em certos livros sagrados são normativos e permanentes ou únicos e não repetíveis. Terceiro, essa suposição não distingue entre a essência de uma religião e os trágicos abusos cometidos por seus praticantes. Quarto, não considera a verdade na religião - que algum ponto de vista religioso pode realmente ser verdadeiro e, portanto, seus concorrentes errariam se discordassem da verdade. Finalmente, a visão de que a religião é perigosa porque exclui outras visões é em si mesma incoerente. Isso nos deixa pensando,

Leitura Adicional

Copan, Paul. Quando Deus Vai para a Starbucks: Um Guia para a Apologética Diária. Grand Rapids: Baker, 2008.

Volf, Miroslav. “Christianity and Violence.” In War in the Bible and Violence in the Twenty-First Century, editado por Richard S. Hess e Elmer A. Martens. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2008.

Sim, Bat. Islam and Dhimmitude: Where Civilizations Collide. Teaneck, NJ: Farleigh Dickinson University Press, 2002.

PARTE 4

Nitidez o foco moral

19

Moralidade sem um Deus legislador?

A Divina Fundação da Bondade

Christopher Hitchens lança o desafio: “Eu desafio você, ou qualquer pessoa, a citar mais um ato que eu não faria, a menos que eu ... me tornasse um cristão”.1 Sam Harris escreve sobre o "mito do caos moral secular" — ou seja, a moralidade e a ordem social não precisam de Deus ou da religião como base. Afinal, há muitos ateus morais e muitos devotos religiosos imorais. Ele rejeita a noção que estuprar ou matar crianças é errado só porque Deus assim o diz.2

Da mesma forma, Daniel Dennett desafia a noção de que a bondade se opõe ao materialismo científico: “Não há razão alguma para que uma descrença na imaterialidade ou imortalidade da alma torne uma pessoa menos cuidadosa, menos moral, menos comprometida com o bem-estar de todos na Terra do que alguém que acredita no 'espírito'. “Ele acrescenta que um“ bom materialista científico ”pode estar tão preocupado com“ se há abundância de justiça, amor, alegria, beleza, liberdade política e, sim, até mesmo liberdade religiosa ”quanto o“ profundamente espiritual ”. Na verdade, aqueles que se autodenominam espirituais podem ser “cruéis, arrogantes, egocêntricos e totalmente despreocupados com os problemas morais do mundo”. 3

Em seu documentário anti-religioso da BBC, The Root of All Evil? Richard Dawkins insiste que bondade, generosidade e bondade podem ser encontradas na natureza humana e que o darwinismo explica isso. Como? Temos genes altruístas. Estamos geneticamente programados para coçar as costas de outra pessoa. Em outras palavras, os genes criam moralidade; Deus ou a religião não. Nós, humanos, temos uma consciência moral e uma empatia mútua em constante evolução.4

A mensagem de todos esses ateus é alta e clara: as pessoas podem ser morais sem acreditar em Deus. Um exame mais cuidadoso revela que os novos ateus estão certos

em um nível, mas errados em outro.

Uma questão de consistência?

Embora acusando Yahweh de ser um monstro moral, Dawkins tem seu próprio problema: ele declarou abertamente a negação da própria existência do mal e da bondade.

> Se o universo fosse apenas elétrons e genes egoístas, tragédias sem sentido. . . são exatamente o que deveríamos esperar, junto com boa sorte igualmente sem sentido. Tal universo não seria mau nem bom na intenção. . . . O universo que observamos tem precisamente as propriedades que deveríamos esperar se não houver, no fundo, nenhum projeto, nenhum propósito, nenhum mal e nenhum bem, nada além de indiferença cega e impiedosa.5

Em A Devil's Chaplain, ele afirma: “A ciência não tem métodos para decidir o que é ético. Isso é um assunto para os indivíduos e para a sociedade. '6 Se a ciência sozinha nos dá conhecimento, como afirma Dawkins, então como ele pode considerar as ações de Deus imorais ou a religião a raiz de todo mal? Como veremos, Dawkins está se ajudando com os recursos metafísicos de uma visão de mundo que ele repudia.

Saber vs. Ser

Vamos ser claros: os novos ateus estão absolutamente certos de que não precisamos acreditar em Deus ou seguir a Bíblia para ter um conhecimento geral do que é certo e errado. Como os teístas, os ateus foram feitos à imagem de Deus e podem reconhecer os mesmos tipos de virtudes e comportamentos, que os próprios ateus gostam de apontar. Tendo sido feitos à imagem divina, fomos projetados para funcionar adequadamente, vivendo de maneira moral. Portanto, se levarmos nossa consciência a sério (como vemos os gentios deveriam ter feito em Amós 1—2), podemos acertar muitas coisas moralmente. Aqueles que negam que a gentileza é uma virtude ou que torturar bebês para se divertir é errado não precisam de discussão; eles precisam de ajuda psicológica e espiritual! Eles estão sofrendo de mau funcionamento moral. Quando as pessoas me dizem: “Bem, os terroristas do 11 de setembro acreditavam sinceramente que estavam fazendo o que era certo. 'Eu respondo:' Muitas pessoas em enfermarias psiquiátricas acreditam sinceramente que são Alexandre, o Grande, Júlio César ou Napoleão Bonaparte! ' Sinceridade não é necessariamente uma indicação de função adequada.

Alguns ateus dirão que sabemos que o estupro é errado porque viola os direitos da vítima e destrói o tecido social. O problema com o ateísmo moral, porém, é que ele não vai longe o suficiente. Observe como os ateus que acreditam no verdadeiro certo

e errado dão um enorme salto de fé intelectual. Eles acreditam que de alguma forma os fatos morais foram eternamente parte do "mobiliário" da realidade, mas que do lodo impessoal e sem valor, pessoas humanas possuidoras de direitos, dignidade, valor e deveres foram eventualmente produzidas. Essas verdades morais estavam "antecipando" a evolução moral seres humanos valiosos que teriam o dever de obedecê-los. Sim, os ateus podem saber que o estupro é errado, mas isso não é surpresa se eles foram feitos à imagem de Deus, a quem eles se recusam a reconhecer.7 O problema não é saber; é um de ser.

Vamos mudar o cenário de um estupro na rua para o uso de uma droga de estupro em uma festa. Querendo conseguir o que deseja, um jovem coloca esta droga na bebida de uma mulher desavisada. Suponha que ele seja bom o suficiente para tomar certas precauções para que não haja consequências óbvias para suas ações. A mulher acorda mais tarde sem saber a diferença. Por que esse ato ainda é tão repugnante? Afinal, a mulher não sabe de nada, o cara teve o seu prazer e ninguém sabe disso. E por que Dawkins deveria estar indignado com tal ação? Afinal, como diz Dawkins, os seres humanos simplesmente “dançam” ao som de seu DNA.8 Se houver um desvio da bondade e generosidade geneticamente produzidas, isso não é verdadeiramente imoral; é apenas uma falha genética.

É errado estuprar uma garota - quer ela saiba o que está acontecendo ou não - porque ela tem dignidade e direitos intrínsecos. Pelo mesmo motivo, é errado zombar e insultar os deficientes mentais, mesmo que eles não pareçam ser feridos por esses ataques verbais. De onde então vêm a dignidade e os direitos em um mundo de elétrons e genes egoístas? A doutrina da imagem de Deus apóia nossas intuições mais fortes de que os humanos não são objetos para usar e abusar, mas pessoas que devem ser respeitadas e tratadas com justiça perante a lei.

Pessoas intrinsecamente valiosas e pensantes não vêm de processos impessoais, inconscientes, não guiados e sem valor ao longo do tempo. Um Deus pessoal, autoconsciente, proposital e bom fornece o contexto tão necessário que um universo sem Deus simplesmente não consegue. Personalidade e moralidade estão necessariamente conectadas; os valores morais estão enraizados na pessoalidade. Sem Deus (um Ser pessoal), nenhuma pessoa - e, portanto, nenhum valor moral - existiria. Somente se Deus existe, as propriedades morais podem ser realizadas.

Alguns ateus alegarão que os valores morais estão "simplesmente lá" - verdades necessárias que fazem parte da mobília do universo. Se for esse o caso, como acabamos de observar, que coincidência cósmica colossal de que essas leis morais estivessem de alguma forma antecipando o eventual surgimento de criaturas morais que teriam o dever de obedecer a essas leis. A existência de Deus e a criação dos

humanos dão melhor sentido à conexão entre padrões morais genuínos e universais (enraizados na natureza de Deus) e dignidade e valor humanos.

Mesmo os sistemas éticos seculares - sejam variações nas visões éticas dos filósofos Aristóteles ou Kant ou talvez alguma visão do contrato social - podem afirmar muitas verdades que os crentes em Deus afirmam. Esses sistemas podem concordar que devemos cumprir certas obrigações morais ou cultivar certas qualidades de caráter. Mesmo assim, esses sistemas ainda estão incompletos porque não oferecem uma base para a dignidade e o valor humanos.

O Desafio Hitchens

E o desafio de Hitchens? Podemos citar uma virtude moral em um cristão que um ateu como Hitchens não tem? Sim! Que tal não honrar a Deus ou agradecê-lo (Rom. 1:21)? O que dizer do pecado da autossuficiência humana e da recusa em se submeter à autoridade de Deus (Salmo 2)? E quanto ao fato de Hitchens desprezar a oferta de salvação de Deus ou sua recusa em depender da graça de Deus (Mt 23:37)? Se os dois grandes mandamentos são amar a Deus plenamente e amar o próximo como a si mesmo, e Hitchens é tão bom quanto diz que é, então ele ainda é reprovado em 50 por cento. Ele rejeitou o "grande e principal mandamento" (Mt 22: 38-39).

Eu me pergunto se Hitchens se preocupa com as coisas; ele não está interessado em lançar suas preocupações sobre Aquele que cuida dele (1 Pedro 5: 7). Hitchens ama seus inimigos e faz o bem a eles (Mt 5:44)? Ele toma o nome de Deus em vão (Êxodo 20: 7)? Ele perdoa os outros conforme lhe foi oferecido perdão (Ef 4:32)?

Talvez possamos dar um passo adiante. Guenter Lewy, o cientista político agnóstico que lecionou na Universidade de Massachusetts, observou que existem algumas virtudes morais que o ateísmo provavelmente não produzirá:

> Os adeptos de uma ética [naturalista] provavelmente não produzirão um Dorothy Day ou uma Madre Teresa. Muitas dessas pessoas amam a humanidade, mas não os seres humanos individuais com todas as suas falhas e deficiências. Eles serão encontrados participando de manifestações por causas como o desarmamento nuclear, mas não sentados ao lado do leito de um moribundo. Uma ética de autonomia moral e direitos individuais, tão importante para os liberais seculares, é incapaz de sustentar e nutrir valores tais
>
> como altruísmo e auto-sacrifício.9

Ao longo dessas linhas, o escritor cristão Malcolm Muggeridge escreveu que passou muitos anos na Índia e na África, onde testemunhou "muitos esforços justos empreendidos por cristãos de todas as denominações". Em contraste, "nunca, na verdade, me deparei com um hospital ou orfanato administrado pela Sociedade Fabiana ou uma colônia de leprosos humanista. "10 Mesmo se considerarmos tais

empreendimentos de auto-sacrifício moralmente louváveis e até heróicos, eles não parecem ser biologicamente vantajosos.

A evolução naturalística pode explicar a moralidade?

Dawkins afirma que a bondade e a generosidade estão enraizadas em nossos genes. Desenvolvemos uma consciência de moralidade que prova ser biologicamente benéfica. Embora eu vá em mais detalhes sobre essa questão em outro lugar, deixe-me oferecer algumas respostas aqui.

Por que confiar em nossos genes?

Se não somos nada mais do que produtos da evolução naturalística tentando lutar, alimentar, fugir e reproduzir, por que confiar nas convicções de nossas mentes - seja sobre verdade ou moralidade? Se estamos apenas dançando para o nosso DNA - sobre o qual não temos absolutamente nenhum controle - como saberemos que estamos certos sobre qualquer coisa? Estaríamos acidentalmente certos, mas isso não pode ser chamado de conhecimento. Como Charles Darwin meditou, “comigo a terrível dúvida sempre surge se as convicções da mente do homem, que se desenvolveu a partir da mente dos animais inferiores, têm algum valor ou são de alguma forma confiáveis. Alguém confiaria nas convicções da mente de um macaco, se houver alguma convicção em tal mente? "11

Podemos acidentalmente acreditar em coisas verdadeiras que nos ajudam a sobreviver. Mas também podemos ter muitas crenças falsas que nos ajudam a sobreviver. Por exemplo, podemos estar programados para acreditar que os humanos são valiosos e têm direitos ou que temos deveres morais a cumprir. Essas crenças podem nos ajudar a sobreviver como espécie, mas seriam completamente falsas.

O processo evolutivo naturalista está interessado na aptidão ou sobrevivência, não na crença verdadeira. Portanto, não apenas a moralidade objetiva é prejudicada, mas também o pensamento racional. De acordo com os evolucionistas ateus Michael Ruse e EO Wilson, a moralidade é uma "ilusão corporativa" que foi "enganada por nossos genes para nos fazer cooperar".12 Achamos que realmente devemos amar as crianças, mas estamos errados ao concluir que o certo e o errado realmente existem. Essa ilusão de que temos deveres morais é convincente e forte. Sem ele, ignoraríamos ou desobedeceríamos nossos impulsos morais. No entanto, ter inclinações morais é muito diferente de ter deveres morais, o que nos leva ao próximo ponto.

Mudando de "É" para "Ought"

De acordo com o cético Michael Shermer, que Dawkins cita com aprovação,

perguntar "Por que devemos ser morais?" É como se perguntar "Por que deveríamos estar com fome ou com tesão?" Shermer insiste que “a resposta é que ser moral é tão parte da natureza humana quanto ter fome, tesão, ciúme e estar apaixonado”.13 Essas unidades são embutidas em nós pela evolução. Mas, como CS Lewis observou, os impulsos morais, dadas essas condições de instalação, não são mais verdadeiros (ou falsos) “do que um vômito ou um bocejo”.14 Pensar "eu devo" está no mesmo nível de "estou com coceira". Na verdade, “meu impulso de servir à posteridade é exatamente o mesmo que minha predileção por queijo” ou prefere cerveja suave ou amarga.15

Na verdade, tudo o que Shermer pode fazer é descrever como os seres humanos realmente funcionam, mas não pode prescrever como os humanos devem se comportar. Não há diferença entre se devo ser moral e se devo estar com fome, uma vez que ambos são funções do cabeamento evolutivo. Esses estados simplesmente são.

Se, por outro lado, os humanos são feitos à imagem de Deus e têm valor desde o início, então não temos que nos perguntar como passar do "é" da natureza para o "dever" da obrigação moral genuína . Um Ser extremamente valioso está no cerne da realidade; nenhum problema é ou deve existir se o teísmo for verdadeiro.

Moralidade Arbitrária

Ruse e Wilson relatam que em vez de evoluir de "primatas que vivem na savana", nós, como os cupins, poderíamos ter evoluído na necessidade de "habitar na escuridão, comer uns dos outros [resíduos] e canibalizar os mortos". Se fosse este o caso, nós “exaltaríamos tais atos como belos e morais” e “acharíamos moralmente nojento viver ao ar livre, jogar fora os dejetos do corpo e enterrar os mortos”.16 Portanto, nossa consciência de moralidade (“um senso de certo e errado e um sentimento de obrigação de ser assim governado”) é de “valor biológico”, serve como “um auxílio para a sobrevivência” e “não tem existência além disso”.17 A moralidade naturalista é arbitrária e poderia ter se desenvolvido em direções opostas. Acontece que admiramos a moralidade que a evolução nos transmitiu, mas poderíamos estar cantando louvores à moralidade oposta pelas mesmas razões: dançamos para o nosso DNA.

Para ilustrar melhor, considere o livro A Natural History of Rape, com co-autoria de um biólogo e um antropólogo.18 O resultado do livro é que o estupro pode ser explicado biologicamente: quando um macho não consegue encontrar uma companheira, seu impulso subconsciente para reproduzir sua própria espécie o faz forçar uma fêmea. Afinal, tais atos acontecem no reino animal com, digamos, patos

selvagens machos ou moscas-escorpião. Os autores não defendem o estupro; na verdade, eles afirmam que os estupradores não são desculpados por seu (mau) comportamento. Mas se o impulso do estupro está embutido na natureza humana desde a antiguidade e confere uma vantagem biológica, como os autores podem sugerir que esse comportamento deve ser eliminado? A resistência dos autores ao estupro, apesar de sua naturalidade, sugere valores morais objetivos que transcendem a natureza. Uma ética enraizada na natureza parece nos deixar com uma moralidade arbitrária. O teísmo, por outro lado, começa com valor; o abismo é-deveria ser facilmente transposto.

Novamente, é difícil ver como o naturalista / ateu pode passar de processos materiais, sem valor e inconscientes, para a produção de seres humanos valiosos e com direitos. Da falta de valor, vem a falta de valor. A matéria não tem capacidade de produzir valor. Os livros de física não incluem bondade ou mesmo consciência em suas tentativas de definição da matéria.

Em contraste, a hipótese de Deus não nos força a dar um grande salto da falta de valor para o valor. Em vez disso, começamos com valor (o bom caráter de Deus) e terminamos com valor (humanos portadores da imagem divina com responsabilidade moral e direitos). Um bom Deus efetivamente preenche o abismo entre o que é e o que deve ser. O valor existe desde o início; está enraizado em um Deus bom e autoexistente. Portanto, apesar de todas as suas críticas à religião, os novos ateus ainda carecem dos fundamentos morais para justificar a crítica moral genuína do teísmo, nem pode o ateísmo verdadeiramente fundamentar o valor moral ou a dignidade e o valor humanos.

Leitura Adicional

Copan, Paul. "Deus, o naturalismo e os fundamentos da moralidade." In The Future of Atheism: Alister McGrath e Daniel Dennett in Dialogue, editado por Robert Stewart. Minneapolis: Fortress Press, 2008.

——— ———. "True for You, but Not for Me": Superando Objeções Comuns à Fé Cristã. 2ª ed. Minneapolis: Bethany House, 2009.

Copan, Paul e Mark D. Linville. O argumento moral. Nova York: Continuum Press, a ser publicado.

Lebre, John. Por que se preocupar em ser bom? O Lugar de Deus na Vida Moral. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2002.

20

Nós fomos além
Este Deus (não temos?)

Jesus como o cumpridor do Antigo Testamento

Os presentes dos judeus

Em 16 de fevereiro de 1809, John Adams escreveu uma carta a FA Vanderkemp na qual ele insistia que "os hebreus fizeram mais para civilizar o homem do que qualquer outra nação." Não apenas suas leis ajudaram a trazer uma influência civilizadora às nações, mas eles preservou e propagou para a humanidade “a doutrina de um soberano supremo, inteligente, sábio e onipotente do universo, que acredito ser o grande princípio essencial de toda moralidade e, conseqüentemente, de toda civilização”.]

Em seu livro fascinante The Gifts of the Judeus, Thomas Cahill reforça esse argumento. Essa antiga tribo nômade do deserto ajudou a apresentar à humanidade um senso de história - passado, presente e futuro - e a ideia de que a história está indo para algum lugar, que tem um propósito.2 Para os mesopotâmicos, egípcios e outros povos antigos, o tempo era cíclico - o mesmo de sempre. Poderíamos dizer o mesmo sobre muitas filosofias e religiões orientais hoje; eles defendem a doutrina do carma com seus ciclos de reencarnação de nascimento, morte e renascimento.

Além do mais, o Antigo Testamento revela um Deus que tem um plano global (cósmico) e que envolve os humanos como participantes da formação da história nesse plano. Sim, os humanos são importantes. As genealogias do Antigo Testamento refletem o importante papel que os humanos desempenham no desdobramento dos propósitos de Deus.

Além disso, os judeus introduziram um monoteísmo robusto. Em vez de ser apenas

um deus em um panteão de outros ou apenas uma divindade regional, Yahweh era / é a única divindade que importa. Na verdade, ele é o único que existe. Junto com isso, os judeus introduziram uma nova maneira de experimentar a realidade. Existe um ser divino que regularmente, pessoalmente, envolve os humanos, cujas escolhas realmente fazem a diferença. A tomada de decisão humana tem grande significado, e Deus entrelaça essas escolhas em seus planos abrangentes. Não somos peões do destino ou à mercê dos caprichos dos deuses. Por outro lado, os humanos não são tão poderosos a ponto de manipular Deus para cumprir suas ordens. Esses temas são alguns dos presentes dos judeus para o resto do mundo.

Os dons dos cristãos

Ações horrendas e anticristãs foram realizadas em nome de Cristo: as Cruzadas, a Inquisição, a caça às bruxas ou a luta entre católicos e protestantes na Europa podem ser citadas. Não que Jesus queira ser identificado com esse tipo de fanatismo religioso. Muitas coisas podem ser feitas em nome de Deus que o levam a ser "blasfemado entre os gentios" (Rom. 2:24).

O problema com a afirmação de Christopher Hitchens de que "a religião envenena tudo" é que ela é vaga e extrema. O termo religião na literatura existente é notoriamente vago e difícil de definir. E se Dennett e Hitchens sugerem que Stalin era de alguma forma "religioso", então, neste ponto, levantamos as mãos em perplexidade. A afirmação de Hitchens sobre a influência nociva da religião também é extremada em sua distorção. A religião envenena tudo e não traz nenhum benefício? Os ateus mais ponderados e sofisticados discordariam veementemente. Como responde o filósofo ateu Walter Sinnott-Armstrong, esse slogan religião-envenena-tudo é "impreciso e insultuoso". Ele aconselha os ateus a não aplaudir ou rir das piadas de Hitchens, nem devem permanecer em silêncio. Para Sinnott-Armstrong, Hitchens ' A crítica da religião é "como um parente senil 'que está constantemente fazendo" afirmações bizarras'; sua avaliação não é justa nem muito esclarecedora.3

Ironicamente, as granadas morais dos novos ateus lançadas contra a fé cristã em nome da moralidade são, na verdade, historicamente fundamentadas na própria fé que criticam. Os historiadores documentaram que os valores dos direitos humanos, tolerância, justiça social e reconciliação racial são o legado da fé cristã, não alguns ideais seculares do Iluminismo. Apesar de todas as suas falhas, a igreja cristã desempenhou um papel importante em trazer enormes benefícios à civilização. Muitas vezes esse impacto foi inspirado pela devoção a Cristo, que transborda em

amor ao próximo para a glória de Deus.

Essas conquistas documentadas incluem o seguinte:4

- Erradicação da escravidão: à medida que a fé cristã se espalhava pela Europa bárbara após a queda de Roma, a prática da escravidão diminuiu. A escravidão virtualmente morreu na Europa na Idade Média, quando a Europa estava bem cristianizada. Quando a escravidão reapareceu, foi fortemente combatida por crentes dedicados entre os menonitas e quacres, bem como por líderes cristãos como o teólogo Richard Baxter, John Wesley e William Wilberforce.
- Opor-se ao infanticídio e resgatar crianças da exposição: Essa prática, comum entre gregos e romanos, foi proibida no século IV, sob a influência dos cristãos.
- Eliminando jogos de gladiadores: esses jogos brutais geralmente envolviam escravos e criminosos. Eles foram proibidos no final do século IV no Oriente e no início do século V no Ocidente.
- Construindo hospitais e hospícios: Ao contrário dos gregos e romanos, os primeiros cristãos preocupavam-se com os cuidados de saúde, cuidando dos doentes e moribundos. Depois que a fé cristã se tornou oficial no império, esse ministério se expandiu consideravelmente. O Concílio de Nicéia (325 dC) comissionou os bispos a estabelecer cuidados paliativos em todas as cidades onde existisse um prédio de igreja. O primeiro hospital foi construído sob São Basílio em Cesaréia (369). Na Idade Média, os hospitais existiam em toda a Europa. (Pense também em Florence Nightingale, a fundação da Cruz Vermelha e assim por diante.)
- Elevando o status / direitos das mulheres: embora as feministas afirmem que os cristãos a fé rebaixa as mulheres e as mantém sob controle, a história mostra o contrário. Embora as mulheres tenham sido oprimidas rotineiramente na maioria das culturas, vemos algo diferente no tratamento de Jesus às mulheres (por exemplo, a mulher samaritana em João 4, ou Maria e Marta em Lucas 10: 38-42). O Evangelho de Lucas destaca o lugar proeminente das mulheres na vida e ministério de Jesus. Os primeiros cristãos protegiam rotineiramente as mulheres e crianças da negligência e do abuso.
- Fundação das grandes universidades da Europa e da América do Norte: Sorbonne, Oxford, Harvard, Yale e Princeton são algumas das muitas universidades notáveis estabelecidas para a glória de Deus. Na Europa, muitas universidades surgiram de mosteiros medievais; na América, as

primeiras e mais notáveis universidades começaram como instituições para treinar pastores e missionários.

- Escrevendo obras extraordinárias da literatura: a literatura notável dos cristãos inspirados por sua fé varia de Cidade de Deus de Agostinho e História Eusébio de Eusébio à Comédia de Dante e Paraíso Perdido de John Milton às obras de JRR Tolkein, CS Lewis, Flannery O'Connor e Aleksandr Solzhenitsyn.
- Envolvendo-se / escrevendo sobre filosofia e teologia e a vida da razão: alguns dos principais representantes incluem Agostinho, Anselmo, Tomás de Aquino, Blaise Pascal, S0ren Kierkegaard e Jonathan Edwards. Hoje, organizações como a Sociedade de Filósofos Cristãos e a Sociedade Filosófica Evangélica atestam essa tradição contínua.
- Criando belas obras-primas de arte, escultura e arquitetura: pense em Michelangelo, Rembrandt van Rijn, Peter Paul Rubens ou as catedrais bizantinas e góticas.
- Estabelecendo a ciência moderna: A ciência moderna tem suas raízes na convicção bíblica de que o mundo foi criado por um Deus racional. Por esse motivo, era ordenado e previsível, e podia ser estudado e compreendido por mentes humanas. Podemos citar Isaac Newton, Galileo Galilei, Nicholas Copernicus, Johannes Kepler, Michael Faraday, William T. Kelvin, Robert Boyle, Anton Lavoisier e muitos outros.
- Compondo música brilhante: as obras de Johann Sebastian Bach, Georg F. Handel, Felix Mendelssohn e Franz Joseph Haydn falam por si.
- Defender os direitos humanos, a democracia, as liberdades políticas, a preocupação com os pobres: esses temas estão enraizados nos ideais bíblicos de que todos os seres humanos são feitos à imagem de Deus, têm dignidade e valor e são iguais perante a lei.

É difícil exagerar o impacto que Jesus de Nazaré teve na história e nas incontáveis vidas impactadas pela vida e ensinamentos desse homem - na verdade, o poder transformador de sua cruz e ressurreição. O historiador Jaroslav Pelikan observou que pela mudança do calendário (para AC e DC de acordo com “o ano de nosso Senhor”) e outras formas, “todos são compelidos a reconhecer que por causa de Jesus de Nazaré a história nunca mais será a mesma. "5

Dawkins está muito errado ao afirmar que a fé cristã - como o Islã - foi espalhada pela espada.6 Se ele desse uma olhada honesta na história cristã, ele teria que reconhecer que o primeiro movimento cristão foi um dos politicamente e socialmente desprovidos de poder. Este movimento foi inicialmente chamado de "o Caminho"

(Atos 19: 9, 23; 22: 4; 24:14, 22) em honra de seu Salvador (João 14: 6), e muitas vezes reunia para si escravos e membros da Nos primeiros três séculos, a Igreja cresceu por atos de amor e misericórdia e pela proclamação da Boa Nova de Jesus. As guerras santas não tinham lugar neste movimento não violento.

Rodney Stark - o respeitado gorila de quatrocentos e quilos entre os sociólogos - mostra em seu livro The Victory of Reason como o "sucesso do Ocidente, incluindo o surgimento da ciência, se baseou inteiramente em fundamentos religiosos, e as pessoas que o criaram foram Cristãos devotos. '?Mas não acredite apenas na palavra de um sociólogo cristão. Jurgen Habermas é um dos filósofos mais proeminentes da Europa hoje. Outro fato sobre Habermas: ele é um ateu convicto. No entanto, ele destaca o fato histórico inevitável de que a fé bíblica foi a profunda influência na formação da civilização. Considere cuidadosamente sua avaliação:

> O cristianismo funcionou para a autocompreensão normativa da modernidade como mais do que apenas um precursor ou catalisador. O universalismo igualitário, do qual surgiram as idéias de liberdade e solidariedade social, de uma conduta autônoma de vida e emancipação, a moralidade individual da consciência, os direitos humanos e a democracia, é o herdeiro direto da ética judaica da justiça e da ética cristã do amor. Esse legado, substancialmente inalterado, tem sido objeto de contínua apropriação e reinterpretação crítica. Até hoje, não há alternativa para isso. E à luz dos desafios atuais de uma constelação pós-nacional, continuamos a nos basear na substância dessa herança. Todo o resto é apenas conversa pós-moderna ociosa.8

Nas palavras do estudioso de direitos humanos Max Stackhouse, “A honestidade intelectual exige o reconhecimento do fato de que o que passa como 'secular', os princípios 'ocidentais' de direitos humanos básicos não se desenvolveram em nenhum outro lugar a não ser a partir de correntes fundamentais da religião com raízes bíblicas”.9

Considere três fatos históricos fundamentais. (1) A conversa sobre direito (s) natural (is) surgiu na teologia católica da Idade Média, uma linguagem que foi construída sobre a compreensão bíblica da imagem de Deus em todos os humanos. (2) Os principais impulsionadores que estabeleceram a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 (que fala de humanos sendo "dotados de razão e consciência") foram principalmente coalizões de igrejas e líderes cristãos individuais que trabalharam em estreita colaboração com alguns rabinos judeus para criar um "novo ordem mundial "dos direitos humanos. (3) Mesmo a ênfase dos direitos humanos universais do Iluminismo supostamente secular tem profundas raízes teológicas; isso é bastante óbvio nos dois principais documentos do século XVIII:10

Até mesmo os não ocidentais passaram a reconhecer o notável impacto da fé cristã no Ocidente. O respeitado correspondente da revista Time, David Aikman, relatou o resumo da palestra de um acadêmico chinês a um grupo de dezoito turistas americanos:

> “Uma das coisas que nos pediram para averiguar foi o que explicava o sucesso, de fato, a preeminência do Ocidente em todo o mundo”, disse ele. “Estudamos tudo o que podíamos, desde histórico, político, econômico e perspectiva cultural. No início, pensamos que era porque você tinha armas mais poderosas do que nós. Depois, pensamos que era porque você tinha o melhor sistema político. Em seguida, nos concentramos no seu sistema econômico. Mas nos últimos vinte anos, Percebi que o coração da sua cultura é a sua religião: o Cristianismo. É por isso que o Ocidente tem sido tão poderoso. O fundamento moral cristão da vida social e cultural foi o que tornou possível o surgimento do capitalismo e, em seguida, a transição bem-sucedida para a política democrática. Nós não tenha dúvidas sobre isso. "11

Este palestrante não era um maluco mal informado. Ao contrário, ele representou uma das principais organizações de pesquisa acadêmica da China - a Academia Chinesa de Ciências Sociais (CASS). Não encontramos apenas apoio acadêmico ocidental para a cosmovisão judaico-cristã. Também o encontramos no Oriente!

Jesus como o Clímax

As Escrituras começam com a afirmação criacional de que todos os humanos são feitos à imagem de Deus. De muitas maneiras, as melhorias do Antigo Testamento em relação a muitas outras legislações do antigo Oriente Próximo foram um movimento significativo em direção a esse ideal. O Antigo Testamento nos fornece perspectivas duradouras sobre a dignidade humana e a decadência, sem mencionar as percepções morais com relação à justiça, fidelidade, misericórdia, generosidade e assim por diante.

No entanto, se pararmos com o Antigo Testamento, não veremos todo o enredo conforme ele é concluído em Jesus. O Antigo Testamento foi, de muitas maneiras, uma antecipação de algo muito maior. Portanto, se Jesus realmente trouxe uma nova aliança para o verdadeiro Israel e começou a renovar a criação como o segundo Adão, então devemos nos preocupar em como sua encarnação, ministério, morte expiatória e ressurreição lançaram luz no Velho Testamento, com toda a sua bagunça. Para parar com os textos do Antigo Testamento sem permitir que Cristo, o segundo Adão, e o novo e verdadeiro Israel os ilumine, nossa leitura e interpretação do Antigo Testamento serão muito empobrecidas e, de certa forma, mal representadas.

Um dia desfrutaremos plenamente da realização da bondade e do shalom primitivos. No novo céu e nova terra, nenhuma discriminação social ou racial existirá. Espadas serão transformadas em relhas de arado. A paz reinará. Em sua própria época, Jesus reafirmou os textos do Antigo Testamento sobre amar a Deus e ao próximo e chamou Israel de volta a viver segundo os desígnios de criação de Deus. Isso foi então, mas corações endurecidos ainda estão conosco hoje. No entanto, a abordagem de Jesus ao Antigo Testamento deve instruir a nós, cristãos, que vivemos no já / ainda não.

Estamos vivendo com muitos benefícios da cruz de Cristo (já), mas ainda vivemos em um mundo caído enquanto aguardamos o novo céu e nova terra e o recebimento de nossos corpos ressurretos (ainda não).

Embora os novos ateus não tenham essa intenção e muitas vezes façam isso de maneiras equivocadas, eles podem servir como um desafio adequado para nós, cristãos. Como? Lembrando-nos de ser mais cuidadosos em nossa fé, de viver vidas centradas no reino com maior paixão e consistência cristã, de aprofundar nosso compromisso com a justiça e opressão contra a opressão, para pensar sobre os obstáculos contemporâneos à fé e para oferecer uma visão mais convincente em palavra e ação para um mundo vigilante. Todos nós precisamos dar uma nova olhada em Jesus e deixar nosso olhar para ele moldar nossa devoção a ele, nosso amor pelos outros (até mesmo nossos inimigos) e nossa preocupação com a cultura e o mundo em que nos encontramos. O autor e pastor Tim Keller nos dá um ponto de partida para nossa reflexão:

> Se o seu fundamento é um homem morrendo na cruz por seus inimigos, se o próprio cerne de sua autoimagem e sua religião é um homem orando por seus inimigos enquanto morreu por eles, sacrificando por eles, amando-os — se isso afundar em no fundo do seu coração, vai produzir o tipo de vida que os primeiros cristãos produziram. A vida mais inclusiva possível a partir da reivindicação mais exclusiva possível - e isso é que esta é a verdade. Mas qual é a verdade? A verdade é que um Deus se tornou fraco, amoroso e morreu pelas pessoas que se opunham a ele, morrendo perdoando-as.12

Embora possamos tropeçar ou ficar confusos ao ler certos textos do Antigo Testamento, podemos colocá-los na perspectiva adequada, procurando nos lugares certos. A resolução final é encontrada no esclarecimento da Palavra de Deus para nós e Aquele que se fez carne e viveu entre nós, que morreu e ressuscitou em nosso nome. O Deus que os novos ateus consideram um monstro não é apenas um Deus santo a ser considerado, mas um Deus amoroso e abnegado que nos convida a nos reconciliar com ele.

Leitura Adicional

Hill, Jonathan. O que o cristianismo já fez por nós? Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005.

Schmidt, Alvin. Como o cristianismo mudou o mundo. Grand Rapids: Zondervan, 2004.

Stark, Rodney. A vitória da razão. Nova York: Random House, 2005.

Wright, NT Evil e a Justiça de Deus. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2006.

Discussão / questões de estudo

Introdução

- À luz da sua leitura do Antigo Testamento, você já se deparou com alguma passagem que achou perturbadora ou desconcertante? Discuta alguns deles.
- Você acha que muitos cristãos desconhecem alguns dos desafios e dificuldades do Antigo Testamento? Por que isso é um problema? Como os pastores ou líderes cristãos devem abordar as dificuldades do Antigo Testamento?

Parte 1: Neo-ateísmo

1. Quem são os novos ateus?

- O que você leu sobre os novos ateus? Quais são suas impressões sobre eles?
- Você conheceu pessoas que foram influenciadas por seus escritos?
- Pelo que você sabe sobre os novos ateus, algum dos comentários deste capítulo sobre eles parece verdadeiro em sua opinião?
- Ao explorar a internet, você viu alguma outra crítica sobre os novos ateus?
- Discuta o comentário de Rodney Stark sobre "ateus raivosos e extremamente desagradáveis". Que conselho você daria sobre como iniciar uma discussão com um "ateu furioso"? Veja Tiago 1:19; 1 Pedro 3:15; Tito 2:10.
- O que você acha da afirmação de Michael Novak de que os novos ateus escrevem com certa atitude defensiva e desespero? De que forma é assim?

2. O Novo Ateus e o Deus do Velho Testamento

- Depois de ler este capítulo, quais são as questões mais desafiadoras mencionadas pelos novos ateus?
- Em suas conversas com outros cristãos ou não-cristãos, quais questões éticas do Antigo Testamento tendem a surgir?
- Você acha que certos textos do Antigo Testamento não são tão problemáticos como algumas pessoas afirmam? Você tem alguma ideia que possa ajudar a colocar esses textos na perspectiva adequada?
- Como você responde ao desafio: "O Deus do Antigo Testamento é muito mais desagradável do que o Deus do Novo Testamento '?
- O que você acha da afirmação de Dawkins de que "religião 'é" a raiz de todo mal'?
- Dawkins tem alguma opinião sobre a "esquisitice onipresente da Bíblia"? Esta é uma declaração justa?

Parte 2: Deus: Mestre Gracioso ou Monstro Moral?

3. Grande apetite por louvor e sacrifícios? Arrogância ou humildade divina?

- O que é orgulho? O que é humildade?
- No passado, quais foram suas impressões sobre o orgulho divino? Você presumiu que Deus era orgulhoso (ou algo parecido)? Você já pensou em Deus

sendo humilde? O que você acha da afirmação de que Deus é humilde?

- Qual é o sentido do ato de Deus de fazer os seres humanos à sua imagem?
- O que você acha da afirmação dos novos ateus de que a crença em Deus tem sua origem na biologia (sendo "ligada" pela evolução para acreditar para aumentar a sobrevivência)? Essa é uma grande ameaça à verdade da fé cristã? Por que ou por que não ?
- Como a humildade é diferente em Deus em comparação com os seres humanos?
- Qual é o objetivo da adoração? De elogio?
- De que forma Deus se mostra humilde?

4. Fúria monumental e ciúme semelhante a um rei? Compreendendo o Deus que faz a aliança

- Descreva o tipo ruim de ciúme e o tipo bom de ciúme. Por que o ciúme divino é tão profundamente incompreendido?
- Como a analogia do casamento nos ajuda a entender melhor o ciúme divino? Que impressão você obtém da linguagem bíblica que retrata o "casamento" de Deus com seu povo?
- Por que a idolatria é sedutora e perigosa?
- O que você acha do conceito de "vulnerabilidade divina"? Discuta o que isso significa — e o que não significa.
- Quando a raiva é apropriada? Discuta o fato de que a raiva costuma ser a primeira indicação de que nos importamos.
- Por que é útil pensar no ciúme como proteção?

5. Abuso infantil e intimidação? Os caminhos de Deus e a amarração de Isaac

- Alguém que você conhece já levantou preocupações sobre essa passagem em Gênesis 22? Como foi a discussão?
- O crítico tem alguma opinião sobre os problemas morais levantados por esta narrativa? De que maneira?
- O que você acha da comparação entre Abraão e Moisés para ilustrar a fé e a falta dela? Como a fé de Abraão em relação à lei é entendida por Paulo em Romanos 4? De que forma essa comparação sobre a fé é útil para entender Gênesis 22?
- Como o contexto do chamado de Abraão e sua experiência com seu filho Ismael preparam Abraão para o mandamento de Deus em Gênesis 22?
- Ao examinar mais de perto o texto de Gênesis 22, o que se destaca para você ao lidar com a ordem de Deus a Abraão?

- Reveja as citações de Elie Wiesel e Jurgen Moltmann e discuta seu significado.
- Como o Novo Testamento esclarece a ordem de Deus a Abraão? De que forma o Novo Testamento traz clareza útil a algumas das questões morais levantadas por Gênesis 22?
- O que é problemático com a acusação de que a morte de Jesus na cruz foi um exemplo de "abuso infantil divino"?

Parte 3: Vida no Antigo Oriente Próximo e em Israel

6. A sabedoria atemporal de Deus? Etapas incrementais para corações endurecidos

- Discuta a menção de CS Lewis de "esnobismo cronológico". Por que isso é relevante para uma discussão sobre passagens "estranhas" do Velho Testamento?
- O que queremos dizer com a lei de Moisés sendo inferior e provisória? Como isso nos ajuda a entender o papel da lei mosaica em nosso pensamento hoje?
- Que ideais Deus estabelece em Gênesis 1-2 (na criação) que servem como um ponto de referência à medida que trabalhamos com as questões éticas do Antigo Testamento?
- É útil pensar nas leis de Israel como passos realistas e "incrementais" em direção ao ideal? Isso é um problema sério? Por que ou por que não?
- Como Mateus 19: 8 (a lei e os corações humanos endurecidos) dá uma visão sobre a legislação nada ideal na lei de Moisés?
- O que você acha da discussão sobre o movimento redentor em toda a extensão das Escrituras?
- A história de Israel exigia diferentes cursos de ação / vida à luz do contexto em desenvolvimento. Como podemos evitar o problema do relativismo aplicado ao Antigo Testamento? Por que é certo evitar pensar que algo era verdadeiro ou certo para Israel naquela época (por exemplo, lutar contra os cananeus), mas não para Israel mais tarde? Como podemos evitar acusações de relativismo?
- O que queremos dizer com o problema é-devo? Por que é importante

  distinguir entre é e deve ao lermos o Antigo Testamento?

7. A esquisitice onipresente da Bíblia? Alimentos Kosher, Leis Kooky? (EU)

- Qual é o significado da imagem triangular de Deus-povo-terra?

- Por que o ideal de graça-gratidão deveria ser central para a existência de Israel? Como isso seria vivido em sua vida cotidiana?
- Compare a questão igreja-estado para os cristãos hoje e o antigo Israel do Antigo Testamento. Por que devemos manter essa diferença em mente? Quais são os perigos se não o fizermos?
- Certos estados islâmicos são realmente teocracias? Qual é a perspectiva bíblica sobre isso?
- O que significa santidade? Qual é a relação da santidade de Deus com a de Israel?
- Por que Israel tinha tantas leis de santidade? Por que todos os regulamentos de alimentos, roupas e plantio?
- Resuma o que significa limpo e impuro na lei de Moisés. Qual é o significado dessas categorias?
- Qual é a relação dos animais limpos e impuros com as esferas em que habitam? Que mensagem Deus estava enviando a Israel?

8. A esquisitice onipresente da Bíblia? Alimentos Kosher, Leis Kooky? (II)

- Por que (1) a higiene e (2) a falsa religião cananéia são contextos insuficientes para explicar as leis kosher de Israel?
- O que se entende por "ângulos" de criação, bem como queda, morte e anormalidade? De que forma isso nos ajuda a entender melhor as leis alimentares de Israel?
- Qual é a conexão entre o sacerdote imaculado e o animal imaculado (de Lv 21 e 22)? Como essa comparação dá uma ideia das próprias expectativas de Deus para seu povo Israel?
- Por que várias descargas corporais criam condições de impureza? Será que isso reflete a separação simbólica de Israel da religião cananéia? De que maneiras)?
- O que significa lacuna de santidade?

9. Barbáries, leis cruas e outros crimes imaginários? Punições e

Outras duras realidades em perspectiva

- Além das passagens mencionadas no início do capítulo, que outras passagens do Antigo Testamento parecem duras ou brutais?
- Quais são suas impressões sobre o tratamento dado ao transgressor do sábado e ao blasfemador?

- Discuta o significado desta passagem: “Pelos que se aproximam de mim serei tratado como santo e serei honrado diante de todo o povo” (Lv 10: 3).
- Discuta a passagem do filho “comilão e bêbado” (Deuteronômio 21: 18-21). Quais são algumas considerações importantes ao abordarmos esse texto severo?
- Por que médiuns, feiticeiros e falsos profetas não eram permitidos em Israel?
- O que é significativo sobre as punições em Israel em contraste com as de outras partes do antigo Oriente Próximo?
- Como devemos entender as passagens do "olho por olho" no Antigo Testamento? Isso é tão terrível quanto parece para alguns leitores? Novamente, como as punições de Israel se comparam a outras legislações do antigo Oriente Próximo?
- Qual é a sua resposta à posição de Walter Kaiser (pp. 95-96) sobre permitir que a maioria dos crimes capitais sejam comutados em pagamentos de “resgate”?
- O sacrifício infantil era divinamente permitido no antigo Israel? E os exemplos de Mesa e Jefté?
- A vida humana por nascer era valorizada no antigo Israel? Justifique sua resposta.

10. Misógino? Mulheres em Israel

- De que forma o Antigo Testamento parece misógino (ódio às mulheres)? A sociedade patriarcal de Israel prova isso? Por que ou por que não?
- Como o Antigo Testamento revela a igualdade fundamental entre homem e mulher?
- Como a legislação do Antigo Testamento realmente revela preocupação protetora e carinhosa com as mulheres?
- Quais são suas impressões sobre a prova de ciúme em Números 5? Compare isso com a provação do rio no antigo Oriente Próximo. Qual é o objetivo de Números 5? É anti-mulher?
- Por que uma mulher foi considerada impura por mais tempo depois de dar à luz uma menina em vez de um menino?
- Descreva o que acontece em um casamento levirato. Isso era uma prática anti-mulher?
- A “esposa do seu vizinho” em Êxodo 20 indica que a esposa era mera propriedade de seu marido em Israel?
- Era sexista proibir as mulheres do sacerdócio de Israel? Por que é útil comparar as práticas religiosas de Israel com as práticas cananéias à luz dessa questão?

11. Preço da Noiva? Poligamia, concubinato e outras questões semelhantes

- Descreva a prática de concubinato / poligamia no antigo Oriente Próximo e em Israel. Que nuances e distinções devem ser mantidas em mente?
- A Bíblia promove a poligamia? Por que Levítico 18:18 é um texto importante a se considerar?
- Discuta os seguintes textos, que supostamente apóiam a poligamia como legítima: Êxodo 21: 7-11; 2 Samuel 12: 8; Deuteronômio 21: 15-17. Por que são apoios inadequados para uma posição pró-poligamia?
- Qual é o preço da noiva? Essa prática era humilhante para as mulheres em Israel?
- O Antigo Testamento trata o estupro com leviandade? Discuta Deuteronômio 22: 23-29 e as três situações distintas a serem consideradas.
- As mulheres eram levadas na guerra para serem tratadas como objetos sexuais? Eles tinham alguma proteção? Discuta Deuteronômio 21: 10-14 e 20: 13-14.
- Discuta a passagem "lutadora imodesta" de Deuteronômio 25: 11-12. A interpretação sugerida faz sentido?

12. Mandado para tráfico de seres humanos como equipamento agrícola? (I): Escravidão em Israel

- Qual era a situação dos escravos (bens móveis) no Sul antes da guerra? Como isso se compara à servidão no antigo Israel? Por que é injusto agrupar esses dois cenários históricos diferentes?
- Descreva o sistema de servidão por dívida de Israel. Quais características desse sistema é importante ter em mente à luz dos desafios dos críticos?
- Foi um passo enorme e difícil passar do serviço contratado em Israel para a obtenção da liberdade?
- Que textos-chave específicos deveriam ter recebido mais consideração nos apelos contra a escravidão à Bíblia no Sul antes da guerra?
- Por que Deuteronômio 15: 1-18 é um texto tão importante?
- De que forma os servos israelitas (escravos) tinham direitos sem precedentes no antigo Oriente Próximo?

- Por que é significativo que reis como Davi e Acabe tenham sido chamados a prestar contas de suas ações pelos profetas?
- Leia Gênesis 1: 26-27 e Jó 31: 13-15. Qual a importância desses textos em relação à questão da escravidão?

13. Mandado para tráfico de seres humanos como equipamento agrícola? (II): Textos desafiadores sobre escravidão

- Leia os textos desafiadores mencionados neste capítulo: Êxodo 21: 2-6; Levítico 19: 20-21; e 25: 42-46. Qual dessas passagens difíceis se destacou para você? Você os conhecia antes de ler este livro? Consegue pensar em outrros?
- Leia a explicação de Êxodo 21: 2-6. Como isso se compara às suas impressões quando você leu este texto pela primeira vez sem a explicação do livro?
- O que você acha da passagem da serva noiva (Lv 19: 2021)? Embora não seja ideal, como essa situação se compara a cenários paralelos no antigo Oriente Próximo?
- A passagem de Levítico 25: 42-46 é talvez o mais chocante dos textos escravos que consideramos. Quais são algumas das considerações de fundo importantes à medida que abordamos este texto?
- Volte para Deuteronômio 15: 1-18. Como este texto revela algumas das dinâmicas no desdobramento / desenvolvimento da lei mosaica? Como o incidente envolvendo as filhas de Zelofeade ilustra isso (Números 27)?
- Como a discussão da imigração ilegal hoje lança luz sobre a discussão dos estrangeiros em Israel?

14. Mandado para tráfico de seres humanos como equipamento agrícola? (III): Escravidão no Novo Testamento

- Qual é o ponto de comparar o discurso de Gettysburg de Lincoln com a questão da servidão / escravidão na lei de Moisés?
- No Novo Testamento, quais são as implicações de Gálatas 3:28 para a escravidão? Para sexismo? Por racismo?
- Em que a escravidão em Roma durante os tempos do Novo Testamento era diferente da imagem do Antigo Testamento da servidão em Israel?
- Como o Novo Testamento afirma a dignidade e igualdade dos escravos com seus senhores? Que outros aspectos interessantes deste tópico surgem no

  Novo Testamento?
- O que significa que os escritores do Novo Testamento abordaram questões mais profundas do coração subjacentes à escravidão, assim como Jesus fez sobre o dinheiro?
- A situação Onésimo-Filêmon foi um retrocesso ao Código de Hamurabi? Por que ou por que não?
- Alguns afirmam que o objetivo final de Deus é escravizar todos os seres

humanos, humilhando-os e privando-os de sua dignidade. Qual é o problema com esta imagem?

15. Massacre indiscriminado e limpeza étnica? A Matança dos Cananeus (I)

- Este livro afirma que a "questão cananéia" é o desafio ético mais difícil do Antigo Testamento. Você concorda? Por que ou por que não?
- Algumas pessoas afirmam que os cananeus eram as pessoas mais iníquas de todos os tempos ou as mais iníquas do antigo Oriente Próximo. O crente tem que insistir nisso?
- Deus estava apenas importunando os cananeus ao ordenar essa punição de capital corporativa? O que o resto da Escritura nos diz sobre questões de julgamento, tanto fora como dentro de Israel?
- Algumas pessoas se perguntam quem determina o ponto moral de não retorno para os cananeus. Como você responde?
- O ato de Israel de matar os cananeus foi a mesma coisa que o general Lin de um reino chinês, três mil anos atrás, exterminando um certo grupo de pessoas?
- Os israelitas levaram a arca da aliança para a batalha contra os filisteus (1 Sam. 4) sem a aprovação divina. Como isso é uma ilustração útil para nossa discussão sobre a guerra israelita?
- Os cananeus não deveriam ter sabido melhor para que pudessem abandonar seus caminhos?
- Por que o termo limpeza étnica é enganoso e impreciso?
- É justo chamar os israelitas de xenófobos? Como a experiência de Israel no Egito deveria moldar suas atitudes para com os de fora?
- Deus deveria ter sido mais eficiente em destruir os cananeus? Por que não garantir que nenhum cananeu permanecesse?
- Qual é a conexão entre a destruição dos ídolos de Canaã por Israel e a guerra espiritual / cósmica?

16. Massacre indiscriminado e limpeza étnica? A Matança dos Cananeus (II)

- Por que é importante entender que a guerra de Israel com os cananeus foi um empreendimento historicamente único comandado por Deus?
- O que a tomada de Canaã por Israel envolveu? Por que o modelo de conquista é inadequado por si só?
- Quais são suas impressões sobre a bravata ou exagero do antigo Oriente Próximo usado em Josué? Isso ajuda a esclarecer a conquista de Israel e a "destruição total" dos cananeus?

- Quem eram os amalequitas e como eles se encaixam na discussão das guerras de Yahweh?
- Devemos concluir que os não-combatentes foram alvos diretos do exército de Israel? A menção de "mulheres e crianças" requer esta interpretação?
- O que as evidências mostram a respeito das cidades cananéias na época de Josué e dos Juízes? A que função eles serviam? Como isso é útil quando pensamos no problema dos cananeus?
- A "proibição" contra as cidades cananéias era absoluta e inegociável?
- Como os métodos de guerra de Israel se comparam aos de outras nações do antigo Oriente Próximo?
- Qual é o significado da linguagem predominante de "expulsão" usada no Pentateuco?
- Como a arqueologia apóia uma infiltração mais gradual de Israel em Canaã em vez de uma conquista repentina e dramática?

17. Massacre indiscriminado e limpeza étnica? A Matança dos Cananeus (III)

- Qual é o problema com a alegação de que lutar contra os cananeus inevitavelmente abriria um terrível precedente de guerra para as gerações posteriores de israelitas?
- Como a preocupação de Deus em redimir os cananeus e outros inimigos de Israel atinge você? Como isso ajuda a colocar a questão da guerra cananéia em uma perspectiva mais clara?
- Compare as abordagens da questão cananéia no capítulo anterior e neste. Qual é a sua opinião sobre essas alternativas? Quais são os méritos de cada posição?
- Como você responde à questão dos soldados israelitas serem psicologicamente prejudicados pelo assassinato de não-combatentes? E se Deus nos chamar para suportar o que é extremamente difícil ou psicologicamente desgastante? Isso seria necessariamente impróprio ou injusto? A analogia de Frodo e o anel oferece algum insight?
- Discuta esta declaração: Se os israelitas não tivessem causado sérios danos à infraestrutura religiosa cananéia, o resultado teria sido um dano incalculável à integridade de Israel e, portanto, a todo o plano de Deus para redimir a humanidade.
- Compare a ordem de Deus a Abraão a respeito de Isaque com sua ordem a Israel a respeito dos cananeus. Como essa comparação é útil?
- O que você acha dos comentários de Miroslav Volf sobre a ira de Deus? Isso ajuda a esclarecer vários cenários do Velho Testamento, incluindo a questão dos

cananeus?

- Por que precisamos recuperar o conceito de um Deus indomável?
- Como a história de Jó pode esclarecer a questão cananéia?
- Como a encarnação e a crucificação de Cristo nos fornecem recursos para pensar sobre o problema cananeu?

18. A raíz de todo o mal? A religião causa violência?

- O que você acha da afirmação de que o monoteísmo leva à violência? As reivindicações exclusivistas da verdade são o problema? Por que os valores do Iluminismo não são a solução?
- Por que o termo religião nesta discussão está sendo usado de maneira injusta?
- O que você acha da afirmação de que fatores sociológicos, históricos, étnicos ou econômicos geralmente se escondem por trás das hostilidades religiosas? Voce pode dar alguns exemplos?
- Em relação à crítica de Regina Schwartz, por que Caim não é um bom exemplo de exclusão monoteísta? E quanto a Esaú?
- Todos os dons de Deus (por exemplo, inteligência, habilidades artísticas) devem ser distribuídos igualmente para mostrar que Deus é verdadeiramente justo? Por que ou por que não?
- Por que a hospitalidade absoluta é uma imagem da injustiça? O que queremos dizer com o direito à autoexclusão?
- As Cruzadas são comumente mencionadas como uma crítica à fé cristã. Como você responde a isso? Como as Cruzadas se comparam à jihad islâmica?
- Por que as guerras de Yahweh do Antigo Testamento são tão diferentes da jihad islâmica?

Parte 4: Aperfeiçoando o Foco Moral

19. Moralidade sem um Deus legislador? A Divina Fundação da Bondade

- Você já discutiu o tópico da moralidade com um ateu ou cético? Como foram as conversas?
- Qual é a flagrante inconsistência na afirmação de Richard Dawkins de que Deus é um “monstro moral”?
- Por que é importante distinguir entre “saber” e “ser” quando se trata de moralidade? Por que é tão difícil prestar contas da dignidade e do valor humanos se Deus não existe?
- Os ateus geralmente afirmam que são tão bons quanto qualquer crente religioso.

No entanto, quais são algumas das obrigações morais que os ateus não cumprem?

- Como você responde à afirmação de que a evolução explica a moralidade? O que está faltando nos relatos puramente naturalistas da moralidade?
- Como a existência de um Deus bom que faz os seres humanos à sua imagem oferece um contexto mais provável para valores morais objetivos?

20. Nós fomos além desse Deus (não fomos?): Jesus como o cumpridor do Antigo Testamento

- Quando Christopher Hitchens diz que "a religião envenena tudo", o que ele quis dizer? Qual é o problema com sua afirmação?
- Ao contrário dos novos ateus, que contribuições os judeus fizeram para a civilização? Este livro lista alguns deles. Você pode pensar nos outros?
- Quais têm sido algumas das contribuições que os cristãos têm feito ao mundo? Que efeitos inspirados por Cristo trouxeram luz, ajuda e esperança ao mundo? Você consegue pensar em alguma outra contribuição não mencionada no livro?
- Veja a citação de Jurgen Habermas sobre a influência da fé cristã. O que você acha disso e por que isso é importante à luz da crítica dos novos ateus?
- Como a vinda de Jesus traz clareza ao Antigo Testamento e alguns de seus desafios?
- De modo geral, quais foram alguns benefícios que você tirou ao ler e discutir este livro? O que você aprendeu sobre o caráter e a atividade de Deus nos dois testamentos? Como você foi estimulado e até fortalecido em sua fé?

Notas

Introdução

1. Para manter o hebraico simplificado, usei principalmente a forma lexical dessas palavras nas citações das Escrituras, a fim de evitar complicar e desordenar o livro com detalhes técnicos.

2. Devo acrescentar que alguns dos meus argumentos foram gerados em resposta a críticos como Wes Morriston e Randal Rauser (em 1 de novembro de 2009, edição de Philosophia Christi), bem como Hector Avalos (ver seu "Yahweh Is a Moral Monster, 'em The Christian Delusion, ed. John Loftus [Amherst, NY: Prometheus, 2010]).

Capítulo 1: Quem são os novos ateus?

1. As apresentações da conferência foram publicadas em Robert Stewart, ed., The Future of Atheism (Minneapolis: Fortress, 2009).

2. Ver David Kinnaman, não cristão: O que uma nova geração realmente pensa sobre o cristianismo ... e por que isso importa (Grand Rapids: Baker, 2007).

3. Veja o capítulo 14 de Rodney Stark, What Americans Really Believe (Waco: Baylor University Press, 2008).

4. Ver Philip Jenkins, The Next Christendom (Oxford: Oxford University Press, 2002); e Philip Jenkins, The New Faces of Christianity (Oxford: Oxford University Press, 2008).

5. Michael Novak, "Remembering the Secular Age," First Things (junho / julho de 2007), www .firstthings.com / article.php3? Id_article = 5922.

6. Fiquei surpreso com a rejeição casual de Dennett da crítica filosófica de William Lane Craig no Conferência Future of Atheism (as gravações estão disponíveis em www.greer-heard.com) Um incidente semelhante ocorreu depois que o teólogo do processo Philip Clayton fez uma apresentação em uma conferência em Cambridge em 2009 (veja o blog de Philip Clayton "Dan Dennett as a Model for Philosophy", de 9 de julho de 2009, http://clayton.ctr4process.org/2009/07/09/dan-dennett-as-a-model-for-philosophy/)

Dennett cita seletivamente The Natural History of Religion (1779), de David Hume. Em seu Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon (New York: Viking, 2006), Dennett cita Hume: "Como toda investigação que diz respeito à religião é da maior importância, há duas questões em particular que desafiam nossa atenção, a saber , o que diz respeito ao seu fundamento na razão, e o que diz respeito à sua origem na natureza humana "(24). Dennett quer explorar a visão de Hume de que a religião é um impulso universal que surge de um "instinto original". Ainda assim, Dennett ignora abertamente a linha seguinte de Hume, que afirma sua própria crença em um deus deísta: "Felizmente, a primeira questão, que é a mais importante, admite a solução mais óbvia, pelo menos, a mais clara. Toda a estrutura da natureza indica um autor inteligente; e nenhum investigador racional pode, após reflexão séria, suspender sua crença por um momento no que diz respeito aos princípios primários do teísmo genuíno [isto é, deísmo] e da religião ". Hume é "mais um de meus heróis" (27), diz Dennett, mas por que ser tão favorável a alguém que ainda está sob o "feitiço" da crença em Deus?

7. Katherine Swallow Prior, "New and Unimproved: Atheism's Brash but Ineffectual Makeover, 'Salvo 7 (2009), disponível online em http://www.salvomag.com/new/articles/salvo7/7prior.php.

8 • Chris Hedges, I Don't Believe in Atheists (Nova York: Free Press, 2008), 2-3.

9. Stark, What Americans Really Believe, 120.

10. O comentário de Michael Ruse está na capa do livro de Alister e Joanna McGrath, The Dawkins Delusion?

(Downers Grove, IL: InterVarsity, 2007).

11. Terry Eagleton, "Lunging, Flailing, Mispunching," London Review of Books (19 de outubro de 2006), www.lrb.co.uk/v28/n20/print/eagl01 .html (acessado em 25 de novembro de 2007). Eagleton oferece uma crítica mais completa em Reason, Faith, and Revolution: Reflections on the God Debate (New Haven: Yale University Press, 2009).

12. Quentin Smith, "The Wave Function of a Godless Universe," in Theism, Atheism, and Big Bang Cosmology (Oxford: Clarendon Press, 1993), 322.

13. William Lane Craig, "Dawkins's Delusion", em Contending with Christianity's Critics: Responering New Atheist and Other Objectors, ed. Paul Copan e William Lane Craig (Nashville: B & H Academic, 2009), 5.

14. Daniel Dennett disse isso em um debate com Dinesh D'Souza na Tufts University em 20 de novembro de 2007. Vídeo disponível em http://ygod.web2.onlinenw.com/index.php?pr=Dinesh_vs_Dennett (acessado em 21 de junho de 2009).

15. Rev. Al Sharpton e Christopher Hitchens, "Can Morality Exist without God?" New York Public Biblioteca (7 de maio de 2007) .Video disponível em

http://fora.tv/2007/05/07/Al Sharpton e Christopher Hitchens.

16. Nas palavras do pai de Jeffrey Dahmer, Lionel, no documentário Jeffrey Dahmer: The Monster Within, DVD, produzido por Christine Shuler (A&E Biography, 1996).

17. Jeffrey Dahmer, entrevista por Stone Phillips, Dateline NBC, NBC, 29 de novembro de 1994.

Capítulo 2: Os Novos Ateus e o Deus do Velho Testamento

1. Ver Paul Copan, "Is Yahweh a Moral Monster? The New Atheists and Old Testament Ethics," Philosophia Christi 10, no. 1 (2008): 7-37. Disponível emwww.epsociety.org/library/printable/45.pdf/.
2. Richard Dawkins, The God Delusion (Boston: Houghton Mifflin, 2006), 248, 242, 243, 247.
3. Ibid., 241, 51.
4. Ibid., 31.
5. Daniel Dennett, Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon (New York: Viking, 2006), 206, 265, 267.
6. Christopher Hitchens, God Is Not Great: How Religion Venons Everything (Nova York: Hachette Book Group, 2007), 99, 101-2.
7. Sam Harris, Letter to a Christian Nation (Nova York: Alfred A. Knopf, 2006), ix, 8.

Sam Harris, The End of Faith (Nova York: WW Norton, 2004), 18.

9. Harris, Carta a uma nação cristã, 18-19, 23-24.

10. Christopher JH Wright, O Deus que eu não entendo: Reflexões sobre as questões difíceis da fé (Grand Rapids: Zondervan, 2008).

Capítulo 3: Grande Apetite por Louvor e Sacrifícios?

1. Richard Dawkins, The God Delusion (Boston: Houghton Mifflin, 2006), 37.
2. Lewis B. Smedes, Love within Limits (Grand Rapids: Eerdmans, 1978), 31. Ver também o capítulo 8, "The Great Sin", em CS Lewis, Mere Christianity (New York: Macmillan, 1952).
3. Gordon Slack, "The Atheist", *Salão,* 30 de abril de 2005, http://dir.salon.com/story/news/feature/2005/04/30/dawkins/index.html. Veja também Daniel Dennett, Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon (New York: Viking, 2006).
4. Christian Smith, Moral, Believing Animals: Human Personhood and Culture (Nova York: Oxford University Press, 2003), 110, 122.
5. Bob Dylan, "Gotta Serve Somebody", Special Rider Music, 1979.
6. Richard Bauckham, Bible and Mission: Christian Witness in a Postmodern World (Grand Rapids: Baker; Carlisle, UK: Paternoster, 2004), 37.

7. CS Lewis, Reflections on the Psalms (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1958), 94-95.

E CS Lewis, "The Weight of Glory", em The Weight of Glory and Other Addresses (Nova York: Macmillan, 1965), 4-5.

9. Martin Hengel, O Filho de Deus: A Origem da Cristologia e a História da Religião Judaica — Helenística, trad. John Bowden (Philadelphia: Fortress, 1976), 1.

10. Colin E. Gunton, The Christian Faith: An Introduction to Christian Doctrine (Oxford: Blackwell, 2002), 181.

11. John Goldingay, Teologia do Velho Testamento: Vida de Israel, vol. 3 (Downer's Grove, IL: InterVarsity, 2009), 129.

Capítulo 4: Fúria monumental e ciúme semelhante a um rei?

1. Richard Dawkins, The God Delusion (Boston: Houghton Mifflin, 2006), 243.

2. Agradeço ao meu colega Nathan Lane por este ponto. Veja seu livro The Compassionate but Punishing God (Eugene, OR: Wipf and Stock, 2010).

3. Por exemplo, veja Êxodo 20: 5; 34:14; Deuteronômio 4:24; 6:15; 29:20; 32:16, 21; Josué 24:19; 1 Reis 14:22; Ezequiel 8: 3 (um "ídolo de ciúme" gravado); 16:38, 42-43; 39:25; Joel 2:18; Naum 1: 2; Sofonias 1:18; 3: 8; Zacarias 1:14; 8: 2; 1 Coríntios 10:22.

4. Veja a breve discussão sobre idolatria em Douglas K. Stuart, Exodus, New American Commentary 2 (Nashville: B & H Publishing, 2008), 450-54.

"Divine vulnerablity" vem de James Crenshaw, Defending God (Oxford: Oxford University Press, 2005), 82.

6. Gordon McConville e Stephen N. Williams, Joshua (Grand Rapids: Eerdmans, 2010), 134.

7. Veja o clássico de JB Phillips, Your God Is Too Small (Nova York: Touchstone, 1997), especialmente o capítulo 4 ("Meek-and-Mild").

8. Ver Frank G. Kirkpatrick, A Moral Ontology for a Theistic Ethic: Gathering the Nations in Love and Justice (Burlington, VT: Ashgate, 2004), 61-76.

9. Thomas Nagel, The Last Word (Nova York: Oxford University Press, 1997), 130-31.

10. Tim Keller, "O Evangelho em Todas as Suas Formas", Leadership Journal 29, no. 2 (2008): 15. Disponível em www.christianitytoday.com/le/2008/002/9.74.html.

11. CS Lewis, "The Weight of Glory", em The Weight of Glory and Other Addresses (Nova York: HarperOne, 2001), 26.

Capítulo 5: Abuso infantil e intimidação?

1. Veja o capítulo 1 em James Crenshaw, A Whirlpool of Torment (Minneapolis: Fortress, 1984).

2. Bart D. Ehrman, O Problema de Deus: Como a Bíblia Falha em Responder Nossa Pergunta Mais Importante — ^ hy We Suffer (San Francisco: HarperOne, 2008), 70.

3. S0ren Kierkegaard, ((Fear and Trembling ”e“ The Sickness to Death, trad. Walter Lowrie (Garden City, NY: Doubleday, 1954), 41.

4. Alguns comentários desta seção foram retirados de John H. Sailhamer, The Pentateuch as Narrative (Grand Rapids: Zondervan, 1992), 33-79; e John H. Sailhamer, "The Mosaic Law and the Theology of the Pentateuch", Westminster Theological Journal 53 (1991): 24-61.

5. Há um componente relacional no "temor de Deus" (por exemplo, Gênesis 20:11; Deuteronômio 10:12, 20; 13: 4; 31:13). Ou seja, temer a Deus significa estar em um relacionamento com ele. Ver RWL Moberly, The Bible, Theology, and Faith: A Study of Abraham and Jesus (Cambridge: Cambridge University Press, 2000), 81-84.

6. EA Speiser, Genesis, Anchor Bible Commentary 1 (Garden City, NY: Doubleday, 1964), 166.

7. Roland de Vaux, Ancient Israel (Nova York: McGraw-Hill, 1965), 443.

E William L. Lane, Hebreus 9-13, Word Biblical Commentary 47B (Dallas: Word, 1991), 360.

9. Parte disso é tirado da excelente discussão de Eleonore Stump em seu "Evil and the Nature of Faith", parte de

suas palestras Gifford. O título antecipado é Wandering in Darkness: Narrative and the Problem of Evil (Oxford: Oxford University Press, a ser publicado).

10. Crenshaw, Whirlpool of Torment, 14.

11. A palavra hebraica n '("por favor") está à vista. Gordon Wenham, Gênesis 16-50, Word Biblical Commentary 2 (Dallas: Word, 1994), 104.

12. Nahum M. Sarna, Genesis, JPS Torah Commentary (Philadelphia: Jewish Publication Society, 1989), 151.

13. Wenham, 105. Naturalmente, 2 Crônicas 3: 1 nos informa que o Monte Moriá é o local do templo de Jerusalém.

14. Peguei emprestado os insights de Matthew Flannagan em "Abraão e Isaac: Deus ordenou o Matando um Inocente? " www.mandm.org.nz/2009/07/sunday-study-abraham-and-isaac-%E2%80%93-did-god-command-the-kill-of-an-innocent.html (acessado em 17 de abril de 2010).

15. John E. Hare, God Call: Moral Realism, God Commands, and Human Autonomy (Grand Rapids: Eerdmans, 2001), 68-69.

16. Ehrman, o problema de Deus, 169.

17. Jurgen Moltmann, The Crucified God, trad. RA Wilson (Minneapolis: Fortress, 1993), 273-74.

18. Eu modifiquei a tradução NASB, uma vez que a mesma palavra usada em Romanos 8:32 ("sobressalente" [pheidomai]) é usada na Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento).

19. James DG Dunn, A Teologia do Apóstolo Paulo (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), 225.

20. Thomas Torrance, A Doutrina Cristã de Deus: Um Ser, Três Pessoas (Edimburgo: T & T Clark, 1996), 244.

Capítulo 6: A sabedoria atemporal de Deus?

1. Um site com esta carta é www.thehumorarchives.com/humor/0001065.html.

2. CS Lewis, Surprised by Joy (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1956), 207.

3. NT Wright, The Climax of the Covenant (Minneapolis: Fortress, 1991), 181.

4. Alden Thompson, Quem Tem Medo do Deus do Velho Testamento? (Grand Rapids: Zondervan, 1988), 33.

5. Ibid., 32.

6. Leis hititas §167. Ver Martha T. Roth, Law Collections from Mesopotamia and Asia Minor, 2ª ed. (Atlanta: Scholars Press, 1997).

7. Ver Allen P. Ross, Santidade ao Senhor (Grand Rapids: Baker Academic, 2006).

8. Bruce C. Birch, Let Justice Roll Down: The Old Testament, Ethics, and Christian Life (Louisville: Westminster John Knox, 1991), 43.

9. William J. Webb, Slaves, Women, and Homosexuals (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001).

10. Modificado do capítulo 2 em Webb, Slaves, Women, and Homosexuals. Estou ciente de que nem todos os evangélicos concordam com a abordagem de Webb. Ver, por exemplo, Stanley N. Gundry e Gary Meadors, eds., Four Views on Moving beyond the Bible to Theology (Grand Rapids: Zondervan, 2009).

11. Paul Copan, When God Goes to Starbucks: A Guide to Everyday Apologetics (Grand Rapids: Baker, 2008), caps. 8-10.

12. RT France, "From Romans to the Real World", em Romans and the People of God, ed. Sven K. Soderlund e NT Wright (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), 245.

13. Esta seção foi ligeiramente adaptada do capítulo 3 de John Goldingay, Theological Diversity and the Authority of the Old Tsstament (Grand Rapids: Eerdmans, 1987).

14. Hitchens, Deus não é grande, 101.

15. John Barton, Understanding Old Testament Ethics: Approaches and Explorations (Louisville: Westminster John Knox, 2003), 73.

16. Veja Daniel Block, “Será que o verdadeiro Gideão, por favor, levante-se? Estilo narrativo e intenção em Juízes 69, "Journal of the Evangelical Theological Society 40 (1997): 353-66; e J. Daniel Hays," Has the Narrator Come to Praise Solomon or to Bury Him? Narrative Sutlety in 1 Kings 1- 11, "Jornal para o Estudo do Velho Testamento 28, no.

2 (2003): 149-74.

17. John N. Oswalt, A Bíblia entre os Mitos (Grand Rapids: Zondervan, 2009).

18. Ver, por exemplo, Paul Heger, “Fonte de Direito nas Coleções de Direito Bíblico e Mesopotâmico,” Biblica 87 (2006): 325-29.

19. KA Kitchen, On the Reliability of the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2003); James K. Hoffmeier, Israel no Egito: A Evidência para a Autenticidade da Tradição do Êxodo (Oxford: Oxford University Press, 1999); James K. Hoffmeier, Ancient Israel in Sinai: The Evidence for the Authenticity of the Wilderness Tradition (Oxford: Oxford University Press, 2005); e o mais popular James K. Hoffmeier, The Archaeology of the Bible (Grand Rapids: Kregel / Lion, 2008); e Iain Provain, V. Philips Long, e Tremper Longman III, A Biblical History of Israel (Louisville: Westminster John Knox, 2003).

Capítulo 7: A esquisitice onipresente da Bíblia? (EU)

1. Christopher JH Wright enfatiza esse arranjo triplo e observa essas estruturas socioeconômicas contrastantes em Ética do Velho Testamento para o Povo de Deus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004), 54-56.

2. Ele menciona isso de passagem em "Ciência e Ética", em Religião e Ciência (Oxford: Oxford University Press, 1961), 223-24.

3. John Goldingay, Old Testament Theology: Israels Life, vol. 3 (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009), 128.

4. Christopher JH Wright, Eye for an Eye: The Place of Old Testament Ethics (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1983), 29.

5. Louise Antony, "Atheism as Perfect Piety", em Is Goodness without God Good Enough? Ed. Robert K. Garcia e Nathan L. King (Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2009), 79; ver também o capítulo final em Erik Wielenberg, Value and Virtue in a Godless Universe (Cambridge: Cambridge University Press, 2005).

6. Paul Johnson, A History of the American People (Nova York: HarperCollins, 1997), 30-33.

7. Isto é, exceto quando o governo cósmico justo e amoroso de Deus for finalmente estabelecido no novo céu e nova terra (Ap 21-22).

8. Sobre a autoridade das Escrituras, veja NT Wright, The Last Word (San Francisco: HarperCollins, 2005).

9. Para uma discussão mais aprofundada sobre o fim do Israel nacional como povo de Deus, ver Paul Copan, Quando Deus Vai para Starbucks: Um Guia para Apologética Diária (Grand Rapids: Baker, 2008), caps. 15-16.

10. Gordon J. Wenham, Levítico, Novo Comentário Internacional sobre o Antigo Testamento (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), 270.

11. Richard Bauckham, The Bible in Politics: How to Read the Bible Politically (Louisville: Westminster John Knox, 1989), 23.

12. Goldingay, Israel S Life, 131.

13. Por exemplo, exigir evidência genealógica para servir como sacerdote (Esdras 2:62; Ne. 7:64), observar a Festa dos Pães Asmos (Esdras 6: 20-21), afirmar que comida e carcaças impuras estão contaminando (Hag 3: 11-13).

14. Maltbie D. Babcock, "This Is My Father's World" (1858-1901).

15. Goldingay, Israel S Life, 130.

16. Ibid., 609-15.

17. Jonathan Klawans, Impurity and Sin in Ancient Judaism (Nova York: Oxford University Press, 2000), 39.

18. Cyril S. Rodd, Glimpses of a Strange Land: Studies in Old Testament Ethics (Edimburgo: T & T Clark, 2001), 17.

19. Veja o capítulo 1 em Klawans, Impurity and Sin in Ancient Judaism.

20. Nobuyoshi Kiuchi, Leviticus, Apollos Old Testament Commentary 3 (Nottingham, UK: Apollos; Downers Grove, IL: InterVarsity, 2007), 212-13.

21. Ibid., 213.

22. Wenham, Levítico, 23.

23. No entanto, as vestes sacerdotais (cf. Êx 39) estavam isentas disso, sendo feitas tanto de lã como de linho. A lã

não tingia muito bem, por isso combinava com o linho.

24. Timothy A. Lenchak, "Clean and Unclean", em Eerdmans Dictionary of the Bible, ed. David Noel Freedman (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), 263.

25. Wenham, Levítico, 269.

26. David P. Wright, "Unclean and Clean (OT)," Anchor Bible Dictionary, vol. 6 (New York: Doubleday, 1992), 740.

Capítulo 8: A esquisitice onipresente da Bíblia? (II)

1. Gordon J. Wenham, Leviticus, New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), 167-68.

2. Ibidem, 167; JG McConville, Deuteronomy, Apollos Old Testament Commentary (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2002), 249; e Gordon J. Wenham, "The Theology of Unclean Food", Evangelical Quarterly 53 (1981): 7.

3. Mary Douglas, "The Forbidden Animals in Leviticus", Journal for the Study of the Old Testament 59 (1993): 3-23; e Mary Douglas, Leviticus as Literature (Oxford: Oxford University Press, 1999).

4. Wenham, "Theology of Unclean Food", 11; Wenham, Leviticus, 170.

5. Douglas, "Forbidden Animals in Leviticus", 3-23. Sigo Douglas nos parágrafos seguintes. Observe a própria estrutura de Leviticus, que serve como um lembrete para os temas que ela discute (11).

6. Wenham, Levítico, 174-75.

7. Douglas, "Forbidden Animals in Leviticus", 22.

E Ibid., 23.

9. Timothy A. Lenchak, "Clean and Unclean", em Eerdmans Dictionary of the Bible, ed. David Noel Freedman (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), 263.

10. Ephraim Radner, Leviticus (Grand Rapids: Brazos, 2008), 151.

11. John L. Hartley, Leviticus, Word Biblical Commentary 4 (Dallas: Word, 1992), 213-15.

12. Richard S. Hess, "Leviticus", em The Expositor's Bible Commentary, ed. Tremper Longman III e David E. Garland, ed. Rev. (Grand Rapids: Zondervan, 2008), 713. Hess aponta que em Israel, as mulheres se casaram razoavelmente jovens, tiveram muitas gestações e não viveram tanto quanto nas sociedades modernas, portanto, não teriam sido impuros com tanta frequência.

13. Agradeço a John Hare por seu artigo “Animal Sacrifices” (setembro de 2009), no qual ele usa esse termo.

14. Hess, "Levítico", 573, 658.

15. John H. Sailhamer, Pentateuch as Narrative (Grand Rapids: Zondervan, 1992), 33-79.

Capítulo 9: barbáries, leis cruas e outros crimes imaginários?

1. Veja o capítulo 3 em Joe M. Sprinkle, Biblical Law and Its Relevance (Lanham, MD: University Press of America, 2004).

2. Richard S. Hess, "Levítico 10: 1: Fogo Estranho e um Nome Estranho", Bulletin for Biblical Research 12, no. 2 (2008): 187-98.

3. Retirado de Christopher JH Wright, Deuteronômio, New International Biblical Commentary 4 (Peabody, MA: Hendrickson, 1996), 235-36.

4. Ver Mary Douglas, Leviticus as Literature (Oxford: Oxford University Press, 1999), 98-104.

5. Harris, End of Faith, 18.

6. Wright, Deuteronômio, 264-65.

7. William HC Ropp, Exodus 19-40, Anchor Bible Commentary (New York: Doubleday, 2006), 218.

8. Ver Laws of Hammurabi §§192, 193, 194, 195, 205. Referências a antigos textos do Oriente Próximo foram tiradas de William W. Hallo, ed., The Context of Scripture, vol. 2, Inscrições Monumentais do Mundo Bíblico (Leiden: Brill, 2003); Martha T. Roth, Law Collections from Mesopotamia and Asia Minor, 2ª ed. (Atlanta: Scholars Press,

1997); e Raymond Westbrook, ed., A History of Ancient Near East Law, 2 vols. (Leiden: Brill, 2003).

9. Leis de Hammurabi §§6-10.

10. David Lorton, "The Treatment of Criminals in Ancient Egypt", em The Treatment of Criminals in the Ancient Near East, ed. Jack M. Sasson (Leiden: Brill, 1977), 1-64 (ver, por exemplo, p. 25); e Andrea G. McDowell, sv "Crime e Castigo", The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt, ed. Donald B. Redford (Oxford: Oxford University Press, 2001), 1: 318.

11. David L. Baker, Tight Fists or Open Hands? Riqueza e pobreza na Lei do Antigo Testamento (Grand Rapids: Eerdmans, 2009), 27. Baker observa que as leis hititas também utilizavam demandas de restituição.

12. Johannes Renger, "Wrongdoing and Its Sanctions: On 'Criminal' and 'Civil' Law in the Old Babylonian Period", em The Treatment of Criminals in the Ancient Near East, ed. Jack M. Sasson (Leiden: Brill, 1977), 72; ver também Christopher JH Wright, Ética do Antigo Testamento para o Povo de Deus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004), 310.

13. Leis hititas §166.

14. Leis hititas §167.

15. Ironicamente, Hector Avalos zomba da visão não literal de "compensação", citando Raymond Westbrook como seu apoio. No entanto, Westbrook discorda de Avalos! Ver Raymond Westbrook, Studies in Biblical and Cuneiform Law (Paris: J. Gabalda, 1988), 45, 47- 55; também William Ian Miller, Eye for an Eye (Cambridge: Cambridge University Press, 2006), 207n. Outras culturas antigas do Oriente Próximo, no entanto, ainda tinham punições de mutilação brutais, que discuto neste livro.

16. Brevard S. Childs, The Book of Exodus: A Critical, Theological Commentary (Philadelphia: Westminster, 1974), 93.

17. Leis de Hammurabi §§197, 200.

18. Leis de Hammurabi §251. Se ele matasse um escravo, um terço de uma mina seria pago ao mestre (§252; Eshnunna §54).

19. Leis de Hammurabi §§229-30.

20. Douglas K. Stuart, Exodus, New American Commentary 2 (Nashville: B & H Publishing, 2008), 485.

21. Paul Johnson, Art: A New History (Nova York: HarperCollins, 2003), 33.

22. Walter C. Kaiser, Toward Old Testament Ethics (Grand Rapids: Zondervan, 1983), 91-92.

23. Raymond Westbrook, "The Character of Ancient Near Eastern Law", em A History of Ancient Near Eastern Law, vol. 1, ed. Raymond Westbrook (Leiden: Brill, 2003), 71-78; JJ Finkelstein, The Ox That Gored (Filadélfia: American Philosophical Society, 1981), esp. 34-35; Joseph M. Sprinkle, “The Interpretation of Exodus 21: 22-25 (Lex Talionis) and Abortion,” Westminster Theological Journal 55 (1993): 233-55 (esp. 237-43).

24. Susan Niditch, War in the Hebrew Bible: A Study in the Ethics of Violence (Nova York: Oxford University Press, 1993), 45-46. Para uma crítica de algumas das afirmações de Niditch, ver Ben C. Ollenburger, resenha de War in the Hebrew Bible: A Study in the Ethics of Violence, de Susan Niditch, Interpretação 48, no. 4 (1994): 436-37.

25. Iain W. Provan, 1 e 2 Reis, New International Bible Commentary 7 (Peabody, MA: Hendrickson; Carlisle, UK: Paternoster, 1995), 186.

26. Veja Baruch Margalit, “Why King Mesha Sacrificed His Oldest Son”, Biblical Archaeology Review 12 (novembro / dezembro de 1986): 62-63; John J. Bimson, “1 e 2 Reis, 'em The New Bible Commentary, 4ª ed., Ed. Gordon Wenham et al. (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994), 365; e Anson Rainey, The Sacred Bridge: Carta's Atlas of the Biblical World, ed. Anson Rainey e R. Steven Notley (Jerusalém: Carta, 2006), 205.

27. John Goldingay, Teologia do Velho Testamento: Vida de Israel, vol. 3 (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009), 796. Para uma boa discussão do texto de Ezequiel, veja Daniel I. Block, The Book of Ezekiel: Capítulos 1 — 24 (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), 636-41 .

Capítulo 10: Misógino?

1. Muito do material neste capítulo foi retirado de Richard M. Davidson, Flame of Yahweh: Sexuality in the Old

Tsstament (Peabody, MA: Hendrickson, 2007).

2. Jonathan Klawans, Impurity and Sin in Ancient Judaism (Nova York: Oxford University Press, 2000), 39.

3. Daniel I. Block, “Marriage and Family in Ancient Israel, 'in Marriage and Family in the Biblical World, ed. Ken M. Campbell (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2003), 63.

4. John Goldingay, Old Testament Theology: Israels Life, vol. 3 (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009), 376.

5. D. Hollander e M. Schwartz, "Annealing, Distilling, Reheating, and Recycling: Bitumen Processing in the Ancient Near East," Paleorient 26, no. 2 (2000): 83-91; e Wolfgang Heimpel, ed., Cartas ao Rei de Mari: Uma Nova Tradução, com Introdução Histórica, Notas e Comentários (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2003), 272-75.

6. Davidson, Flame of Yahweh, 327.

7. Leis hititas §193. Um bom resumo sobre crimes e punições relacionados às mulheres é Elisabeth Meier Tetlow, Women, Crime, and Punishment in Ancient Law and Society, vol. 1, The Ancient Near East (Nova York: Continuum, 2004).

8. JG McConville, Deuteronomy, Apollos Old Testament Commentary (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2002), 369.

9. Robin Parry, Old Testament Story and Christian Ethics: The Rape of Dinah as a Case Study (Bletchley, UK: Paternoster, 2004), 68.

10. Gordon McConville, "Leis do Antigo Testamento e Intencionalidade Canônica", em Canon and Biblical Interpretation, ed. Craig Bartholomew et al. (Grand Rapids: Zondervan, 2006), 263.

11. Davidson, Flame of Yahweh, 250.

12. John Sailhamer, The Pentateuch as Narrative (Grand Rapids: Zondervan, 1992), 51-59.

13. Entre os hititas, a bestialidade com certos animais tornava uma pessoa apenas ritualmente impura. Ver Westbrook, History of Ancient Near Eastern Law, 1: 648-49.

14. Ver Douglas K. Stuart, Exodus, New American Commentary 2 (Nashville: B & H Publishing, 2008), 450-54; e Clay Jones, "Por que não odiamos o pecado para não compreender o que aconteceu aos cananeus: um adendo aos argumentos do 'genocídio divino'", Philosophia Christi ns 11 (2009): 53-72.

15. Leis de Lipit-Ishtar §§27, 30.

16. Leis hititas §194.

17. Leis hititas §200a. Estranhamente, a lei hitita não permitia relações sexuais com uma vaca, ovelha, porco ou cachorro (§§187-88, 199).

Capítulo 11: Preço da Noiva?

1. Ver William G. Hyland Jr., In Defense of Thomas Jefferson: The Sally Hemings Sex Scandal (Nova York: St. Martin's, 2009).

2. Leis de Hammurabi §§170-71.

3. Werner Plautz, "Monogamie und Polygamie im Alten Testament", Zeitschrift fur die Altentestamentliche Wissenschaft 65 (1963): 9-13; e AA Anderson, 2 Samuel, Word Biblical Commentary 11 (Nashville: Thomas Nelson, 1989), 203.

4. Ver J. Daniel Hays, "O Narrador Veio para Louvar a Salomão ou para Enterrá-lo? Narrative Subtlety in 1 Kings 1-11," Journal for the Study of the Old Testament 28, no. 2 (2003): 149-74.

5. Richard M. Davidson, Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament (Peabody, MA: Hendrickson, 2007), 193-98; e Gordon P. Hugenberger, Marriage as a Covenant (Grand Rapids: Baker Academic, 1994), 115-18.

6. Davidson, Flame of Yahweh, 193-98.

7. Esta seção toma emprestado bastante de ibid., 191-93; e Douglas K. Stuart, Exodus, New American Commentary 2 (Nashville: B & H Publishing, 2008), 481-84. Veja Hugenberger, Marriage as a Covenant, 320-22. Obrigado também pela correspondência por e-mail de Richard Davidson sobre esta passagem (26 de setembro de 2009).

E Walter C. Kaiser, Toward Old Testament Ethics (Grand Rapids: Zondervan, 1983), 187.

9. Daniel I. Block, "Marriage and Family in Ancient Israel", em Marriage and Family in the Biblical World, ed. Ken

M. Campbell (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2003), 57, 63; Davidson, Flame of Yahweh, 249; Gordon Wenham, "Family in the Pentateuch", em Family in the Bible, ed. Richard S. Hess e Daniel Carrol (Grand Rapids: Baker Academic, 2003), 23-24; e Stuart, Exodus, 509-10.

10. A tradução do Antigo Testamento em grego está errada. É uma tradução incorreta desta passagem, "ele é descoberto", como se só o homem fosse culpado. O hebraico indica que ambos são culpados.

11. Davidson, Flame of Yahweh, 359, 519.

12. Duane L. Christensen, Deuteronômio 21: 10—34: 12, Comentário Bíblico Word 6B (Nashville: Thomas Nelson, 2002), 474-75.

13. Derek Kidner, "Perspectivas do Velho Testamento na Guerra", Evangelical Quarterly 57 (abril de 1985): 109.

14. Veja Davidson, Flame of Yahweh, 593.

15. Ver Jerome T. Walsh, "You Shall Cut Off Her ... Palm? A Reexamination of Deuteronomy 25: 1112," Journal of Semitic Studies 49 (2004): 47-48; também, Davidson, Flame of Yahweh, 476-80. Infelizmente, o artigo de Marc Cortez defendendo a visão da amputação falha em envolver os argumentos textuais de Walsh: "The Law on Violent Intervention: Deuteronomy 25.11-12 Revisited", Journal for the Study of the Old Testament 30: 3 (2006): 431-47 Agradeço a correspondência de Walsh sobre este tópico (maio de 2010).

16. O Código dos Assírios, I.8.

Capítulo 12: Mandado de Tráfico de Seres Humanos como Equipamento Agrícola? (EU)

1. Frederick Douglass, Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave (Nova York: Spark Publishing, 2005), 20.

2. Harriet Beecher Stowe, uma chave para a cabana do tio Tom; apresentando os fatos e documentos sobre os quais a história se baseia, juntamente com declarações corroborativas verificando a verdade da obra (Boston: John P. Jewett, 1853), I.10, 139.

3. David W. Galenson, "Indentured Servitude", em The Oxford Companion to American History (Nova York: Oxford University Press, 2001), 368-69.

4. John Goldingay, Old Testament Theology: Israels Life, vol. 3 (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009), 460.

5. Douglas K. Stuart, Exodus, New American Commentary 2 (Nashville: B & H Publishing, 2008), 47475.

6. Goldingay, Israel's Life, 461.

7. Em alguns de meus comentários sobre a servidão em Israel, eu peguei emprestado de Tikva Frymer-Kenski, "Anatolia and the Levant: Israel", em A History of Ancient Near East Law, vol. 2, ed. Raymond Westbrook (Leiden: Brill, 2003)

8. Ver Gregory C. Chirichigno, Debt-Slavery in Israel and the Ancient Near East, JSOT Supplement Series 141 (Sheffield: University of Sheffield Press, 1993), 351-54.

9. Ver Gordon Wenham, "Family in the Pentateuch", em Family in the Bible, ed. Richard S. Hess e Daniel Carrol (Grand Rapids: Baker Academic, 2003), 21.

10. JA Motyer, The Message of Exodus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005), 239.

11. Peter Garnsey, Ideas of Slavery from Aristotle to Augustine (Cambridge: Cambridge University Press, 1996), 1.

12. John I. Durham, Exodus, Word Biblical Commentary 3 (Waco: Word, 1987), 321.

13. John L. Hartley, Leviticus, Word Biblical Commentary 4 (Dallas: Word, 1992), 429. O Código de Hammurabi previa a libertação de escravos por dívidas.

14. Gordon McConville, Grace in the End: A Study in Deuteronomic Theology (Grand Rapids: Zondervan, 1993), 148.

15. Christopher JH Wright, Caminhando nos Caminhos do Senhor (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1995), 124.

16. Muhammad A. Dandamayev, sv "Slavery (Old Testament)", em Anchor Bible Dictionary, vol. 6, ed. David Noel Freedman (Nova York: Doubleday, 1992).

17. Ibid.

18. Frymer-Kenski, ^ Anatolia and the Levant: Israel, "1007.

19. Leis de Hammurabi §282. Ver também Elisabeth Meier Tetlow, Women, Crime, and Punishment in Ancient Law and Society, vol. 1, The Ancient Near East (Nova York: Continuum, 2004).

20. Sobre esta característica única, consulte Christopher JH Wright, Ética do Antigo Testamento para o Povo de Deus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004), 292.

21. Leis de Hammurabi §§170-71.

22. Estou me referindo a Hector Avalos ("Yahweh Is a Moral Monster", em The Christian Delusion, ed. John Loftus [Amherst, NY: Prometheus, 2010]), que comumente se envolve neste tipo de evidência inclinada. Apesar de seu ad hominem acusações de ser um "religioso" tendencioso ou minha abordagem "baseada na fé", a questão é de evidências e argumentação. Como se constatou, o próprio tom de Avalos e a seletividade de seus argumentos certamente o qualificam como verdadeiramente "anti-religioso" e sendo “anti-religioso”.

23. Goldingay, Israel's Life, 470.

24. Leis de Hammurabi §16.

25. Leis de Lipit-Ishtar §12; Leis de Eshunna §49-50; Leis hititas §24.

26. Joachim Oelsner, Bruce Wells e Cornelia Wunsch, sv "Neo-Babylonian Period", em A History of Ancient Near Eastern Law, ed. Raymond Westbrook (Leiden: Brill, 2003), 2: 932.

27. David L. Baker, Tight Fists or Open Hands? Wealth and Poverty in Old Testament Law (Grand Rapids: Eerdmans, 2009), 133-34.

28. Este e outros discursos de Lincoln estão disponíveis em http://www.lincolnbicentennial.gov.

29. Walther Eichrodt, Teologia do Antigo Testamento, vol. 2, trad. JA Baker (Londres: SCM Press, 1967), 321.

30. Walther Eichrodt, Teologia do Antigo Testamento, vol. 1, trad. JA Baker (Londres: SCM Press, 1961), 77-82.

31. Muhammed A. Dandamayev, sv "Slavery (ANE)", em Anchor Bible Dictionary, 6:61.

32. Bruce K. Waltke, An Old Testament Theology (Grand Rapids: Zondervan, 2007), 721.

33. Wright, Ética do Antigo Testamento, 292.

34. Sam Harris, Letter to a Christian Nation (Nova York: Alfred A. Knopf, 2006), 14.

35. Goldingay, Israel's Life, 460-62.

Capítulo 13: Mandado de Tráfico de Seres Humanos como Equipamento Agrícola? (II)

1. Gregory C. Chirichigno, Debt-Slavery in Israel and the Ancient Near East, JSOT Supplement Series 141 (Sheffield: University of Sheffield Press, 1993), 155-63.

2. Leis de Hammurabi §§199-201.

3. Walter Kaiser, "Exodus", em The Expositor's Bible Commentary, vol. 2, ed. Tremper Longman III e Frank C. Gaebelein (Grand Rapids: Zondervan, 2008), 433-35.

4. Cf. (Novo) Leis hititas §9. Este parágrafo foi retirado de Harry A. Hoffner, Jr., "Slavery and Slave Laws in Ancient Hatti and Israel," em Israel: Ancient Kingdom or Late Invention ?, ed. Daniel I. Block (Nashville: B&H Academic, 2008).

5. Nahum M. Sarna, Exodus (Philadelphia: Jewish Publication Society, 1991), 124.

6. Muito nesta seção foi retirado de Douglas K. Stuart, Exodus, New American Commentary 2 (Nashville: B & H Publishing, 2008), 476-81.

7. Chirichigno, Debt-Slavery in Israel, cap. 6

8. Martin Noth, Leviticus: A Commentary, trad. JE Anderson (Philadelphia: Westminster, 1965), 143; veja também a longa discussão de Jacob Milgrom em Levítico 17-22, Anchor Yale Bible 3A (New Haven: Yale University Press, 2000), 1665-77.

9. Richard M. Davidson, Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament (Peabody, MA: Hendrickson, 2007), 361-62.

10. Tikva Frymer-Kenski, "Anatolia and the Levant: Israel," em A History of Ancient Near East Law, vol. 2, ed. Raymond Westbrook (Leiden: Brill, 2003), 1034.

11. Davidson, Flame of Yahweh, 250.

12. David L. Baker, Tight Fists or Open Hands? Riqueza e pobreza na lei do Antigo Testamento (Grand Rapids: Eerdmans, 2009), 182.

13. J. Daniel Hays, From Every People and Nation: A Biblical Theology of Race (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2003), 69-70; "gwr" no Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Velho Testamento, ed. Willem A. VanGemeren, 5 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1997), 1: 836-38; 3: 108-9; e Baker, Tight Punhos, 180.

14. É claro que as práticas religiosas não israelitas, como o sacrifício de crianças, não deveriam ser toleradas em Israel, mesmo se praticadas por um estrangeiro (Levítico 20: 2).

15. Jeffrey H. Tigay, Deuteronômio, Série de Comentários da Torá (Jerusalém: Sociedade de Publicação Judaica, 2003), 146.

16. Veja Neemias 4, 6 e 13 como exemplos de estrangeiros que são hostis a Israel (por exemplo, Sambalate e Tobias); no final do livro, Tobias recebe um quarto no templo de Eliasibe, o sacerdote (Ne 13:18).

17. Tigay, Deuteronômio, 189, 380nn28-29.

18. Richard Bauckham, The Bible in Politics: How to Read the Bible Politically (Louisville: Westminster John Knox, 1989), 108.

19. Roy Gane, Leviticus, Numbers, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2004), 441-42.

20. Walter C. Kaiser, "A Principalizing Model", em Four Views of Moving beyond the Bible to Theology, ed. Stanley N. Gundry e Gary T. Meadors (Grand Rapids: Zondervan, 2009), 40.

21. John Goldingay, Teologia do Velho Testamento: Vida de Israel, vol. 3 (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009), 464 (e nota).

22. Ibid., 465-66.

23. Ver James K. Hoffmeier, The Immigration Crisis: Immigrants, Aliens, and the Bible (Wheaton: Crossway, 2009).

24. Ver Robert L. Hubbard Jr., "The Go'el in Ancient Israel: Theological Reflections on an Israelite Institution," Bulletin of Biblical Research 1 (1991): 3-19.

25. Chirichigno, Debt-Slavery in Israel, 147-48.

26. Noth, Levítico, 192.

27. Frymer-Kenski, "Anatolia and the Levant: Israel," 1008-9.

28. Por exemplo, veja John H. Sailhamer, Pentateuch as Narrative (Grand Rapids: Zondervan, 1992).

29. Baker, Tight Fists, 166.

30. Christopher JH Wright, "Response to Gordon McConville", em Canon and Biblical Interpretation, ed. Craig Bartholomew et al. (Grand Rapids: Zondervan, 2006), 283. Veja a explicação mais completa de Wright neste capítulo.

31. Ibid.

32. Ibid.

33. Douglas Stuart, Hosea-Jonah, Word Biblical Commentary 31 (Waco: Word, 1987), 316-17.

Capítulo 14: Mandado de Tráfico de Seres Humanos como Equipamento Agrícola? (III)

1. Por exemplo, no debate no Knox College em Galesburg, Illinois (7 de outubro de 1858), Lincoln desafiou Douglas (ou qualquer um) para pesquisar os registros escritos do mundo de 1776 a 1855 para encontrar "uma única afirmação, de um único homem, que o negro não foi incluído na Declaração de Independência. "

2. AA Ruprecht, sv "Slave, Slavery", no Dicionário de Paulo e Suas Cartas, ed. Gerald Hawthome et al. (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1993), 881-83.

3. DB Martin, Slavery as Salvation: The Metaphor of Slavery in Pauline Christianity (New Haven: Yale University, 1990), 1-49.

4. Ben Witherington III, Conflict and Community in Corinth: A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians (Grand Rapids: Eerdmans; Carlisle, UK: Eerdmans, 1995), 182. Alguns dos meus comentários nesta seção

foram retirados das páginas 181 -85.

5. James Tunstead Burtchaell, Problema de Philemon: A Theology of Grace (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), 16.

6. PT O'Brien, The Letter to the Ephesians, Pillar Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), 454.

7. Ver Gordon D. Fee, 1 e 2 Timothy, Titus, NIBC 13 (Peabody, MA: Hendrickson, 1988), 45-46n, 49.

8. O'Brien, Efésios, 455.

9. I. Howard Marshall, 1 Peter, IVP New Testament Commentary (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1991), 89-90; e Karen H. Jobes, 1 Peter, Baker Exegetical Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Baker Academic, 2005), 180-87.

10. Veja A. Lincoln: A Biography, de Ronald C. White (Nova York: Random House, 2009), que explora esses temas em detalhes.

11. Jonathan Hill, O que o Cristianismo já fez por nós? (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005), 176.

12. Para uma boa discussão geral, ver David B. Capes, Rodney Reeves e E. Randolph Richards, Rediscovering Paul (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2007), 237-41. Também pego ideias emprestadas de Allen Dwight Callahan, “Paul's Epistle to Philemon: Toward an Alternative Argumentum," The Harvard Theological Review 86, no. 4 (outubro de 1993): 357-76; e Sarah Winter, "Paul's Letter to Philemon", New Testament Studies 33 (1987): 1-15.

13. Veja Callahan, “Epístola de Paulo a Filemom”.

14. Burtchaell, Philemon's Problem, 21.

15. O argumento de Hector Avalos aqui ("Yahweh Is a Moral Monster", em The Christian Delusion, ed. John Loftus [Amherst, NY: Prometheus, 2010]) é um exemplo notável de exegese brutalmente distorcida.

16. Este famoso ponto é retirado do livro de Lutero Concerning Christian Liberty.

17. Gordon D. Fee, "The Cultural Context of Ephesians 5: 18-6: 9," Priscilla Papers 16/1 (2002): 7-8.

Capítulo 15: Massacre indiscriminado e limpeza étnica? (EU)

1. Algum material neste capítulo foi adaptado e expandido de Paul Copan, "Yahweh Wars", Philosophia Christi ns 11, no. 1 (2009): 73-90, no qual também interajo com Randal Rauser e Wes Morriston, cujos ensaios também são ver também Paul Copan, "Is Yahweh a Moral Monster? The New Atheists and Old Testament Ethics," Philosophia Christi ns 10, no. 1 (2008): 7-37.

2. Gerd Ludemann, O Profano nas Sagradas Escrituras, trad. John Bowden (Louisville: Westminster John Knox, 1997), 54.

3. Veja GK Beale, Tornamo-nos o que Adoramos: Uma Teologia Bíblica da Idolatria (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2008).

4. William F. Albright, Archaeology and the Religion of Israel (Baltimore: Johns Hopkins Press, 1968), 77. Ver também Richard M. Davidson, Footsteps of Joshua (Hagerstown, PA: Review and Herald, 1995), 95.

5. Ver o livro sugestivo de Stephen J. Keillor, God Judgments: Interpreting History and the Christian Faith (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2007).

6. Mencionado em Michael Shermer, The Science of Good and Evil (Nova York: Henry Holt, 2004), 39-40.

7. Kai Nielsen, Ética sem Deus, rev. ed. (Buffalo: Prometheus Books, 1990), 10-11.

E “Apêndice" em CS Lewis, The Abolition of Man (San Francisco: Harper, 2001).

9. Patrick Miller, The Religion of Ancient Israel (Louisville: Westminster John Knox, 2000), 199-201.

10. Jeffrey H. Tigay, Deuteronômio, Série de Comentários da Torá (Jerusalém: Sociedade de Publicação Judaica, 2003), 146.

11. David L. Baker, Tight Fists or Open Hands? Riqueza e pobreza na lei do Antigo Testamento (Grand Rapids: Eerdmans, 2009), 185.

12. Douglas K. Stuart, Exodus, New American Commentary 2 (Nashville: B & H Publishing, 2008), 478n.

13. John Goldingay, Teologia do Velho Testamento: Vida de Israel, vol. 3 (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009), 618.

14. Barna Magyarosi, "Guerra Santa e Conflito Cósmico no Velho Testamento: Do Êxodo ao Exílio" (dissertação de doutorado, Instituto Teológico Adventista Romeno), 20-26.

15. Deus diz aos israelitas que eles não expulsarão rapidamente as nações de sua presença, o que deixaria a terra vazia (Deuteronômio 7:22); por outro lado, a desobediência e idolatria de Israel retardariam ainda mais o processo e até mesmo se mostrariam uma armadilha para Israel (Js 23: 12-13; Juízes 2: 1-3).

16. Magyarosi, "Holy War", 91.

17. Ibid., 79, 82.

18. Retirado de Stuart, Exodus, 395-97.

Capítulo 16: Massacre indiscriminado e limpeza étnica? (II)

1. Por exemplo, Walter Brueggemann, Uma Introdução ao Velho Testamento: O Cânone e a Imaginação Cristã (Louisville: Westminster John Knox, 2003), 109-13.

2. Gordon McConville, "Joshua", em The Oxford Bible Commentary, ed. J. Barton e J. Muddiman (Oxford: Oxford University Press, 2001), 159.

3. David M. Howard Jr., Joshua 5, New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman, 1998), 39-40.

4. Christopher JH Wright, Ética do Antigo Testamento para o Povo de Deus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004), 474-75; e Iain Provan, V. Philips Long, e Tremper Longman III, A Biblical History of Israel (Louisville: Westminster John Knox, 2003), 149.

5. Retirado de KA Kitchen, On the Reliability of the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2003), 173-74; e K. Lawson Younger Jr., Ancient Conquest Accounts: A Study in Ancient Near Eastern and Biblical History Writing (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990), 227-28, 245. Agradeço a Matt Flanagan por me informar sobre o livro de Younger. E embora eu discorde dos temas pós-modernos, consulte a documentação de Lori K. Rowlett dessa retórica em Joshua e a Retórica da Violência: Uma Nova Análise Histórica (Nova York: Continuum, 1996), especialmente cap. 5

6. Gordon J. Wenham, Explorando o Velho Testamento: Um Guia para o Pentateuco (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2003), 137.

7. R. Gary Millar, Now Choose Life: Theology and Ethics in Deuteronomy (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001), 157.

8. David G. Firth, 1 e 2 Samuel (Downers Grove, IL: InterVarsity; Nottingham, UK: Apollos, 2009), 173.

9. Barna Magyarosi, "Holy War and Cosmic Conflict in the Old Testament", 138-53. Mesmo quando Davi luta contra os amalequitas (por exemplo, 1 Sam. 30:26), a linguagem herêmica não é aplicada a isso.

10. Richard S. Hess, "Guerra na Bíblia Hebraica: Uma Visão Geral", em Guerra na Bíblia e Terrorismo no Século XXI, ed. Richard S. Hess e Elmer A. Martens (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2008); também Richard S. Hess, Joshua, Tyndale Old Testament Commentary 6 (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996). Agradeço a John Goldingay por me enviar o capítulo 5 ("Cidade e Nação") de Teologia do Velho Testamento: Vida de Israel, vol. 3 (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009). Utilizo e sumarizo suas percepções nesses capítulos sobre a guerra. Agradeço também a extensa correspondência por e-mail com Rick Hess e Tremper Longman sobre esses temas, que também incluo nesses capítulos sobre guerra.

11. Hess, "War in the Hebrew Bible," 25. Gordon Mitchell menciona uma certa flexibilidade sobre como Josué a entende (por exemplo, Raabe, os gibeonitas e outros são poupados). Veja Gordon Mitchell, Juntos na Terra: Uma Leitura do Livro de Josué, Suplemento JSOT 134 (Sheffield: JSOT, 1993).

12. Richard S. Hess, "The Jericho e Ai of the Book of Joshua", em Critical Issues in Early Israelite History, ed. Richard S. Hess, Gerald A. Klingbeil e Paul J. Ray Jr. (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2008), 39.

13. Sobre o exagero dos números no antigo Oriente Próximo / Antigo Testamento, ver Daniel M. Fouts, "A Defense of the Hyperbolic Interpretation of Numbers in the Old Testament", Journal of the Evangelical Theological Society 40, no. 3 (1997): 377-87.

14. Hess, "Jericho and Ai", 46.

15. Ibid., 33-46; também, Hess, Joshua.

16. Hess, “Jericho and Ai,” 29-30.

17. Ibid., 35, 42.

18. Da mesma forma, as idades daqueles que viveram antes do dilúvio podem ser simbólicas - de acordo com o antigo uso de números no Oriente Próximo. Ver RK Harrison, “De Adam a Noah: A Reconsideration of the Antediluvian Patriarchs 'Ages,” Journal of the Evangelical Theological Society 37, no. 2 (1994): 161-68; e Carol A. Hill, "Making Sense of the Numbers of Genesis", Perspectives on Science and the Christian Faith 55, no. 4 (dezembro de 2003): 239-51.

19. Hess, “Jericho and Ai,” 38-39.

20. Richard Hess, correspondência pessoal (28 de janeiro de 2009).

21. Hess, Joshua, 91-92. Observe as leis de Eshnunna em relação ao papel dos estalajadeiros (§15, §41). Ver DJ Wiseman, “Rahab of Jericho,” Tyndale Bulletin 14 (1964): 8-11.

22. Hess, Joshua, 91-92. Inseri “feminino”, pois é isso que o texto de Hammurabi indica. Um homem não está à vista aqui.

23. Moshe Weinfeld, A Promessa da Terra: A Herança da Terra de Canaã pelos Israelitas (Berkeley: University of California Press, 1993), 141-43.

24. Hess, Joshua, 91-92.

25. Ibid., 142-43.

26. Hess, "War in the Hebrew Bible", 29.

27. Ibid.

28. Ian Morris e Walter Scheidel, The Dynamics of Ancient Empires: State Power from Assyria to Byzantium (Oxford: Oxford University Press, 2009), 62.

29. Hess, "War in the Hebrew Bible", 30.

30. Embora Tigay tenha o primeiro ponto de vista, veja sua discussão em Jeffrey H. Tigay, Deuteronomy, Torah Commentary Series (Jerusalem: Jewish Publication Society, 2003), 474.

31. Ibidem, 470; e Magyarosi, "Holy War", 110-18.

32. Goldingay, Teologia do Velho Testamento, 570; também Hess, “War in the Hebrew Bible,” 30.

33. Hess, "War in the Hebrew Bible", 30.

34. De Nicholas Wolterstorff, “Reading Joshua,” apresentado na conferência “My Ways Are Not Your Ways”, University of Notre Dame, setembro de 2009.

35. Esta seção foi extraída de Alan R. Millard, “Eram os israelitas realmente cananeus?” em Israel: Ancient Kingdom or Late Invention?, ed. Daniel I. Block (Nashville: B&H Academic, 2008), 156-68.

36. James K. Hoffmeier, Israel no Egito: A Evidência para a Autenticidade da Tradição do Êxodo (Oxford: Oxford University Press, 1999); James K. Hoffmeier, Ancient Israel in Sinai: The Evidence for the Authenticity of the Wilderness Tradition (Oxford: Oxford University Press, 2005).

Capítulo 17: Massacre indiscriminado e limpeza étnica? (III)

1. Por exemplo, Karen Armstrong faz essa conexão Cruzada-Canaanita em seu livro Guerra Santa: As Cruzadas e Seu Impacto no Mundo de Hoje (Nova York: Anchor, 2001).

2. John Goldingay, Old Testament Theology: Israels Life, vol. 3 (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009), 572.

3. Christopher JH Wright, O Deus que eu não entendo: Reflexões sobre as questões difíceis da fé (Grand Rapids: Zondervan, 2008), 102. Cf. Josué 16:53; 2 Samuel 5: 6-10. Wright diz que os jebuseus mudaram da “lista de alvos” para a “lista de origem”, uma indicação de que essas nações inimigas poderiam ser incorporadas ao povo de Deus.

4. Richard S. Hess, "Guerra na Bíblia Hebraica: Uma Visão Geral", em Guerra na Bíblia e Terrorismo no Século XXI, ed. Richard S. Hess e Elmer A. Martens (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2008), 29.

5. Para uma análise penetrante de My Lai, consulte o capítulo 6 de M. Scott Peck, People of the Lie (Nova York: Simon & Schuster, 1983).

6. A resposta de John Stott em David Edwards, Evangelical Essentials: A Liberal-Evangelical Dialogue (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1988), 263.

7. Lee fez essa declaração durante a Batalha de Fredericksburg em dezembro de 1862.

8. From The Fellowship of the Ring, dirigido por Peter Jackson (New Line Cinema, 2001), baseado em J. R .R. Trabalho de Tolkien com o mesmo título.

9. Vernon Grounds, "Called to Be Saints — Not Well-Adjusted Sinners," Christianity Today (17 de janeiro de 1986), 28.

10. Paul K. Moser, The Elusive God: Reorienting Religious Epistemology (Cambridge: Cambridge University Press, 2008), 91-92.

11. Goldingay, Israel's Life, 569. Abordo a questão específica do sacrifício de Isaque por Abraão em aComo você sabe que não está errado? ^ (Grand Rapids: Baker, 2005).

12. Agradeço a Alvin Plantinga por seus insights em seu artigo "Response to Fales" apresentado na conferência "My Ways Are Not Your Ways", University of Notre Dame, setembro de 2009.

13. Miroslav Volf, Free of Charge: Giving and Forgiving in a Culture Stripped of Grace (Grand Rapids: Zondervan, 2006), 138-39; veja também Exclusion and Embrace: A Theological Exploration of Identity, Otherness, and Reconciliation, de Volf (Nashville: Abingdon, 1996).

14. Paul K. Moser, "Divine Hiddenness, Death, and Meaning," em Philosophy of Religion: Classic and Contempora ^ Issues (Oxford: Blackwell, 2008), 221-22.

15. CS Lewis, "Miracles", em The Complete CS Lewis Signature Classics (San Francisco: Harper, 2002), 383-84.

16. CS Lewis, Surprised by Joy (Nova York: Harcourt Brace & World, 1955), 166.

17. CS Lewis, "The Obstinacy of Belief", em The Worlds Last Night (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1960), 25-27.

18. De Mark Murphy, que gentilmente me enviou seu ensaio "Deus além da justiça".

19. Murphy, "Deus além da justiça", inspirou esses pensamentos.

20. From The Two Towers, dirigido por Peter Jackson (New Line Cinema, 2002), baseado em J. R .R. Trabalho de Tolkien com o mesmo título.

21. William Cowper, "God Moves in a Mysterious Way", 1774. Este hino pode ser encontrado online em http: //nethymnal.0rg/htm/g/m/gm0vesmw.htm.

22. Michael Card, "This Must Be the Lamb", Legacy, CD, Benson Productions, B00004RC04, 1983.

Capítulo 18: A raiz de todo o mal?

1. Mark Juergensmeyer, Terror in the Mind of God (Berkeley: University of California Press, 2000), 242, 159, 243.

2. Regina Schwartz, The Curse of Cain (Chicago: University of Chicago Press, 1997), 63.

3. Richard Dawkins, The God Delusion (Boston: Houghton Mifflin, 2006), 37.

4. Neste capítulo, estarei seguindo Mirsoslav Volf, "Christianity and Violence", em War in the Bible and Violence in the Twenty-First Century, ed. Richard S. Hess e Elmer A. Martens (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2008); e RWL Moberly, “Is Monotheism Bad for You? Some Reflections on God, the Bible, and Life in the Light of Regina Schwartz's The Curse of Cain, "in The God of Israel (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), 94-112.

5. Volf, "Christianity and Violence", 8.

6. Este poema pode ser encontrado online em ChristianHistory.net, "Fanny Crosby", 8 de agosto de 2008, http://www.christianitytoday.com/ch/131christians/poets/crosby.html.

7. Volf, "Christianity and Violence", 13.

E CS Lewis, The Problem of Pain (Nova York: Macmillan, 1962), 118-19.

9. Veja meus três capítulos sobre as guerras de Yahweh e a jihad islâmica em Paul Copan, Quando Deus Vai para a Starbucks: Um Guia para a Apologética Diária (Grand Rapids: Baker, 2008).

10. Para obter a documentação sobre o histórico do Islã, consulte Bat Ye'or, The Decline of Eastern Christianity

under Islam: From Jihad to Dhimmitude (Teaneck, NJ: Farleigh Dickinson University Press, 1997); Os Dhimmi: Judeus e Cristãos sob o Islã (Teaneck, NJ: Farleigh Dickinson University Press, 1985); e Islam and Dhimmitude: Where Civilizations Collide (Teaneck, NJ: Farleigh Dickinson University Press, 2002).

11. Bernard Lewis, The Crisis of Islam: Holy War and Unholy Terror (Nova York: Modern Library, 2003), 37-38.

12. Mais uma vez, veja os capítulos sobre a jihad islâmica e as guerras de Yahweh em Copan, When God Goes to Starbucks.

13. Norman Anderson, "Islam", em The Worlds Religions, 4ª ed. (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1975), 128.

14. Da entrevista de Michael Cromartie com Ye'or, "The Myth of Islamic Tolerance", em Books and Culture 4, no. 5 (setembro-outubro de 1998): 38,www.christianitytoday.com/bc/8b5/8b5038.html.

15. Ibid.

Capítulo 19: Moralidade sem um Deus Legislador?

1. Citado em Michael Novak, No One Sees God (Nova York: Doubleday, 2007), 76.

2. Sam Harris, "The Myth of Secular Moral Chaos," Council for Secular Humanism, www.secularhumanism.org/index.php?section=library&page=sharris 26 3 (acessado em 19 de setembro de 2009).

3. Daniel Dennett, Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon (New York: Viking, 2006), 305.

4. Richard Dawkins, The Root of All Evil? dirigido por Russell Barnes (BBC, 2006).

5. Richard Dawkins, River out of Eden: A Darwinian View of Life (Nova York: Basic Books / HarperCollins, 1995), 132-33.

6. Richard Dawkins, A Devil's Chaplain (Boston: Houghton & Mifflin, 2003), 34.

7. Daniel Dennett, embora afirme acreditar na moralidade objetiva, estranhamente rejeita os direitos humanos intrínsecos, que seriam a base para a obrigação de mostrar respeito aos outros. Ele chama esses direitos de "absurdos sobre palafitas": Daniel Dennett, Darwin's Dangerous Idea (Nova York: Simon & Schuster, 1995), 507.

8. Dawkins, River out of Eden, 133.

9. Guenter Lewy, Why America Needs Religion (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 137.

10. Malcolm Muggeridge, "Me and Myself", em Jesus Rediscovered (New York: Pyramid Publications, 1969), 157.

11. Carta (3 de julho de 1881) para Wm. G. Down, The Life and Letters of Charles Darwin, ed. Francis Darwin (Londres: John Murray, Abermarle Street, 1887), 1: 315-16.

12. Michael Ruse e EO Wilson, "The Evolution of Ethics", em Religion and the Natural Sciences, ed. JE Huchingson (Orlando: Harcourt Brace, 1993), 310-11.

13. Michael Shermer, The Science of Good and Evil (Nova York: Henry Holt, 2004), 57.

14. CS Lewis, Miracles (Nova York: Macmillan, 1960), 37.

15. Ibid., 38, 37.

16. Ruse e Wilson, "The Evolution of Ethics", 311.

17. Michael Ruse, The Darwinian Paradigm (London: Routledge, 1989), 262, 268.

18. Randy Thornhill e Craig T. Palmer, A Natural History of Rape: Biological Bases of Sexual Coercion (Cambridge, MA: MIT Press, 2000).

Capítulo 20: Nós fomos além desse Deus (não fomos?)

1. John Adams, The Works of John Adams, Segundo Presidente dos Estados Unidos: com uma Vida de *Autor, Notas e Ilustrações, de seu neto Charles Francis Adams*, vol. 9 (Boston: Little, Brown eCo., 1856). Disponível em http://oll.libertyfund.org/index.php? option = com staticxt & staticfile = show.php & title = 2107.

2. Thomas Cahill, Os Presentes dos Judeus (Nova York: Anchor, 1999).

3. Walter Sinnot-Armstrong, Morality without God (Oxford: Oxford University Press, 2009), 154.

4. Jonathan Hill, O que o Cristianismo já fez por nós? (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005), 176-77. Para obter uma documentação completa sobre esses fenômenos, consulte Alvin J. Schmidt, How Christianity Changed the World (Grand Rapids: Zondervan, 2004).

5. Jaroslav Pelikan, Jesus through the Centuries (Nova York: Harper & Row, 1985), 33.

6. Richard Dawkins, The God Delusion (Boston: Houghton Mifflin, 2006), 37.

7. Rodney Stark, The Victory of Reason (Nova York: Random House, 2005), xi.

8. Jurgen Habermas, Time of Transitions, ed. e trans. Ciaran Cronin e Max Pensky (Cambridge: Polity, 2006), 150-51.

9. Max Stackhouse, "A Christian Perspective on Human Rights," Society (janeiro / fevereiro de 2004): 25.

10. Ibid., 24. Ver também Max L. Stackhouse e Stephen E. Healey, "Religion and Human Rights: A Theological Apologetic", em Religious Rights in Global Perspective, ed. J. Witte Jr. e JD van der Vyer (Dordrecht: Kluwer, 1996), 486; e Mary Ann Glendon, The World Made New: Eleanor Roosevelt e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (Nova York: Random House, 2001).

11. David Aikman, Jesus in Beijing: How Christianity Is Transforming China and Changing the Global Balance of Power (Washington, DC: Regnery, 2003), 5. Esta citação serve como um ponto de exclamação para completar o estudo de Rodney Stark, The Victory of Reason: How Christianity Led to Freedom, Capitalism and Western Success (New York: Random House, 2005), 235.

12. Tim Keller, "Reason for God", The Explorer (Veritas Forum) (outono de 2008), www.veritas.org/explorer/fall2008.html#story1.

Paul Copan (PhD, Marquette University) é a cadeira de Filosofia e Ética da Família Pledger na Palm Beach Atlantic University na Flórida. Ele é o autor ou editor de mais de vinte livros de apologética e filosofia e mora com sua esposa e cinco filhos na Flórida.

Outros livros de Paul Copan

Criação do nada: uma exploração bíblica, filosófica e científica (co-autoria com William Lane Craig) "Como você sabe que não está errado?": Respondendo às objeções que deixam os cristãos sem palavras Amorosa sabedoria: filosofia cristã da religião

"Essa é apenas a sua interpretação": respondendo aos céticos que desafiam sua fé

"Verdadeiro para você, mas não para mim": esvaziando os slogans que deixam os cristãos sem palavras quando Deus vai para a Starbucks: um guia para apologética diária

Será que o verdadeiro Jesus, por favor, se levante? Um debate entre William Lane Craig e John Dominic Crossan (editor)

Para outros livros editados, bem como artigos e ensaios de Paul Copan, vá para www.paulcopan.com.

—— TAMBÉM POR ———

PAUL COPAN

"VERDADEIRO PARA VOCÊ

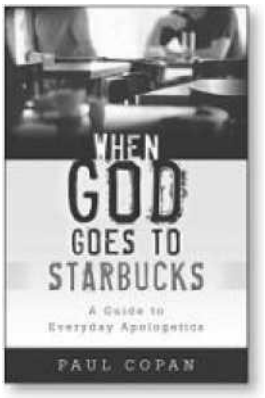
MAS

NÃO PARA MIM"

PAUL COPAN

Verdadeiro para você, mas não para mim, rev. ed .:
Superando objeções à fé cristã

9780764206504 • 240 pp.

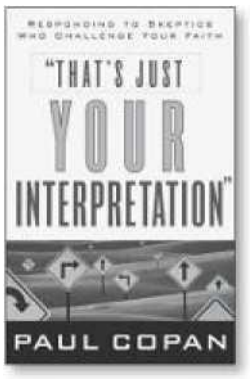


Quando Deus vai para a Starbucks:
Um guia para apologética diária

9780801067433 • 224 pp.



Como você sabe que não está errado? Respondendo a objeções que deixam os cristãos sem palavras9780801064999 • 272 pp.



Essa é apenas a sua interpretação:
Respondendo aos céticos que desafiam sua fé

9780801063831 • 240 pp.

BAKER PUBLISHING GROUP